

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

A Arte na terapêutica ocupacional de Nise da Silveira.

Prof. Dr. Emerson Luiz de Magalhães
Coordenador das Cursos de Pós-Graduação
UNICAMP
Matr. 27626-4

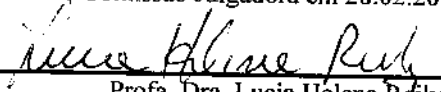
José Otavio Motta Pompeu e Silva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, para obtenção do título de Doutor em Artes.

Área de concentração: Artes Visuais

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Helena Reily

Este exemplar é a redação final da Tese defendida pelo Sr. José Otavio Motta Pompeu e Silva e aprovada pela Comissão Julgadora em 28.02.2011.


Profa. Dra. Lucia Helena Reily
Orientadora

CAMPINAS, 2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

Si38a Silva, José Otávio Motta Pompeu e.
A Arte na Terapia Ocupacional de Nise da Silveira. / José
Otávio Motta Pompeu e Silva. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Prof.^ª Dr.^ª Lucia Helena Reily.
Tese(doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Artes.

1. Arte. 2 Doença mental. 3. Terapia ocupacional. I. Reily,
Lucia Helena. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto
de Artes. III. Título.

(em/ia)

Título em inglês: "The art of Nise da Silveira's Occupational Therapy".

Palavras-chave em inglês (Keywords): Art ; Mental illness ; Occupational
therapy.

Área de Concentração: Artes Visuais.

Titulação: Doutor em Artes.

Banca examinadora:

Prof.^ª Dr.^ª Lucia Helena Reily.

Prof.^ª Dr.^ª Lúcia Eustáquio Fonseca Ribeiro.

Prof.^ª Dr.^ª Ana Angelica de Medeiros Albano.

Prof.^ª Dr.^ª Tais Quevedo Marcolino.

Prof.^ª Dr.^ª Samira Lima Costa.

Prof.^ª Dr.^ª Elizabeth Maria Freir de Araujo Lima.

Prof. Dr. João Francisco Duarte Júnior.

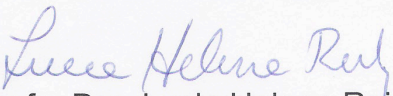
Prof.^ª Dr.^ª Maria Cristina Amendoeira.

Data da Defesa: 28-02-2011

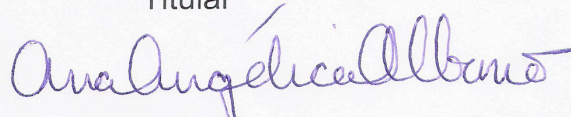
Programa de Pós-Graduação: Artes.

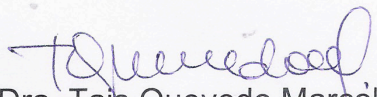
Instituto de Artes
Comissão de Pós-Graduação

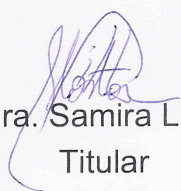
Defesa de Tese de Doutorado em Artes, apresentada pelo Doutorando José Otávio Motta Pompeu e Silva - RA 25775 como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor, perante a Banca Examinadora:


Profa. Dra. Lucia Helena Reily
Presidente


Profa. Dra. Lúcia Eustáchio Fonseca Ribeiro
Titular


Profa. Dra. Ana Angelica de Medeiros Albano
Titular


Profa. Dra. Tais Quevedo Marcólio
Titular


Profa. Dra. Samira Lima Costa
Titular

DEDICATÓRIA

à memória de Nise da Silveira

AGRADECIMENTOS

à Lúcia Reily, por tudo...

à Francine, Tiago e Guilherme, sempre...

à minha família e amigos, pelo carinho...

aos componentes da banca de avaliação deste doutorado,

aos funcionários do Museu de Imagens do Inconsciente,

aos funcionários dos acervos consultados,

ao pessoal da TV Zero,

aos colegas da UFRJ,

a todos que conheceram Nise e me ajudaram nesta tese...

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão.

[...] Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor.

Os guardas em geral, principalmente os do pavilhão e da secção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem tratar e fazer o que quiserem.

Lima Barreto em *Diário do Hospício*

RESUMO

Esta pesquisa discute a teoria e a técnica da terapêutica ocupacional da psiquiatra Nise da Silveira, pioneira no Brasil no estudo das atividades expressivas, artísticas e de atividade como meio de terapia em pessoas com doença mental. Defende-se a tese que ela criou a sua própria terapêutica ocupacional ao invés de se filiar a alguma escola de terapia ocupacional já existente. Busca-se neste estudo reconstruir a trajetória de Nise da Silveira e encontrar evidências que recuperem seu modo de estudo e prática da terapêutica ocupacional. A metodologia utilizada é a qualitativa e privilegia as fontes primárias. Destacaram-se para análise duas fontes: uma entrevista concedida a pesquisadora Dulce Pandolfi em 1992 utilizando a história oral para reconstruir parte de sua trajetória e um filme inédito de 1986 feito pelo cineasta Leon Hirszman em que a psiquiatra discute as questões ligadas à reforma psiquiátrica e a terapêutica ocupacional/ “emoção de lidar”. Além de entrevistas, foram analisados artigos de jornais e material escrito da psiquiatra. A pesquisa apoia-se em uma iconologia que mostra Nise da Silveira e a terapêutica ocupacional desenvolvida por ela. Outro ponto importante deste trabalho foi explicitar a própria metodologia de pesquisa utilizada por ela, bem como aproximar-se do seu pensamento por meio do estudo da sua biblioteca e os autores que ela escolhe para fundamentar sua teoria sobre a terapêutica ocupacional com ênfase nas atividades expressivas. A discussão biográfica e de sua produção escrita pontua que Nise da Silveira estudou e praticou terapia ocupacional no Brasil, dez anos antes de termos o primeiro curso reconhecido nos textos atuais da história desta profissão. Esta pesquisa contribui para a interseção das áreas de artes plásticas e de terapia ocupacional. Conclui-se que Nise da Silveira, além de várias outras áreas em que atuou, deixou um legado significativo para o diálogo entre campos como arte e saúde considerando principalmente o atendimento de pessoas com sofrimento mental.

Palavras-chave: arte, loucura, terapia ocupacional.

ABSTRACT

This study discusses Nise da Silveira's theoretical approach and her occupational therapy technique. This psychiatrist was a pioneer in the study of expressive, artistic and work activities as a means of therapy for people with mental illness. I defend the thesis that Silveira created her own brand of occupational therapy, rather than seeking affiliation to an already existing occupational therapy school of thought. In this study I aim to reconstruct Nise da Silveira's trajectory and find evidence that recovers the way in which she studied and practiced in occupational therapy. The main sources of discourse that were analyzed included an interview given to Dulce Pandolfi in 1992 using the oral history method to reconstruct part of her trajectory and an unfinished film that Leon Hirszman produced in 1986 in which Nise da Silveira discussed issues related to psychiatry reform and occupational therapy / "emotion of coping". Besides the interviews, Nise da Silveira left various articles in journals, published books and many other manuscripts which were read and analyzed. This study uses iconology to present Nise da Silveira and the occupational therapy that she developed. Another important issue was to make her research methodology explicit, as well as to understand her thinking by looking at her library and chosen authors that underlie her theoretical stance on occupational therapy and on expressive arts activities. The discussion of biographical information and of her written production highlights that Nise da Silveira studied and practiced occupational therapy in Brazil ten years before the first university level course had been recognized, according to present day texts on the history of the profession. This study contributes towards the intersection of the fields of visual arts and occupational therapy. The conclusion is that Nise da Silveira, who crossed into various fields of knowledge, left a significant heritage to enable dialogue between professionals in the fields of art and health, primarily for the benefit of services for people with mental suffering.

Keywords: art, mental illness, occupational therapy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	MÉTODO.....	7
3	COMPLEXO DE STRADIVARIUS.....	13
4	INÍCIO DA VIDA	17
5	A TERAPIA MESTIÇA.....	51
6	A TEORIA DA TÉCNICA.....	83
7	IMAGENS DO INCONSCIENTE.....	121
8	BETA E O UNIVERSO.....	137
9	A BIBLIOTECA BENEDITO	141
10	O CINEMA DO IMAGINÁRIO.....	147
11	ENVELHECIMENTO, GATOS E O ENCONTRO DO OCASO	179
12	LUIZ GONZAGA PEREIRA LEAL, TERAPEUTA E CANTOR.....	183
13	MARCO LUCCHESI, O POETA DO ESPAÇO	193
14	CONCLUSÃO	207
15	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	213

1 Introdução

Esta tese contém dados reunidos durante quase uma década de estudos sobre o pensamento e a obra de Nise da Silveira, uma psiquiatra alagoana que buscou penetrar no mundo interno do esquizofrênico.

É uma pesquisa interdisciplinar que visa difundir os conhecimentos estudados por Nise da Silveira para o público interessado.

Buscando mais fundo na memória, lembro-me que em 1988 fiz minha última viagem com meu pai, para o Rio de Janeiro, um ano antes da sua morte. Nessa ocasião, em frente ao Museu de Arte Contemporânea, ele me falou que uma amiga de nome Gladys Schincariol morava no Rio de Janeiro e trabalhava com a doutora Nise. Em 1995 entrei na faculdade e minha mãe sempre me falava que sua amiga Gladys trabalhava com a psiquiatra Nise da Silveira. Também tenho alguns flashes de memória bastante fugidios de reportagens de emissoras televisivas que falavam de Nise da Silveira.

Conto agora a minha aproximação com o tema pesquisado. Eu fiz curso de terapia ocupacional na Universidade Federal de São Carlos, no interior de São Paulo e durante a graduação escutava falar muito de Nise da Silveira; lembro de um único texto da psiquiatra que lemos, um texto singelo que falava sobre atividades manuais. Logo no primeiro ano de faculdade participei da organização de uma semana de estudos de terapia ocupacional e o grupo resolveu convidar diversas pessoas importantes da área. Uma colega conseguiu o telefone de Nise da Silveira e telefonou para a casa da psiquiatra. Quem atendeu foi uma senhora que explicou que a doutora Nise tinha uma saúde frágil e para sair de casa necessitava de uma grande estrutura. Seria inviável a psiquiatra viajar para São Carlos no interior de São Paulo. Lembro que no mesmo ano de 1995 fui ao Rio de Janeiro num congresso de terapia ocupacional no hotel Glória e o comentário entre os estudantes era de que Nise da Silveira estaria presente, entretanto, não me lembro de tê-la visto neste congresso. Recordo-me de uma crítica dura de uma professora falando que Nise da Silveira não era terapeuta ocupacional.

Formei-me em terapia ocupacional em 1998 e no ano de 2002 comecei a fazer uma matéria no curso de pós-graduação do Instituto de Artes da UNICAMP com a

professora Lucia Reily. Na época os temas de arte eram meio distantes para mim e lembro-me que tinha um trabalho final cujo tema envolvia arte, deficiência e doença mental. Escolhi fazer sobre a relação entre Fernando Diniz e Ivan Serpa; minha mente associativa lembrou que eu já tinha ouvido falar algo sobre Nise da Silveira e sabia que de alguma forma tanto Fernando Diniz, cliente de Nise, como o pintor concreto Ivan Serpa tinham ligações com a psiquiatra.

Nesta época eu estava trabalhando com saúde mental e já começava a ler alguns textos sobre Nise da Silveira; resolvi viajar para o Rio de Janeiro para fazer o trabalho pesquisando fontes mais primárias, conforme orientação da professora Lucia Reily. Esta viagem foi uma verdadeira descoberta, aproximei-me de Gladys Schincariol, funcionária do Museu de Imagens do Inconsciente, que abriu portas para as pesquisas. A partir das pistas obtidas no Museu de Imagens do Inconsciente com esta profissional, entrevistamos o artista plástico Abraham Palatnik e a saudosa Ligia Serpa, esposa do pintor Ivan Serpa.

Esta aproximação afetiva com o tema pesquisado foi marcante e determinante para a qualidade do primeiro trabalho e dos seguintes, como a minha dissertação de mestrado *A psiquiatra e o artista: Nise da Silveira e Almir Mavignier encontram as Imagens do Inconsciente*.

Durante todo este tempo continuei trabalhando na área de saúde mental com pessoas com sofrimento mental e cada vez mais aproximei-me de escritos e materiais sobre Nise da Silveira.

Atuei seis anos na área de saúde mental diretamente com pessoas com grande sofrimento mental e outros quatro anos com idosos frágeis. Tive experiência de criar serviço substitutivo em saúde mental no município de Itu, que visava diminuir o ciclo da internação e reinternação em hospitais psiquiátricos.

Estas experiências muito intensas e próximas de pessoas com sofrimento mental foram uma escola que me fizeram compreender muito do que ela propunha e falava em seus livros, relatórios e entrevistas.

Em 2007 iniciei uma pesquisa de doutorado em que buscava entender a terapêutica ocupacional de Nise da Silveira e as relações com a arte. Não separei a pesquisa

do meu trabalho e da minha vida. Tenho uma mente associativa e sempre crio ligações improváveis, tenho extrema curiosidade e avidez por leituras e por entender em profundidade sobre quase tudo. Inicialmente, eu tinha a impressão de que a pesquisa só seria válida se eu conseguisse estudar todos os materiais do acervo pessoal que a psiquiatra deixou, materiais inéditos como cartas e manuscritos, além de sua biblioteca. Mas depois, entendi que existem muitas outras maneiras de abordar o pensamento de Nise. Podia ler os livros escritos por ela, ler os livros que ela leu ou mesmo entrevistar pessoas que conviveram e trabalharam com Nise, além de procurar outros acervos que tivessem informações sobre a psiquiatra.

Compatibilizei os estudos desta pesquisa com minhas atividades profissionais. Ingressei no programa de doutorado no ano de 2007 e fiz as disciplinas do programa ao mesmo tempo em que trabalhava em um centro de convivência para idosos. Iniciei também na UNICAMP com a professora Lucia Reily um projeto de memória das artes com o patrocínio da Petrobras Cultural sobre Almir Mavignier e o ateliê de pintura criado por ele e Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro.

Cursei diversas disciplinas e tive aproximação com vários campos do conhecimento para entender melhor o pensamento de Nise da Silveira. Estudei os processos de criação, a relação entre ciência e arte, estudos sobre fotografia, semiótica, iconologia e também procurei na área de gerontologia aprofundar-me em processos sobre o envelhecimento. Na disciplina *psicologia do envelhecimento* realizei uma pesquisa sobre o conceito de sabedoria no envelhecimento estudando discursos de Oscar Niemeyer e Paulo Freire.

Faço este preâmbulo em que recorro às minhas reminiscências para apresentar o objetivo desta pesquisa que coloca a memória de Nise da Silveira como fonte primeira de pesquisa.

Esta pesquisa inicia-se com uma pergunta feita no mestrado e que tinha sido parcialmente respondida: “Como uma coleção de mais de 350 mil obras que hoje formam o Museu de Imagens do Inconsciente no Rio de Janeiro nasceu dentro de um setor de terapêutica ocupacional do antigo Centro Psiquiátrico Nacional?” Outra indagação me

ocorreu no doutorado: “Qual a relação entre terapêutica ocupacional, arte e psiquiatria na práxis e na obra de Nise da Silveira?”

No trabalho que realizei na dissertação de mestrado (Silva, 2006), conto os primeiros anos do ateliê de pintura que deu origem à coleção e ao Museu de Imagens do Inconsciente. O trabalho recupera a participação do artista brasileiro Almir Mavignier na criação do ateliê de pintura e na escolha dos primeiros participantes. Esta dissertação serviu de inspiração para um projeto liderado por Lucia Reily que desenvolve um inventário de material documental sobre o tema e um projeto com a publicação de um livro, um audiovisual, uma caixa com dez cds/dvds e uma exposição. Mavignier ficou somente cinco anos à frente dos trabalhos plásticos no ateliê partindo depois para Europa, onde se fixou na Alemanha e desenvolveu uma carreira como professor e artista.

Esta pesquisa tem natureza interdisciplinar e entra num campo de intersecção entre artes plásticas, terapia ocupacional e saúde mental; além de apoiar-se em conhecimentos da psicologia, psicanálise, antropologia, sociologia, filosofia, geometria. Edgar Morin em sua série de seis livros intitulada *O Método*, o último publicado na França em 2004 e no Brasil em 2005, propõe reunir os saberes que hoje estão separados, percebendo a importância do todo, sem perder a importância das partes e unindo teoria, prática, poesia, razão, desrazão, precisão, incerteza, rigor, intuição.

Nise da Silveira também foi uma pesquisadora que adentrou em campos interdisciplinares. Para estudar a loucura, desenvolveu um método próprio e sofisticado que integrava os assuntos do seu interesse.

O objetivo desta pesquisa é compreender a metodologia empregada por ela quando criou uma nova maneira de tratamento de pessoas que sofriam de doença mental unindo arte, psiquiatria, psicologia, filosofia. Busca-se, na reconstrução da sua trajetória utilizando a própria metodologia biográfica utilizada por Nise da Silveira, encontrar evidências para compreender seu modo de estudo e prática da terapêutica ocupacional com foco nas atividades expressivas e de arte. Na construção desta tese de doutorado desenvolverei este estudo, recontando esta história, pesquisando documentos, livros,

memórias, para dar forma a um resgate histórico e assim responder à pergunta formulada acima.

A principal figura nesta pesquisa é a psiquiatra brasileira Nise da Silveira, que iniciou seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional no Engenho de Dentro em 1944 e fundou o Museu de Imagens do Inconsciente no dia 20 de maio de 1952. O Museu de Imagens do Inconsciente possui um dos maiores acervos no mundo de obras de pintura, desenho e modelagem feitas por pessoas com sofrimento mental, totalizando mais de 350 mil obras realizadas em um setor de terapêutica ocupacional. Nas palavras da própria Nise da Silveira¹ podemos ter uma pista do início deste Museu e de sua ligação com a terapêutica ocupacional:

A história do Museu de Imagens do Inconsciente é uma história singular. Este museu teve origem humilde, pois nasceu na Seção de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional, Rio de Janeiro. E acontece que a psiquiatria vigente considera o tratamento por meio de atividades ocupacionais método subalterno, mero auxiliar dos tratamentos aceitos em primeiro plano, tais como medicamentos psicotrópicos, convulsoterapia, psicocirurgia. Assim, a história do Museu de Imagens do Inconsciente está intrinsecamente vinculada à história da Seção de Terapêutica Ocupacional (FUNARTE, 1980) ².

Para entendermos este museu precisaremos estudar a terapêutica ocupacional recriada por Nise da Silveira. Esta terapêutica ocupacional articulou uma revisão de práticas realizadas no Brasil e no exterior, a conceitos de filosofia, antropologia, psiquiatria, psicologia, psicanálise. Os estudos aprofundados possibilitaram a constituição de uma nova práxis sofisticada que aproximava a arte da terapia para promover a expressão criativa em pessoas com sofrimento mental.

¹ Nise da Silveira escreveu este texto com a colaboração de Mário Pedrosa.

² Quebramos aqui uma regra de formatação para tornar o texto possível de ser lido com conforto e acessibilidade ao maior número de pessoas. A letra com fonte tamanho 11, espaço simples e recuo de 4 centímetros dificulta muito a leitura.

Para entendermos melhor a terapêutica ocupacional de Nise da Silveira necessitamos adentrar na história da psiquiatria, do uso de atividades de forma terapêutica e da influência da arte e do papel de artistas no processo de criação do acervo de *imagens do inconsciente*.

Também se mostrou necessário estudar as bases filosóficas que subsidiaram a sua obra, principalmente aproximações com Carl Gustav Jung, já estudadas em outras teses (Melo Junior, 2005); e com Benedictus de Spinoza. A psiquiatra também foi uma estudiosa da religião, da mitologia, da literatura.

A importância desta pesquisa é justificada pelo resgate histórico da fundamentação metodológica e filosófica da obra de Nise da Silveira no campo da terapêutica ocupacional e arte. Estudar seu pensamento nos remete a uma nova metodologia de ensino e pesquisa na área, a qual ela denominou como terapêutica ocupacional e que engloba pesquisas no campo do cotidiano, atividades humanas, antropologia, sociologia, psiquiatria, saúde mental, reabilitação, entre outros.

O trabalho desenvolvido por Nise da Silveira foi reconhecido por críticos de arte como Mário Pedrosa, Leon Degand e Ferreira Gullar. No campo da psiquiatria e psicologia, o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente foi elogiado por C. G. Jung, Marie-Louise Von Franz, Henri Ey, Eugène Minkowski e Ronald Laing.

O acervo do Museu de Imagens do Inconsciente é um dos que reúne o maior número de obras plásticas de portadores de doença mental. As mais de 350 mil obras do Museu de Imagens do Inconsciente supera a coleção de Arte Bruta formada por Jean Dubuffet, que se encontra em Lausanne na Suíça e que possui mais de 60 mil obras ou a coleção de Prinzhorn, que mapeou a produção plástica de alienados na Alemanha do início do século XX, a qual tem mais de 5 mil obras.

2 Método

Esta é uma pesquisa qualitativa que privilegia as fontes primárias para o estudo da terapêutica ocupacional e da leitura de imagens realizados de Nise da Silveira.

Busquei dar relevância às palavras da própria Nise da Silveira, estivessem elas presentes em manuscritos, livros, entrevistas ou qualquer outro registro que as privilegiasse. No mestrado utilizei a metodologia da história oral³; imaginei que abandonaria este método, mas ao vasculhar arquivos em busca de informações sobre Nise da Silveira, deparei-me com uma entrevista concedida à historiadora Dulce Pandolfi utilizando a metodologia da história oral. Trabalhar com entrevistas realizadas por outras pessoas é um desafio, já tive esta experiência analisando entrevistas de Almir Mavignier sobre a criação do ateliê de pintura do Engenho de Dentro (Silva, 2006).

Encontrei uma longa entrevista concedida por Nise da Silveira para um filme inacabado de Leon Hirszman. O filme teve o título provisório dado pelo cineasta de A Emoção de Lidar. Uma cópia deste material encontrado na Cinemateca do Estado de São Paulo estava com o cineasta Roberto Berliner. O encontro com Roberto Berliner marcou esta tese e incorporei a iconografia pesquisada por ele para seu processo criativo do filme *A Senhora das Imagens*, longa que está produzindo sobre Nise da Silveira.

Um outro material iconográfico importante para esta tese é o acervo de fotografias pessoais de Nise da Silveira e que hoje está incorporado ao Museu de Imagens do Inconsciente. Luiz Carlos Mello, um colaborador muito próximo de Nise em seus últimos de vida reuniu fotografias em uma pesquisa de mais de cinco anos que gerou o material ao qual denominou como fotobiografia de Nise da Silveira e que aguarda publicação,

Um dos pontos centrais desta tese é o estudo da teoria da técnica da terapêutica ocupacional de Nise da Silveira. Ouso iniciar esta empreitada depois de ter trabalhado mais de

³ É o registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento” do fato ou história pesquisada. Cf. MARRE, Jacques L. História de vida e método biográfico, pp. 89 – 141; JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto...pp. 11 - 23; LANG, Alice B. et al. História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU; THOMPSON, Paul. 6. Projetos, pp. 217 - 253; BOSI, Ecléa. Memória-sonho e memória-trabalho; Tempo de lembrar, p. 41 - 92 (reproduzida de Silva, 2006).

dez anos na área de saúde mental e ter cuidado e acompanhado muitas pessoas. A prática que desenvolvo me levou a refletir muito sobre cada detalhe da metodologia em diálogo com a terapêutica ocupacional de Nise.

Jung (1978, p. 149) diz no seu livro de memórias que a intenção de Freud em identificar teoria e método para fazer disso uma série de dogmas foi um dos motivos do rompimento entre os dois, acontecido na década de 1910 do século passado. Não quero criar dogmas sobre a terapêutica ocupacional de Nise da Silveira; ao contrário, o intuito é que esta tese sirva de subsídio para criar e recriar práticas e estudos na área interdisciplinar da saúde mental e da arte. Identificar as bases do seu trabalho de mais de cinquenta anos na área é uma premissa para que sua obra não se perca.

Apresento como comparação os instrumentos musicais feitos pelo gênio Antonio Stradivari que ainda são utilizados pelos maiores músicos de nosso tempo. Mesmo com toda tecnologia de que dispomos hoje, a reprodução desses instrumentos é impossível devido à enorme quantidade de conhecimentos tácitos relacionados ao processo de fabricação dos violinos, violas e violoncelos na oficina de Stradivari. Só o gênio comportava todas as informações deste processo; depois de sua morte a qualidade dos instrumentos nunca mais foi a mesma. Diferentemente de Stradivari, Nise da Silveira deixou pistas e formulou reflexões que nos permitem conseguir abarcar grande parte da técnica que ela criou e recriou em seus mais de 50 anos de trabalho com pessoas com sofrimento mental⁴.

Para estudarmos o universo das numerosas obras plásticas que estão hoje no Museu de Imagens do Inconsciente precisamos ter acesso aos estudos de Nise da Silveira e a sua peculiar forma de analisar e significar as *imagens do inconsciente*.

Tentamos assim usar a maior gama de documentos e pistas disponíveis para elucidar, na medida do possível, os seus fundamentos teóricos no concernente à sua prática profissional em terapêutica ocupacional, voltando o nosso recorte para o assunto da subjetividade da psique, saúde mental e arte. Com isso, pretendemos contribuir para que profissionais e pesquisadores que atuam nestes campo interdisciplinar possam compreender o pensamento complexo de Nise da Silveira diante da produção artística de pessoas com

⁴ nesta tese não uniformizo os termos técnicos ligados a denominação da população atendida por Nise da Silveira ou dos termos ligados às patologias.

transtornos mentais.

Comecei a procurar pistas de histórias ligadas à Nise com pessoas que a conheceram, escutei muitos relatos, poderia escolher o caminho de entrevistar estas pessoas, estudando a teoria e a técnica de sua terapia pela fala de seus amigos, estagiários, colegas de trabalho. Não fiz esta escolha. Acredito que este seria um trabalho muito válido e por questões de estrutura e tempo de pesquisa não foi possível segui-lo.

Procurei também me aproximar do Museu de Imagens do Inconsciente e entender os fundamentos teóricos de Nise da Silveira, estudando sua biblioteca e a forma como organizou o acervo de *imagens do inconsciente*. Ler os livros da biblioteca de Nise da Silveira é uma tarefa para uma vida, mas tomei um primeiro contato fazendo uma pesquisa relacionada a um recorte do estudo em que procurei os livros ligados à terapêutica ocupacional e sempre encontrei também um “bom vizinho”, outros autores que podiam contribuir com o tema estudado, como falava o pensador alemão Aby Warburg.

Ao final do trabalho percebi que as entrevistas que ela concedeu durante toda sua vida poderiam elucidar várias dúvidas que ainda tinha sobre sua obra. Neste estudo espero estar contribuindo com o resgate do período entre seu nascimento e seus 40 anos quando iniciou seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional no Engenho de Dentro. Destaco este período de sua vida como formativo de suas futuras práticas e teorias. Utilizando-nos de lembranças de Nise, armazenadas principalmente em entrevistas em áudio ou vídeo, foi possível reconstruir a sua infância, a época da formação na faculdade de medicina e o período em que chegou ao Rio, sua prisão e a época em que não exerceu a medicina. Esta reconstrução vai até o momento de seu retorno ao cargo de psiquiatra no Centro Psiquiátrico Nacional no Engenho de Dentro em 1944.

A entrevista de Dulce Pandolfi foi elaborada com todos os cuidados da metodologia da história oral; hoje encontra-se arquivada no acervo da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro⁵. Foi de extrema valia para recompor os acontecimentos de uma época de muita tensão no Brasil e no mundo - época sobre a qual Nise da Silveira falava pouco em outras entrevistas.

⁵ Esta entrevista também é utilizada para a construção da fotobiografia de Nise, *Caminhoas de uma psiquiatra rebelde* (Mello, 2006). Para esse trabalho foi realizada a transcrição por Glória Chan para arquivos de texto da entrevista concedida por Nise à Dulce Pandolfi e de diversas outras entrevistas. Este precioso acervo serve como material básico para elaboração da biografia dos 40 primeiros anos de vida de Nise da Silveira que reconstruo nesta tese.

Colecionei livros publicados por ela, artigos, livros sobre a psiquiatra e livros que a citavam. Quando imaginei que teria todos os materiais para confeccionar a tese, fiz uma descoberta muito importante para este trabalho no Acervo Edgard Leuenroth - AEL - na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP: o acervo dos documentos ligados a produção da trilogia *Imagens do Inconsciente* que Leon Hirszman realizou com Nise da Silveira.

Descobri que tinha feito um último filme com Leon Hirszman com o nome *A Emoção de Lidar*. Hirszman já estava doente nesta etapa, mas teve tempo de entregar o filme para ser revelado em julho de 1986 e morreu em 1987. O filme aparentemente não foi finalizado e lançado. Estes novos materiais descortinaram um novo mundo para compreender como funcionava a metodologia de Nise da Silveira. Descobri que Hirszman pesquisou por cinco anos o tema para poder realizar os filmes. A trilogia *Imagens do Inconsciente* concretizada é apenas a ponta do iceberg de seu processo criativo.

O estudo que realizei dos documentos relativos ao processo criativo de Hirszman vai ao encontro da metodologia proposta pela professora de semiótica Cecília Almeida Salles (2006) que fala de *crítica de processos*; ela analisa os documentos produzidos pelo artista ou escritor no decorrer da elaboração da obra, propondo redes de criação em que conseguimos perceber as mais diversas influências que o processo artístico recebe.

Outro acervo do AEL - UNICAMP valioso para os propósitos desta pesquisa foi o fundo Otávio Brandão, onde encontrei importante material iconográfico acerca da vida de Nise da Silveira, com fotos, documentos que a ligavam à família Brandão e ao movimento comunista na década de 20 e 30 do século passado no Brasil. Descobri que a diretora do AEL Elaine Zanatta entrevistou Nise no ano de 1992 em busca de informações sobre Laura Brandão.

Toda a metodologia de escrita deste trabalho está impregnada pela maneira que Nise da Silveira fazia suas pesquisas, lendo e colecionando tudo sobre o assunto pesquisado e escolhendo algumas citações na bibliografia. Nise marcava muitas vezes o trecho do livro que a interessava, citações depois encontradas nos seus textos, com a devida nota de rodapé em que localizava precisamente o livro, a página citada e outras informações necessárias. Apesar de ler diversas teses escritas sobre ela e sobre o Museu de Imagens do Inconsciente, decidi não incluir

uma resenha ou síntese de cada uma, já que eu havia realizado este tipo de estudo no mestrado; minha escolha foi buscar fontes primárias sempre que possível.

A iconografia relacionada com a vida de Nise da Silveira foi primordial para a confecção desta tese. As fotos, pinturas e documentos têm a mesma importância que os textos no método de pesquisa que utilizo. Escolho as principais imagens encontradas neste processo de pesquisa como parte integrante do texto da tese. A observação e análise destas imagens fornecem significativas pistas para o entendimento da vida e da sua terapêutica ocupacional.

Finalizo esta breve introdução sobre a metodologia deste trabalho falando da influência da minha orientadora Lucia Reily e indiretamente de seu pai o teólogo Duncan Alexander Reily que a ensinou a pesquisar sempre buscando as fontes mais primárias possíveis, visando encontrar os materiais do próprio autor dos pensamentos ou das representações plásticas. Durante o tempo em que fiz o mestrado e doutorado, Lucia desenvolveu dentre suas diversas atividades, uma pesquisa sobre a representação das deficiências e da doença mental através da história da arte. Lucia Reily viajou para Europa em busca de iluminuras que traziam representações ligadas ao seu tema de estudo, buscou pela rede de computadores formas das mais diversas de encontrá-las, visitou os mais diferentes museus no Brasil e no exterior à procura dessas imagens.

Os ensinamentos de Lucia Reily marcam este trabalho e só com esta lição comecei a entender a metodologia de Nise da Silveira de leitura das *imagens do inconsciente* e o que parecia para mim algo intransponível passou a ter uma lógica e um sentido. Este é um resumo da metodologia que utilizo neste trabalho e a palavra que mais sintetiza este processo é “*memória*”.



*Figuras 1 e 2 - Fotos do mural criativo de Roberto Berliner e equipe de produção do filme *Senhora das Imagens*, sobre a vida de Nise da Silveira. Imagens do Acervo da TV Zero, Roberto Berliner*
Fotografias feitas por Ariana Lorenzino.



3 Complexo de Stradivarius

Uma pergunta que formulei logo ao realizar a primeira visita ao ateliê de pintura do Engenho de Dentro foi o motivo pelo qual as técnicas e práticas propostas por Nise da Silveira são de difícil reprodução nos dias atuais.

Esta indagação me acompanha desde minha primeira visita no ano de 2003 e pensei nas mais diversas respostas. Busco desenvolver nesta tese algumas explicações para o entendimento da sua proposta terapêutica.

O trabalho e estudo em saúde mental é árduo; em várias entrevistas Nise compara este trabalho com o trabalho braçal de capinar uma roça. Eu utilizo uma outra metáfora e comparo o trabalho dela no Museu de Imagens do Inconsciente e na Casa das Palmeiras com a oficina do mestre construtor de instrumento musicais. Não comparo com qualquer oficina e sim com a oficina de Antonio Stradivari, o inigualável criador de violinos e violoncelos Stradivarius na cidade de Cremona na Itália dos séculos XVII e XVIII.

Nise da Silveira, uma mulher do século XX, escreveu na maturidade livros em que fez reflexão sobre seu trabalho, deu diversas entrevistas, realizou dezenas de exposições em que desvendou principalmente relações teóricas do seu trabalho. Colecionou livros e formou uma grande biblioteca especializada.

Embora tenha publicado várias obras, a sua metodologia de análise não é suficientemente transparente nos textos, tornando difícil transformar seu saber em prática no tempo atual. Este estudo busca desvendar por meio de análise minuciosa de seus textos e entrevistas “a arte de ser terapeuta” em sua concepção.

O autor Richard Sennett (2009, p. 85 - 89) faz uma análise utilizando instrumentos da sociologia, filosofia e história acerca da oficina de fabricação de instrumentos musicais de mestres como Stradivari e coteja com a afirmação do mais famoso ourives do Renascimento, Benvenuto Cellini, que afirma em sua autobiografia “os segredos de sua arte iriam para o túmulo com ele”. Uma das teses que Sennet levanta é que a originalidade do mestre dificultaria a transmissão do conhecimento.

Podemos fazer diversas aproximações da artesanania do trabalho de Antonio Stradivari com Nise da Silveira; ambos passaram boa parte da sua vida cuidando de suas

oficinas; Stradivari mantinha o hábito medieval de todos os funcionários dormirem no mesmo local em que trabalhavam e ela desenvolveu seu trabalho em um hospital psiquiátrico em que os internos residiam. O italiano conhecia cada canto da oficina e tinha um conhecimento tácito sobre cada fase da produção dos violinos. Nise da Silveira reunia em seu gabinete conhecimento de tudo que acontecia nas oficinas e supervisionava diversos detalhes para o funcionamento das mesmas.

O conhecimento reunido por Nise da Silveira aproxima-se de laboratórios científicos dirigidos por gênios idiossincráticos que segundo Sennet (2009, p. 93) reuniam em sua cabeça milhares de informações cujo significado só eles podiam alcançar.

Eu passei boa parte do tempo da elaboração desta tese procurando uma maneira de reconstruir a metodologia e a prática que existia nas oficinas e ateliês do Museu de Imagens do Inconsciente e do Setor de Terapêutica Ocupacional geridas por ela. Primeiro busquei entendimento teórico estudando alguns livros que ela tinha em sua biblioteca.

Passei a dar mais importância a pistas encontradas nas entrevistas da própria Nise e percebi a originalidade do trabalho que desenvolvi no mestrado, que trouxe à tona o depoimento de um dos primeiros monitores, o artista Almir Mavignier. Distante há mais de cinquenta anos do fato e morando em outro país, conseguiu contar detalhes que não condiziam com o conhecimento colocado nos livros por ela. Percebi o papel do artista como disparador de criatividade em pessoas com distúrbios mentais e também do improvável como fator constituinte da qualidade do trabalho. Mavignier convidou o crítico de arte Mário Pedrosa que mesmo com uma posição política dentro do marxismo contrária a de Nise da Silveira, passou a ser seu maior colaborador na empreitada de criação do Museu de Imagens do Inconsciente. Na verdade cada detalhe é importante na criação de um trabalho de qualidade.

Na citação de Sennett (2009, p. 92) entendemos melhor a importância dos detalhes e do conhecimento tácito em uma produção inovadora e de qualidade:

falta nessas análises uma reconstrução das oficinas do mestre - mais exatamente, é um elemento que se perdeu irrecuperavelmente. Trata-se da absorção do conhecimento tácito, não dito nem codificado em palavras, que ocorreu nesses locais e se transformou

em hábito, através dos milhares de gestos cotidianos que acabam configurando uma prática.

Como Stradivari, Nise estava presente o tempo todo e aparecia inesperadamente em toda parte, reunindo e processando os milhares de elementos de informação que podiam não ter o mesmo significado nem para o mais empenhado dos assistentes ou monitores.



Figura 3 - placa em homenagem a Nise no Museu de Imagens do Inconsciente Foto feita por Augusto Fidalgo em 2009

Nise da Silveira cuidou principalmente de transmitir o saber entre muitos discípulos e admiradores que acompanharam sua prática e seus grupos de estudos. Muitos psicólogos e terapeutas em geral aprenderam com ela conhecimentos sobre psicologia junguiana. A terapêutica de reabilitação com esquizofrênicos foi passada para seguidores da Casa das Palmeiras e para poucos terapeutas como Gladys Schincariol, Lizete Vaz, Walter Melo Junior. Entretanto os seus processos de leitura de *imagens do inconsciente* aparentemente foram transmitidos e desenvolvidos prioritariamente junto ao seu secretário e mais próximo seguidor Luiz Carlos Mello. A terapêutica ocupacional estudada e aplicada por ela foi transmitida em seus cursos de formação de técnicos de terapêutica ocupacional.

Já estudos de filosofia, fenomenologia e outros foram divididos com o poeta Marco Lucchesi, Martha Pires. Inúmeros outros amigos, seguidores acompanharam seus estudos, seu ensinamentos.

Diferentemente de Antonio Stradivari que aparentemente nunca se preocupou com a saúde daqueles que trabalhavam com ele, Nise da Silveira sempre procurou readaptar as pessoas que trabalhavam com ela, encontrar uma função que eles desempenhassem de forma mais prazerosa. Nise também investiu fortemente em dividir seus saberes e suas dúvidas, publicou diversos artigos, livros, concedeu inúmeras entrevistas e realizou diversos audiovisuais. Deixou como legado o Museu de Imagens do Inconsciente e sua biblioteca com os livros que utilizou para construir seus estudos e práticas.

A reconstrução do quebra-cabeça da terapêutica para pessoas com sofrimento mental talvez não se monte completamente, mas contribui para emergir mais claramente formas, linhas, cores de uma reabilitação inovadora que articulou arte, antropologia cultural, psicanálise, psiquiatria, geometria, afeto no ideal de propiciar uma maior potência de vida para pessoas excluídas da sociedade.

4 Início da vida

A principal fonte desta biografia⁶ parcial dos quarenta primeiros anos da vida de Nise da Silveira usada nesta tese são seus depoimentos, principalmente a entrevista concedida no ano 1992 para a pesquisadora e amiga Dulce Pandolfi⁷ (Silveira, 1992), na qual ela relata sua infância, adolescência e envolvimento político com o Partido Comunista.

Nise Magalhães da Silveira nasceu no dia quinze de fevereiro de 1905, às 2 horas e 10 minutos da madrugada, em Maceió, Alagoas.

Em Maceió, no centro da cidade. A rua Frechal de Cima⁸. Depois nos mudamos para outra rua. Só mais tarde, quando eu tinha dez anos, me lembro bem porque teve uma festa em casa, num bairro chamado Bebedouro. Que ficava a vinte minutos do centro da cidade.

O nome foi retirado de um poema de Cláudio Manoel da Costa, um libertário poeta da insurreição mineira. Na obra de Cláudio, Nise ocupa um lugar altamente significativo. Dos sonetos em número de cem, dezesseis falam diretamente de Nise. A Nise apresentada é uma mulher desejada e inatingível. (Lopes, 1975; Silveira, 2003; Melo Junior, 2007). O nome aparece em outros três poemas de Camões e no trecho do canto segundo dos Lusíadas, XX (Camões, 1869, p. 47): “*Salta Nise, Nerine se arremessa*”.

Nos Lusíadas, Nise era o nome de uma ninfa do mar que encantava os viajantes. Vários autores falam que é um anagrama de Inês que tem origem grega e no cristianismo designava castidade e pureza, sendo confundida com os nomes latinos Agnes ou Agnus. A Nise greco-romana, com significado de cruel, tirana, insensível, é mais

⁶ falar da vida de Nise é montar um quebra-cabeça, tentei seguir uma ordem cronológica e escolher trechos que fossem significativos para entendermos o pensamento e a terapêutica ocupacional de Nise da Silveira. As dúvidas que tive sobre a biografia de Nise, consultei o trabalho de Luiz Carlos Mello que teve acesso à própria Nise da Silveira.

⁷ todas os trechos transcritos neste capítulo e que não indicam a referência pertencem a esta entrevista que foi feita no ano de 1992 utilizando a metodologia da história oral e realizada por Dulce Pandolfi.

⁸ atual rua Faustino da Silveira, em homenagem ao antigo morador, pai de Nise da Silveira.

flagrante oposição à cândida Inês do Cristianismo ou a Nise pastora inatingível da Arcádia de Cláudio Manuel da Costa (Lopes, 1975).

Spinoza, em seu *Tratado de Gramática Hebraica*, diz que nomes são destinos; Nise quando indagada sobre um nome para um livro autobiográfico, respondeu: *Uma Psiquiatra Libertária*.

Era filha de um casal amante das artes e pertenceu a uma elite politizada que combatia as oligarquias que se perpetuavam no poder em Alagoas. Seu pai era o professor e jornalista Faustino Magalhães da Silveira e sua mãe a pianista Maria Lydia.

Eu era filha única, e posso dizer que filha de dois artistas. Minha mãe, uma pianista, que tangenciou a genialidade. E meu pai, jornalista e escritor no jornal de Alagoas, e o irmão dele, diretor. O Jornal de Alagoas foi fundado para combater a ditadura dos Malta. Era uma espécie de ditadura, eu não sei bem, porque eu era muito menina nessa ocasião.

Relembrando a família de seu pai, fala da realidade difícil de confronto político que existia na Maceió da sua infância:

Agora, um traço muito curioso também era a solidariedade entre esses irmãos. O Luiz, que era o diretor e fundador do Jornal de Alagoas, vivia em luta com o partido dos Malta. Uma briga de tiro, de morrer gente, de pedra no jornal. Os primos maiores iam pra lá pra brigar. Era briga de pedra e de bala. Comícios. E os irmãos eram tão solidários. Meu tio Luiz era uma pessoa dura, áspera, não tinha nenhum desses toques que meu pai tinha. Mas meu pai era solidário com ele. Ele tinha horror, eu creio, que ele tinha horror à arma, mas tinha que sair armado, com revólver. E eu me habituei a isso porque ele queria que eu me habituasse e dizia “Nise apanha lá em cima.” Isso já estávamos na outra casa que tinha escada, “apanha meu revólver” e minha mãe dizia “e se ela cair da escada com esse revólver?” Eu descia com o revólver na mão e ele punha, pois esperava-se sempre ataque, que o ministro foi atacado e foi bala pra todo lado. E pegou na carteira dele onde a filha, muito religiosa, tinha prendido com um alfinete uma medalha de Nossa Senhora das Graças, sem ele saber e a bala bateu na

medalha e ricocheteou, não tocou nele, isso foi assim um espanto na família. Havia meu pai que era mais moço, tinha amizades com os colegas de estudos dele, mas se esses colegas pertencessem a outro partido, ele não podia falar, não falava. Não cumprimentava.

Nesta época Maceió viva uma fase de luta política onde, à frente do Jornal de Alagoas, os irmãos Magalhães da Silveira, principalmente Luiz, dirigiam com o futuro governador Fernandes Lima um movimento de forte oposição à oligarquia Malta, até a famosa derrubada que dividiu a população em partidários das duas facções.

Mesmo neste clima de guerra política existente em Alagoas, a casa dos Magalhães da Silveira tinha na música a marca do ambiente, dois pianos de cauda estavam dispostos na grande sala à entrada da casa, agora na Rua Boavista no centro de Maceió. Nise herdou da mãe a alma de artista. Maria Lydia era um espírito livre dedicado às artes e que não sabia preparar nem um café.

Havia um clima muito diferente do clima dos meus tios que eram os irmãos do meu pai. Porque minha mãe era uma pessoa completamente livre de preconceitos. Ela ia ao concerto, encantava-se com um determinado artista, saía da platéia e ia para coxia do teatro e fazia amizade com o artista e muitas vezes convidava o artista pra se hospedar lá em casa.

Esta predileção de sua mãe pelas artes não encontrava paralelo no resto da família que é aqui apresentada:

Ela era uma pessoa que destoava completamente das minhas tias, de todo o clima da casa dos meus parentes que eram numerosos. Meu pai tem 7 irmãos homens e 3 mulheres que não moravam em Maceió, ficavam no Recife e na Paraíba”.

Quer ver uma coisa bem destoante do princípio do século? Em Maceió não havia casa de chapéus, as mulheres andavam de chapéu nessa época, e até muito tempo depois. Então apareciam mulheres que contratavam em casas comerciais e um espaço e vendiam chapéus. E apareceu uma moça que fazia a mesma coisa no Recife e nós

íamos muito no Recife porque meu pai é pernambucano. Então meu avô, pai de minha mãe, morava no Recife. Nós íamos três vezes, quatro vezes por ano a Recife. Minha mãe conheceu uma moça que fazia chapéus em Recife. Depois ela veio pra Maceió pra fazer a mesma coisa. Uma loja, casa comercial, que vendia tecidos, pra vender chapéus. E minha mãe dizia “essa moça não pode ficar no hotel aqui de Maceió. São hotéis mais de caixeiros viajantes.” E convidou pra ir lá pra casa. Ela foi se hospedar lá em casa. A crítica da família você pode imaginar. Ela era polonesa, nesse tempo, estar com uma polaca em casa com uma filha menina. Mas era uma polaca de alta categoria porque trabalhou. Depois mandou buscar a mãe, os dois irmãos na Polônia. Os dois irmãos formaram-se em medicina foram meus amigos. Depois aqui no Rio fui algumas vezes na casa dela. Mas na hora, um estouro isso, enfim, eu tinha não sei quantos anos, uns 6,7 anos, em Maceió, princípio do século, era escândalo.”

[...] E meu pai achava muito natural. Minha mãe convidava tava convidada, né? Ele aceitava a senhorita...

E seu pai aceitava a maneira de ser de Nazinha, nome carinhoso pelo qual a mãe de Nise era conhecida entre a família e os amigos.

Não herdou da mãe a aptidão pela música e a afinação absoluta. Mas sempre teve alguns dotes dramáticos desde muito jovem:

Desde muito cedo eu estudava piano com uma professora, porque minha mãe não tinha paciência pra ensinar, nem talvez soubesse ensinar, era mais intuitiva. E bastava eu, com a mão no teclado, no piano de cauda, os olhos na música, nos meus exercíciuzinhos elementares, naturalmente eu estava começando, dando o máximo de atenção. E minha mãe andando pela casa, em outra peça, morávamos numa casa muito ampla, dizia: “olha lá o fá sustenido!” e eu sem compreender absolutamente isso. Foi o primeiro enigma que eu defrontei na minha vida. Como eu estava com a mão em cima do teclado, os olhos fixos na música, errava e não sabia que tinha errado. E ela olhando de um lado para outro dizia: “ olha....., olha o fá sustenido!” E eu não compreendia esse fenômeno. Então, isso foi pra mim um problema muito grande, traumatizante. E, eu pendia pra outros lados, a outra parte eu decorava com uma facilidade muito grande.

Os textos das músicas cantadas. Minha mãe convidava artistas, uns chegavam a se hospedar mesmo e cantavam e ensaiavam e eu decorava todas as letras.

Eu gostava muito de música. E sabia a letra, como ainda hoje eu sei grandes trechos de óperas, era o tempo da ópera. De La Bohème e da Traviatta eu sei muitos trechos e eu recitava esses trechos. Com seis anos, eu sabia o último ato da “Traviatta”, da Morte da Traviatta, de memória. Quando a protagonista morre tuberculosa e ela que era uma mulher bonita, se olha no espelho. Então, eu recitava isso, com uma tal dramaticidade. Então ela dizia: “Oh, meu médico! Oh, meu doutor, como estou mudada! E com a tal doença, toda a esperança está morta.” Ela cantava isso com agudos impossíveis para uma pessoa que estava às portas da morte. Coisa que caracterizava as óperas. Eu recitava com uma tal dramaticidade, que uma artista que fazia a protagonista da Traviatta me deu um espelho de prata, que ela tinha ganho como uma grande artista lírica. Se eu não era para cantar, eu seria uma artista dramática.

Nise não memorizava os movimentos dos dedos ou as notas musicais e sim o que para ela tinha significado, a letra da música. Aí já aparecia a memória significativa de Nise da Silveira que guardava sempre o mais importante das experiências vividas.

Uma lembrança marcante da infância foi o avô materno:

Meu avô também recitava muito Castro Alves, foi um dos primeiros enigmas da minha infância. Estou vendo ele com uma toalha nos ombros, ele era funcionário público. De manhã, amanhecia o dia, tomava banho, tomava café e ia-se embora. Mas o que guardei o que me cutucou muito a cabeça, eu devia ser muito menina ainda, eram os versos de Castro Alves: “Vai Colombo, abre a cortina de minha eterna oficina e tira a América de lá.” Então, era Deus falando com Colombo, mandando tirar. Eu achava isso uma coisa extraordinária, que oficina era essa que tinha a América. Tira a América. O povo vivia todo recitando.

Outra lembrança muito presente era o trem e a ferrovia que ia de Maceió para o Recife. Seus avós e suas tias eram pernambucanos, assim como seu pai, ela adorava o Recife:

É, devia ter uns 5 anos, 4. Eu adorava ir a Recife, sabia o nome de todas as estações de Maceió até Recife. Achava formidável o chefe do trem. Dava aquele apito pro trem andar, com duas bandeiras na mão, uma verde e uma vermelha, era o máximo o chefe do trem. Ficar na estação. Os trens eram de uma companhia inglesa, acabaram-se com essas coisas”.

A lembrança especial da sua infância é sua mãe com as mãos paradas no piano, esperando a chegada do sabiá:

A minha mãe sentada ao piano lá de casa, esperando que chegasse o sabiá. O sabiá é um pássaro curioso. O sabiá é um boêmio, não vai para o ninho cedo. Ele canta durante a noite. Minha mãe com as mãos no piano esperando que o sabiá chegasse. Ela tentava aprender a melodia do sabiá; e aprendeu. Ela tocava a melodia muito próxima realmente do canto do sabiá. Os vizinhos até participavam da espera da chegada do sabiá... (Mello, 2009, p. 173)

Figura 4 - Foto de Maria Lydia, mãe de Nise da Silveira .
Acervo do Museu de Imagens do Inconsciente - MII.
Foto encontrada por Luis Carlos Mello (2006) com parenta de Nise moradora de Copacabana.



Nas lembranças da antiga Maceió, da sua casa, da estrada de ferro que a levava para o Recife percebemos reminiscências que se aproximam com as *madaleines* de Proust e que podem ser explicadas pelo filósofo Henry Bergson como *memória pura* que guardam as lembranças:

eu adorava ir ao jornal e especialmente ir à oficina ver o pessoal trabalhando, compondo os textos na mão, com aqueles tipos móveis de antigamente. Ficava fascinada com a habilidade deles. O cheiro de tinta de impressão me embriagava. Eu me metia ali e terminava sujando o vestido de tinta preta. (Mello, 2009, p. 12)

Nesta pequena memória da menina Nise está contida uma grande parte do que Marco Lucchesi (2006, p. 141) chama de *mito pessoal*. Nesta lembrança, conta como ficou fascinada com a imagem dos trabalhadores da tipografia mexendo com os tipos móveis com as mãos. O trabalho com as mãos já a encantava, a consciência do trabalho manual é muito importante para entendermos suas escolhas na vida.

Do pai Faustino, relembra também um momento de envolvimento com a música e sua incrível capacidade de ensinar o quer que fosse:

Meu pai, que era um fenômeno também, eu não sei, não sei entender, e era desentoadado, como boa parte da família. Admirava enormemente, conhecia música. Eu me lembro que um dia, mandava-se buscar na Europa as músicas, não havia comércio em Maceió. Vieram músicas de Bach, e minha mãe imediatamente foi experimentar no piano, não conseguia. “Eu só posso tocar essa música se tiver três mãos.” Meu pai pegava o texto da música e ensinava. Pegava tinta vermelha e tinta verde. Pintava a mão direita de uma cor e de verde a outra. “Olha aqui as suas mãos.” E ela tocava. Também é um fenômeno misterioso pra mim.

[...] Uma brincadeira comum lá em casa era depois do jantar minha mãe desafiar meu pai, tocando com o dedo na mesa e ele dizia qual era a música que está ouvindo só pelo movimento.

E complementa valorizando o legado de seus pais e a influência no seu espírito libertário :

Foram realmente pais extraordinários que eu tive, nessa área de música, de arte, de poesia. Minha mãe musicou quase toda a poesia de Castro Alves.

[...] Eu acho que meus pais tiveram grande influência nas minhas atitudes na vida fora das regras comuns. Atitudes essas que me pareciam absolutamente normais. Porque eram as atitudes do meu pai e da minha mãe. Eu não fui essa quebradora constante de regras, porque essas regras nunca existiram na minha casa.

Desde criança, os livros acompanharam sua vida. Observava o hábito do seu pai estar envolto a livros, sempre com um ao alcance da mão. “Meu pai, um homem que lia muito matemática e literatura. Ele tinha uma boa biblioteca. E eu li logo Machado de Assis muito cedo. O primeiro livro que eu li, estudando português, foi *A cartomante*” (Leal, 2005, p. 74).

Um outro livro que marcou a jovem foi *A Ética* do filósofo holandês Benedictus de Spinoza (Silveira, 1995a, p. 23).

E, correndo o mundo, seu livro maior - a *Ética* - chegou às minhas mãos numa pequena cidade do nordeste do Brasil, chamada Maceió. Parece incrível. Eu estava vivendo um período de muito sofrimento e contradições. Logo às primeiras páginas, fui atingida. As dez mil coisas que me inquietavam dissiparam-se quase, enfraquecendo-se a importância que eu lhes atribuía. Outros valores impunham-se agora. Continuei sofrendo, mas de uma maneira diferente.

Estudou no Colégio Santíssimo Sacramento, onde teve disciplinas como francês, artes manuais e teatro clássico. Mas para poder fazer o vestibular de medicina na faculdade da Bahia precisou fazer os exames do Liceu Alagoano porque era o estabelecimento oficial da cidade. A aprovação no Liceu Alagoano era um documento obrigatório, juntamente com os de conclusão do ginásio.

Revi-me quando ainda ginasiana. Depois de prestados meus exames de álgebra e geometria no Liceu Alagoano em Maceió, logo no início das férias, eu estava um dia arrumando meus livros: separei os volumes de álgebra, geometria e cadernos correspondentes, guardei-os num armário próximo de minha pequena mesa de estudo, era linda essa pequena mesa com seus elegantes pés volteados, e coloquei sobre ela

livros de física, química e história natural, que seriam as matérias no ano letivo seguinte, de acordo com os programas daquela época.

Meu pai estava perto, sentado numa cadeira de balanço. Parecia totalmente absorvido na sua leitura.

Foi com surpresa que o ouvi perguntar-me:

Você vai recolher seus livros de geometria?

- Sim, agora terei outras matérias para estudar.

Lamento, porque geometria não é matéria como as outras. Não é apenas o estudo das propriedades das figuras. Ensina a arte de pensar.

Meu pai, em poucas palavras, mostrava-me uma perspectiva nova de estudo. Eu tinha na ocasião quatorze anos de idade, mas me feriu a expressão “arte de pensar” (Silveira, 1995a, p. 39 - 40).



Figura 5 - Foto de Faustino Magalhães da Silveria, pai de Nise da Silveira (Vasconcelos, 2008, p. 43).

Seu pai trabalhava como professor de matemática e geometria na escola normal e em colégios particulares de Alagoas, além de preparar jovens para ingressar na faculdade de medicina e de direito. Ela contava que sua casa era frequentada por artistas e estudantes, assim sem separação:

Eu já convivía com estudantes que iam fazer o vestibular. Como meu pai era professor de matemática, não só ensinava nos colégios, era professor da escola normal, mas ensinava matemática em colégios pra rapazes e muitos desses rapazes

frequentavam a nossa casa. E ele fazia grupos de estudos e eu participava desses grupos de estudos, de modo que eu não distinguia quem era homem ou mulher, eram estudantes.

Esta atitude de seu pai de não diferenciar homens e mulheres e propiciar para sua filha uma sólida educação foi essencial na trajetória da menina. Faustino Magalhães da Silveira contribuiu para formação de muitos outros jovens. Aurélio Buarque de Holanda conta como eram essas aulas:

O “Seo” Aurélio à pedra. Demonstre-me este theorema a x b... etc.

Eu obedecia às ordens delle, ia até a pedra. Ia, mas ... O meu cérebro de collegial de 13 annos é um tanto ou quanto dado à vadiagem, não podia ser muito symphatico àquellas contas, onde ao invés de algarismos, figuravam letras. [...] Hoje, já não mais existe aquelle Socrates franzino, cujas cans precoces symbolizavam os acerbos espinhos que lhe perfuraram os pés na percursão que fez pela vereda asperrima da instrucção. Faustino foi um homem feliz, por haver sido justamente a sua unigênita a primeira médica de Alagoas (Vasconcelos, 2008, p. 43 - 44)⁹.



Figura 6 - Foto de Nise aos 15 anos em Maceió (Silveira, 1998) Acervo MII Mello (2006)

⁹ Nas citação de livros antigos manterei a grafia original.

Tinha 15 anos e acompanhava alguns jovens no estudo para ingressar por vestibular na faculdade de medicina da Bahia, entre eles Mario Magalhães da Silveira, primo de Nise, e Arthur Ramos, jovem que frequentava a casa dos Silveira desde as aulas de piano que tinha com Dona Nazinha. Em janeiro de 1921, acompanhada do pai, foi para Salvador, cidade que ela não conhecia, para fazer a prova de vestibular que era destinada para maiores de 16 anos.

É, porque se faziam os preparatórios tanto que na minha carteira de identidade a minha idade está diferente. Porque eu precisava para o vestibular ter 16 anos, e eu fiz o vestibular com 15, mas daí a pouco eu fazia 16. Eu fiz o vestibular em janeiro e em fevereiro logo eu completei. Entrei na legalidade, completei 16 anos.

Para este exame teve um mês e 5 dias adicionados a sua carteira de identidade. Faustino Magalhães da Teixeira conseguiu que as autoridades alagoanas emitissem um documento em que a data de nascimento de Nise da Silveira fosse 10 de janeiro de 1905, assim ela tinha os 16 anos necessários no dia do vestibular.

A escolha da medicina mostra as poucas oportunidades de estudo para uma mulher que queria estudar em uma faculdade na década de 20 do século passado no Brasil. Existiam faculdades de medicina, direito:

Engenharia também, mas nenhum em Maceió. No Recife houve primeiro uma faculdade de Medicina, mas não reconhecida. E meu pai chegou a me sugerir, desde que eu tinha resolvido estudar medicina, ir para essa faculdade. Eu digo, não vou fazer um esforço enorme para uma faculdade não reconhecida. De repente acaba e o que me acontece? Não acabou, resistiu. Então, o caminho era ou direito, no Recife, eu não me sentia com vocação assim pra advogar, falar, pra coisa pública. Pessoa mais introvertida. Então, o caminho que eu tinha era medicina. Eu gostava de estudar história natural, biologia, gostava.

Repetidas vezes falou da sua falta de aptidão com a música e isso foi marcante em sua vida, mostrando uma certa dose de frustração de não possuir os dotes de sua mãe, nem de seu pai no quesito musicalidade. A medicina apareceu como uma segunda opção à arte:

porque era um caminho, eu gostava de ter vindo, por exemplo, para um conservatório de música no Rio, mas não podia, com meu ouvido tapado, não podia. Então eu tinha dois caminhos: ou estudava medicina, ou estudava direito.

Conta que existiam poucas mulheres na faculdade de medicina; algumas estudavam farmácia:

Na minha turma, quando eu entrei, eu era a única. Entrou também uma outra, que já era uma senhora obstetra que queria fazer o curso de medicina, mas deixou. Eu fiquei só no primeiro ano e no segundo, no terceiro uma moça que estava estudando na minha frente perdeu, que era do Ceará, aí ficou comigo fizemos juntas o terceiro, depois ela pediu transferência aqui pro Rio. No quarto e sexto eu fiquei só.

As mulheres eram ignoradas na faculdade, não existindo nem banheiros femininos.

Eu ia pra faculdade e me aguentava até a hora do almoço. Eu morava perto e saía correndo pra fazer xixi. Depois voltava de tarde e a mesma coisa.

[...]Ah! Minha tragédia era essa. Quando cheguei aqui no Rio e visitei a faculdade e vi toalete de senhoras, eu achei aquilo uma coisa paradisíaca. (risos) Eu sofri muito.

Com seu senso de humor peculiar, respondeu sobre se os professores lhe perguntavam sobre o problema do banheiro: “não, ninguém fazia pipi, todo mundo era fechado. Torneiras fechadas”.

Podemos ler a descrição feita por Elvia Bezerra (1995, p. 136 - 137) uma das biógrafas de Nise da Silveira das inúmeras provas passadas por ser mulher na faculdade de medicina:

Nise foi posta à prova numa das primeiras aulas: aula de parasitologia do professor Pirajá da Silva. Estar diante daquele homem ilustre, professor famoso, citado no livro clássico de parasitologia de Brumpt, deixava-a em alvoroço contido. O professor era célebre pela dedicação à pesquisa dos parasitas. Além disso, corria a lenda de que ele, o sisudo cientista, cultivava orquídeas, possuía um orquidário, fato que lhe aumentava a aura de sedução.

Num dos primeiros dias de aula, o austero professor entrou no grande salão lotado por estudantes recém-admitidos na faculdade e disse, solene: “Creio que é tempo de criarmos um serpentário aqui na faculdade. Estou certo de contar com a colaboração de vocês.”

Em seguida ao convite, o professor fez entrar na sala o bedel, que trazia nas mãos um vidro com uma serpente dentro. O mestre pinçou o réptil com cuidado e dirigiu-se à jovem caloura, dizendo: “- Segure-a. Não é venenosa.” Recuar seria fatal. O mestre e os cento e cinquenta e sete rapazes de certo esperavam o momento de soltar o riso diante do recuo da futura doutora. Essa certeza, tirada dos olhares que a cercavam, fez com que ela dominasse o asco e estirasse os dois braços, com as palmas das mãos viradas para cima, receptiva. [...] O mestre não hesitou em oferecer-lhe a prova. Ela segurou a serpente com as duas mãos durante um minuto, talvez, e, em seguida, numa angústia controlada, dirigiu-se ao colega do lado, dizendo com firmeza: “É sua vez”.

Confidenciou para sua amiga Marta Pires Ferreira (Silveira, 2008, p. 321 - 322) que quando começou a faculdade de medicina escreveu uma carta para o pai, queria desistir da faculdade. A carta não chegou ao destino e voltou para as suas mãos. Decidiu continuar a faculdade.

Sobre sua performance na faculdade de medicina contou: “Eu era boa aluna. Não ótima, mas era boa aluna”.

Figura 7 - Nise na faculdade de medicina da Bahia (Barros, 2000, p. 27).

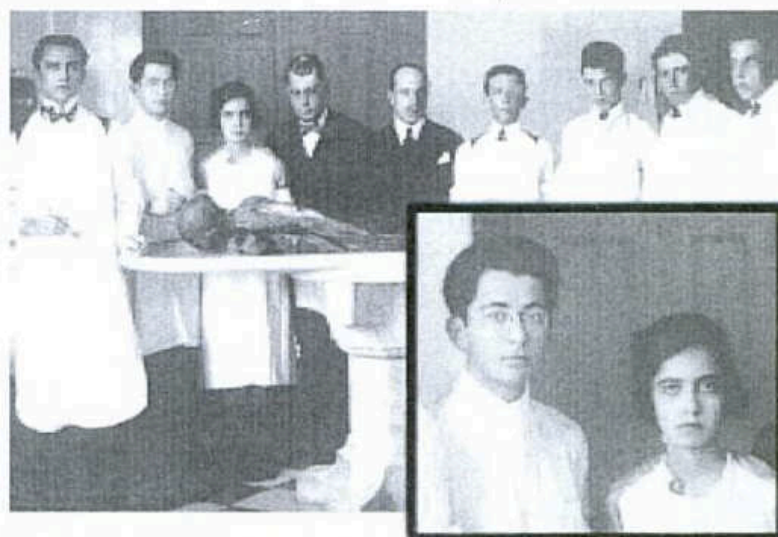


Foto do período acadêmico de Arthur Ramos – Faculdade de Medicina da Bahia – 1921-1926. Numa aula de anatomia, entre vários estudantes e professores, ao lado da colega alagoana Nise Magalhães da Silveira – detalhe em destaque. Arquivo: Fundação Biblioteca Nacional /Divisão de Manuscritos.

Em seu livro *Cartas a Spinoza* (Silveira, 1995a, p. 51 - 52), conta que teve uma formação cartesiana na faculdade de medicina.

Cabia-me, e as meus colegas, o estudo das peças componentes das engrenagens da máquina que seria o corpo humano. E, para tornar mais fácil essa tarefa, muitas vezes recorria-se à vivissecção, ou seja, ao estudo dessa outra máquina mais simples, o corpo do animal, no flagrante vivo de seu funcionamento. Lembro-me, como se fosse hoje, de uma aula prática de fisiologia que tinha por tema o mecanismo da circulação. Uma rã foi distendida e pregada pelos quatro membros, crucificada, sobre placa de cortiça e o peito aberto cruamente para que víssemos seu pequeno coração palpitando. Os olhos da rã estavam esbugalhados ao máximo e pareciam perguntar-nos: por que tanta ruindade? Para nada. Ninguém aprendeu coisa alguma naquela estúpida aula.

Para entendermos um pouco da personalidade introvertida, reservada e formal de Nise da Silveira, ela nos relata uma passagem que teve com sua mãe em uma visita a uma de suas tias:

Fomos visitar a minha tia Amélia, era a tia mais velha, casada com o irmão mais velho do meu pai que mudava de uma casa para outra maior. Ela tinha 8 filhos. Então era uma casa grande. A casa tinha uma sala na frente, às vezes duas janelas, uma maior, o corredor, e quartos nos lados. E a tia Amélia foi mostrando os quartos, e como distribuiria, porque ela tinha também muitos filhos, oito filhos. Homens, mulheres, então aqui fica Nise, Beatriz, aqui fica Laura. Aí a reação de minha mãe, o comentário de minha mãe: “ Mas que corredor ótimo pra se dar uma boa carreira “ Minhas tias, senhoras respeitadas, obviamente ficaram chocadas. E eu fiquei, eu reclamei dela: “Como você diz uma coisa dessas?” Eu era muito mais assim formal, talvez, do que ela.

Ficou chocada com a mãe que propôs à tia que um corredor tão grande servia para uma corrida.

Seu cotidiano em Salvador pode ser resumido em poucas palavras: morava no pensionato, estudava, nos finais de semana passeava de bonde. Perguntada se fez amizades nesta época, disse que não. Nas férias de junho e depois dos exames de novembro voltava para Maceió; retornando para Salvador em março. Logo que chegou a Salvador, sentiu falta do conforto da sua casa de Maceió, mas logo se acostumou; sobre sua capacidade de adaptação ela conta: “Sempre tive muita facilidade em me adaptar. É uma coisa que me surpreende. Eu saí daqui, fui pra Europa, só, não me senti estrangeira um só minuto. São seres humanos”.

Ela contava que não sentia solidão na sua época de estudante em Salvador. Morava na mesma pensão que seu primo Mário Magalhães da Silveira, para quem o pai fez um pedido solene que cuidasse da prima enquanto estivesse na Bahia. Nise iniciou um namoro com o primo ainda na época que faziam faculdade e foram companheiros durante mais de sessenta anos.

Um professor que marcou sua formação como médica foi Prado Valladares responsável pela cátedra de clínica médica, o qual acompanhou a aluna durante o quarto, quinto e sexto anos da faculdade de medicina. Para o professor Valladares:

O doente estendido ali num leito de indigente do Hospital Santa Isabel não era uma máquina, ensinando uma semiologia minuciosa, na intenção de que compreendêssemos a dinâmica dos sintomas. Dava-nos a visão do doente na sua totalidade de ser humano e não uma máquina, sobre a qual poderiam ser derramados [...] quantidades enormes de substâncias químicas (in Silveira, 2008, p. 267 - 268).

A formatura do curso de medicina foi realizada na secretaria, com a presença de sua mãe como testemunha. A jovem médica não participou dos festejos oficiais.

Ela foi, passou um mês comigo, aliás não só no sexto ano, no quinto ano também ela foi, passou o último período porque ela comia pouquíssimo, então comida de pensionato tinha muita dificuldade. Minha mãe não sabia fazer grandes coisas não. Tomava mingau de aveia e pronto, era uma rejeição. Eu almoçava mais ou menos no pensionato, mas de noite eu achava tão ruim a comida que mesmo não tinha apetite e no fim do ano minha mãe geralmente ia. Eu ficava muito tensa com exame. Até com essa bobagem de livro eu fiquei tensa.

O livro a que se refere é sua tese de doutoramento, obrigatória para formar-se em medicina e foi publicado pela Editora da Imprensa Oficial na forma de livro. Nise da Silveira (1926) defendeu a tese *Ensaio sobre a Criminalidade das Mulheres na Bahia*. Nesta tese utilizou ideias da higiene mental e eugenia que estavam em voga na época. Seu pai assistiu com muito orgulho a filha ser aprovada com nota máxima na faculdade de medicina da Bahia¹⁰, na famosa região do Terreiro de Jesus na capital baiana.

Depois da sua formatura em 28 de dezembro de 1926, Nise ainda ficou alguns dias em Salvador e tomou o vapor em companhia de sua mãe em quatro de janeiro de 1924 para voltar a Maceió e iniciar sua carreira médica. Nas suas palavras (Silveira, 2008, p. 268): “ao deixar a faculdade me sentia feliz, mas na verdade é que naquela ocasião eu não fazia ainda ideia de como é difícil assumir a profissão de médica”. Mas o retorno foi

¹⁰ Faculdade criada em 1808 por D. João VI em sua passagem por Salvador, antes de fixar-se no Rio.

marcado por um acontecimento muito triste, a morte de seu pai no dia 10 de fevereiro de 1927.

Eu voltei pra Maceió e aí foi a desgraça. Eu voltei, me formei dia 28 de dezembro, tomei o navio com minha mãe, dia 4 de janeiro, é quando tinha, no porto de Maceió, com minha mãe, cheguei em casa, naturalmente, tava alegre o clima, mas aí meu pai adoeceu. No dia 10 de fevereiro ele morreu, apenas eu me formei. Eu fazia o meu aniversário, isso me chocou muito, me marcou até hoje. Meu aniversário é no mesmo dia do dele, ele faria 47 anos. Morreu 5 dias antes de completar 47 anos.

Neste ponto do depoimento, disse que estava cansada e pede para interromper a entrevista. A morte do pai foi marcante em sua vida e um tema sempre difícil de rememorar.

Passou cerca de um mês em Maceió e muda-se junto com Mário Magalhães da Silveira¹¹ para o Rio de Janeiro. A mãe vendeu os dois pianos de cauda que possuíam para enviar a filha para a capital do país.

Os primeiros dias na capital do país foram numa pensão em Copacabana em companhia de Mário, mas como dispunham de pouco dinheiro, mudaram-se para Santa Teresa, onde alugaram um quarto na pensão de Dona Tina no número 19 da Rua do Curvelo. Pouco tempo depois passaram a habitar a casa de número 56 na mesma rua. A casa ficava em frente à casa do poeta Manuel Bandeira (Bezerra, 1995, p. 135).

A casa de número 19 da rua do Curvelo “era um belo casarão com varanda em toda a lateral. O jovem casal alugava o primeiro quarto, com janelas que davam para a rua, abrindo-se para baía de Guanabara”. O escritor argentino Raúl Tuñón falou assim do casal Magalhães da Silveira: “vivíamos en la casona de matrimonio de inquietos médicos jóvenes, Nise y Mario Magalhães, frente a la casa del gran poeta Manuel Bandeira” (idem, p. 135 - 136).

¹¹ Em várias entrevistas Nise deu a entender que veio sozinha para o Rio de Janeiro, omitindo a informação que veio em companhia do primo Mario Magalhães da Silveira.



Figura 8 - Nise e Mário , quando moravam na Rua do Curvelo, década de 1920. Acervo MII. Mello (2006)

Raúl Tuñón conta que muitas vezes a escritora Raquel de Queiroz também passava pela pensão da Rua do Curvelo e dedica o livro *El otro lado de la estrella*, escrito boa parte no Brasil, ao casal Magalhães da Silveira e à Raquel de Queiroz (Tuñón e Salas, 1975, p. 140).

Nesta época conheceu o alagoano Otávio Brandão e sua esposa Laura. O jornalista Otávio era considerado o teórico do partido comunista e teve importante participação na direção partidária, chegando a ser eleito para o conselho municipal, atual câmara dos vereadores, em 1928 na cidade do Rio de Janeiro, juntamente com Minervino, antigo marmorista e militante comunista. Foram eleitos pela legenda Bloco Operário e Camponês porque na época o partido comunista estava na clandestinidade.

Sobre Otávio, sua esposa Laura e as três filhas do casal, Nise deu o seguinte depoimento:

Havia uma amizade enorme. Nunca houve um casal igual ao Octávio e a Laura. Nem que eu conhecesse, nem que eu tivesse lido. Porque Octávio vivia preso, muito diferente do comportamento comunista atual. Era uma casa pobre, três meninas, três caminhas na sala e a mesa. Tudo na mesma peça, só tinha uma peça. Um quarto e uma cozinha, e um banheiro com pano que pendurava-se e Laura era uma pessoa de alta inteligência. Bonita. Gostava das tranças que ela usava. Ela tinha uma alegria extraordinária. Esse período é muito bonito. As três meninas trabalhavam como pequenas artistas. Brincavam na rua, que tinha muito menos movimento. E ainda hoje

o Curvelo é uma rua relativamente tranquila. E agente de polícia incessantemente vigiando. Então tinha um código. Chegava um momento que ele tinha que fazer pipi, o agente de polícia. Entrava num açougue, numa venda. Então a menina já tinha um gesto combinado. E Octávio estava espreitando às frestas da janela. Aí saía. [...] Escapava da polícia. Só o impossível pegava, porque ele conhecia Santa Teresa. Aqueles morros são labirintos, tem muitos caminhos. E ele punha também o casaco de cor diferente de um lado para outro e trocava. Não havia quem pegasse ele. Só havia um lugar possível pra pegar: a porta de fábrica. Coisa que não se usa mais. [...] Fazendo discurso, na porta de fábrica. A vida dele era porta de fábrica. Saía de casa e ia pra porta de fábrica. Hoje falam muito mal dele, não reconhecem ele, mas ele foi fantástico. Numa dedicação total. No meio de tudo isso estudando muito.

Tinha uma admiração muito grande por Laura Brandão, uma mulher que defendia seus ideais. Laura tinha sido professora e escritora e depois de casar-se com Otávio Brandão em 1921 passou também a defender os ideais comunistas. A convivência com Laura Brandão e suas três filhas era muito próxima. Num depoimento, Dionysa Brandão (2001, p. 86), a única filha viva de Laura, nos conta que: “Nise frequentava a nossa moradia. Minha mãe e Nise tornaram-se amigas. Uma tinha admiração pela outra. Nise estava sempre disposta e, quando havia necessidade, ficava com as três filhas de Laura, e frequentemente dava banho em mim, a caçula”.

Figura 9 - Foto de Dionysa Brandão durante campanha de Octavio Brandão para Conselho Municipal na década de 1920.

Fundo Octavio Brandão - AEL - UNICAMP



Em entrevista dada à pesquisadora da Unicamp Elaine Zanatta no ano de 1992, Nise faz a declaração: “Há em mim um fiapo da alegria de Laura. Tenho-o carregado em toda minha vida” (Brandão, 2001, p. 87).

Otávio Brandão Rego (1993), em entrevista concedida em 1977, que relembra a participação de Laura nos comícios e manifestações comunistas:

Ela virava a cabeça dos operários: uma mulher muito bonita, imagine, aquela roupa branca, roupa alva, um manto, assim, azul. Diziam que era Nossa Senhora, e era, assim, uma oradora. E falava meio prosa, meio poesia e virava a cabeça dos operários. Aquela mulher muito bonita. Nunca tinha havido isso. E virava a cabeça dos operários. E por isto ela foi deportada: por ser minha esposa e por causa do próprio trabalho.

A jovem médica acompanhou as desventuras de Otávio, Laura Brandão e suas três filhas que depois do golpe de 1930 passaram a ser perseguidos pela polícia, tendo sido deportados para a Alemanha que lhes negou asilo e os encaminhou para a então União Soviética. Esta triste passagem da história do Brasil foi acompanhada por Nise da Silveira que foi uma das únicas pessoas que seguiu o casal até seu último momento no Brasil em 1931:

Estavam presentes quatro pessoas apenas no embarque dele. Uma grande mulher morava também na Rua do Curvelo, Zóila Teixeira, que não era do partido, mas era super, tinha o espírito comunista, espírito de solidariedade, e eu saía muito com Zóila. Estava eu, Zóila, um rapaz, acho que era espanhol, ou aqui de um país da América Latina, não sei se Argentina, chamado Caberito, e o pai de Laura. Estávamos os quatro. Fomos. Era um navio alemão, foram de 3ª classe. E eu resolvi entrar no navio. Entrei no navio, fui no camarote deles, muito modesto, e depois saí, não lembro. Tinha um aparato policial grande no embarque dele, enfim, não aconteceu nada comigo. Entrei e saí com toda a naturalidade. Aí voltei para a minha casa em Santa Teresa, aí já eles não estavam, não estavam mais, já tinham partido.

Mudou-se para a clínica neurológica do professor Antônio Austragésilo e de lá para o Hospital Psiquiátrico da Praia Vermelha, onde passou a estudar para passar em um concurso para a vaga de psiquiatria que estava aberta. Foi aprovada no concurso público e ficou aguardando tomar posse do seu cargo.

Durante este período ficou sozinha no Rio de Janeiro, pois Mário participou da campanha de erradicação do mosquito transmissor da febre amarela que se iniciou em 1932, tendo ele estado em algumas capitais do Nordeste e do Norte do país (Silveira, 2005).

Nesta época filiou-se ao partido comunista, sofrendo oposição dos seus superiores hierárquicos por dedicar-se ao estudo. Nise nos conta quais eram suas obrigações no partido na época: “As tarefas não eram grandes não. Eu participava de reuniões, via gente doente do Partido, e lia aquelas apostilas *estalinistas* horrorosas, muito mal escritas, e muito ferrenhas”.

Nise está falando de um momento depois de 1930 em que o partido esteve sob a influência dos *soviets*, linha que propunha a Revolução Soviética imediata no Brasil. Segundo Otávio Brandão, esta escolha política levou a uma perda do apoio das massas trabalhadoras e um enfraquecimento do partido no Brasil.

Dividida entre o partido e os estudos para o concurso público para a vaga de psiquiatria, passou a enfrentar repreensões cada vez mais fortes do chefe de sua célula no partido comunista. O resultado foi a expulsão do partido com a acusação de ser *trotskista* como saiu publicado no jornal do partido: “trotskista com ligações internacionais”.

No ano de 1935 participou somente de algumas reuniões da Ação Libertadora Nacional em companhia das amigas Maria Werneck e Beatriz Bandeira. Em novembro do mesmo ano veio o levante comunista que ficou conhecido como Intentona Comunista; conta que ouviu os tiros do quarto que ocupava no Hospital Psiquiátrico da Praia Vermelha. Em janeiro de 1936 a reação de Getúlio Vargas tinha se intensificado contra os comunistas e Nise foi presa e liberada no mesmo dia.

Nesta época, já tinha sido nomeada para assumir seu cargo de psiquiatra no Hospital Psiquiátrico da Praia Vermelha, antigo Hospício de Pedro II. Ela morava em um pequeno quarto de frente para o Iate Clube, onde hoje é o bairro da Urca. Assim descreve o local onde morava: “achava adorável esse meu quartozinho, na Avenida Pasteur de frente para o mar. De frente do Iate Clube. E ali eu tinha uma tranquilidade muito grande”.

Esta tranquilidade foi quebrada por uma denúncia de uma enfermeira que viu que a doutora Nise tinha livros de Marx misturados com seus livros de psiquiatria.

Um pouco depois eu continuava estudando, mas continuei estudando psiquiatria, mas estudava também socialismo. Eu tinha livros marxistas, e uma enfermeira viu, denunciou ao administrador e aí eu fui presa. Fui presa por denúncia. Na noite de 26 de março de 1936. Aí fui levada para a Polícia Central.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

PLANILHA DE REGISTRO

Nome: NISE MAGALHÃES DA SILVEIRA

Nacionalidade: Brasileiro
Naturalidade: Estado de Alagoas
Filho de: Faustino de Oliveira e de Lúcia da Silveira
Idade: ____ anos. Nascido em: 15 de fevereiro de 1905
Estado Civil: solteira Instruções: ____
Profissão: Médica
Residência: ____
Motivo: ____

Notas Cromáticas

Cutis: Cabelos: ____
Olhos: Bigodes: ____
Barba: Como usa: ____

Filiação morfológica e exame descritivo

Altura 1.ª: ____ cent.
Frente: Altura: ____ Inclinação: ____
Largura: Sobrancelhas: ____
Palpebras: ____
Nariz: dorso: ____
Base: ____
Boca: Labios: ____ Queixo: ____ Orelhas: ____
Marcas particulares, cicatrizes e tatuagens: ____

Fotografia tirada em: ____ de ____ de ____

Assinatura do Identificado: ____ Identificado em: ____ de ____ de ____

SERIE				
SECCÃO				

Polícia Civil do Distrito Federal
DIRETORIA GERAL DE INVESTIGAÇÃO
Fichas de Crimes e Criminosos
SISTEMA VICTOR
RECEBIDO
M. G. Silva

Figura 10 - Ficha do registro da prisão de Nise da Silveira em 1936.
Acervo MII.
Mello (2006)

Na sequência do depoimento para Dulce Pandolfi, conta os detalhes da sua prisão.

Foi um chefão, assistente do Felinto Müller que me prendeu. O diretor do hospital chamava-se Waldomiro Pires, mandou me chamar, eu desço e ele diz: “Aqui está a doutora Nise”, a esse policial. Foi um choque. Mas eu aguentei bem. Aí fui para a Rua da Relação, era por ali que a gente entrava. Depois então, passei uns 6 dias na Rua da Relação e depois, fui, tudo isso à noite, sempre à noite, quando me prenderam, se eu não me engano, na véspera da prisão do Pedro Ernesto. Então a polícia esperava a minha reação. E esvaziou a Rua da Relação. Eu fui de carro até com um rapaz diplomata.

Fui para a Frei Caneca. Da Rua da Relação, havia os agentes de polícia, os tiras, como eram chamados, que contavam seus depoimentos a um senhor chamado Tenente Américo, não sei se era Tenente, acho que não era, e ele distribuía “vai pra ali, pra acolá e tal” e me perguntou, porque nem me fecharam, não fizeram nada, me perguntou: “a senhora quer tomar um café?”, e eu disse: “Obrigado, não.” Ele então chamou um dos tiras, que eu considero um ser sobrenatural, e disse: “Conduza a doutora”, nunca me chamaram tanto de doutora, “à sala de mulheres”. Havia outras mulheres, presas por motivos diferentes. Então eu acompanhei esse tira. Quando chegamos no corredor, o ambiente horrível, todo pintado de roxo e lá no fundo eu vi uma luz meio embaçada, e lá era a sala das mulheres. E esse tira então para de repente no corredor. Ele parou, eu parei, não sabia pra onde ele ia me levar. E ele me disse: “A senhora fez muito mal em não aceitar o café que o Tenente Américo lhe ofereceu, porque, ele estava por dentro das coisas, vai ser o presidente da república Getúlio, vai decretar amanhã o estado de guerra, então nada mais vai valer nem habeas corpus nem nada. Quem foi preso agora não sabe como sai.” Eu fiquei espantadíssima. Então ele insistiu: “Acho bom, a senhora não sabe quando vai tomar”. Ele tinha sido designado pelo Tenente para me acompanhar à chamada sala de mulheres na Rua da Relação. Eu o segui sem saber pra onde eu ia. Me disse: “a senhora fez muito mal em não aceitar o café, porque não sabe quando vai ter a oportunidade de tomar outro alimento, a situação tá muito grave, o presidente vai decretar estado de guerra, então, as leis não vigoram,

naturalmente a senhora está pensando em ter um habeas corpus e sair, nem pense”. Mas, ele me dizia isso com ar bondoso. Ele disse: “Como é? Aceita o café?” Eu aí disse: “Aceito”. Ele disse: “Eu não sei se o Tenente Américo vai permitir, mas vou dizer que a senhora aceita”. Entrei numa sala lateral sem corredor, ele me deixou na tal sala, foi falar e disse: “o Tenente Américo permitiu. Eles não faziam alimento nenhum lá na Rua da Relação”.

O seu destino foi o cárcere de mais de um ano; ficou na cela das mulheres, juntamente com Elisa Berger, esposa do líder comunista alemão Harry Berger, um dos articuladores da revolta comunista de 1935. Elisa, na verdade chamava-se Elza Soborovisky, foi barbaramente torturada, como relatou a paraense Eneida Costa de Moraes (1989, p. 132 - 135) que também foi companheira da sala 4 de Nise, Elisa, que as outras presas chamavam pela alcunha de “Sabo”; e Olga Benário:

colocavam-na no alto de uma escada, amarrada e nua, para forçá-la a declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios [...] “Sabo”, para mim, foi uma revelação, jamais conheci mulher tão culta, tão humana, tão valente. Uma mulher tão bela. Nunca a esquecerei.

Eneida (Moraes, 1989, p. 132) faz uma descrição da sala 3 onde viveram 25 mulheres perseguidas políticas pelo regime de Getúlio Vargas:

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, morenas, de cabelos escuros e claros, de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham. Havia as tristes, silenciosas, metidas dentro de si próprias; as vibráteis, sempre prontas ao riso, aproveitando todos os momentos para não se deixarem abater. [...] Problemas de uma, problemas de todas. [...] Os filhos de Rosa eram nossos filhos; o noivo de Beatriz era nosso noivo.

Era uma época em que o mundo estava em convulsão, a Alemanha via a ascensão do nazismo; Elisa Berger e Olga Benário foram extraditadas para Alemanha, onde vieram a morrer em campos de concentração. Olga estava grávida e Nise relembra o que aconteceu na época:

Elas viajaram juntas, mas foram separadas, cada uma saiu de uma vez. A Olga com essa coisa de grávida, filho de Prestes, levantou um clamor muito grande entre os presos.

Ela chegou contando essa história... estava certo que ia embarcar. E os desgraçados escolheram um navio que fosse direto para Hamburgo, Alemanha. Porque receavam que se tocasse o navio num porto francês, os operários as arrancassem. Então estudaram a rota do navio. Maquiavélicos. Mas a mãe do Prestes era uma mulher fantástica, fez um movimento na França enorme entre os intelectuais por causa da menina.

A filha de Olga nasceu no cárcere e uma campanha internacional encabeçada por Dona Leocadia Prestes, avó da menina, salvou Anita Prestes de ter o mesmo destino que a mãe. Anita foi criada por uma tia, depois que a avó morreu. Anita tornou-se uma estudiosa da história do movimento comunista e fez uma tese sobre a coluna Prestes, em que utilizou uma longa entrevista concedida pelo pai Luís Carlos Prestes.

Voltando a situação de Nise da Silveira, é difícil imaginar os sentimentos e sofrimentos que a acompanharam nesta época em que esteve presa e presenciou colegas torturados, deportados e todo tipo de arbitrariedades e injustiças. Mas como ela manteve sua saúde mental na realidade da prisão?

Aqui começo a contar alguns pequenos fatos que a fizeram aguentar a prisão, que sustentaram sua esperança e a fizeram encontrar a beleza mesmo na triste prisão da Frei Caneca.

Indagada se recebia visitas na prisão, conta como uma amizade a confortou nesta época.

Ninguém nos visitava a não ser essa criatura única no mundo, não há outra pessoa igual, a quem eu já me referi, que tirou o cartão para me visitar, e me visitava toda semana – Zóila Teixeira – todo dia de visita ela levava frutas, levava roupas para lavar e trazia roupas simples para andar lá dentro.

Zóila Teixeira foi muito importante na vida de Nise, vizinha na rua do Curvelo, sempre deu uma atenção maternal para a jovem médica. A jovem médica também era amiga das filhas de Zóila.

Ela é uma das pessoas mais comunistas do mundo, tanto que quando ela morreu, ela pediu ao neto que não queria coroas nem negócios de enterro, fazia questão que no momento em que o caixão baixasse à terra fosse tocada a Internacional, tocada numa vitrola péssima do menino que era estudante. Tocou.

A vida das grandes mulheres que Nise da Silveira conheceu inspiraram sua corajosa luta por um tratamento digno aos doentes mentais. Conheceu Laura Brandão, Zóila Teixeira, Elisa Berger, Olga Benário; conviveu com a saga dessas mulheres, estando próxima, vendo os gestos de carinho de que elas eram capazes e ao mesmo tempo a dura defesa dos ideais de uma sociedade mais justa feitos por estas mulheres que de um jeito ou de outro marcaram o destino da jovem Nise.

Um encontro¹² ocorrido nesta época em que passou no cárcere marcou sua vida. O escritor alagoano Graciliano Ramos estava preso no Pavilhão dos Primários:

Chamaram-me da porta: uma das mulheres recolhidas à sala 4 desejava falar comigo. Estranhei. Quem seria? E onde ficava a sala 4? Um sujeito conduziu-me ao fim da plataforma, subiu o corrimão e daí, com agilidade forte, galgou uma janela. Esteve alguns minutos conversando, gesticulando, pulou no chão e convidou-me a substituí-lo. Que? Tregar-me àquelas alturas, com tamancos?

¹² Uso de guia para reconstruir o encontro entre Nise e Graciliano o texto de Walter Melo, “Nise da Silveira: memória e ficção na obra de Graciliano Ramos”, publicado no número 19 da Revista Advir em setembro de 2005, p. 140 - 144.

Examinei a distância, receoso, descalcei-me, resolvi tentar a difícil acrobacia. A desconhecida amiga exigia de mim um sacrifício; a perna, estragada na operação, movia-se lenta e perra; se me desequilibrasse, iria esborrachar-me no pavimento inferior. Não houve desastre. Numa passada larga, atingi o vão da janela; agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zonzinho, sem perceber direito porque me achava ali. Uma voz chegou-me, fraca, mas no primeiro instante não atinei com a pessoa que falava. Enxerguei o pátio, o vestíbulo, a escada já vista no dia anterior. No patamar, abaixo de meu observatório, uma cortina de lona ocultava a Praça Vermelha. Junto, à direita, além de uma grade larga, distingui afinal uma senhora pálida e magra, de olhos fixos, arregalados. O rosto moço revelava fadiga, aos cabelos negros misturavam-se alguns fios grisalhos. Referiu-se a Maceió, apresentou-se:

Nise da Silveira.

Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver a minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa, Rachel de Queirós me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia aparecido criatura mais simpática. O marido, também médico, era o meu velho conhecido Mário Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me, num vivo constrangimento.

De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazio; certamente causava impressão muito infeliz. Nise, acanhada, tinha um sorriso doce, fitava-me os bugalhos enormes, e isto me agravava a perturbação, magnetizava-me. Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso (Ramos, 1985, p. 176).

Graciliano conhecia Mário Magalhães, mas nunca a havia encontrado antes. A alagoana já tinha visto ao longe Graciliano durante seu passeio preferido de visita às livrarias do Centro do Rio de Janeiro, mas só foi apresentada ao escritor na cadeia. Apesar do encontro insólito e de lamentar ver Nise da Silveira presa e afastada do trabalho de médica, a empatia entre os dois alagoanos foi imediata. Graciliano afirmou “nunca me havia aparecido criatura mais simpática” (idem).

O contato entre Graciliano e Nise iniciado no Pavilhão dos Primários se intensificou na enfermaria da Casa de Correção. Nise chegou à enfermaria sofrendo de um “desarranjo nervoso, consequência provável dos interrogatórios longos. A timidez agravava-se, fugia-lhe às vezes a palavra e um desassossego verdadeiro transparecia no rosto pálido, os grandes olhos moviam-se tristes” (idem, p. 493). Graciliano chegou na enfermaria completamente arrasado, sentia-se mal, vivia com uma teimosa resistência.

Ela teve uma síncope nervosa, tendo chegado ao seu limite; talvez a presença do conterrâneo na mesma enfermaria a tenha salvo de *estados mais perigosos do ser*¹³. Nise atesta a amizade que construiu com Graciliano neste duro momento da sua vida: “num período que eu passei na enfermaria e Graciliano esteve também, quando veio da Ilha, aí tive amizade mais estreita com ele”.

Este momento de sofrimento psíquico em que o afeto de Graciliano a ajudou a aguentar a dor e superar a situação adversa foi decisivo na sua capacidade de alteridade, de se colocar no lugar do doente mental, a qual Nise cultivou durante toda sua posterior vida profissional.

Em uma das conversas durante o tempo que passaram na enfermaria, Graciliano contou que já possuía informações sobre Nise; a escritora Raquel de Queiroz tinha elogiado a grandeza moral de Nise. Ao saber disso Nise surpreendeu Graciliano dizendo que não achava nenhum caráter em Raquel de Queiroz. Não perdoava a escritora Raquel por ter dito em um programa de rádio que Nise a acusava de ser *trotskista*. Este fato rememorava o episódio da expulsão do partido comunista e provocava fúria na alagoana.

Para passar o tempo no cárcere, Nise e Graciliano jogavam cartas. Graciliano não conhecia as combinações das cartas, aprendeu a jogar *crapaud* com Nise. Graciliano pegou gosto pelo jogo e sempre procurava um parceiro para passar o tempo com as cartas, com seu singular humor, ele escreveu em *Memórias do Cárcere*: “Nise deu-me as primeiras lições do jogo que iria desviar-me das letras nacionais” (Ramos, 1985, p. 494).

¹³ metáfora criada pelo ator francês Antonin Artaud para descrever estados de grande sofrimento mental

O passatempo predileto de Nise era imaginar filmes em cartaz, convidava Graciliano para participar com ela dessas sessões de cinema imaginário.

Quando mesmo preso Graciliano Ramos lançou o livro *Angústia*, a esposa do escritor conseguiu contrabandear alguns exemplares para dentro da prisão. O diretor da prisão, o também alagoano Major Nunes, permitiu que as prisioneiras Nise da Silveira e Eneida, juntamente com Heloisa, esposa de Graciliano, enfeitassem a cela com vasos de flores; foi preparado um almoço e Graciliano foi presenteado com uma garrafa de aguardente. Assim o livro *Angústia* teve seu lançamento extraoficial na prisão.

Estes momentos agradáveis de conversas, jogos de baralhos, filmes imaginários e até festas permitiam que os presos mantivessem sua saúde mental. Aí aprendeu como tinha de agir no tratamento a doentes mentais: a prisão foi sua grande escola de terapêutica ocupacional. Os colegas presos políticos e os presos comuns foram os professores. Graciliano narrou que Nise o auxiliava muito a aguentar os pesadelos do encarceramento, “as conversas boas de Nise afugentavam-me a lembrança ruim. A pobre moça esquecia os próprios males e ocupava-se dos meus” (idem, p. 515). Esta faceta de terapeuta de Nise ficou imortalizada em *Memórias do Cárcere*: “Nise ria. Considerava-me um dos seus doentes mais preciosos” (idem, p. 508).

O maior professor dessa terapêutica ocupacional que Nise aprendeu na prisão foi o velho Graciliano Ramos, descrito assim por ela (1954):

Na Casa de Correção, onde o conheci de perto, Graciliano vivia a cadeia arbitrária na maior serenidade. Nunca o vi inquietar-se sobre a possível hora da liberdade. Não se assemelhava a esses viajantes que, no trem ou no avião, se agitam em incessantes movimentos improdutivos e perguntam a cada instante: “Quando chegaremos?”

Graciliano parecia um velho embarcadouro que não se importasse se o porto de desembarque estava perto ou longe. Foi por isso um companheiro ideal de prisão. A mim ajudou muito, e deve também ter ajudado a outros.

Nise passou a ser uma importante personagem nos dois volumes de Memória do Cárcere, mas sua participação inspiradora na obra de Graciliano Ramos não parou por aí.

Graciliano Ramos saiu da prisão no dia 13 de janeiro de 1937 e logo passou a escrever um livro infantil para um concurso do Ministério da Educação. Deu o nome de *Terra dos Meninos Pelados*, no livro tinha a princesa Caralâmpia inspirada em Nise e no seu apelido de infância dado pelo pai para marcar o poder de imaginação da menina. Graciliano ganhou o concurso promovido pelo Ministério da Educação e Caralâmpia passou a figurar no imaginário de muitas crianças pelo mundo afora.

Nise da Silveira saiu da prisão no dia 21 de junho de 1937. Diferente de Graciliano, estava sem emprego e não sabia fazer nada que pudesse dar um sustento; a ajuda de Mário Magalhães, de Zóila e de sua mãe foi decisiva neste período de sua vida.

Minha mãe tinha vindo para cá, e foi avisada. Estava lá na sala do diretor me esperando. Eu saí com minha mãe, fui para um hotel. O hotel OK na Rua Senador Dantas, nem sei se existe ainda. Tomei banho, troquei de roupa e fui pra casa da Zóila, em Santa Teresa.

Na casa de Zóila, Mário a esperava, não se viam, nem se comunicavam fazia um ano e 4 meses, pois Mário tinha arrumado um emprego público e uma carta de uma presa política poderia arruinar a sua situação. Em suas entrevistas, refere-se pouco a Mário Magalhães com quem casou poucos anos depois, foram anos difíceis para Nise que ficou marcada, não podendo voltar ao seu emprego como psiquiatra no serviço público; a alegação era que “pertencia ao ciclo de ideias que incompatibilizam com o Serviço Público”.

Sem emprego, mas com mania de liberdade:

Foi uma vivência muito marcante. E eu fiquei muito com a mania de liberdade. Depois eu tomava um bonde ao acaso, ia até o fim da linha e voltava. Descia, tomava ao acaso

outro bonde. (risos). Havia uma série de bondes que saíam da Praça Tiradentes e eu via um bonde chamado “Alegria”, eu dizia, “é nesse que eu vou!”

Era um lugar horrível, uma localidade. Mas eu dizia: “se eu quiser, eu desço aqui no meio do caminho, desço. Não tenho obrigação de ir no final”. Então eu tinha muito esse sentimento de poder fazer o que quisesse. Saí muito com esse sentimento. Dona do meu nariz. Mas o bonde da Alegria que não tinha nada de bonito, mas o nome me tocou e eu entrei no bonde e fui. E em outros bondes também. Outros que eu descia num ponto qualquer, pra passar pra outros.

Ficou desempregada, quem pagava todas as contas era seu primo e companheiro Mário Magalhães da Silveira. Nise falou que eles moravam “juntos e não juntos” e que sempre achou “muito difícil a convivência no casamento”. “Mário tinha o temperamento muito forte e eu também tinha. Ele era um socialista sem dúvida, apesar de nunca ter entrado para o Partido. Mas tinha uma visão socialista do mundo. Aí nós nos aturávamos bem” (Silveira, 1992).

Nise e Mário ficaram um tempo morando na casa de um irmão de Mário no Rio e depois Mário foi para a África durante o período do início da II Guerra Mundial. Mas antes, com o endurecimento do regime de Vargas, Nise da Silveira passou um período difícil ameaçada por uma segunda prisão. Mário comprou passagens de barco para Nise e para sua mãe, Dona Nazinha foi para Maceió e Nise ficou na Bahia. Ao chegar, Nise ficou numa pensão.

Não me sentia bem ali e via que não ia me aguentar lá por muito tempo. Então fui visitar as Mangabeira, parentas do Francisco Mangabeira Filho, meu companheiro de prisão, que a gente chamava de Chiquito. Elas moravam numa casa magnífica. Me acolheram muito bem. Antes eu tinha recebido na pensão um telegrama de meu advogado no Rio, Evaristo de Moraes, o pai, que me pedia para voltar ao Rio, onde seria presa mas solta em seguida. Ele me garantia isso. Eu, porém não estava disposta a me deixar prender voluntariamente e não voltei. Pus as Mangabeira a par da situação e elas me disseram: “Não se preocupe, nós vamos esconder você, num lugar onde eles não vão lhe achar”. [...] Lembro da data em que elas me esconderam, 23 de outubro.

Fiquei num lugar no interior da Bahia, mas sob a condição de não mencionar isso para ninguém. Dei minha palavra de honra de nunca revelar isso (Gullar, 1996, p. 45).

Mais detalhes desse tempo que passou na Bahia ajudam a entendermos também como ia criando seus mitos pessoais, suas histórias, verdadeiras ontologias sobre a memória da sua vida:

Eu usava um nome suposto e teria sido levada àquela casa do interior da Bahia para convalescer de doença grave. Os moradores dessa casa eram pessoas simples e bondosas. Certo dia, uma jovem da família que me hospedava, olhando um relógio, tipo despertador; colocado sobre uma velha mesa, disse:

- Eu tenho tanta vontade de saber as horas, mas nunca aprendi...
- É fácil, disse eu, tomando nas mãos o relógio. E fui fazendo girar, lentamente, os ponteiros, ensinando à moça a leitura de minutos e horas.

De repente ela me diz:

- Fulana, que coisa engraçada, você tem um jeito de médico nas mãos...
- Fiquei assustada. Teria chegado até ali alguma informação que servisse para identificar-me? (Silveira, 2008, p. 269)

Baseado neste fato da sua vida, Nise criou uma hipótese para explicar a intuição da jovem baiana:

Olhei minhas mãos magras, o timbre de Asclépio? Todo médico traria consigo, indelével, em menos ou maior extensão, este timbre? Alguns encarnariam totalmente o arquétipo personificado em Asclépio (idem, p. 269 - 270)

Nesta época, Mário Magalhães fazia constantes viagens para o front de guerra em Dakar, capital do Senegal, onde fazia o controle sanitário de vetores da malária nos aviões americanos. Sanitaristas brasileiros e americanos tratavam de estabelecer barreiras contra a penetração do mosquito transmissor da febre amarela. Para suas missões na África, Mário foi

incorporado ao exército dos Estados Unidos com a patente de oficial superior, a qual Mário referia-se em tom de troça como “brigadeiro do ar condicionado” (Silveira, 2005, p. 17)

Receoso em deixar Nise desamparada, propôs casamento. Casaram-se em 8 de novembro de 1940 no Recife. Nise contou que perambulou pelo nordeste nesta época, tendo passado por Pernambuco, Sergipe e Alagoas, alguns dos locais que Mário teve atuação profissional (Mello, 2006).

Nos primeiros anos da década de 1940, viveram na região Norte do país, na cidade de Manaus, onde Mário foi Delegado Federal de Saúde. Durante este período Nise leu muito, aprofundou-se na leitura do filósofo Spinoza, com quem descobriu a ligação entre matéria e energia, a unicidade presente em todas as coisas. Foi uma transformação na sua vida. Ela estava pronta para maiores desafios (Silveira, 1995b).

Com a onda de redemocratização do país, Nise da Silveira reassumiu¹⁴ seu posto de psiquiatra, agora no Centro Psiquiátrico Nacional, no bairro do Engenho de Dentro. Tomou posse do cargo no dia 17 de abril de 1944.



Figura 11 - Nise no Centro Psiquiátrico Nacional, na década de 1940. Acervo fotográfico MII. Mello (2006)

¹⁴ Nise contou com a ajuda de Barros Barreto, diretor de Saúde Pública da época. Mário Magalhães despontava como um importante sanitarista brasileiro e era bem relacionado em alguns círculos de poder.



Figura 12 - Foto de Nise da Silveira na década de 1940 no Centro Psiquiátrico Nacional, quando ela é reintegrada ao Serviço público. Acervo MII. Mello (2006).

5 A terapia mestiça

Palavras e ideias viajam pelo mundo no tempo e no espaço. A palavra ocupação tem sua raiz na Antiguidade. A origem é latina, *occupationis*, impregnada do sentido bélico característico das ocupações territoriais do império romano. Este sentido é o que se difundiu no entendimento desta palavra em Portugal e no Brasil.

A terapeuta ocupacional Jô Benetton (2010, p. 34), criadora do Método de Terapia Ocupacional Dinâmica, divide a história da fundação dessa profissão em três períodos.

- O primeiro período, que remonta à própria história do homem e suas crenças, e se estende até o desenvolvimento das especialidades médicas.
- O segundo período histórico começa em 1900 e se estende até nossos dias, tempo da fundação da profissão.
- O terceiro, tem início em 1946 e como tudo que é humano se estende até hoje: o tempo de vigência do programa de reabilitação.

Precisamos entender que estes três períodos históricos podem coexistir em práticas atuais; isto acaba gerando muita contradição como se vê nos atuais currículos de cursos de terapia ocupacional que misturam teorias e técnicas de todos estes períodos, muitas vezes propondo uma prática que é embasada em várias teorias antagônicas. Esta ferramenta é útil para analisarmos várias situações em que temos fatos relacionados à profissão de terapia ocupacional.

Nise da Silveira falava assim da história da terapêutica ocupacional (Mello, 2009, p. 50):

Pinel, no século XVIII, dizia que a atividade da terapêutica ocupacional é velha como o mundo. Já naquela época ele fazia uma terapia ocupacional, não com esse nome, evidentemente, esse nome é coisa de americano. Mas o doente sem nenhuma atividade, dizia ele no século XVIII, modifica-se imediatamente no ambiente hospital e é poderosa a influência desse ambiente no doente.

A origem do uso terapêutico da atividade é muito antiga remonta a culturas milenares. Em ancestrais manuscritos ocidentais e orientais que sobreviveram à ação dos séculos encontramos referências à crença de que a ocupação na forma de exercícios, recreação, divertimento podiam ser usadas para melhorar a saúde mental e física, e o bem-estar geral. O médico grego Hipócrates, no quarto século antes de Cristo e posteriormente o influente médico e filósofo romano Galeno em seus escritos recomendavam bons cuidados de enfermagem, banhos, hidroterapia, banhos de sol, passeios, atividades ocupacionais e para os educados: palestras, leitura e o passatempo de atividades criativas (Creek, 2008, p. 4). A terapia ocupacional teve várias denominações, foi chamada de terapêutica ocupacional, praxiterapia, ergoterapia pelos franceses, terapia hiperativa pelos alemães.

Conceitos propostos por Hipócrates e Galeno vigoraram na Europa até o século XVIII. Os dois pensadores falavam de uma base humoral para a loucura. Na Inglaterra havia dois tipos bem diferentes de tratamentos: as pessoas ricas com doença mental eram tratadas em casa ou em “hospícios privados”. Já os “loucos pobres” eram confinados em prisões, casas de trabalhos forçados ou nos poucos hospitais para pacientes pobres como o Hospital de Bethlem, em Londres (idem).

Temos como precursores do tratamento moral, que utiliza a atividade de forma terapêutica no mundo ocidental, o francês Philippe Pinel e o inglês William Tuke.

Pinel foi indicado membro da equipe médica do hospital de Bicêtre em 1794, onde libertou os loucos das algemas e pegemas¹⁵ de suas prisões nas masmorras, introduzindo como forma de promoção da saúde: áreas para caminhada ao ar fresco, limpeza, oficina e trabalho.

William Tuke fundou o *Retiro de York* em 1796 na Inglaterra, com princípios da solidariedade e humanidade e uma proposta comercial; os irmãos Tuke usaram diversos preceitos do tratamento moral no atendimento a doentes mentais.

O mito de Pinel libertando as correntes em Bicêtre e Salpêtrière é tido como o marco inicial da psiquiatria moderna e do uso terapêutico da atividade na medicina ocidental, com a ideia de que a prática de bons hábitos poderia atingir o cérebro e moldar

¹⁵ Eram algemas colocadas nos pés e que não permitiam a locomoção.

uma reabilitação moral. Muitas ações estavam acontecendo em outras partes do mundo nesta época e podemos entender o trabalho de Pinel dentro de um movimento maior que incluía a filantropia, a higiene pública e a medicina moderna que nascia depois da Revolução Francesa.

Em sua viagem através do tempo e dos países, a palavra ocupação assume um novo significado na cultura anglo-saxã. Fazendo uma cronologia do termo *occupation* vemos no dicionário Merrie Webster Unabridged que este termo veio do inglês antigo *occupacioun* que veio do francês *occupation*, que veio do latim *occupatio* adicionando-se o sufixo *ion*, *io* ou *ion*, assim como o verbo *occupy*. O sentido utilizado no inglês para *occupation* - ocupação - na profissão de terapia ocupacional vem do significado da palavra latina *occupationis* com o sentido de cuidar, que foi pouco explorado na língua e na cultura portuguesa. Este sentido de cuidar da palavra *occupationis* tem influências da cultura grega que a usou neste sentido em filósofos pré-socráticos como Heráclito.

Também encontramos um significado inexistente em português, o qual apareceu pela primeira vez documentado em inglês em um texto do escritor, poeta, pintor inglês William Blake intitulado *A Daughter of Heth* trazendo um significado para *occupation*¹⁶ como um jeito de passar o tempo, engajar-se em uma atividade. Este sentido está muito mais próximo de um cuidar do tempo para “aguentar a vida” como podemos ler em um trecho do livro de Blake. Neste livro a personagem principal vai para uma pequena cidade para viver com seu marido, é abandonada, passa um tempo sozinha a criar atividades para suportar o cotidiano e não enlouquecer.

Este é o sentido que está próximo ao significado da criação da profissão e da prática da terapia ocupacional nos Estados Unidos por volta de 1915 - primeira aparição do

¹⁶ Etymology: Middle English *occupacionoun*, from Middle French *occupation*, from Latin *occupation-*, *occupatio*, from *occupatus*, past participle of *occupare* to take possession of, occupy, employ +-ion, [...] An activity in which one engages: a way of passing the time – Declared she had always plenty of occupation for herself while he was away – William Black - *A Daughter of Heth*. <bathing or loafing on the beaches are obviously a major *occupation* hereabouts -- Ann Panners> **b** : the principal business of one's life : a craft, trade, profession or other means of earning a living: **EMPLOYMENT, VOCATION** <his *occupation* is farming> <has gone from one *occupation* to another without settling down to any> <writing has been his *occupation* for many years>

termo com este significado, segundo o dicionário Merrie Webster. A profissão foi criada por um grupo de profissionais que estudavam Higiene Mental; eles entenderam que cuidar do tempo criando atividades para enfrentar o cotidiano era uma ideia muito boa e contribuía para reabilitar pessoas que sofriam de doenças mentais, traumas de guerra e perda de funções físicas.

Quando a palavra *ocupacional* é traduzida para a língua portuguesa com o sentido *terapia/terapêutica ocupacional*, cria-se uma confusão devido aos outros entendimentos da palavra *ocupação* com o sentido ligado ao trabalho¹⁷ e ao sentido de ocupações militares.

Assim o entendimento do termo e da profissão de *terapia ocupacional* usado por Eleanor Clark Slagle e William Rush Dunton Jr. como cuidar do tempo foi deturpado no Brasil. Uma das precursoras da profissão no Brasil, Nise da Silveira, dizia que o termo *terapêutica ocupacional*¹⁸ soava pesado como um paralelepípedo.

Desvelada a confusão etimológica da palavra *ocupação*, voltemos para a história da terapia ocupacional no Brasil. Os livros e manuais de terapia ocupacional trazem a data de 1956 como marco da fundação da profissão no Brasil num esforço humanitário da nascente Organização Mundial de Saúde para trazer civilidade para os países do sul, com uma formação ligada à reabilitação física e parte integrante do Movimento de Reabilitação. Alguns autores lembram dos cursos de treinamento de formação de auxiliar de praxiterapeuta realizados no final da década dos quarenta do século passado pela doutora Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro na cidade do Rio de Janeiro (Cavalcanti, 2007, p. 7). Todavia a história que contaremos será mais de um século anterior a esta data.

¹⁷ A Revolução Industrial na Inglaterra também emprestou este termo para denominar a ocupação do tempo dos operários pelo trabalho nas fábricas, com relatos de até 18 horas de trabalho diário.

¹⁸ Nise da Silveira sempre traduzia occupational therapy por terapêutica ocupacional.

Os primeiros registros nacionais do uso de atividades como meio de tratamento para doentes mentais são do ano de 1837 na tese de doutorado¹⁹ *Considerações Geraes sobre Alienação Mental*, apresentada pelo Dr. Antonio Luís da Silva Peixoto à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesta tese Peixoto (1837, p. 31) conta que o auxiliar prático dele de nome Sr. Dr. Cardozo “quando estabeleceu nesta côrte hum hospital particular, tambem recebia doentes affectados da loucura, e este pratico tinha hum jardim bem plantado que servia de recreio aos alienados, do que colhia vantagens”.

Peixoto (1837, p. 28) fez uma revisão nos conceitos de tratamento moral preconizado por Pinel e Esquirol e explicitou as bases do tratamento proposto pelos alienistas franceses:

Para curar a alienação mental, ò medico põe em pratica dous meios de tratamento: hum consiste em obrar directamente sobre o cerebro, isto he, modificar o orgão pelo exercicio mesmo de suas funções; he este tratamento chamado intellectual ou moral: o outro obra indirectamente, e he fornecido pela therapeutica, he este o tratamento physico ou medico propriamente dito.

O autor de uma das primeiras teses feitas no Brasil sobre a loucura explica os três princípios fundamentais do tratamento moral, como era entendido na época:

- 1.o, não exercitar as idéas ou paixões dos doentes no sentido do seu delírio;
- 2.o, não combater directamente suas idéas e opiniões erroneas, pello raciocinio, contradicção, gracejo ou gritaria.

¹⁹ É interessante lembrar o ritual para colação do grau de doutor em medicina no período monárquico no Brasil:

O doutorando, de joelhos, põe a mão sobre um livro dos Santos Evangelhos e profere o seguinte juramento: “Juro aos Santos Evangelhos que no exercício da Medicina serei sempre fiel aos deveres da honra, da ciência e da caridade”. O doutorando levanta-se, e, pondo a mão sobre as obras de Hipócrates, continua: “Prometo sobre as obras de Hipócrates que, penetrando no interior das famílias, os meus olhos serão cegos, e minha língua calará os segredos que me forem confiados; nunca na minha profissão me servirei para corromper os costumes, nem para favorecer o crime (Engel, 2001, p. 208).

3.o, procurar fixar sua atenção sobre objectos estranhos ao delirio, e communicar a seu espirito idéas e affectos novos por impressões diversas.

[...] Pelo terceiro, procura-se distrahir seu espirito por differentes meios, taes como o exercicio e trabalho, leituras, conversações, etc. He por isso que muito convém empregar os alienados em differentes officios e occupações.

É interessante que Peixoto (1837, p. 34) discutiu os efeitos da música nos alienados mentais e disse que alguns autores afirmavam que a música “pode produzir efeitos saudaveis sobre os alienados; mas, ella deve ser empregada conforme as inclinações do doente, por isso que, se póde servir de cura a alguns loucos, não he menos certo que a outros agrava o mal”. O autor salientou que Esquirol não percebeu efeitos benéficos com a música. Ele ponderou que assistir espetáculos de arte pode ser um meio terapêutico no tratamento da alienação mental, mas afirma que autores modernos declaravam-se contrários a este meio. Lembrou que Esquirol percebeu que a moléstia de alguns de seus doentes se agravava ao assistir um espetáculo de ópera.

Depois dessa revisão das práticas pelos médicos franceses, Peixoto (1837, p. 40) explicitou como era a prática na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, além dos tratamentos medicamentosos e físicos; o médico italiano Luiz Vicente de Simoni applicava o que entendia por tratamento moral:

A camisola de força, prisões em quarto fechado, a do pé no tronco para os que as duas primeiras não podem conter, algumas vezes a diminuição da comida são os meios repressivos de que póde fazer uso. Quanto ao moral, o Sr. de Simoni diz que procura conversar com elles, interrompel-os com perguntas destacadas e alheas do objecto do seu delirio: quando elles se queixão do estado de violencia em que se achão, procura sempre fazer-lhes crer que pratica isto obrigado por huma autoridade superior, com a qual luta para beneficial-os e fazer-lhes as vontades. Elle nos disse que com este methodo, apesar de mesquinho e forçosamente imperfeito, muitos se têm curado.

Peixoto (1837, p. 40) finaliza sua tese com um panfleto em defesa dos alienados que sofriam punições e privações nos subsolos da Santa Casa onde eram internados:

Não podemos concordar com o meio de repressão adoptado pelo Sr. Dr. de Simoni em fazer metter os doudos no tronco: além de importar isso a exasperal-os mais, tem ainda o inconveniente de fazel-os perder o estímulo: nem se diga que elles não estão em estado de poder avaliar os actos de degradação que com elles se pratica, porque, apesar do dessaranjo de suas faculdades intellectuaes, elles têm a consciencia de si e do que os cerca. Sabemos que he talvez a lei da necessidade que leva o Sr. Dr. de Simoni a usar de semelhante meio, por isso que o estabelecimento não offerece proporções algumas para pôr em pratica outros mais doceis e racionaes: forão estas considerações que nos levárão a fazer algumas reflexões a este respeito em outro lugar. Esperemos que o tempo depara huma melhor sorte aos doudos no nosso paiz!

Podemos ter uma imagem das condições destes doentes, lendo a descrição que uma comissão nomeada pela Câmara do Rio de Janeiro para visitar o hospital:

[...] em uma sala, a que chama xadrez, por onde passa um cano que conduz as imundices do Hospital. Aqui vimos uma ordem de tarimbas, sobre que dormem aqueles miseráveis, são mais nada do que algum colchão podre, algum lençol e travesseiro de aspecto hediondo: também vimos um tronco, que é o único meio que há de conter os furiosos [...] Há alguns quartos em que metem os mais furiosos em um tronco comum, deitados no chão, onde passam os dias e as noites, debatendo-se contra o tronco e assoalho, no que se ferem todos, quando ainda não vem outro, que com eles esteja e que os maltrate horivelmente com pancadas.

O Dr. Sigaud em um relatório de 1835 define assim o lugar ideal para abrigar os alienados:

espaçoso, arejado, no meio do campo com ruas d'árvores para o livre exercício dos doidos e com água corrente para banhos frios, que são de tanta necessidade no curativo

da loucura! Ali não há prisões, nem pancadas, nem divertimento para os visitantes ou curiosos: há pelo contrário vigilância ativa e inteligente de guardas fiéis, sob a direção de médicos caritativos. O tratamento dos maníacos no Hospital de Misericórdia é uma obra de misericórdia, e nós reclamamos uma obra de filantropia (Sigaud in Engel, 2001, p. 191)

É nesse clima de superlotação e dificuldades que José Clemente, médico, provedor da Santa Casa de Misericórdia; propôs num relatório a criação de um hospício no dia 25 de julho de 1840: “não sei que espírito de providencia me inspira, a chacara do vigario geral ha de um dia converter-se em hospicio de alienados”. Em 15 de julho de 1841 José Clemente formaliza o pedido de criação do hospício por meio de um ofício ao ministro do Império, o Sr. Candido José de Araujo Vianna. Nesta época o Rio de Janeiro estava sendo assolado por uma epidemia de febre amarela e a presença de uma grande concentração de loucos no subsolo da Santa Casa não era desejada.

No dia 18 de julho de 1841, dia da sagração e coroação de D. Pedro II, o decreto número 81 cria o Hospício de Pedro II, que no dia 6 de agosto ficou sob a responsabilidade do hospital da Santa Casa de Misericórdia, como um anexo do mesmo. A pedra fundamental do hospício foi lançada no dia 3 de setembro de 1842, num terreno doado da chácara da capella da praia Vermelha. A construção do edifício teve suas custas cobertas por uma série de loterias concedidas pelo imperador.

Ainda em 1841, poucos meses depois do decreto, foram removidos nove alienados para instalações provisórias situadas na chácara do Vigário Geral, o médico Dr. José Martins da Cruz Jobim foi nomeado primeiro médico dessa seção isolada (Engel, 2001, p. 201 - 202).

Em 1844 José Clemente, sob as custas do imperador, enviou o médico Dr. Antonio José Pereira das Neves chefiando uma comissão que tinha mais dois médicos para estudar as condições dos hospitais de alienados na França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Bélgica e Portugal. Encontramos dois relatórios em que Neves descreve a situação dos hospitais de alienados na França e onde podemos ter ideia de como se deu a influência francesa na utilização de atividades como meio terapêutico.

Primeiramente é necessário entender que o tratamento era diferenciado e os doentes das classes mais abastadas da sociedade não se ocupavam de trabalhos manuais, nem mesmo da jardinagem, sua terapia nos hospitais franceses eram jogos de bilhar, cartas, gamão, xadrez e outros, além de passeio fora da casa, acompanhados pelos enfermeiros. Os doentes das classes pobres se ocupavam do trabalho e de todo tipo de atividades manuais.

Vejamos alguns trechos nos quais Neves (1847/48, p. 292), com seu estilo detalhista, apontou a importância do emprego do trabalho e de atividades de forma terapêutica:

Mr. Falret²⁰, reconhecendo, com a maior parte dos medicos de alienados, que o emprego do trabalho é um grande meio therapeutico, e não tendo à sua disposição bastantes salas para divisão de suas alienadas em diferentes trabalhos, pretende obter da administração dos hospitaes a transformação daquellas varandas de gradil em officinas de trabalho, afim de poder repartir as alienadas em pequenas porções, para melhor se obter a tranquillidade.

Neves (1847/48, p. 292), em visita a um hospital de alienadas, explica no relatório que uma “*therapeutica mental*” consiste no poder de persuasão do médico sobre a alienada convencendo-a que sua moléstia é um desarranjo da razão. Ele conta como o médico francês agia: “que fazeis é acção de uma mulher que perdeu a razão, eis o que convém que façais agora para conseguir o juizo”. O médico brasileiro comparou as doentes a “*grands enfants*”, grandes crianças, em que o manejo de punição e recompensa podia ter grande influência no seu tratamento.

A falta de ocupação é tudo quanto ha de mais pernicioso para o alienado, porque augmenta o seu estado de infelicidade. Distrahindo-os com divertimentos ou trabalho impede-se que se entreguem á impetuosidade de suas idéas falsas e actos

²⁰ H. Falret foi um importante alienista francês, escreveu a tese “De la Construction et de l’organisation des établissements d’aliénés. Paris. Ed. J. B. Bailière, 1852, 91 - Thèse Mèd. Paris. 1852. n. 177. Nesta tese Falret discute os problemas encontrados nos asilos franceses e faz uma revisão nos autores franceses e estrangeiros que falam sobre o tema (Longin, 1988, p. 84).

desordenados; rompe-se, por assim dizer, a cadeia de seu delírio: uma vez isto obtido podem-se crer arrancados do seu inimigo. Quando o trabalho não tivesse senão este único resultado, de certo seria um meio útil, e bemfazejo, para que o médico encarregado do tratamento de alienados não o empregasse conjuntamente com os outros meios terapêuticos. Em conclusão, todo e qualquer meio que tem por fim distrahir o alienado, é bom e aproveitável; a dificuldade, porém, está em bem distinguir que espécie de distração ou trabalho convém melhor a certo e determinado carácter dos alienados, e à sua alienação; por quanto é fóra de dúvida que um tal meio de entretenimento adoptado para uns será nocivo para outros.

No texto acima podemos ver que o médico Antonio José Pereira das Neves estava convencido dos benefícios do uso do trabalho e de atividades de modo terapêutico. As observações que ele fez em seu relatório marcaram a terapêutica que viria a ser implementada no Hospício de Pedro II, alguns poucos anos depois.

Um detalhe interessante no relatório de Neves (1847/48, p. 293) foi sua observação das atividades educativas no hospício de Salpêtrière em uma sala que tinha um piano e um órgão que duas vezes por semana eram usados para aulas de canto.

Mr. Falret emprega muitos e variados meios de entreter suas doentes intellectualmente, fazendo exercer-lhe aquellas das faculdades, que ainda existem perfectas, e rehabilitando as outras que se acham affectadas. Foi nestes exercicios escolares, que tive occasião de avaliar os esforços, zelo e paciencia do habil professor de que trato, quando insistia com uma alienada para decorar uma fabula de La Fontaine ou um acto de qualquer drama. [...] Mr. Falret instituiu em sua divisão de alienados tranquilladas uma escola onde ensina a ler, escrever, contar, declamar, e cantar. [...] O ensino mutuo é o systema seguido.

Ele conta que viu também em Bicêtre o mesmo tratamento com *idiotas*, denominação dada na época aos deficientes mentais. Cabe salientar que no primeiro estatuto do Hospício de Pedro II, os deficientes mentais estavam excluídos da entrada na instituição.

Neves (1847/48, p. 293) narrou mais detalhes destas aulas ocorridas dentro do hospício de Salpêtrière:

Muitas vezes ouvi alienadas repetirem com acerto, e mesmo com emphase, algumas das excellentes fabulas de La Fontaine; recitarem de cór alguns actos das comedias de Molière, por exemplo o tartufo; entreterem-se com dialogos apropriados entre duas e mais alienadas de uma maneira muito agradavel. A' estes exercicios seguia-se a cantoria: canções e romances, de que são tão ferteis os francezes, eram cantados e muito applaudidos pelo auditorio das alienadas. Devo dizer que tambem assisti muitas vezes, no serviço de Mr. Baillarger, á reuniões semelhantes de canto e musica, onde se achavam reunidas mais de metade de alienadas dementes, que coziavam, fiavam, ou teciam meias.

O médico brasileiro utilizou estas observações para fazer a proposta de um hospício em que o uso das atividades como meio terapêutico seriam o centro do tratamento a ser usado. Podemos perceber isto nas suas palavras:

O que acabo de referir, sem a menor exageração, deve ser lido com interesse, porque é inteiramente desconhecido entre nós, onde infelizmente se tem tratado os alienados com desprezo, senão com reprehensivel abandono e incuria; praza aos Ceos que este triste estado dos nossos infelizes doudos se termine quanto antes com a desejada abertura do magnifico Hospicio de Pedro 2º (idem).

A construção do Hospício de Pedro II durou mais de uma década. E como podemos notar na descrição abaixo, a influência europeia é nítida, com a construção de um “Palácio da Loucura”.

Ergue-se o hopicio de Pedro II na praia Vermelha, outr'ora praia de Santa Cecilia, em uma superficie de 1,562 braças quadradas. O portico revestido de cantaria, apresenta uma escadaria de dez degãos; quatro columnas de pedra com papiteis doricos sustentão uma balaustrada de marmore, havendo entre as columnas tres portas. Ha no segundo

pavimento quatro columnas de ordem jonica, coroando o corpo um frontão recto, e ornando o tympano as armas imperiaes trabalhadas em marmore ; entre as columnas abrem-se tres janellas. Os corpos lateraes constão de vinte janellas de peitoril no primeiro pavimento, cuja architectura é da ordem dorica do thatro de Marcello em Roma, e de vinte no segundo pavimento, que é da ordem jonica sob o systema do templo de Minerva Poliada na Grecia ; treze janellas têm sacada de grades de ferro e sete são de peitoril. Todas as janellas são de archivolta e guarnecidas de varões de ferro. Um attico, ornado de estatuas e vasos de marmore, occulta o telhado do edificio. Nas faces lateraes ha treze janellas em cada pavimento, tendo sete janellas do segundo paviemnto sacadas de grades de ferro ; na face do fundo veem-se quatro torreões com tres janellas em cada andar, ligando os torreões corpos de um só pavimento com seis janellas de peitoril. No centro do edificio eleva-se a capela.

Deu o desenho deste monumento o engenheiro Domingos Monteiro, excepto o do portico que é do engenheiro Guilhobel, e o engenheiro José Maria Jacintho Rebello modificou o plano primitivo (Azevedo, 1877, p. 388 - 389).

Em 30 de novembro de 1852 o edifício foi abençoado e cinco dias depois deu-se a inauguração do Hospício de Pedro II, com a presença do Imperador Pedro II e com orquestra regida por Francisco Manoel da Silva. A cerimônia teve discursos de José Clemente e de Cruz Jobim, diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro na época. Seguiu-se uma “delicada refeição” preparada pela irmandade da Santa Casa de Misericórdia (idem, p. 388).

O jornal *Marmota Fluminense* de 10 de dezembro de 1852 noticiou a inauguração do Hospício de Pedro II como um grande triunfo das ideias filantrópicas que colocava o Rio de Janeiro no caminho dos progressos materiais, marcando uma era notável na civilização do país, salientando que o Senador José Clemente Pereira nunca deixará de ser lembrado pelos brasileiros (Engel, 2001, p. 201).

O cuidado com as salas de leitura, de modelagem, pintura, costura é documentado em fotos de por volta do meio do século XIX e no texto escrito pelo Dr. Manoel José Barbosa, primeiro diretor do Hospício de Pedro II e criador das oficinas de trabalho e artesanias (Azevedo, 1877, p. 393).

Aos lados do hospício estão as casas das oficinas dos doudos, creadas em 27 de janeiro de 1854 por solicitação do Dr. Manoel José Barbosa. Constão essas casas de uma porta e quatro janellas de peitoril, tendo um frontão recto e um oculo no tympano. Estão de um lado as oficinas de sapateiro, alfaiate, marceneiro, florista, e de desfiar estopa, que são as dos homens, e do lado opposto a lavanderia com machinas a vapor, sala de engommado sendo estes serviços feitos pelos alienados, que lavão e engommão a roupa do hospital.

Quando crearão-se as oficinas de alfaiate e sapateiro havia no hospício sete sapateiros e cinco alfaiates, e havendo tambem quatro musicos, ordenou o provedor José Clemente que se comprassem uma rabeca, uma flauta, uma clarineta e uma requinta com meio de distracção, e talvez de cura .



Figura 13 -
Sala de Costura, prédio
anexo ao Hospício de
Pedro II - século XIX
Acervo do Instituto
Municipal Philippe Pinel



Figura 14 - Foto de três
músicos internados no
Hospício de Pedro II, século
XIX. Exposição Memórias
da Loucura
Centro Cultural da Saúde -
IPHAN

Os produtos destas oficinas eram expostas numa sala no segundo pavimento, onde também existia a sala de costura, eram vendidos produtos “como flores de panno, cestas de contas etc” (idem).

Quanto à biblioteca do Hospício de Pedro II, pode-se conhecê-la por um relato feito pelo escritor brasileiro Lima Barreto (2004, p. 81 - 82) que foi internado já no início do século XX neste estabelecimento.

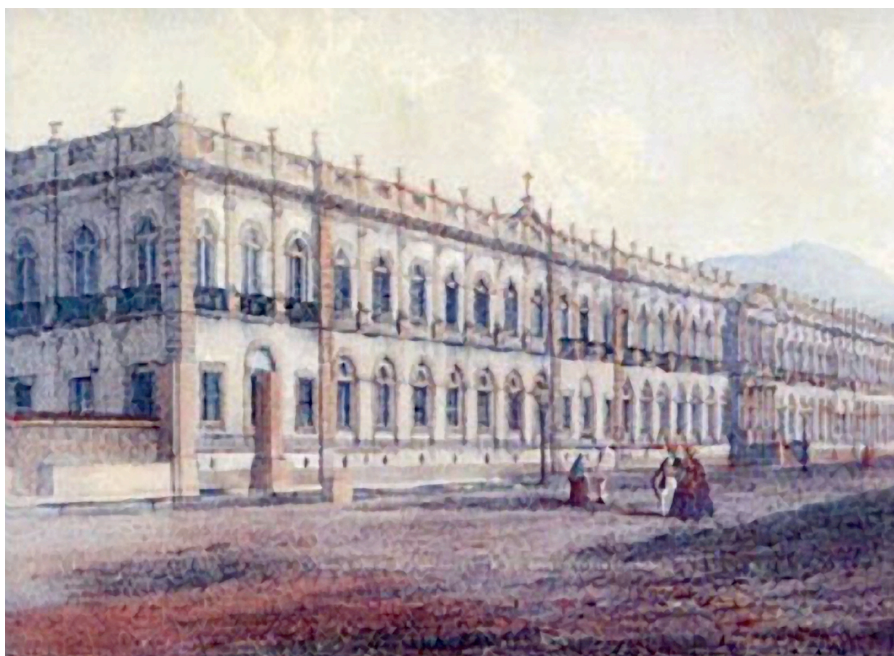
O hospício tem uma biblioteca; antigamente, isto é, há cinco anos, quando aqui estive, estava nos fundos da secção, em uma pequena sala. Tinha uma porção de livros, até um Dostoievski lá havia e um excelente dicionário das literaturas, de Vapereau, que eu lia com muito agrado; atualmente, porém conquanto tenha pequenas mesas, meia dúzia, próprias para ler e tomar notas, duas cadeiras de balanço e duas espécies de divãs, estas últimas peças já existiam, não possui mais a mesma quantidade de livros e a frequência é dos delirantes, que lá vão dar pasto a seu delírio, berros, gritos, fazer bulha com as cadeiras sobre o assoalho, não permitindo nenhuma leitura.

Há ainda livros curiosos que eu queria ler, mas não é possível absolutamente. Vi uma obra em dois volumes sobre finanças de Cobert, Félix Joubreau, que me tentava lá; vi um Daniol, História das Classes Rurais na França, que devia ser interessante apesar de um pouco antigo; vi o romance de Pedro, o Grande, de Merejkovski; um Bohème Galante, de Gérard de Nerval: mas não me animei a ler. Às vezes para variar, ia até lá e pegava ao acaso um volume da Biblioteca Internacional de Obras Célebres e lia. Foi aí que me ofereceu pela primeira vez o ensejo de ler uma carta de Heloísa e a biografia de Abelardo, por Lewis, o célebre biógrafo de Goethe e amante não menos célebre de George Eliot.

O lugar era cômodo e agradável. Dava para a enseada, e se avistava doutra banda Niterói e os navios livres que se iam pelo mar em fora, [...] Às vezes, lendo, eu me punha e vê-los, com inveja e muita dor na alma. Eu estava preso, via-os por entre as grades e sempre sonhei ir por aí afora, ver terras, cousas e gentes...

Vários viajantes estrangeiros citaram a imponência do prédio, na época o maior da cidade. O paleontólogo americano Louis Agassiz e sua esposa Elizabeth Agassiz registraram impressões do Hospício de Pedro II:

À medida que subíamos a espaçosa escadaria, um som de música nos guiava em direção à porta da capela, onde estavam sendo realizados os serviços da noite. Pacientes e enfermeiras achavam-se ajoelhados juntos; um coro de vozes femininas cantava suavemente um tipo de música calma e apaziguadora; aquele canto de certa forma monótono, impassível em seu movimento regular, que se costuma ouvir na Igreja Católica; as velas achavam-se acesas diante do altar, mas a enorme janela logo do lado de fora da porta estava aberta para o sol poente, e, enquanto permanecia na sacada observando as montanhas e ouvindo a música, ocorreu-me o pensamento de que uma mente que tivesse se extraviado poderia encontrar seu caminho de volta diante de cenas como aquelas e sob tais influências. Se a natureza detém o poder de curar, certamente deve manifestá-lo aqui (Agassiz, 1868, p. 81 - 82).



*Figura 15 - Litogravura do Hospício de Pedro II - Século XIX
Victor Frond. Arquivo do Fórum de Ciência e Cultura - UFRJ*

Um curioso hábito do cotidiano dos habitantes do Rio de Janeiro nos anos de 1870 eram passeios dominicais no prédio e jardins do hospício. Esta prática era estimulada cientificamente pelos médicos responsáveis pela instituição. Em discurso pronunciado no dia 30 de junho de 1878 o Dr. José Pereira Rego, baseado nas concepções de H. Falret.

Se a presença dos parentes e dos antigos conhecidos irritava os alienados, estimulando seus delírios, o contato com os “visitadores ordinários” e com os “visitantes em particular”, preenchia “o sentimento mais inerente à natureza humana, o sentimento de sociabilidade”, constituindo-se “distração agradável em um asilo, onde tudo é submetido as regras, senão severas, pelo menos uniformes” (Engel, 2001, p. 204).

O escritor brasileiro Raul Pompéia também narra este fato em uma crônica publicada no Diário de Minas, de Juiz de fora, em 19 de maio de 1889 (idem):

No domingo, abriram-se à visitação do público as portas do Hospício de Pedro II. A afluência foi considerável como em todas as visitas de hospitais, espetáculos de sofrimento a que o povo transporta a sua curiosidade, com uma pontinha de ânimo perverso, que vem do circo romano, no caráter latino.

A população internada no Hospício de Pedro II era dividida em 7 categorias (idem, p. 222):

Pensionistas de 1ª classe.

Pensionistas de 2ª classe.

Pensionistas de 3ª classe (livres).

Pensionistas de 3ª classe (escravos).

Indigentes (livres).

Indigentes (libertos).

Indigentes (escravos).

Na época de Pinel também era possível observar tal divisão. É a própria Nise da Silveira (Hirszman, 1986) quem conta uma história sobre o funcionamento do hospício na época de Pinel:

Pinel foi mandado no fim do século XVIII visitar um hospital na Espanha, chamado Urbi Orbe, onde ficavam doentes de todas as categorias. E ele então fez um relatório quando ele veio da Espanha pra França. Antes da grande reforma que ele fez. Lá a terapêutica ocupacional não tinha este nome horroroso, foi dado pelos americanos. Era a laborterapia, trabalhavam no campo. Então Pinel escreve mais ou menos isso, os [...] nobres, que nobre não pode trabalhar nada, diz assim: vem cá um copo. Não pode buscar um copo da água. Os nobres que ficavam doidos pagavam com a cronicidade de suas doenças, de seus delírios, a sua inatividade. Enquanto os plebeus que trabalhavam no campo curavam muitos deles. Isto é de fins do século XVIII. Porque o livro de Pinel, se não me engano, apareceu em 1803.

Com a queda do Império em 1889 várias discussões sobre o hospício iniciaram-se. A instituição passou a chamar-se Hospício Nacional de Alienados, perdendo a alcunha do imperador deposto Pedro II.

Machado de Assis em crônica publicada n'A Semana em 1898 emitiu sua opinião.

Tem-se discutido que o *Hospital Nacional de Alienados* deve ficar com o Estado ou tornar à *Santa Casa de Misericórdia*. Consultei a este respeito um doudo, que me declarou chamar-se Duque do Cáucaso e da Cracóvia, Conde Stellaria, filho de Prometeu, etc., e a sua resposta foi esta: - Se é verdade que o Hospício foi levantado com o dinheiro de loterias e de títulos nobiliários, que o José Clemente chamava impostos sobre a vaidade, é evidente que o Hospício deve ser entregue aos doudos e eles que o administrem. O grande Erasmo (ó Deus!) escreveu que andar atrás da fortuna e de distinções é uma espécie de loucura mansa, logo a instituição, fundada por doudos, deve ir aos doudos - ao menos por experiência. É o que me parece! é o que

parece ao grande príncipe Stellaria, bispo, episcopus, papam... O seu a seu dono. (in Engel, 2001, p. 253)

Em um texto de 1905, feito depois de uma visita a uma seção de crianças do Hospício Nacional, Olavo Bilac compara a realidade vivida dentro do Hospício, que ele denomina de Casa da Loucura, com as peripetias de Dante e Virgílio pelos círculos malditos na Divina Comédia; numa lembrança de uma antiga visita que realizou, ele descreve uma verdadeira visita ao inferno: “A Casa era suja e sombria; as enfermarias acanhadas e escuras; os loucos dormiam, ao acaso, atirados pelo chão; as roupas eram velhas e esfarrapadas; a comida era pessima [...]” (Bilac in Amarante, 2000, p. 308). E depois relata uma realidade bem diferente com as reformas feitas pelo Serviço de Assistência aos Alienados no Hospício, mostrando bem a ideologia e o espírito do tempo nos idos do início dos anos de 1900:

D’esta vez, ao transpor o portão do Hospicio, já me não vieram á lembrança os versos de Dante ... Não era de um logar de supplicios que eu sahia, mas de um Sanatorium, de um laboratório de regeneração intellectual e moral.

E, olhando o mar, e as serras, e o céu, e a imensa fachada branca do edificio, estendida ao longa da praia, - cotejei a impressão que me dominava agora com a que dominou ha mais de vinte annos, n’aquelle mesmo sitio, n’uma noite de exaltado romantismo, e com a que sempre me dominára ao sahir das minhas anteriores visitas á casa dos loucos ...

Agora, a Maremma está saneada, - e ha alli dentro homens que curam e salvam outros homens, em vez de haver, como outr’ora, homes guardando e martyrisando fêras...” (Bilac in Amarante, 2000, p. 314).

O psiquiatra baiano Juliano Moreira, responsável pelo Serviço de Assistência aos Alienados, ao qual o Hospício Nacional de Alienados era subordinado, costumava exaltar a importância da terapia ocupacional por meio da ênfase em dois aspectos. O primeiro relacionava-se ao fato de que o trabalho dos internados representava considerável economia para os estabelecimentos do serviço de Assistência aos Alienados, sustentados

pelos cofres públicos. Em segundo lugar, a ocupação regular em atividades diversas proporcionaria distração aos alienados, ao mesmo tempo em que se constituía um importante meio de tratamento físico.

Em 1903, Juliano Moreira implementou a assistência hetero-familiar em que os alienados iam para colônias agrícolas junto com sua família. Adaptou para a realidade brasileira o que presenciou²¹ na cidade de Geel na Bélgica, onde os alienados eram separados da sua família e acolhidos em uma nova família substituta (*forester*). O nível de sucesso da iniciativa belga é até hoje reconhecido no mundo como uma das mais positivas na abordagem psicossocial da esquizofrenia.

Geel é uma cidade que tem aproximadamente 35 mil habitantes na região de Flandres, no norte da Bélgica. No dicionário Van Dale, importante dicionário de holandês, a palavra *geel* significa “*ter doença mental*”. É um local que há mais de 700 anos está ligado com a loucura e com a doença mental (Roosens, 2007, p. 13).

Conta a lenda que apareceu pela primeira vez num documento datado de 1247 que a princesa Dimpna²², filha de um rei irlandês, viveu no final do século VII. Apesar de seu pai ser pagão, ela, através da mãe, foi batizada e professava a fé cristã herdada da mãe. Com a morte da esposa, o rei não encontrando no reino uma mulher com a beleza dela, resolveu casar-se com a filha Dimpna. Quando toma conhecimento do desejo do pai, a princesa foge com ajuda de seu confessor o padre Gerebernus. Chegando a Antuérpia, vão se refugiar no campo, numa cabana, próxima ao vilarejo de Geel, onde mais tarde Dimpna foi descoberta pelo pai e decapitada num ataque de ira e loucura. Conta a lenda que um louco ao ver a cabeça da princesa rolar pelo chão foi curado instantaneamente. Desde esta época existem relatos do afluxo dos mais diferentes tipos de insanos, levados por sua família em busca de uma cura milagrosa para a loucura. Desenvolveram-se penitências,

²¹ O professor Akira Hashimoto da Aichi Prefectural University do Japão, estudioso da influência do modelo psiquiátrico implementado na cidade belga de Geel enviou-me uma documentação pelo correio no ano de 2008 que mostrava a visita de vários psiquiatras brasileiros que coincidiam com a implementação de colônias agrícolas onde os alienados mudavam-se com suas famílias ou com famílias substitutas.

²² A palavra Dimpna é a mais encontrada para designar a santa, que também é chamada de Dymphne e outras grafias semelhantes.

rezas, expiações religiosas, exorcismos, que duravam nove dias e se davam nos quartos dos doentes, uma construção anexa que também leva o nome de *Liber Innocentum* na igreja de Santa Dimpna (Bazzo, 2007, p. 105). Esta cena está retratada em algumas iluminuras e no quadro Sete Pecados Capitais de Bosch, onde representa a Ira.



Figura 16 - Detalhe da pintura *Os Sete Pecados Capitais* de Hieronymus Bosch, 1480, óleo sobre madeira (mesa), 120 x 150 cm. Museu do Prado - Espanha. <http://museodelprado.es>

Durante séculos foi se dando a ligação de Geel com os insanos e desenvolvendo-se um sistema de comunidade que apresentou uma nova forma de tratamento e convívio com a loucura. No Congresso Internacional de Psiquiatria realizado na Antuérpia em 1902, com a participação de especialistas do mundo todo, inclusive do

Brasil, a maioria dos presentes proclamou que a prática desenvolvida em Geel²³ deveria ser reproduzida em muitas outras instituições psiquiátricas pelo mundo afora.

Uma outra influência forte na psiquiatria brasileira foi o movimento mundial da Higiene Mental que teve como precursor Clifford Beers, que no início do século XX escreveu um livro nos Estados Unidos denunciando o tratamento desumano e coercitivo da psiquiatria da época (Ferraz, 1988, p. 35).

Filiada ao Movimento de Higiene Mental americano, a filosofia da atividade de Adolf Meyer forneceu o fundamento do modelo ocupacional, em que se fundou a profissão de terapia ocupacional nos Estados Unidos do pós I Guerra Mundial. A ocupação era vista como uma forma de ocupar o tempo do doente, e o tratamento era considerado bem sucedido quando o paciente se encontrava envolvido com a atividade. Os principais conceitos desenvolvidos por esta terapêutica eram interesse e atenção e eram usados para levar o paciente na direção da atividade e distanciá-lo da ociosidade. As teorias e conceitos da terapia ocupacional eram vistos nas quatro seguintes áreas de tratamento: treinamento de hábitos, oficina curativa, oficina pré-profissionalizante, oficina profissionalizante. William Dunton Jr. um dos precursores da terapia ocupacional afirmava que quando o paciente restabelecia seus hábitos sociais mais apropriados e tinha condições de se concentrar, ele estaria apto a deixar a enfermaria e ser encaminhado à oficina curativa (O'Neill, 1988, p. 2). É bom lembrar que Adolf Meyer, idealizador da terapia ocupacional nos Estados Unidos tinha sérias críticas ao trabalho das fábricas da era do fordismo. Ele falava que o trabalho da terapia ocupacional devolvia ao homem a simplicidade da vida; era disso que ele realmente precisava e não a ilusão do mundo do trabalho propiciada pelo industrialismo da época, a qual colocava cargas excessivas de trabalhos, acima do que os homens aguentavam. Ele propunha uma nova forma de usar o tempo em que as aspirações mais altas do ser humano se misturassem com as necessidades básicas de sobrevivência com o trabalho e o lazer (Meyer, 1922).

²³ A prática das “famílias substitutas” cresceu muito até a época da II Guerra Mundial e depois entrou em decadência, afetada pela modernização e industrialização.

A fundadora da terapia ocupacional americana Eleanor Clark Slagle fala em uma entrevista no ano de 1936 que Dunton e Meyer podiam falar de forma diferente, mas os conteúdos defendidos pelos dois eram os mesmos. O objetivo das ocupações era o retorno do indivíduo, quer mentalmente, fisicamente ou espiritualmente prejudicado à família e à sociedade como um ser humano útil. Slagle afirmava o poder curativo das atividades, com uma ideia de cura diferente da medicina da época, próxima a de adaptação do ser humano às dificuldades da vida (Bing, 1997, p. 226).

Em 1917 o psiquiatra brasileiro Gustavo Riedel participou de um congresso em Havana, onde conheceu as iniciativas de Adolf Meyer, Dunton e de outros participantes da Liga de Higiene Mental. As propostas e práticas que Gustavo Riedel implementou no Brasil são paradoxais²⁴. Em um momento que a maioria dos médicos brasileiros entendia a *higiene mental* como um sinônimo de eugenia e controle da degenerência da população, Riedel buscou técnicas que nos Estados Unidos estavam sendo aplicadas na psiquiatria e na nascente terapia ocupacional de prevenção de doenças mentais; e sintetiza isso com princípios da eugenia.

Ao voltar ao Brasil assumiu a direção dos serviços psiquiátricos, participou da criação da Liga Brasileira de Higiene Mental²⁵ e instaurou o primeiro curso de enfermagem, hoje curso de enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; adaptando e transformando as ideias já aplicadas nos Estados Unidos e outros países. Estes cursos de enfermagem preparava profissionais para trabalharem, entre outras coisas, com a ocupação de forma terapêutica e pedagógica em saúde mental.

Outro participante da Liga de Higiene Mental foi o professor de neurologia Antônio Austragésilo que propunha também

a luta contra as infecções danosas ao sistema nervoso, contra as intoxicações - provocadas pelo alcoolismo, o cocainismo, o morfinismo etc. - contra as “chagas

²⁴ Gustavo Riedel merece um estudo mais aprofundado que descortine a convivência entre eugenia e ideias que são ainda inovadoras hoje na atenção a doentes mentais.

²⁵ Segundo Patto (2004) existia um preconceito racial e social que alimentava algumas medidas higiênicas ligadas ao Estado e a Liga de Higiene Mental.

sociais” - tais como a miséria, o pauperismo etc., evitando-se os cataclismos sociais, as guerras, enfim, os conflitos responsáveis por desequilíbrios individuais e coletivos. Em resumo, dever-se-ia construir, nas bases da Eugenia, as fórmulas de melhoria da espécie humana, em ação constante, onde a educação possa ter função civilizadora (Engel, 2001, p. 176).

As teorias que sustentavam a eugenia já circulavam desde os anos de 1890. A médica legista Nina Rodrigues publicou em 1894 a tese *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*, onde equipara o negro, o índio e o mestiço ao louco e à criança. Partindo da tese de que a inferioridade do negro estava cientificamente provada, a legista afirmava que a mestiçagem de raças produziria um tipo mental inferior. O médico Henrique Roxo em 1904 afirma (in Engel, 2001, p. 173 - 174):

Não é a constituição física do preto, a sua cor escura que lhe marcam o ferrete da inferioridade. É a evolução que se não deu. Ficaram retardatários. Ao passo que os brancos iam transmitindo pela herança um cérebro em que as dobras de passagem mais se aprimoravam, em que os neurônios tinham sua atividade mais apurada, os negros que indolentemente se furtaram à emigração, em que a concorrência psíquica era nula, legavam a seus descendentes um cérebro pouco afeito ao trabalho, um órgão que se grandes esforços não era capaz.

E complementa, acreditando na poderosa influência transformadora do meio no “aprimoramento das raças”:

Suponhamos... que um negro com esta má tara hereditária se transportasse para um centro adiantado e com a sua congênere viesse a ter descendência. Imaginemos... que esta fosse pouco a pouco progredindo e que de pai a filho se fosse legando cada vez mais um cérebro exercitado, ativo. Dentro de um certo número de descendentes chegaria, finalmente, um com o cérebro tão evoluído quanto de um branco. Seria tão inteligente quanto este.

Gustavo Riedel criou também o Instituto de Profilaxia Mental, destinado ao atendimento de pacientes que não precisavam de internação. Este Instituto também agilizava a internação de casos agudos, crônicos ou incuráveis. A ideia de Riedel era ampliar a intervenção da psiquiatria com palestras públicas no subúrbio de Engenho de Dentro, nos arredores do hospital.

Riedel abarcava conceitos que hoje vemos como antagônicos. De um lado tinha ações que repercutiam os ideais de Meyer e Dunton como quando fala da importância da observação do doente em seu próprio lar: “a observação do doente no próprio lar tem a vantagem de surpreendê-lo no meio familiar onde a anamnese pode ser mais completa e onde os conselhos distribuídos aos parentes calam mais profundamente e produzem melhores resultados” ou quando propôs a “proteção e o amparo no meio social aos egressos dos manicômios” (Engel, 2001, p. 306). E num momento seguinte ele ecoava a profecia de Helléy que era baseada em princípios da eugenia e que poderia ter sido escrita pelo doutor Simão Bacamarte, protagonista do livro *O Alienista* de Machado de Assis:

Afirma Helléy que a loucura tem aumentado de 300% em 50 anos na América do Norte. O Estado de Nova York conta 6.000 alienados por milhão de habitantes. Continuando assim, em três séculos, a população se comporá de alienados ou pelo menos de desequilibrados.

Winslow prevê que o mundo inteiro se lançaria na loucura se não se produzisse uma transformação radical em nossa maneira de viver. Mas a reação, felizmente, já se vem fazendo, brilhante e vitoriosa (idem, p. 178).

Riedel ao mesmo tempo em que acreditava nas previsões dos divulgadores da eugenia, tinha uma firme crença que os bons hábitos de vida e as condições sociais satisfatórias poderiam deter a força do avanço da epidemia de loucura. Ele sintetizava em sua prática bases da eugenia com bases da filosofia da nascente terapia ocupacional americana.

Outra criação de Gustavo Riedel foram os ambulatórios abertos de assistência a crianças, onde elas passavam o dia, aprendiam ocupações e usavam brincadeiras de forma terapêutica; ao mesmo tempo que eram submetidas a uma enorme quantidade de bateria de exames antropométricos e psicológicos. Assim, seguem os conceitos de “profilaxia mental” que via a infância como o lugar por excelência de prevenção da “dissolução moral e social” (Patto, 2004). No início da década de 30, com a saída de Gustavo Riedel do Engenho de Dentro estas iniciativas são descontinuadas.

Juliano Moreira apresentou uma tese na faculdade de medicina da Universidade de Hamburgo em 1929, onde defendeu que as variações psicológicas manifestadas por indivíduos pertencentes a diferentes grupos raciais seriam diretamente ligadas aos diferentes níveis de instrução e educação. Concluiu, citando Skidmore, que “indivíduos de grupos considerados inferiores se nascidos e educados numa cidade grande mostravam melhor perfil psicológico que indivíduos de extradição nórdica em áreas atrasadas do interior”. O negro Juliano Moreira, usando a mesma base teórica dos outros psiquiatras da época, tentava opor-se ao racismo (in Engel, 2001, p. 175 - 176) num Congresso Brasileiro de Práticos em 1922:

... melhor profilaxia contra os fatores de degradação da nossa gente sempre sem ridículos preconceitos de cores ou castas mesmo porque só assim os que foram senhores e se compenetrarem de sua superioridade, merecerão ser absolvidos de feio pecado de terem vivido por muito tempo fartamente mercê do trabalho desmoralizado dos outros que eles ou seus ascendentes degradaram e escravizaram.

Em Recife, na década de 1930, Ulisses Pernambucano criou a Assistência a Psicopatas, também baseada em princípios da Higiene Mental, com influência da terapia ocupacional praticada por médicos europeus como Herman Simon e com um forte componente social, baseado em ideais marxistas. Pernambucano era um defensor da liberdade: “É preciso sempre falar nisso mais de cem anos depois de PINEL, porque muitas vezes renascem os calabouços já demolidos ou outros meios coercitivos e até

punitivos podem ser inventados por homens que se dizem psiquiatras” (Pernambucano, 1938).

Em São Paulo no Juqueri na década de 1920, Osório César iniciou uma coleção de obras plásticas feitas por internos do Juqueri. Em 1943 foi inaugurada a oficina de pintura do Juqueri (Ferraz, 1988, p. 56 - 57).

Após a II Guerra Mundial a terapêutica ocupacional ligada à psiquiatria sofreu rupturas e se enfraqueceu, perdendo campo para uma psiquiatria que assumia as novas experimentações tecnológicas com possibilidades rápidas de tratamento, como o eletrochoque, o coma insulínico e a lobotomia.

O prêmio Nobel de Medicina de 1949 foi concedido para o português Egas Moniz, principalmente pelos seus estudos sobre Leucotomia e Lobotomia. A Lobotomia é uma cirurgia invasiva em que um instrumento perfurante interrompe as conexões dos dois hemisférios cerebrais. Foi desenvolvida por Egas Moniz entre as décadas de 30 e 40 do século passado. Moniz chegou à ideia de uma psicocirurgia observando pacientes com sintomas psiquiátricos; da ideia para os primeiros testes em seres humanos foram menos de dois anos. Percebeu que interromper cirurgicamente as conexões entre os hemisférios cerebrais poderia atenuar sintomas principalmente em pacientes obsessivos. Médicos muito importantes do Brasil subscreveram uma carta de apoio à indicação de Egas Muniz ao prêmio Nobel (Antunes, 2008).

A partir de então, os setores de terapia ocupacional na psiquiatria perderam seu status científico e passaram a ser meros locais para fomentar a economia hospitalar com atividades de limpeza e zeladoria. A terapia ocupacional, agora como uma profissão autônoma, continuou forte nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra.

Em outras partes do mundo caminhou da psiquiatria para reabilitação física, incorporando os nascentes preceitos da medicina biológica, como do projeto de expandir o movimento da reabilitação para todo o mundo.

Neste cenário, uma psiquiatra brasileira de nome Nise da Silveira, antiga presa política da época da ditadura de Getúlio Vargas, é reincorporada ao serviço público no ano de 1944 e volta para seu cargo de psiquiatra, mas agora no Centro Psiquiátrico

Nacional no bairro do Engenho de Dentro. Logo nos primeiros meses de trabalho, acompanhou o médico responsável pelo serviço de eletrochoque que ensinou como era o procedimento, pedindo que Nise apertasse o botão.

Nise se negou a fazê-lo. [...] Não lhe restou outro caminho senão trabalhar numa área onde não se praticassem esses tratamentos e que, por isso mesmo, não tinha qualquer relevo e importância no relevo hospitalar: a terapêutica ocupacional. Ali, nascia uma insuspeitada revolução (Gullar, 1996, p. 5 - 6).

Recorro ao conceito de *punctum* de Roland Barthes para explicitar o momento da vida de Nise da Silveira que mais me impactou. O momento que ela não apertou o botão foi para mim o *punctum* que transformou toda sua história e permitiu a recriação de uma renovada e ousada prática terapêutica para cuidar de pessoas com grave sofrimento mental.

Nise da Silveira articulou psicologia, psicanálise, fenomenologia, filosofia, psiquiatria, arte, artesanato para fundamentar seu método. Apresentou um projeto para o presidente da república Jânio Quadros em 1961 em que propõe fazer casas abertas onde as pessoas podiam ocupar de forma expressiva seu cotidiano. Propôs equipes interdisciplinares compostas por artistas, terapeutas ocupacionais, antropólogos em todas as cidades brasileiras. O Decreto nº 51.169 é assinado pelo presidente Jânio Quadros e pelo Ministro Cattete Pinheiro em 9 de agosto de 1961 e publicado no Diário Oficial da mesma data (Brasil, 1961). Com a renúncia do presidente do cargo, a lei nunca chega a ser colocada em prática.

Decreto nº 51.169, de 9 de Agosto de 1961.

Institui a Seção de Terapêutica Ocupacional e de Reabilitação no Serviço de Doenças Mentais, do Ministério da Saúde, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe concede o artigo 87, item I, da Constituição Federal, e,

CONSIDERANDO os bons resultados que, em caráter experimental, vêm sendo obtidos com o emprego da Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Nacional do Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), conforme exposição do Ministério da Saúde;

CONSIDERANDO, entretanto, não existir no SNDM um órgão que se ocupe especialmente dessa atividade;

CONSIDERANDO assim ser de interesse para os trabalhos do SNDM e para o tratamento dos doentes internados, nos hospitais especializados no desenvolvimento da Terapêutica Ocupacional,

Decreta:

Art. 1º Fica incluída, entre os órgãos centrais do Serviço Nacional de Doenças Mentais, previstos no artigo 2º, item I, do Regimento aprovado pelo **Decreto** nº 17.185, de 18 de novembro de 1944, a seguinte:

"c) Seção de Terapêutica Ocupacional e de reabilitação (S.T.O.R)."

Art. 2º À S.T.O.R, compete:

I - manter um serviço padrão de terapêutica ocupacional e reabilitação, cujas atividades se estenderão a todos os hospitais e doentes mentais no País.

II - fornecer planos de trabalho referentes à terapêutica ocupacional e à reabilitação aos órgãos do S.N.D.M. e aos hospitais que mantenham convênio com o Serviço Nacional de Doenças Mentais, assim como supervisionar a respectiva execução.

III - organizar cursos, seminários e palestras com o objetivo de formação e aperfeiçoamento de especialistas em terapêutica ocupacional.

IV - manter um museu de obras plásticas, que será um centro de estudo e pesquisa.

V - estudar e propor os planos de aplicação das dotações destinadas à terapêutica ocupacional e à reabilitação, incluídas no Orçamento do Ministério da Saúde.

Parágrafo único. Os funcionários que não obtiverem aprovação nos cursos a que se refere o item III dêste artigo ficarão impossibilitados de permanecer ou ter exercido em órgãos que se dediquem à Terapêutica Ocupacional; Art. 3º A S.T.O.R., será chefiada por um especialista em terapêutica ocupacional, de preferência médico

psiquiatra, designado pelo Diretor-Geral do Departamento Nacional de Saúde, mediante indicação do Diretor do S.N.D.M.

Art. 4º Nos convênios celebrados com os Estados ou quaisquer outras entidades, públicas ou privadas, será reservada parcela do auxílio financeiro proporcional ao número de internados e às condições sócio-econômico regionais, para aplicação em terapêutica ocupacional.

Art. 5º Êste **Decreto** entrará em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário.

Brasília, em 9 de agosto de 1961; 140º da Independência e 73º da República.

JÂNIO QUADROS

Cattete Pinheiro

A terapia de Nise é baseada na crença que cada pessoa tem um potencial de vida e precisa expressá-lo. Cria o termo *afeto catalisador* para explicar que um esquizofrênico pode ter uma vida muito melhor se for acompanhado por pessoas que lhe propiciem hospitalidade e carinho. Funda um museu com obras que retratam a produção plástica dos alienados que acompanhou por mais de cinquenta anos. Fez uma revisão profunda da obra de Freud, Simon, Bleuler, Jung, Bachelard e muitos outros teóricos no que diz respeito aos seus estudos sobre a importância da ocupação humana. Trocou correspondência com terapeutas ocupacionais ingleses, alemães e americanos. Colecionou uma biblioteca com mais de cem títulos ligados diretamente à terapia ocupacional. Teve duas bolsas de estudo do Conselho Nacional de Pesquisa para estudar, entre outras coisas, a terapia ocupacional, com longas viagens pela Europa.

Nise da Silveira (1979, p. 20 - 21) explicou assim a situação da terapêutica ocupacional nos Hospitais Psiquiátricos do Rio de Janeiro em 1946.

Existia desde muito tempo o setor de praxiterapia na Colônia Juliano Moreira [...]. Para os hospitais que compõem o Centro Psiquiátrico Nacional, porém, o regimento nada menciona a este respeito. Nesses hospitais, muitos doentes eram por certo ocupados em trabalhos braçais, serviços de limpeza das enfermarias e das instalações sanitárias, enceramento de piso, etc; e pequenas verbas estavam mesmo previstas

para gratificá-los. Estas tarefas eram atribuídas aos pacientes de modo empírico, tendo em vista vantagens para o hospital, para os enfermeiros e guardas, e sobretudo para os serventes. Reinava entre nós o preconceito de que o tratamento ocupacional convinha apenas aos doentes mentais crônicos. Tanto na colônia para homens quanto na colônia para mulheres, psiquiatras ilustres vinham desde muitos anos estudando e aplicando este método, mas nos serviços destinados a agudos não se cogitava de dar-lhe posição entre os agentes terapêuticos .

Criou o primeiro curso de terapia ocupacional em 1948 no Brasil e ministrou cursos regulares até 1980. O curso de terapêutica ocupacional dado por Nise buscava “selecionar bons terapeutas, numa tentativa de formar qualitativamente novos profissionais de terapia ocupacional, dentro de uma estrutura hospitalar já bastante desgastada” (Brasil, 2002, p. 77). Esses cursos foram feitos por inúmeros monitores do hospital, alguns doentes, por pessoas interessadas em cuidar de outras pessoas e aprender mais sobre a terapêutica ocupacional de Nise da Silveira.

Nise da Silveira nunca foi reconhecida como terapeuta ocupacional no Brasil. Seus alunos e ela própria foram proibidos de exercer a profissão de terapeuta ocupacional, depois do Decreto-lei número 938 de 13 de outubro de 1969 que regulamentou o perfil profissional do terapeuta ocupacional e do fisioterapeuta.

Este decreto-lei foi assinado pelos ministros da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica Militar que substituíram o presidente Costa e Silva que havia um grave acidente vascular cerebral no mês de setembro do mesmo ano. O decreto-lei estipulava 120 dias para quem desejasse pleitear o reconhecimento como terapeuta ocupacional e falava que quem já trabalhava na área e não tinha diploma universitário poderia ser declarado auxiliar de terapia ocupacional ou fisioterapia, se fosse aprovado em exame de suficiência. Nesta época o país estava em plena vigência do Ato Institucional número 5 - AI5 - que cassou direitos políticos e liberdades individuais e deixou o país em um clima de tensão e medo. A contenda entre os auxiliares de terapia ocupacional e as entidades de classe reguladoras da profissão nunca ficaram totalmente

resolvidas. Uma das auxiliares de terapia ocupacional formada por Nise da Silveira dá o seguinte depoimento:

Vivia uma grande ilusão ao pensar que poderia ser aproveitada como terapeuta, apenas tendo feito o curso da Dra. Nise. Grande ilusão! Começavam a chegar os terapeutas de nível universitário, não sobrando espaço para aqueles que, como eu, não tinham diploma de faculdade. Outro obstáculo foi a minha idade. Mesmo tendo consciência de ser boa terapeuta, recomendada por Dra. Nise, eu não tinha chance. Foi uma pena, porque eu talvez fosse a única terapeuta a estar nos dois lados do muro... (Brasil, 2002)

Em 1956 inicia-se no Brasil, com o apoio da OMS, o Curso de Reabilitação nas modalidades Fisioterapia e Terapia Ocupacional; todo conhecimento anterior sobre a profissão é abandonado, seguindo a lógica de que o conhecimento vem do norte para o sul; dos países desenvolvidos para os países pobres. Mas o conhecimento tácito já estava instaurado e a mosca da inovação já tinha mordido muitos terapeutas ocupacionais brasileiros que ainda hoje produzem uma das mais originais práticas profissionais em saúde mental do mundo. A nossa terapia ocupacional mestiça com sua raiz na hospitalidade do índio, na corporeidade do africano e na ciência europeia já estava formada e, mesmo com todos os esforços para substituí-la por uma autóctone técnica baseada em modelos únicos, sobreviveu.

Como apoio para compreender o processo de transformação de conhecimentos que acontece num campo de atuação, encontramos suporte nas reflexões do filósofo francês contemporâneo Michel Serres.

Serres (1993) propõe o termo *mestiçagem* para designar que todo conhecimento é uma forma de *intersecção de ideias* e dá conotação filosófica, cultural e científica para este termo, propondo um sistema aberto que sempre relaciona a outros conhecimentos. Serres (1999), em entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura, afirma que o Brasil é um exemplo de mestiçagem de ideias e de povos bem-sucedida e que representa um microcosmo dos problemas e das soluções do mundo atual.

Assumindo este entendimento do termo mestiçagem, ultrapassamos a concepção racista que estava presente na psiquiatria do início do século XX que entendia mestiçagem como degeneração da espécie. Corroboramos o conceito de Serres que qualifica mestiçagem como uma forma de ampliar o conhecimento.

6 A teoria da técnica

A pesquisadora Jô Benetton (2010, p. 34) afirma que “a própria Terapia Ocupacional²⁶, profissão, poderia subsidiar a terapia ocupacional, métodos e técnicas, construindo então, o que funda para toda ciência empírica, a *Teoria da Técnica*”. E cita Marx para afirmar “o homem, feito pela história, faz história, na mesma medida em que é feito por ela”.

Assim buscamos estudar a teoria estudada por Nise da Silveira e descrever sua prática de terapêutica ocupacional.

Por que terapêutica ocupacional e não terapia ocupacional?

Ela utilizou até meados da década de 70 o termo terapêutica ocupacional para referir-se à prática e ao estudo das atividades na reabilitação psiquiátrica. Para ela terapêutica era o termo correto a ser usado na época no Brasil e em Portugal, como podemos ver consultando o dicionário da época (Lima e Barroso, 1951) encontrado na biblioteca de Nise da Silveira e com claras marcas de ter sido manuseado inúmeras vezes:

- *terapêutica (therapeutica), s. f. Parte da Medicina que trata da escolha e administração dos meios de curar doenças e da natureza dos remédios; tratamento das doenças. O mesmo que terapia.*

- *terapeuta (therapeuta), s. 2 gê. Pessoa que exerce a terapêutica; pessoa que conhece bem as indicações terapêuticas.*

Este termo sofreu mudanças no decorrer do tempo. Na primeira edição do Dicionário Aurélio em 1975, o termo terapêutica ocupacional é incorporado ao léxico de nossa língua de forma oficial e o termo terapia ocupacional é uma referência ao primeiro:

Terapêutica Ocupacional. Psiq. Aquela que se procura desenvolver e aproveitar o interesse do paciente por2

²⁶ Jô Benetton separa na grafia, com iniciais maiúsculas a profissão; e com iniciais minúsculas, terapia ocupacional, a prática, os procedimentos.

um determinado trabalho ou ocupação: terapia ocupacional, laborterapia, ergoterapia, (nesta acepção c.f. praxiterapia).

Se formos ainda mais longe nos antigos dicionários do português e de origem das palavras podemos encontrar a etimologia do termo terapêutica ocupacional.

Até o início do século XX não encontramos o termo terapia e sim terapêutica nos dicionários de português.

Terapia e terapêutica são sinônimos e a tradução que Nise faz do termo occupational therapy que aparece em livros como de Macdonald²⁷ (1960) é sempre terapêutica ocupacional, não mostrando a separação terminológica demonstrada por outros autores daquela época como Luiz Cerqueira (1964, p. 4) que usam às vezes *terapia ocupacional* e outras *terapêutica ocupacional*, além de utilizar a sigla *T.O.* e também utilizar o termo *Reabilitação*, muitas vezes de forma até de difícil entendimento por usar termos que ao olhos menos incautos parecem sinônimos (Cerqueira, 1964, p. 123): “a outra causa é para nós constituída pelos próprios praxiterapeutas que, inadvertidos da distinção metodológica entre T. O. e Reabilitação, frequentemente começam por esta, isto é, começam pelo fim...”

Esta confusão de termos, palavras e práticas que parecem sinônimas, mas são muitas vezes antagônicas, marcou a formação e a afirmação da terapia ocupacional como uma área de conhecimento e prática profissional no Brasil. Avalio que este *quiprocó* de nomes marcou muito o uso terapêutico da ocupação no Brasil.

O professor de praxiterapia Luiz Cerqueira (idem) distinguia entre todas estas terminologias; afirmava que reabilitação era um fim e que a terapia ocupacional era um meio para alcançá-la. Luiz Cerqueira (1964, p. 113 - 114) destacava a importância da formação como terapeuta ocupacional:

²⁷ A terapeuta ocupacional inglesa Elizabeth Mary Macdonald fez diversos convites para Nise da Silveira fazer a formação de terapeuta ocupacional na Inglaterra, depois de ter visitado o Museu de Imagens do Inconsciente e conhecido a prática da psiquiatra brasileira. Nise nunca aceitou estes convites.

deveria se constituir numa Escola de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação, no âmbito da Universidade do Brasil [atual UFRJ], com todas as dignidades universitárias. Escola o menos acadêmica possível, pois T.O. e Reabilitação dependem muito de uma atitude, que só se aprende ou adota fazendo.

A confusão aumentou ainda mais com a implementação das profissões de reabilitação pela Organização Mundial da Saúde que se denominaram fisioterapia e terapia ocupacional. Estes campos de atuação englobavam uma dimensão profilática e curativa visando o tratamento de pessoas incapacitadas fisicamente com a guerra ou com doenças e acidentes ligados ao trabalho (Cerqueira, 1964, p. 156).

Até então a terapêutica ocupacional, usando a aceção corrente na época era praticada exclusivamente no contexto psiquiátrico. Foi implementado um novo curso na ABBR do Rio de Janeiro em 1956 e no Hospital das Clínicas de São Paulo em 1957 que traziam uma forte carga de reabilitação física e para o trabalho constituindo-se uma nova profissão que recebeu a alcunha de terapia ocupacional, numa tradução do termo inglês *occupational therapy*.

Estas duas práticas conviveram por algum tempo, mas alguns terapeutas ocupacionais formados para a reabilitação física iniciaram trabalhos na área psiquiátrica; e ao que parece não existiu naquela época uma incorporação oficial dos saberes, como aconteceu na área da psicologia no Brasil, que ao institucionalizar a profissão deu crédito aos precursores que já tinham uma prática e um estudo de muitos anos no país.

Nise da Silveira utilizou velhos conceitos da terapêutica ocupacional e realizou uma revisão de muitas teorias e métodos contemporâneos à época em que desenvolveu seu trabalho. Assim ela recriou a forma de utilizar a ocupação e atividades como meio terapêutico e de acesso ao que sente o doente mental.

O seu método de terapêutica ocupacional foi descrito em relatórios, artigos e publicações na sua grande maioria anterior ao ano de 1975. Neste ano foi obrigada a aposentar-se compulsoriamente pois tinha atingido a idade de 70 anos, que era o teto de

idade para o trabalho no serviço público brasileiro. A este respeito escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade (2001, p. 76) no dia 4 de janeiro de 1975 no Jornal do Brasil :

“Há visível engano nos registros burocráticos referentes a funcionária federal, Nível 22-A, Dra. Nise da Silveira. Segundo os papéis oficiais, a aludida servidora atingirá, no próximo dia 10 de janeiro, a idade-limite que determina aposentadoria compulsória. A contagem deve estar certa, se baseada em certidão de nascimento. Mas cumpre excluir do tal 15 meses em que a Dra. Nise não trabalhou nem viveu a vida normal, pois esteve presa.

Nos textos posteriores à sua aposentadoria encontramos a construção de uma meta-teoria que explica seu trabalho principalmente pelo entendimento da psicologia junguiana e dos estudos do inconsciente e da mitologia, teoria esta que ela denominou de Imagens do Inconsciente, mesmo nome que ela deu para seu livro lançado no início dos anos de 1980.

A compreensão da terapêutica ocupacional estudada e exercida por Nise é primordial para entender a originalidade e inovação do que foi descoberto nos ateliês e oficinas do Engenho de Dentro e posteriormente na Casa das Palmeiras. Ela utilizou uma nova forma de tratamento e comunicação com pessoas com esquizofrenia.

Para entender o que fez Nise da Silveira interessar-se pela terapêutica ocupacional precisamos retornar ao ano de 1944.

Foi presa em 1936 e passou quase uma década sem poder trabalhar no serviço público. Readmitida em 1944 para exercício no Centro Psiquiátrico Nacional do seu ofício de psiquiatra, já nos primeiros dias de sua prática percebeu “não possuir a menor vocação para tratar doentes mentais à base de eletrochoques, insulina e lobotomia, práticas que associou imediatamente à tortura do regime ditatorial” (Sant'ana, 2001, p. 211).

O poeta Ferreira Gullar (1996, p. 45 - 46) escreveu uma pequena biografia de Nise da Silveira para a série Perfis do Rio e transcreveu uma entrevista realizada na rua Marquês de Abrantes, 151, residência de Nise, em que contou esta passagem da sua vida:

Assumi antes, em 1944. O diretor de Saúde Pública nessa época, era Barros Barreto. Ele me ajudou a resolver os problemas e então retomei meu lugar de psiquiatra no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro. E aí começou a minha outra briga com a psiquiatria, que é mais importante. [...] Durante esses anos todos que passei afastada, entrou em voga na psiquiatria uma série de tratamentos e medicamentos novos que antes não se usavam. Aquele miserável daquele português, Egas Moniz, que ganhou o prêmio Nobel, tinha inventado a lobotomia. Outras novidades eram o eletrochoque, o choque de insulina e o de cardiazol. Fui trabalhar numa enfermaria com um médico inteligente, mas que estava adaptado àquelas inovações. Então me disse: ‘A senhora vai aprender as novas técnicas de tratamento. Vamos começar pelo eletrochoque.’ Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Ele então mandou levar aquele paciente para a enfermeira e pediu que trouxesse outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse: ‘Aperte o botão.’ E eu respondi: ‘Não aperto’. Aí começou a rebelde.

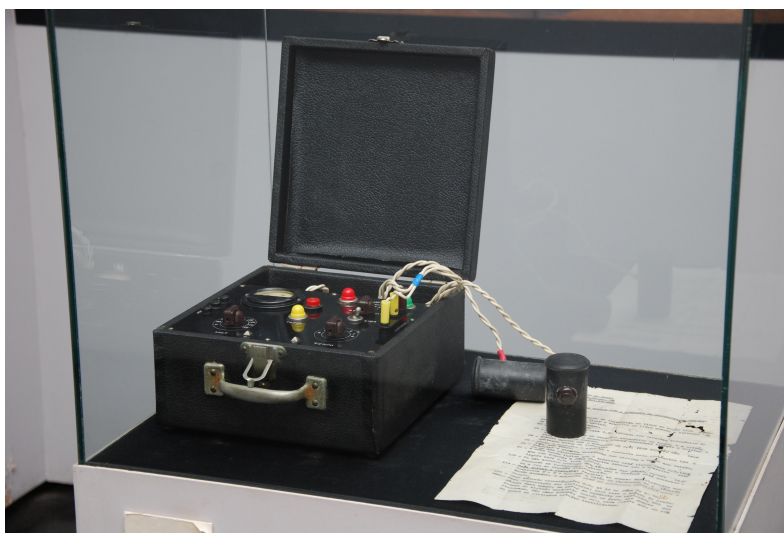


Figura 17 - Aparelho de Eletrochoque usado na década de 1940 na época em que Nise da Silveira iniciou seu trabalho no Engenho de Dentro. Exposição Caminhos de uma Psiquiatra Rebelde. Foto feita por Augusto Fidalgo em 2009.

Este detalhe autobiográfico de sua vida desvelou um momento decisivo da história profissional de Nise da Silveira, quando ela renega os métodos ditos científicos em voga na psiquiatria da época. Podia parecer desadaptada, ou negando-se a realizar algo que não conhecia bem, mas ao ler o trecho que ela fala do neurologista português Egas Moniz,

Nise usa o termo “miserável”, adjetivo forte e negativo que a aproxima do seu passado. Quando ela critica o neurologista, Nobel de Medicina Egas Moniz, Nise encerra uma severa crítica a seu principal objeto de estudo na Medicina até então, a neurologia. Tinha sido estagiária desde 1927 da renomada clínica de neurologia do professor Antônio Austragésilo (Sant'ana, 2001). Austragésilo teve uma ligação estreita com a Liga de Higiene Mental e com as ideias de eugenia, que Nise já tinha se apropriado na sua tese de doutorado ainda na faculdade de medicina da Bahia. Durante a época em que foi colaboradora de Antonio Austragésilo, Nise estudou as bases da neurologia e da eugenia, ajudou outros colegas a escreverem teses na área da neurologia e passou num concurso em 1933 para psiquiatria no Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental, antiga Divisão Nacional de Saúde Mental, para trabalhar no Centro Psiquiátrico Nacional na Praia Vermelha.

O principal fato da década de 1920 na neurologia brasileira foi a visita de Egas Moniz ao Rio de Janeiro e a São Paulo. Moniz proferiu conferência no dia 3 de agosto de 1928 na Academia Nacional de Medicina no Rio de Janeiro intitulada *A Encefalografia Arterial, seu objectivo clínico. Os desvios arteriais, seu significado na localização de algumas neoplasias cerebrais*. A conferência foi presidida pelo professor Miguel Couto. Em sua autobiografia científica, Egas Moniz (1949) conta que o professor Antonio Austragésilo, chefe da cadeira de neurologia da faculdade de medicina, estava fora do país e não participou das conferências, demonstrações e recepções solenes, inclusive duas recepções na Academia Brasileira de Letras, da qual Austragésilo era membro.

Não conseguimos levantar dados confiáveis que permitissem saber se Nise da Silveira conheceu Egas Moniz durante esta visita do português ao Brasil. Mas com certeza leu e estudou algumas das publicações de Moniz e suas descobertas nas áreas da neurologia e psiquiatria, pois mais de uma centena de publicações em renomadas revistas científicas entre 1927 e 1935 discorreram sobre a Angiografia, uma das técnicas inventadas por Egas Moniz. Posteriormente Nise da Silveira (1955) escreveu um artigo criticando uma das técnicas desenvolvidas por Moniz, a Leucotomia Pré-Frontal, uma forma de Lobotomia. Esta técnica cirúrgica foi aplicada à revelia da oposição de Nise da Silveira em Lucio, um dos participantes do ateliê de modelagem do Engenho de Dentro. Estas críticas ecoaram em

inúmeras exposições, inclusive na exposição realizada no II Congresso Mundial de Psiquiatria em Zurique na Suíça em 1957. Também é mencionado por ela no seu livro *Imagens do Inconsciente*.

Figura 18 - Esculturas feitas por Lucio antes e depois de ser submetido a uma lobotomia. Exposição *Caminhos de uma Psiquiatra Rebelde*, curadoria Luiz Carlos Mello. Foto feita por Augusto Fidalgo - 2009.



Quando Nise negou-se a apertar o botão de eletrochoque, ela negou também todo seu passado ligado com a filosofia cartesiana, a eugenia e a neurologia de Egas Moniz. Nise precisou metamorfosear seu conhecimento. Encontrar um novo espaço na psiquiatria.

Nise adentrou na filosofia spinoziana e permeada dos ensinamentos do filósofo Bededictus de Spinoza, ela repensou o mundo e sua atuação na psiquiatria.

As suas críticas e oposição a praticas de tratamento da época empurraram-na para uma atuação que fazia parte do passado da psiquiatria, a terapêutica ocupacional. Nise explicou este momento de sua vida para o poeta Ferreira Gullar (1996, p 46 -47) e falou de como começou sua briga com a psiquiatria vigente na época:

A nova briga foi horrível. Um dia apliquei choque de insulina em uma paciente e a mulher depois não acordava. Aflita, apliquei-lhe soro glicosado na veia e nada da mulher acordar. Tentei de novo, até que consegui. Aí disse: “Nunca mais”. Fui falar com o diretor geral do Centro Psiquiátrico Nacional, que se chamava Paulo Elejalde, um homem inteligente, que gostava de ler, tinha uma biblioteca muito boa, até me emprestou livros. “O que vou fazer com você?” ele me disse. “Não tenho onde botar

você. Todas as enfermarias seguem a linha desses medicamentos novos. Fora disso, só há a Terapêutica Ocupacional, que é para serventes”.

A terapêutica ocupacional pela qual Nise passou a ser responsável no Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro era um incipiente setor, sem denominação oficial, sem a presença de médicos, que agregava atividades de trabalho ligadas à manutenção da ordem e ao gerenciamento hospitalar, como podemos observar nas próprias palavras de Nise da Silveira (Gullar, 1996, p. 47): “*os doentes eram usados para varrer, limpar os vasos sanitários, servir outros doentes*”.

E ela conformou-se com esta realidade?

A sua primeira atitude foi iniciar o trabalho aproveitando os poucos recursos que tinha. Relata que depois que o diretor do hospital permitiu que ela fizesse uso com liberdade da pequena verba destinada ao setor, a primeira sala que abriu foi a sala de costura.

Em uma atitude que nos lembra o demiurgo que recria o mundo em que vive, Nise dedicou seu trabalho para transformar a terapêutica ocupacional e encontrar uma nova maneira de atuar numa velha forma de tratamento para os doentes mentais, como podemos confirmar em suas palavras: “a inovação consistiu exatamente em abrir para eles o caminho da expressão da criatividade, da emoção de lidar com os diferentes materiais de trabalho” (Nise da Silveira in Gullar, 1996).

A frase acima sintetiza as bases da técnica que ela utilizou no tratamento dos doentes mentais, aos quais ela denominava de clientes e chamava cada um por seu nome e sobrenome: Carlos Pertuis, Fernando Diniz, Raphael Domingues, Adelina Gomes, Emygdio de Barros...

Nise nos conta como foi a gênese do seu trabalho com terapêutica ocupacional no Engenho de Dentro (Hirszman, 1986):

Dona Júlia, esta sala vai ser para os trabalhos manuais. Ela aí olha para mim e diz: - E onde eu me sento. Eu fiz a voz mais forte que eu consegui e eu digo no chão e saí. Ela se sentou no chão, com um grupo de doentes sentadas no chão. Aí eu fui chamar o

diretor, que era Paulo Elejalde, um anatomopatologista, graças a Deus não era psiquiatra, mostrei a ele e disse: - Você quer isso no seu hospital? - Não, não, não, manda buscar, manda buscar bancos.

A primeira sala para terapêutica ocupacional no Centro Psiquiátrico Nacional foi cedida pelo Dr. Fábio Sodré em 1944. Ele mandou retirar os leitos de um dos menores dormitórios, distribuindo-os mais apertadamente noutros, a fim de transformá-lo em uma sala para atividades ocupacionais de costura e bordados (Silveira, 1979, p. 20).

Podemos ter uma ideia da evolução da terapêutica ocupacional de Nise da Silveira no Engenho de Dentro: primeiro uma sala onde as internas sentaram com a monitora no chão; depois um ateliê de pintura e modelagem, chegando ao total de dezessete diferentes oficinas e ateliês, organizados num Setor de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação; além da criação do Museu de Imagens do Inconsciente.



Figura 19 - na foto da esquerda para direita: Almir Mavignier, Sra. Degand, Emygdio de Barros, Nise da Silveira; 1949. Acervo MII.

A profissão Terapia Ocupacional não existia quando Nise da Silveira iniciou sua prática nesta área. Começou com atividades de bordado, costura e pintura em guardanapo e

foi somente no ano de 1946 que com o auxílio do então jovem Almir Mavignier, montou um ateliê de pintura e modelagem.

Só em 10 de agosto de 1956 o Setor de Terapêutica Ocupacional foi regulamentado pelo diretor Dr. Humberto Mathias Costa, então diretor do Centro Psiquiátrico Nacional; o setor seria chefiado pela doutora Nise da Silveira.

Ela filia seu trabalho como terapêutica ocupacional na longa história do tratamento ocupacional no Brasil.

Nós apenas retomamos um trabalho iniciado em 1854, naturalmente dentro do espírito da época presente. Na época da psiquiatria interpretativa ninguém pode pensar nos termos que nos tempos passados. E o futuro trará novas perspectivas que podem ser entrevistas de longe (Silveira, 1979, p. 19).

Nise da Silveira tinha alguns princípios para a terapêutica ocupacional que propunha nesta época. O primeiro princípio é que o médico deveria receitar a ocupação ao doente, encaminhando-o ao setor de terapêutica ocupacional. Ela relata que em seus relatórios anuais de 1947 até 1956 ela anotou o malogro desta empreitada. No relatório de 1949, escreveu:

Lamentamos dizer que o STO não logrou ainda a necessária articulação com os hospitais do CPN. Talvez deficiência de pessoal, talvez a não aceitação pelos psiquiatras das ocupações como agentes terapêuticos, talvez debilidade de nossa orientação, expliquem esse fato. A verdade é que o número de doentes que frequenta os diversos setores desta seção poderia ser, pelo menos, dez vezes maior (idem, p. 24).

Cita William Rush Dunton Jr. um dos precursores da terapia ocupacional americana para explicar o que seria esta prescrição.

O psiquiatra deve aceitar a responsabilidade de indicar quando o paciente está apto para o tratamento ocupacional. Na sua prescrição escrita, dirigida ao terapeuta, ele

deve indicar os objetivos desejados. A seleção da atividade ou ofício é a tarefa do terapeuta ocupacional (in Silveira, 1979, p. 25).

Para deixar mais claro ainda qual o papel do psiquiatra no tratamento ocupacional, recorre ao casal Fidler que foi referência na época na terapia ocupacional psiquiátrica americana.

A finalidade da prescrição é estabelecer os objetivos da terapêutica ocupacional e fornecer as informações necessárias ao terapeuta para executar esses objetivos. A maneira pela qual os objetivos são realizados, as modalidades e medidas empregadas serão da responsabilidade do terapeuta ocupacional (idem).

Imprimiu uma folha de receituário nos moldes da proposta pelo americano Dunton. O psiquiatra indicava ali os “objetivos terapêuticos visados, as aptidões e interesses do paciente, observações especiais e precauções a tomar”. Em 1956 elaborou uma folha mais detalhada, onde o psiquiatra poderia indicar as características de atividade - sedativa, estimulante, expressiva, utilitária; e o ritmo, o esforço a ser solicitado ao doente. Mas no fundo achava que era suficiente que o psiquiatra indicasse os objetivos e algo sobre a dinâmica do caso. Ela concluiu este tópico do relatório falando que a escolha das atividades ficaria a cargo da Seção de Terapêutica Ocupacional que ela comandava.

Precisamos analisar as informações referentes ao princípio defendido por Nise de que os psiquiatras deveriam receitar a ocupação com parcimônia. Utiliza uma bibliografia ligada a terapia ocupacional americana para justificar a receita. Dunton ainda na década de 1910 e 1920 defendia que o psiquiatra deveria indicar qual paciente estava apto para fazer atividade de terapia ocupacional; além de definir os objetivos da terapia ocupacional aplicada.

Já o casal Fidler defendia uma prescrição que poderia ser entendida nas palavras de hoje como um simples encaminhamento do psiquiatra para o terapeuta ocupacional, o último ficaria responsável pela condução da terapia ocupacional aplicada.

No Engenho de Dentro, Nise da Silveira não dispunha de terapeutas ocupacionais de nível universitário. Os profissionais de nível superior formados depois de 1957 no Rio de Janeiro tinham o currículo voltado mais para a reabilitação física e demoraram para chegar ao Centro Psiquiátrico Nacional.

Então quem eram os terapeutas ocupacionais?

Nise da Silveira (1979, p. 25) considerava os técnicos em terapêutica ocupacional somente “competentes para executar a receita indicada pelo médico, sabendo selecionar os tipos de atividade que melhor correspondam ao alvo terapêutico indicado na receita médica”.

Foi fazendo receituários cada vez mais específicos, com mais informações, ao invés de facilitar a indicação do psiquiatra para a atividade, ela dificultava, exigindo conhecimentos técnicos avançados para preencher um receituário. Talvez quisesse mostrar a especificidade da área da terapia ocupacional. Ao estudarmos o que realmente acontecia no ateliê de pintura comandado por Almir Mavignier descobrimos que Nise não seguia os preceitos da terapia ocupacional americana como tentava fazer entender nos relatórios encaminhados para direção do Centro Psiquiátrico Nacional. Permitia que cada monitor pudesse desenvolver suas potencialidades e criatividade, propunha ao monitor ficar responsável pela oficina que mais tinha afinidade (Silva, 2006).

Figura 20 - auxiliares de praxiterapia formadas no curso elementar de terapêutica ocupacional - década de 1940 - Acervo MII. Mello (2006)



O monitor era o líder do grupo de pacientes em cada setor de atividade, sendo o responsável pela execução da receita médica. Um princípio importante era que o monitor deveria sempre participar da atividade, trabalhando ao lado do doente. Na organização das oficinas de terapêutica ocupacional Nise da Silveira utilizava os conhecimentos prévios dos monitores e

fomentava que eles se dedicassem a seu ofício junto com os doentes que participavam das atividades. Dona Júlia Sá Menezes, a primeira monitora que trabalhou com Nise da Silveira, fez curso de teatro de bonecos na Pestalozzi e desenvolveu ainda mais uma habilidade que tinha aptidão (Nise da Silveira in Hirszman, 1986).

Um conceito implícito nas oficinas que Nise da Silveira é o de aprendizagem, os doentes eram estimulados a desenvolver suas aptidões sempre ao lado dos monitores que ensinavam as técnicas necessárias e também desenvolviam-se em seus respectivos ofícios.

Outro preceito colocado em seus relatórios era que os setores de atividade eram mistos, retirando as divisões artificiais de setores femininos e masculinos dentro da psiquiatria.

A fundamentação teórica da terapêutica ocupacional por Nise da Silveira (Silveira, 1966; 1979) é, em minha avaliação, a parte mais frágil de sua proposta. Uma observação mais acurada do que acontecia no Setor de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional não aponta bases sólidas para filiação da terapêutica ocupacional aplicada ali na teoria da terapia ocupacional americana; usava alguns preceitos de Meyer e Dunton, mas ligação com terapia ocupacional proposta por Fidler só encontramos nos relatórios e no receituário proposto. A terapêutica ocupacional de Nise estava muito mais fundamentada na teoria proposta por antigos psiquiatras europeus, na arte, na filosofia de Spinoza, na psicologia freudiana e junguiana.

Para a psiquiatra as atividades infundiam vida ao hospital, criando um ambiente mais agradável. Uma previsão feita por ela em 1966 é interessante de ser lida pelos terapeutas ocupacionais da contemporaneidade. “Sem dúvida caberá à terapêutica ocupacional parte muito importante na mudança do ambiente interno dos hospitais” (Silva, 2006, p. 27).

Teoricamente Nise da Silveira (1979, p. 28) dividia as atividades terapêuticas em grupos:

- (A) atividades que envolvam o esforço característico do trabalho - marcenaria, sapataria, encadernação, cestaria, trabalhos técnicos diversos, trabalhos manuais femininos, costura, jardinagem, trabalhos agrícolas, etc.
- (B) atividades expressivas - pintura, modelagem, música, teatro.
- (C) atividades recreativas - recreação, salão de beleza.
- (D) atividades culturais - escola, biblioteca.

O mais importante para a psiquiatra era o investimento afetivo na atividade. “Só se pode progredir pelo prazer”, disse citando a psicóloga suíça Marguerite Sechehaye. Fiel aos preceitos de Spinoza, Nise propunha que as atividades aumentassem o nível de alegria nos pacientes.

Um outro conceito central na sua terapia é o de capacidade adaptativa, proposto por Paul Sivadon. “Se propusermos a um indivíduo, cujas relações com o mundo estejam profundamente perturbadas ou regredidas, condições de trabalho válidas para o adulto em plena maturidade psíquica, é certo o fracasso”. Em casos graves Nise propunha recorrer a atividades lúdicas que propiciassem satisfação imediata. “É preciso começar brincando, com atividades individuais isoladas, gratuitas, sem objetivos previstos. Depois serão utilizados jogos que conduzam ao reconhecimento de formas, dimensões, consistência, cores, sons. Jogos nos quais de início participem apenas o doente e o monitor, e depois pequenos grupos homogêneos de doentes” (Silveira, 1979, p. 29).



Figura 21 - Festa Junina - Setor de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação - Centro Psiquiátrico Nacional - década de 1960. - Acervo MII.

Afirmava que o preparo das festas assumiam qualidades psicoterápicas muito importantes. Estas qualidades eram ligadas a capacidade dos doentes de adaptarem-se à realidade por meio de auxiliar nos preparos festivos. As festas juninas e natalinas tinham um papel central no calendário do Setor de Terapêutica Ocupacional.

A comunicação com o esquizofrênico era estudada por Nise, que sempre repetia aos monitores que não deveriam forçar a comunicação e a sociabilidade com o esquizofrênico. Observava muitas pioras quando os monitores forçavam a comunicação. Em escritos e entrevistas posteriores refletiu sobre o tempo e o espaço vivido pelo esquizofrênico, apoiando-se na observação cuidadosa de como o doente agia e se expressava nas oficinas e nas obras plásticas como desenho, pintura e modelagem.

A principal ferramenta de comunicação com o esquizofrênico utilizada por Nise da Silveira foram as atividades expressivas como desenho, pintura e modelagem. “O terapeuta que verdadeiramente deseja entrar em contato com seu doente terá que aprender a decifrar as imagens que ele pinta ou modela, terá de aprender a ler sua expressão corporal, a captar as veladas expressões de suas tentativas de comunicação” (Silveira, 1979, p. 30).

Neste ateliê se deram as descobertas mais importantes, avanços descritos no artigo apresentado com a colaboração do Dr. Pierre Le Gallais no II Congresso Internacional de Psiquiatria em Zurique na Suíça no ano de 1957 intitulado “Expérience d’ arte spontané chez des schizophrènes dans un service de therapeutique occupationnelle” e mais claramente num artigo escrito no *Quaternio* com o título “Esquizofrenia em Imagens”.

Na técnica terapêutica desenvolvida por Nise da Silveira a arte tem um papel central. O uso da arte como uma nova forma de comunicação com o doente mental abre uma nova fronteira na possibilidade de tratamento principalmente para pessoas que sofrem de esquizofrenia.

Didaticamente divido o uso de atividades expressivas por Nise da Silveira em dois tópicos:

1. Atividades expressivas como meio de acesso ao mundo interno.
2. Atividades expressivas como meio terapêutico.

Ela também utilizou, principalmente na Casa das Palmeiras, xilogravura, marcenaria, encadernação, botânica, arranjo floral, teatro, cinema, música, reuniões sociais, festas, entre outras atividades.

Ela explica que, na condição esquizofrênica, o indivíduo vive estados existenciais caracterizados pela cisão do curso do pensamento e desligamento do real. Com esta cisão ocorrem distúrbios na esfera da linguagem que é instrumento de expressão do pensamento lógico e abstrato, tornando difícil e muitas vezes impossível a comunicação por meio de palavras com o doente. Em doentes esquizofrênicos muitas vezes os pensamentos abstratos são substituídos por séries de imagens do inconsciente (Silveira, 1973, p. 124).

Foram sobre estas imagens que Nise se debruçou, em um estudo sistemático à procura das chaves que permitissem o acesso ao mundo interno dos esquizofrênicos e ao mesmo tempo pudessem funcionar como um catalisador de um processo de adaptação da saúde mental ao que ela chamou de *estados inumeráveis do ser*²⁸. Este termo ela emprestou do ator e escritor francês Antonin Artaud, empregando-o para descrever estados próximos aos vividos por doentes esquizofrênicos.

Utilizando desenho e pintura, Nise teve acesso a uma forma de comunicação capaz de mostrar, por exemplo que um dos seus clientes de nome Fernando Diniz tinha sentimentos de ambição para com a vida. Depois de desenhar linhas cerradas umas contra as outras, Fernando disse a ela: “eu sou ambicioso” (Silveira, 1973, p. 124 - 125). Conceitos complexos como amor, glória, ciúme eram acessados pelo estudo destas imagens.

Este mesmo doente, numa pintura a que deu o nome de árvore das emoções, revelou um código da significação das cores que nos pode guiar no estudo de suas pinturas. Para ele, o amarelo é glória; o rosa, amor; o branco, ânsia; o marrom, paixão; o azul profundo, ciúme”. Assim num processo em que propiciava que o cliente organizasse seus pensamentos abstratos utilizando o desenho e a pintura, Nise da Silveira acessava

²⁸ baseado na afirmação de Antonin Artaud “inúmeraveis estados do ser, cada vez mais profundos, cada vez mais perigosos”.

os pensamentos complexos e abstratos de um esquizofrênico que é um dos maiores desafios até hoje da psiquiatria e das terapias que lidam com a saúde mental (idem).

Nise da Silveira utilizou as artes expressivas como uma forma de propiciar aos doentes a organização dos seus pensamentos abstratos. Ela acreditava que a linguagem plástica poderia ser uma forma de acesso ao pensamento e ao inconsciente das pessoas com doença mental e também das pessoas ditas normais (Silveira, 1973, p. 125 - 126).

Ainda que o manejo da linguagem verbal permanecesse perfeito, esta linguagem provavelmente seria inadequada para exprimir as vivências nesses outros estados do ser. Sua esfera de ação é traduzir o pensamento lógico, é construir o discurso. Já na expressão dos sentimentos experienciados mesmo na faixa da normalidade, começam os fracassos da linguagem verbal. Todos os namorados sabem disso. Por isso há muitos excelentes prosadores e são raros os grandes poetas líricos. Também os místicos de todas as religiões sempre afirmaram que lhes era impossível dizer em palavras aquilo que haviam vivenciado nos encontros com o Absoluto. Como identificaríamos a gigantesca mulher com cabeça de cão, que perseguia uma de nossas doentes, em alucinações e sonhos, se ela não houvesse pintado? [...] E a angústia de ser espiado de todos os lados por múltiplos olhos? O médico fará ideia muito mais clara dessa situação de seu doente quando representada numa pintura, do que se verbalizada em vagas referências a perseguidores.

Um possível explicação para a dificuldade na comunicação verbal dos esquizofrênicos é sinalizada por descobertas recentes da antropogênese que estuda o que diferencia o ser humano de seus ancestrais grandes primatas²⁹.

²⁹ O grupo CARTA - <http://carta.anthropogeny.org/moca/topics/psychosis>, em estudos do neurocientista inglês Tim Crow (2000), defende a tese que a esquizofrenia é o preço que o ser humano paga por ter desenvolvido a linguagem. O estudo está em fase avançada e associa antropologia, antropogênese, neurociência, psicologia e genética. O fato de a esquizofrenia ser uma doença de incidência de 1% a 3% da população em todo o mundo pode ser entendido por uma mutação associada a uma característica ancestral do ser humano, tendo relação com o desenvolvimento da linguagem que diferenciou o homem de outras espécies.

Os testes psicológicos como o de Rorschach e arquivos de documentos plásticos como o *Bild Archiv de Zurique* e o *Archive for Research in Archetypal Symbolism* - ARAS de Nova York são exemplos do uso da linguagem plástica para acesso ao mundo interno das pessoas com doença mental. O Bild Archiv e o ARAS, baseados em teorias desenvolvidas por Jung, usam a mesma metodologia de indexação usada para organizar o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. Esta metodologia foi desenvolvida por Marianna Kitayma no Arquivo sobre Pesquisa para Imagens Simbólicas - APIS, tradução livre de Nise da Silveira do ARAS.



*Figura 22 - foto de Nise da Silveira na Suíça
Acervo MII.
Mello (2006)*

Nise passou três meses, em 1964, realizando pesquisas referentes a *imagens do inconsciente* no Instituto C. G. Jung em Zurique que tinha uma cópia do acervo do ARAS que era enriquecida por imagens plásticas ligadas aos sonhos e vivências interiores de pessoas analisadas no Instituto. Esta viagem foi custeada com uma bolsa da Organização Mundial da Saúde (Silveira, 2008, p. 297).

Baseada em pressupostos que validam a expressão plástica como um documento que desvenda a vida intrapsíquica das pessoas com doença mental, Nise da

Silveira colecionou o maior acervo desta natureza do mundo. Como parâmetro o Bild Archiv do Instituto C. G. Jung de Zurique coleciona 14 mil reproduções fotográficas.

A afirmação de Nise atestando o valor terapêutico das atividades expressivas, mais singularmente do desenho e da pintura, era muito polêmica na época. Diversas correntes de psiquiatras e estudiosos da psicanálise não aceitavam esta proposição.

Ela recorre ao psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1960, p. 477 - 488) que afirma que o objetivo do tratamento da esquizofrenia consiste em educar o paciente no sentido de restabelecimento do contato com a realidade e combate ao autismo. Para Bleuler a atividade artística pode prestar bons serviços, pois não requer um contato com a realidade, mas deve ser cuidadosamente supervisionada.

Nise contrapõe a atitude de cautela de Eugen Bleuler, mestre de C. G. Jung, utilizando-se da teoria proposta pelo psiquiatra Hermon Simon que no início do século XX, no sanatório da pequena cidade alemã de Gütersloh, começou acidentalmente uma nova experiência que utilizou as bases da terapia moral desenvolvida por Pinel. Observando o que acontecia com uma ala de pacientes que foram ocupados com atividades laborativas a maior parte do dia e comparando com outros tipos de tratamento como a balneareoterapia, Simon percebeu que os pacientes submetidos ao trabalho ficavam mais calmos e silenciosos.

Simon percebeu que um conceito presente na teoria darwiniana era muito importante para a terapia de pacientes psiquiátricos: a adaptação. Ele fez uma analogia à capacidade do animal de adaptar-se ao seu meio ambiente e da criança adaptar e treinar seus instintos para viver em comunidade. Simon falava que o doente mental precisava adaptar suas *necessidades de existência*, não sendo tolerados comportamentos antissociais. Toda a terapia de Simon era centrada na possibilidade de o doente voltar a conviver em sociedade e realizar trabalhos e atividades que lhe dessem satisfação e mudassem o curso de desenvolvimento da doença, combatendo os sintomas. Vida era atividade e o paciente mais grave começava seu trabalho com seu auto-cuidado e atividades simples e mecânicas. O segundo nível de atividades que o paciente atingia era dos cuidados com o jardim e com a casa. O próximo nível consistia em costurar, passar

roupa, descascar vegetais e assim por diante. Depois o paciente passava para trabalhar com uma jardinagem mais avançada e trabalhos de escritório. No último estágio as atividades eram de atender telefone, anotar recados, porteiro e supervisionar outros pacientes (Burleigh, 1994, p. 30 - 33).

Simon propunha que fosse estimulado a parte sadia e combatida todos os sinais patológicos e anormais dos doentes. Este embate aos sinais patológicos continha uma luta contra sinais de vivências inconscientes (Simon, 1937, p. 5)

Adepto do pragmatismo, Simon diminuiu o espaço da loucura dentro dos asilos que utilizaram o seu método de terapia ativa. Colocava a totalidade dos internos em atividade durante a maior parte do dia. Diferentemente de Nise, Simon não achava espaço para o inconsciente e combatia todos os sintomas neste sentido. Simon afirmava:

não se deve conceder tempo nem dinheiro para a produção esquizofrênica de obras de arte. Na minha opinião não se deve prescrever nem mesmo apoiar ou tolerar uma atividade que coincida com a direção anormal das ideias do doente (Simon in Silveira, 1973, p. 130).

A psiquiatra brasileira, em sua maneira peculiar de entendimento das teorias e técnicas psiquiátricas, incorpora os conceitos de terapia ativa, de adaptação e ressocialização à sua prática terapêutica e descarta o postulado defendido por Simon de suprimir as atividades artísticas e expressão de conteúdos inconscientes.

A médica brasileira ao retornar da sua viagem de 1957/58 à Europa, onde visitou hospitais que utilizavam a técnica desenvolvida por Simon no início do século XX, continua a ampliar o espaço da loucura em seus ateliês, no Setor de Terapêutica Ocupacional e na Casa das Palmeiras.

Esta metodologia de Nise que une teorias e técnicas diversas e muitas vezes aparentemente excludentes, dificultou muito o entendimento do que ela propunha para seus continuadores e colaboradores. Percebemos que muitos se especializaram na psicologia junguiana; outros aprofundaram-se na leitura de imagens ou no estudo da

mitologia, sem se apropriar de toda a gama complexa de teorias e técnicas que faziam parte do cotidiano da reabilitação de doentes mentais no Engenho de Dentro.

Para falar do uso das atividades expressivas como meio terapêutico ela remete-se a Freud, talvez o teórico juntamente com Spinoza e Jung que ela mais estudou durante sua vida: “Quanto às imagens (pensamento visual, restos visuais) constituem meio muito imperfeito de tornar o pensamento consciente”. Ela complementa que as imagens teriam, pois, de ser traduzidas em palavras. Sendo assim, compreende-se que a escola psicanalítica freudiana não seja entusiasta da utilização da pintura como terapêutica (idem).

Mas precisamos compreender melhor o pensamento de Nise da Silveira, dada a contradição do desencorajamento de Freud para a exploração da linguagem plástica como meio terapêutico como uma barreira intransponível. Nise encarava as anotações contrárias às teorias que estava construindo como desafios a serem vencidos. Não levava em consideração os escritos de seus mestres Freud, Jung e Spinoza como verdades finitas e sabia que podia dialogar com eles e propor novas soluções principalmente nos seu maior objeto de estudo: a terapia da esquizofrenia.

Levando em conta este modo de pensar e agir da psiquiatra, podemos continuar nosso mergulho na teoria da técnica de sua terapia.

Descobrimos de onde ela retira a ideia de uma função terapêutica para o desenho e a pintura. Em seus estudos junguianos, ela constata que o psiquiatra suíço “dá o máximo valor à função criadora de imagens. Na sua psicoterapia, desenho e pintura são considerados fatores que mesmo podem contribuir para o processo de auto-evolução do ser” (Silveira, 1973, p. 131).

Jung falava que dar forma concreta ao material de imagens internas produzia uma eficácia viva sobre o próprio indivíduo. Raciocinando em termos freudianos, a economia psíquica seria uma despotencialização da energia psíquica investida nos sonhos para um tipo de sublimação na forma de produção de imagens plásticas. Nise fala que o analisando neurótico que se embrenha na tarefa de utilizar pincéis e telas para captar suas imagens de sonhos pode depender cada vez menos de seu analista e liberar-se da condição de sofrimento (idem, p. 132).

Diferentemente de outros analistas e teóricos que só pensam formas de tratamento para pacientes neuróticos, Jung também fala da função da atividade artística para o tratamento de esquizofrênicos e diz que as aterrorizantes imagens do inconsciente são recobertas pela pintura que despotencializa aquela vivência quase insuportável; ele explica que quanto mais se cria esta prática de desvelar as formas psicóticas de experiência do mundo por pinturas, o terror ficará a uma distância suportável.

Um livro que ela não teve acesso foi o Livro Vermelho, no qual Jung (2009) usou a pintura e a escrita gótica para combater um momento de dissociação da personalidade depois de seu traumático rompimento com Freud. Hoje podemos ler em inglês, português ou no alemão arcaico os sonhos, alucinações e imaginações ativas de Jung que foram escrupulosamente pintados e caligrafados no Livro Vermelho e o salvaram num momento difícil de sua vida.

Refletindo sobre o período que ficou mergulhado em conteúdos inconscientes, Jung (2009, p. 199; 2010, p. 199) escreveu: “O que é isto que estou fazendo, certamente não é ciência, o que é? Então uma voz me disse: Isso é arte³⁰”.

Na sequência do texto Jung fica incomodado em pensar que “aquilo era arte” e faz um movimento de negação. Este trecho é muito interessante para pensarmos na dualidade entre arte e ciência que existe tanto na obra de Jung como na construção do Museu de Imagens do Inconsciente de Nise da Silveira. Atualmente no início do século XXI podemos pensar em caminhos complexos que aproximem arte em ciência, mas inviável quando Jung e Nise começaram a construção de suas teorias.

A originalidade da psiquiatra brasileira não foi de criar uma nova teoria, a genialidade foi juntar a terapia ocupacional ativa de Herman Simon, que propunha a adaptação e a ressocialização do doente, com a ideia de Jung que a expressão plástica poderia despotencializar a energia psíquica investida na esquizofrenia. A isso ainda Nise associou a ressalva de Freud que isto precisava ser trazido para o mundo real por meio de alguma linguagem inteligível pelo cliente por ela atendido, o que ela chamou de *pontes*

³⁰ Esta citação também aparece no livro autobiográfico de Jung (1978, p. 164) Memórias, Sonhos e Reflexões.

para o consciente e que eram a forma de evitar que o doente não submergisse no mar do inconsciente, perdendo totalmente a razão. Ela sempre repetia que precisava de mergulhadores que colocassem seus escafandros e não tivessem medo do mar profundo do inconsciente e que o bom mergulhador era aquele que mergulhava neste mar e voltava para superfície, resgatando também os colegas que estivessem submersos nas profundezas do inconsciente.

O não entendimento de qualquer um destes conceitos ou a aplicação isolada destes pressupostos podem ser um caminho rápido para o insucesso numa terapia que busque o tratamento de pessoas com graves doenças mentais como a esquizofrenia.

Numa das raras críticas encontradas acerca do trabalho de Nise da Silveira, podemos compreender o que significa se um destes pressupostos não for seguido. O diretor e ator Fauzi Arap (Arap, 1998, p. 182), colaborador de Nise da Silveira na Casa das Palmeiras, entre os anos de 1971 e 1972, fez uma crítica à própria prática realizada na instituição:

Mas como um paciente não é um artista, quando apenas se permite que formalize e expresse os conteúdos de seu inconsciente e não se analisa o resultado, está se perenizando seu estado de desequilíbrio pela falta de confiança na palavra e no diálogo. Ela que no dia-a-dia, acaba sendo a expressão do contrato social de convivência entre os homens. Se as imagens do inconsciente têm uma carga feminina, como afirmava Jung, a palavra expressa a consciência, que desempenha o papel masculino nesse par de opostos. Para se relacionar melhor com seu inconsciente e administrá-lo, o reconhecimento verbal de algumas questões seria fundamental. Toda a produção dos pacientes, na minha visão, deveria ser analisada como se fosse material de laboratório, ao lado deles, para que eles compreendessem seus significados. Algumas tentativas, até precárias, de minha parte, de proceder assim quase sempre produziram resultados.

Esta crítica procede,; no Método de Terapia Ocupacional Dinâmica, desenvolvido por Jô Benetton, os produtos produzidos nas sessões de terapia ocupacional são colocados em séries e confrontados dinamicamente pela pessoa que os realizaram

juntamente com seu terapeuta; sendo a significação verbal muito importante e tendo também um foco na análise do produto em si. Esta análise leva em consideração aspectos estéticos e a linguagem plástica presentes no trabalho.

Temos que salientar aqui que o início do trabalho de Nise da Silveira e a sua técnica terapêutica foram desenvolvidas com pessoas com doenças mentais graves, principalmente esquizofrenia e que tinham histórico de mais de dez anos de internação psiquiátrica. Estas pessoas são os chamados doentes crônicos da psiquiatria aos quais, em momentos da história dessa ciência, foram dispensados os tratamentos mais desumanos e cruéis como a eutanásia, lobotomia, eletrochoque e coma insulínico. Nise da Silveira (1973, p. 134) explica a eficácia da pintura e a importância das pontes para o mundo real:

A pintura dará ao doente que começa a lançar frágeis pontes para o mundo real, oportunidade de utilizar a linguagem emocional das imagens quando ainda é incapaz de comunicação verbal. Surgem então pinturas de fragmentos da realidade carregadas de vivências pessoais intensas. O exercício da linguagem plástica ajuda, nesses casos, ao estabelecimento das comunicações verbais e melhora os contatos interpessoais.

Também utilizava a pintura de naturezas mortas e de paisagens de fora do ateliê como ponte para a realidade, mas isso necessitava ser cuidadosamente manejado para perceber quando o doente não mais estava sobrepujado por imagens do seu interior.

O uso das atividades expressivas, principalmente o desenho e a pintura como forma de comunicação com o mundo interno e também de forma terapêutica formam o ponto central da terapêutica ocupacional praticada e estudada por Nise da Silveira.

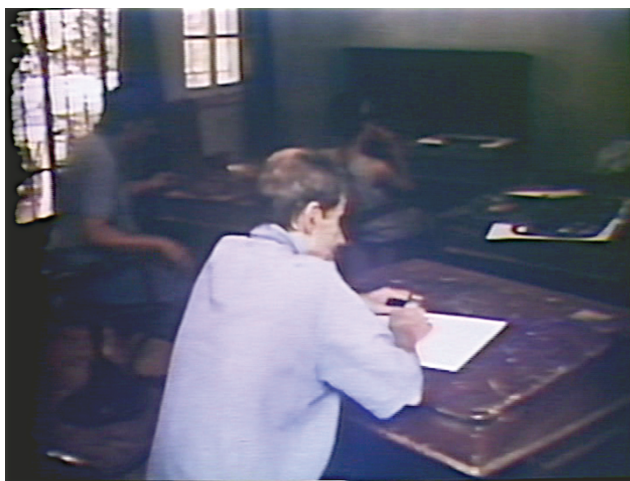
Agora elencam-se outros conceitos que também são importantes para entender a sua terapêutica ocupacional.

A importância do conhecimento da técnica e do manejo vocacional é muito importante na técnica terapêutica ocupacional que estamos analisando.

Na minha dissertação de mestrado (Silva, 2006) falo do papel do artista Almir Mavignier na gênese do trabalho de Nise da Silveira no ateliê de pintura do Engenho de

Dentro. O ensinamento das técnicas básicas de pintura, da escolha dos materiais, bem como o manejo da forma de expressão que melhor se adaptava para cada participante foi muito importante para a criação do ateliê de pintura. A escolha dos participantes contou com a sensibilidade de Mavignier que escolheu entre mais de um milhar de internos do hospital psiquiátricos os poucos colegas que podiam dividir com ele o ateliê e realizar obras de arte.

Figura 23 - Foto do antigo ateliê de pintura do Engenho de Dentro - Década de 1960.
filme Pintores do Engenho de Dentro.
Produção Filme do Serro

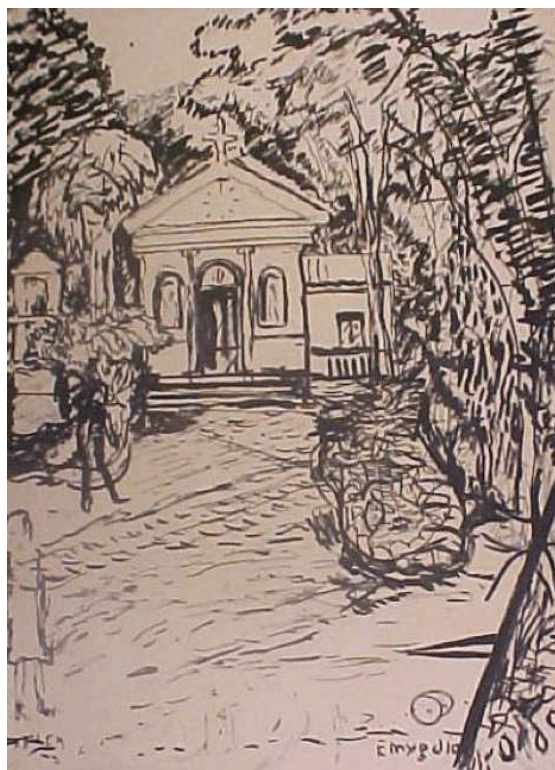


Nise da Silveira por escolha deliberada tentou criar um território artificial que fosse impermeável ao Capital, seguindo sua escolha ideológica de cunho marxista e comunista. Proibiu a venda ou que qualquer lucro fosse auferido com as obras plásticas e objetos produzidos nos ateliês do Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro. Trouxe o afeto, os desejos e escolhas das pessoas internadas naqueles tristes hospitais para o importante foco das exposições de arte e discussões em filmes, jornais e outras publicações.

Dois fatos ocorridos nos ateliês de Nise da Silveira demonstram isso. No primeiro o industrial e mecenas das artes, o paulistano Cecillo Matarazzo tentou comprar reiteradamente uma obra feita pelo interno Emygdio de Barros. Depois da insistência de Almir Mavignier para que fosse vendida a obra, ela mandou um recado para Matarazzo: “nem por ouro, nem por prata, nem por sangue de Aragão” ela venderia esta obra.

Almir Mavignier, Mário Pedrosa e outros colaboradores de Nise da Silveira, insistiram que alguns dos pintores do Engenho de Dentro, principalmente Emygdio de Barros, deveriam ser inseridos no mercado de arte. Organizaram algumas exposições e

propuseram as vendas das obras feitas por Emygdio no período que esteve fora do hospital psiquiátrico, não tendo muita aceitação pelo mercado de arte. Mário Pedrosa também propôs na época que as principais coleções do Museu de Imagens do Inconsciente fossem doadas para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Este museu pegou fogo em 1978 e a negativa de Nise da Silveira de aceitar a proposta de Pedrosa salvou as obras dos pintores do Engenho de Dentro do perigo do fogo.



*Figura 24 - Capela do Alto da Boa Vista -
Emygdio de Barros - Nanquim sobre papel
- 1949
Acervo MII*

Na segunda história podemos perceber as sutilezas e a subjetividade presente nas escolhas terapêuticas de Nise da Silveira. O monitor do ateliê de encadernação percebeu que Emygdio de Barros tinha um desejo no canto dos olhos de ir para o ateliê de pintura e expressou isso para ela. A psiquiatra respondeu que a leitura de canto de olhos era uma ciência avançada, Emygdio foi para o ateliê de pintura e durante quarenta anos produziu mais de três mil obras que são consideradas pelo poeta e crítico de arte Ferreira Gullar como as melhores das artes brasileiras. Gullar conta que na primeira vez que viu as obras de Emygdio, ficou deslumbrado com elas; “e desse deslumbramento nunca me curei até hoje” (Gullar, 1996, p. 25).

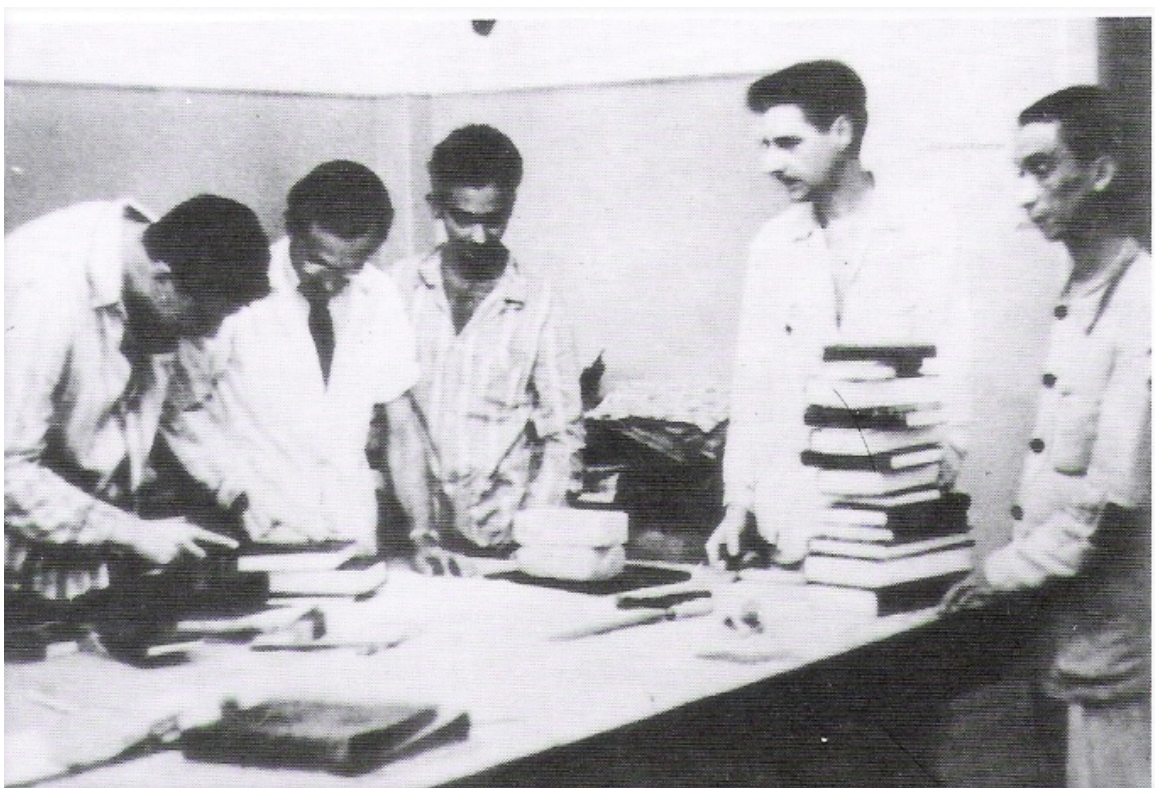


Figura 25 - Foto da oficina de encadernação, Emygdio, último à direita, observa monitor Hernani Loback. Acervo MII

Uma filosofia que percebemos como central no trabalho da psiquiatra Nise da Silveira é a crença no potencial de cada ser humano. Ela tinha um apreço especial pelos marginalizados que sentem a dor da exclusão da sociedade em que ela viveu. Conta em uma entrevista concedida no ano de 1991:

Certa vez um rapaz esquizofrênico, que já estava em situação razoável, na Casa das Palmeiras tinha dúvidas: “Eu vou me curar?” Eu lhe perguntei o que é que ele chamava de cura e ele me respondeu que estar curado seria voltar ao trabalho. Ele era escriturário e eu lhe disse: “Nem sonhando! Eu quero que você seja muito mais do que um escriturário”.

Ao enxergar uma grande potência de vida no destino de um rapaz esquizofrênico nos remete a Platão e sua crença que cada pessoa possui um *daimon*, guardião da existência de cada ser. Essa ideia sugere que cada ser humano carrega um

caráter único e que aceitando este chamado este homem caminha para seu mito pessoal. Este conceito foi explorado pelo psiquiatra e biólogo Ernest Kretschmer³¹ (Kretschmer, 1970, p. 139), lido por Nise da Silveira; e está muito ligado com a dualidade entre o louco e o gênio que tanto marca os grandes artistas. O elemento da genialidade e da psicopatia são uma “herança daemônica”.

Esta antiga ideia de Platão de *daimon* como portador do destino foi explicada pelo pensador neoplatônico Plotino com um mito que “escolhemos o corpo, os pais, o lugar e as circunstâncias que serviam à alma” (Hillman, 1996, p. 18). Neste ponto volto a comparar com os estudos que Nise nunca separou da sua prática e da terapia, como podemos compreender em suas próprias palavras: “Eu acho que não se pode separar esse trabalho de pesquisa do tratamento do doente”. Os estudos biográficos dos clientes que atendia foram uma das bases do seu livro *Imagens do Inconsciente* (Silveira, 1982).

Em uma escrita literária Nise descrevia à maneira de Machado de Assis, Fidor Dostoievsky ou Lima Barreto. Fernando Diniz pode ser confundido com Liev Nikoláievitch Míchkin (Silveira, 1995a, p. 11 - 12).

Menino pobre, criado junto a sua mãe, modesta costureira, em promíscuos casarões de cômodos, aspirava a habitar uma casa somente dele, lugar íntimo e seguro. Esta casa jamais existiu. A casa de Fernando foi a Casa Onífrica. Ele não a sonhou vista de fora. Imaginou-a no interior, onde pudesse levar uma vida aconchegante e secreta.

A importância da biografia para a análise psicológica foi lembrada por Jung (1954) na resposta a *carta* que a psiquiatra brasileira escreveu perguntando sobre Mandalas e falando de sua admiração pelos escritos do mestre suíço. No final da carta

³¹ Ernest Kretschmer no livro intitulado *Körperbau und Charakter* fundamenta ideias do eugenismo quando fala das classificações antropométricas e fala dos tipos atléticos, leptossômico e pícnico. Nise tem em sua biblioteca alguns livros que remetem ao primeiro período de sua formação na psiquiatria e na medicina, na qual teve acesso a livros com forte conteúdo ligado a eugenia.

escreveu “PS: “Para a compreensão psicológica seria também interessante saber alguns dados biográficos dos pintores”.

O método biográfico desenvolvido por Nise leva em conta toda a vida pregressa da pessoa analisada e toda produção plástica e busca dar um sentido para a vida de cada um dos internos do Engenho de Dentro que ela analisou em livros, exposições e sessões didáticas no seu grupo de estudos.

Um diferencial na maneira que ela construía as biografias de seus clientes foi a sua escolha por uma forma literária de narrar a vida dos doentes mentais. Nise nunca escondeu que a literatura a ensinou muito a pensar sobre sua prática terapêutica, “a quem quiser aprofundar-se em psicologia deve ler as obras de Machado de Assis” (Horta, 1995).

A literatura não é mera ilustração do saber médico, Nise da Silveira assume a literatura enquanto visão do mundo estruturante, arquetípica; mas sobretudo como lugar da transgressão e da esperança (Marco Lucchesi in Silveira, 1995a, p. 14)

Este ponto é de suma importância pois combate a anomia e a falta de individualidade presentes na prática e no ensino da psiquiatria e saúde mental na atualidade. Em recente visita à enfermaria do IPUB (Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro) uma enfermeira que analisava uma residência multiprofissional fez uma crítica à falta de objetos pessoais e individualidade nesta instituição psiquiátrica. Nise da Silveira já fazia esta crítica há mais de cinquenta anos.

Mas além de saber que a expressão artística foi um ponto central na terapia desenvolvida por Nise da Silveira e que ela utilizava a ideia de que cada pessoa *nasceu para fazer algo especial na vida* e que olhava com cuidado para a biografia de cada um das pessoas que atendia, sua prática agregava outros fatores essenciais para podermos entender como conseguiu desenvolver uma forma de terapia para pacientes psiquiátricos muito graves.

Um outro ponto muito importante na sua terapêutica ocupacional é o uso das mãos. Um estudo fenomenológico da mão nos é exigido para podermos compreender melhor este importante tópico da teoria de Nise.

O filósofo Immanuel Kant fez uma pequena afirmação que passou despercebida por muitos, mas que Richard Sennett (2009, p. 169) resgata para reflexão no mundo de hoje “A mão é a janela que dá para a mente”. Nise no seu trabalho mostrou que a mão é o caminho para uma boa saúde de nossa mente e da nossa alma. Ela complementou a afirmação de Kant com a aplicação prática de uma frase que ela dizia repetidamente e que atribuía ao psiquiatra Carl Gustav Jung: “se a mente está paralisada, só resta à mão a possibilidade de criar”.

Sennett (idem, p. 170 - 173) nos conta que a imagem da *mão inteligente* surgiu nas ciências em 1833 quando Charles Bell publicou *A Mão* ainda usando como escopo a concepção que Deus criou de forma perfeita a mão como ela é hoje. Esta tese foi derrubada poucos anos depois com os escritos evolucionistas de Charles Darwin que mostrava que a mão passou por evolução dos nossos antepassados macacos e que à medida que braços e mãos passaram para outra função de firmar o corpo em movimento, a mão teve uma evolução funcional e anatômica. Bell considerava que os diferentes órgãos dos sentidos eram ligados ao cérebro por canais neuronais separados, podendo os sentidos ser isolados uns dos outros. A atual neurociência mostra o contrário, uma rede neural envolvendo os olhos, o cérebro e as mãos, permitindo que a visão, o tato e o ato de pegar funcionem em harmonia.

Em uma entrevista a Ferreira Gullar, fala mais sobre a mão em um trecho que ela relembra de sua amiga Laura Brandão:

Ela um dia me disse uma coisa de que nunca me esqueci: ‘Você já reparou nas mãos do Minervino?’ Eu respondi: ‘Não, porque?’ E ela: ‘As mãos dele são lindas’... Minervino era um comunista, marmorista de profissão. ‘Você precisa reparar nas mãos do Minervino, as mãos do marmorista’. As mãos do Minervino eram cheias de marcas de trabalho... Aí eu aprendi a buscar a beleza nas coisas aparentemente feias.” (Mello, 2009, p. 18)

Figura 26 -
Comício na porta
de fábrica. Octavio
Brandão discursa
com Minervino ao
seu lado de gravata
borboleta.
Fundo Octavio
Brandão - AEL -
UNICAMP



Ao relembrar das mãos do Minervino e afirmar que aprendeu a buscar beleza nas coisas aparentemente feias, Nise apresenta em síntese princípios que pautaram sua prática durante toda sua vida, quando travou uma batalha de encontrar o belo nos tristes lugares que eram os hospitais psiquiátricos.

Refletindo sobre a questão da formação de um especialista em qualquer tipo de habilidade complexa o psicólogo Daniel Levitin (Sennett, 2009, p. 173) fala na estimativa de dez mil horas de aprendizagem e prática para formar um bom marmorista, compositores, terapeuta, jogador de volêi, escritor, pintor. Este tempo Nise da Silveira teve quando colocou internos de um hospital psiquiátrico em contato com um ofício diariamente por vários anos, ultrapassando rapidamente em vários casos estas dez mil horas. Vários clientes tornaram-se habilidosos pintores, escultores, encadernadores. Em um rápido cálculo acerca de Fernando Diniz que passou cerca de cinquenta anos ligados às oficinas de terapêutica ocupacional de Nise da Silveira e segundo relatos de monitores e terapeutas, passava ao menos seis horas produzindo e estudando em seu ateliê; podemos calcular que Fernando Diniz passou noventa mil horas envolvido com o aperfeiçoamento do seu ofício de artista plástico.

*Figura 27 -
Fernando Diniz
modelando.
Foto Cláudia
Bolshaw
Acervo MII
Mello (2006)*



Conta em entrevista para o Jornal O Estado de São Paulo concedida no ano de 1987 como funcionava a terapêutica ocupacional que implementou no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro:

Mas essa terapêutica, como a entendia, era bastante diferente daquela praticada correntemente, que visava antes de tudo produtividade em benefício de economia hospitalar. A terapêutica ocupacional que procurei adotar era de atividades expressivas que pudessem dizer algo sobre o interior do indivíduo, e ao mesmo tempo falar das relações deste com o meio. Encontrei um período favorável na direção do hospital, nesse tempo. Ela não concordava inteiramente com meus pontos de vista, mas me deixava fazer o que quisesse, sem dar àquilo muita importância. Então, comecei pouco a pouco a abrir setores e oficinas, a iniciar atividades, trabalhos manuais, marcenaria, sapataria, tapeçaria, esportes, teatro, festas, e entre estas, em pé de igualdade, um ateliê de desenho e pintura. Ao todo, cheguei a abrir 17 setores de atividades, que davam uma vida peculiar ao hospital, embora atingisse um número pequeno de clientes porque não dispunha de pessoal suficiente (Mello, 2009, p. 91 - 92).

Nise gostava de criar termos, neologismos e resgatar detalhes teóricos dos pensadores mais diversos que passavam despercebidos pela maioria dos estudiosos.

Estudando o doente Raphael Domingues que tinha se apresentado catatônico nas primeiras aproximações do monitor Almir Mavignier, a psiquiatra descobriu que existia algo que afetava positivamente o doente. Mavignier apostava no talento de Raphael, que tinha sido Prêmio Shell no ano de 1924 e tinha frequentado escola formal de artes. Depois de um período de imobilidade e catatonia, chamada na época de doença de Kretschmer, Raphael passou a desenhar garatujas e posteriormente Mavignier descobriu que ao montar naturezas mortas e pedir que Raphael desenhasse apareciam traços que captavam o momento de forma desconcertante. Mavignier acompanhou a melhora de Raphael e conseguiu que ele pudesse ir para a casa nos finais de semana; acompanhou e fomentou desenhos e retratos feitos por Raphael em sua própria residência. Esta evolução durou o tempo em que Mavignier permaneceu à frente do ateliê de pintura, depois que o monitor viajou para Europa e deixou o trabalho no Brasil, Raphael voltou a desenhar garatujas. Nise da Silveira realizou um sistemático estudo deste fenômeno e de outros que acompanhou no ateliê como a história de Fernando Diniz que deixou as garatujas para desenhar uma série em que retratava a monitora com motivos da cultura japonesa.

Baseado na descoberta que um doente crônico poderia ter uma melhora do seu quadro com o apoio afetivo de um monitor do setor de terapêutica ocupacional, Nise da Silveira cunhou o termo *afeto catalisador* para denominar o poder curativo do afeto que acelerava o processo terapêutico como um elemento químico pode acelerar uma reação química.

A importância do afeto já tinha aparecido antes na psicanálise através do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi na década de 20 e 30 do século passado. Ferenczi foi um dos primeiros psicanalistas a atender casos difíceis, inclusive casos de esquizofrenia e psicopatias. Discípulo direto de Freud, manteve uma extensa correspondência com o mestre. O psicanalista húngaro deparando-se com casos limites em que a técnica psicanalítica tradicional desenvolvida por Freud levava a uma estagnação na evolução do processo de análise, ousou empreender alterações tanto na técnica quanto na teoria

psicanalítica para conseguir êxito nos casos que atendia. Com essa atitude inovadora, Ferenczi abre caminho para o trânsito de afetos na experiência psicanalítica em detrimento da rememoração consciente por meio da associação livre de conteúdos inconscientes. No texto *Transferência e Introjeção* de 1909, Ferenczi apresenta uma metáfora retirada da química, comparando o analista com um catalisador que teria a função de atrair os afetos liberados pela transferência (Pizzinga e Aran, 2009).

A psiquiatra brasileira explicou da seguinte maneira sua ideia de *afeto catalisador*:

Costumo dizer que o monitor, num atelier ou oficina, funciona como uma espécie de catalisador. A química fala-nos de substâncias cuja presença acelera a velocidade das reações: enzimas, platina coloidal, paladium. Admite-se mesmo que reatores e catalisadores formem um complexo crítico ou um quase-composto. Em oposição ao agente catalisador está o agente inibidor que impede a reação, por exemplo, a acetanilde. Entre o pessoal que tem contato com o doente: médicos, enfermeiros, monitores de terapêutica ocupacional, há também os catalisadores e os inibidores. Sem dúvida o mesmo indivíduo poderá funcionar como catalisador para uma pessoa e inibidor para outra” (Silveira, 1982, p. 68 - 69).

O conceito de *afeto catalisador* é ampliado e dirige-se à capacidade do monitor do ateliê ou da oficina e pode conter outras pessoas que se relacionem com o doente. Nise da Silveira (1982, p. 80) explica que a pessoa que se relaciona com o esquizofrênico precisará de constância, paciência, não exigir nada em troca para que relações de amizade e compreensão possam ser criadas.

Contou que o *afeto catalisador* foi uma marca da seção de terapêutica ocupacional que ela dirigiu e em todos setores, como o de encadernação, marcenaria, jardinagem, costura. Nestes locais os doentes permaneciam pouco tempo do dia e assim o *afeto catalisador* funcionava menos.

O afeto catalisador funcionava aliado com a frequência que a atividade ou ocupação era realizado, disparando a capacidade de aprendizagem dos doentes participantes

dos ateliês de terapêutica ocupacional. Se pensarmos sobre a técnica de terapêutica ocupacional preconizada por Herman Simon, ficar pouco tempo em atividade e muito tempo sem uma ocupação poderia não surtir o efeito terapêutico desejado.

Em seu livro *Imagens do Inconsciente* (idem) ao falar do *afeto catalisador* Nise faz uma dura crítica aos hospitais psiquiátricos: “É quase impossível reunir, no hospital psiquiátrico, as condições favoráveis para ser tentado um tratamento eficaz” e completa com uma advertência “nessa apologia do afeto, não sejamos demasiado ingênuos, pensando que será fácil satisfazer as grandes necessidades afetivas de seres que foram tão machucados, e socialmente tão rejeitados”.



Figura 28 - Foto de Carlos Pertuis com um dos coterapeutas. Acervo MII. Mello (2006).

Além da teoria do *afeto catalisador*, introduziu no seu setor de terapêutica ocupacional os animais como coterapeutas. Seguiu a mesma ideia do monitor como catalisador no processo terapêutico de doentes esquizofrênicos e estendeu a ideia de animais como coterapeutas. Conta que a gênese desta ideia se deu quando um doente adotou a pequena cadela Caralâmpia no ano de 1955. Nise da Silveira (idem, p. 81), que tinha o apelido Caralâmpia dada pelo pai, percebeu as vantagens da presença dos animais no hospital psiquiátrico. Os doentes tinham uma melhora visível, ficando muito mais sociáveis e comunicativos. Foi uma das precursoras no mundo do uso de animais como coterapeutas no tratamento de doentes mentais.

No seu último livro *Gatos: a emoção de lidar* (Silveira, 1998), conta sua troca de experiência entre os precursores do uso de animais como coterapeutas no tratamento de doentes mentais e as dificuldades que tinha no Brasil para que esta ideia fosse acreditada.

Observei que os resultados terapêuticos das relações afetivas entre o animal e o doente eram excelentes. Mas era difícil que essa ideia tivesse campo para desenvolver-se. No Brasil a aproximação entre doente e animal, infelizmente, ainda não era cultivada. A preocupação dos terapeutas, ao contrário, afastava o animal do doente, sob alegações inconscientes. Compensadoramente, amigos distantes foram solidários, o prof. Boris Levinson, psicanalista americano, comentou por carta esses fatos ocorridos no Brasil, como a expulsão, o envenenamento ou morte contra os animais (Silveira, 1998, p. 53).

Muitas vezes os animais são a única ligação do doente com o mundo, Nise comentou no seu livro *Imagens do Inconsciente* que para o doente Carlos Pertuis os cães Sultão e Sertanejo foram seus terapeutas e aos médicos e monitores couberam o papel de coterapeutas. Citou o relatório de 10 de março de 1961 no qual uma monitora escreveu:

Carlos, chegando perto de um de nossos cães, o Sultão, abaixou-se e de cócoras, falou carinhosamente e com nitidez: “Você é muito bonito e valente. Tens uma orelhinha cortada, e isto é prova de bravura, eu também sou valente, sou nonai”. E durante longo tempo acarinhou o focinho do cão.

Ler esta descrição meio século depois ainda nos causa espanto, um doente que ela descrevia como tendo grandes dificuldades para comunicar-se com as pessoas, poder comunicar-se com sentido claro com um animal. A linguagem de Carlos era de difícil compreensão, com uma grande verbosidade, com palavras pronunciadas com veemência, mas sem um ordenamento de significado compreensível, com grande número de neologismos.

Carlos envolvia-se com muita dedicação na alimentação, no banho e em todos cuidados que Sultão necessitava. Em 16 de setembro de 1961 Sultão foi morto por envenenamento e a perda daquela ligação com o mundo externo fez Carlos regredir; houve prejuízos para a sua comunicação. Dois anos depois Carlos ligou-se com Sertanejo e conseguiu uma grande melhora e expressou este vínculo em várias telas.

Nise sempre aprendia com seus *clientes*, uma das suas escolas foram os doentes mentais. Uma dessas lições ela aprendeu com Carlos Pertuis. Ela relatou que Carlos era muito ligado com os animais e também amava as plantas. Certo dia Nise da Silveira (1982, p. 89 - 90) surpreendeu Carlos mexendo em uma lata de lixo e o interpelou, Carlos respondeu visivelmente irritado e com palavras ininteligíveis. Aproximando-se mais, percebeu que Carlos separava entre os detritos do lixo, sementes de laranja e cuidadosamente colocava-as em outro local. Continuando a observá-lo, Nise foi surpreendida com sua resposta em voz clara e veemente: “sementes jogadas na lata do lixo! As sementes são para ser plantadas!”

Esta história mobiliza reflexões acerca da maneira como ela promovia o trânsito dos afetos dos esquizofrênicos que acompanhava. Observadora cuidadosa, Nise realizava um diagnóstico dinâmico que conseguia abarcar onde estas pessoas estavam projetando seus afetos, construindo pontes para a realidade. Refletindo em termos desenvolvidos pela psicanalista Melanie Klein, poderíamos antever que o afeto poderia promover uma mudança na estrutura dos objetos internos e quebrar a fórmula rígida com que esses esquizofrênicos se relacionam com o mundo externo, facilitando assim a adaptação a novas situações e melhorando a comunicação.

Unindo o *afeto catalisador* com as possibilidades que as atividades expressivas e artísticas podem propiciar como terapia e forma de comunicação para os esquizofrênicos e pessoas com sofrimento mental grave podemos pensar em uma nova forma de tratamento destes estados que geram muito sofrimento e angústia. Percebeu que o inconsciente não deveria ser combatido e sim estudado e vivenciado como uma possibilidade de transformação e crescimento para os doentes mentais e também para as pessoas ditas normais. Na prática terapêutica em voga nos dias atuais, no âmbito da reforma psiquiátrica e dos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), as vivências mais profundas, ligadas ao inconsciente são enxergadas com dualidade, uma parcela dos profissionais significa estas vivências como sintomas da doença mental e assim são confrontadas e combatidas, enquanto uma parcela de profissionais de formação psicanalítica buscam subjetivar as mesmas vivências.

7 Imagens do inconsciente

A primeira influência em seu conceito de *imagens do inconsciente* vem do filósofo Baruch de Spinoza. Para Nise, o filósofo já sabia que o espírito (píscuê) é composto de grande número de partes, “os homens ignoram as causas de seus apetites. Eles são de fato conscientes de suas ações e de seus apetites, mas ignoram as causas que os determinam a apetecer”. Para Spinoza as emoções eram ideias confusas, ou seja, acontecimentos psíquicos dos quais o homem apreende apenas conhecimento limitado. Ele já falava que a razão devia interpor-se entre desejo e ação, antecedendo os conceitos de princípio do prazer e da realidade desenvolvidos por Freud muitos séculos depois (Silveira, 1995a, p. 80 - 81).

O conceito de inconsciente presente na teoria da terapêutica de Nise amplia a ideia de inconsciente de Freud. Entre outros conceitos de inconsciente desenvolvidos na mesma época estudei o conceito de inconsciente presente na obra do filósofo francês Henri Bergson. Conta que leu muito este filósofo na prisão; podemos perceber influências nas teorias construídas por Nise dos livros que leu e da realidade que viveu.

Bergson fala de *memória pura* que é virtual e inconsciente, como podemos perceber em suas próprias palavras: “mas nossa lembrança permanece ainda em estado virtual; dispomo-nos, assim, a simplesmente recebê-la, adotando atitude apropriada. Pouco a pouco, ela aparece como nebulosidade que viria condensar-se; de virtual, ela passa ao estado atual”. (Bergson in Deleuze, 1999, p. 43)

Recorro a Henry Bergson para iniciar a explanação sobre a leitura das *imagens do inconsciente* a qual aproximo muito do que o filósofo chama de *memória pura*. Seria como se as alucinações e o turbilhão de imagens e sensações que aterrorizam o esquizofrênico fossem virtuais e inconscientes e ao poder pintar, estas lembranças condensassem-se na tela e permitessem ao doente viver no tempo presente.

Nise baseou-se novamente em Spinoza para explicar como as imagens configuram-se na psique (Silveira, 1995a, p. 90 - 91):

- a) imagens configuradas em decorrência de perturbação do corpo, isto é, febre e outras alterações orgânicas: essas são imagens rudimentares e desconexas;
- b) imagens das coisas exteriores, percebidas graças às modificações que essas coisas exercem sobre o próprio corpo daquele que as observa. Portanto, a percepção não é

uma reprodução, um clichê da coisa percebida: as ideias que nós temos dos corpos exteriores indicam mais a constituição de nosso corpo que a natureza dos corpos exteriores. E ainda o espírito humano não percebe nenhum corpo exterior como existente em ato, a não ser pelas ideias das afecções de seu próprio corpo. Já aqui você faz um grande avanço, pois concede ao observador importância de relevo face aos objetos percebidos, coisa que ainda hoje muitos psicólogos não conseguem assimilar;

c) ideias imaginativas ou imaginações do espírito, criadas por faculdade própria da psique: o poder de imaginar em toda liberdade, independente de imposições exteriores.

Segundo Nise da Silveira nos estados de loucura, as imagens visualizadas no mundo interno apresentam-se com força tão convincente, que dominam o indivíduo, seja pelo terror ou pelo deslumbramento. E poderá ocorrer o que narra o mito:

Teseu e seu amigo Perithous aventuraram-se a descer às profundezas do mundo subterrâneo. Sentaram-se sobre uma rocha e não mais conseguiram erguer-se. Hércules resgatou Teseu, mas Perithous lá ficou “esquecido de si mesmo” (Silveira, 1995a, p. 92).

Afirmava que as *imagens do inconsciente* eram recepcionadas com desinteresse pelos psiquiatras, psicólogos e pela comunidade universitária. Confessa nas *Cartas a Spinoza* que algumas vezes ficava triste com isso.

Recorreu ao pintor Jean Dubuffet, fundador do Museu de Arte Bruta para exemplificar a insensibilidade:

o mundo está repleto de pessoas que se tornaram inaptas para a apreensão direta das coisas. Elas unicamente conseguem aprendê-las através da grade das palavras. Nada lhes é perceptível a não ser depois da transcrição sobre grades” (in Silveira, 1995a, p. 96).

A leitura das *imagens do inconsciente* foi a base para os escritos da maturidade de Nise da Silveira, da elaboração do roteiro e da preparação das imagens para os filmes feitos em parceria com Leon Hirszman na década de 80 do século passado e para os audiovisuais

preparados em parceria com Luiz Carlos Mello, exibidos em congressos, universidades e instituições de ensino de todo Brasil.

Como fazemos para entender a técnica de visualização e leitura de *imagens do inconsciente* proposta por Nise da Silveira?

Esta pergunta acima sempre foi um desafio para mim, sempre achei a técnica de *imagens do inconsciente* de difícil entendimento e parecia quase impossível reproduzir a metodologia utilizada por ela.

Uma influência presente na técnica de leitura de *imagens do inconsciente* é a metodologia proposta por Jung de *amplificação* (Jung, 1994, p. 300).

Relendo os livros escritos na maturidade por Nise da Silveira encontrei algumas pistas de como ela utilizava a metodologia de *amplificação*; no livro *Imagens do Inconsciente* percebe-se a ligação com temas ligados a história cultural em que Nise conecta as imagens feitas pelos seus pacientes com temas existentes em imagens realizadas em culturas remotas. Em um estudo das pinturas de Octavio Ignacio, Nise da Silveira (1982, p. 130) busca na cultura hindu explicações para seus cavalos com motivos fálicos; a psiquiatra explicou que “as poderosas forças inerentes ao Shiva-lingam e à deusa Kundaline poderiam encontrar expressão nas asas vermelhas da pintura de Octavio”.



Figura 29 -
Obra de Octavio
Ignácio
Acervo MII
Mello (2006)

Mas não encontrei nenhuma sistematização de como ela fazia isso. Foi lendo um artigo escrito por Eurípedes Cruz Júnior (2009) que compreendi como funciona o sistema organizado por ela para classificar e estudar as *imagens do inconsciente*. Ele indica um texto escrito por Nise (Silveira, 1966, p. 101) em que ela afirmava:

Esta sistemática é a mesma utilizada pelo Archiv for Research in Archetypal Symbolism (ARAS) de Nova York, realização da Böllingen Foundation. Portanto, desde que nos sejam proporcionadas indispensáveis condições de trabalho, poderá ser organizado no Rio de Janeiro um arquivo de imagens dentro do mesmo sistema adotado pelo Bild Archiv e pelo Aras, o que nos permitirá comunicarmo-nos com essas organizações usando uma linguagem comum.

Precisamos estudar qual a origem sistemática utilizada pelo Archiv for Research in Archetypal Symbolism - ARAS, citado por Nise da Silveira. O ARAS teve sua origem numa coleção constituída por Olga Fröebe-Kapteyn, nascida em Londres em 1881, filha de um pai fotógrafo e mãe escritora e anarquista. A coleção de imagens foi iniciada em 1933 na Suíça. Olga usava reproduções fotográficas de desenhos, gravuras ligados com os temas estudados nas reuniões promovidas na Sociedade Eranos que estudava as ligações das culturas Orientais e Ocidentais. Dos encontros anuais na cidade de Ascona participaram pensadores como o psiquiatra C. G. Jung, o arte historiador Herbert Read, o físico Max Knoll, o estudioso da mitologia Joseph Campbell, entre outros .

Em 1946 a coleção iniciou um processo de transferência para Londres. Olga Fröebe-Kapteyn avaliou que o Instituto Warburg seria um ótimo lugar para abrigar sua coleção. A transferência da coleção de Olga Fröebe-Kapteyn foi finalizada em 1956 e o Instituto Warburg passou a abrigar a coleção de Estudos sobre o Simbolismo Arquetípico. Outras duas cópias do mesmo acervo foram enviadas uma para o próprio Jung (hoje no Instituto C. G. Jung em Zurique) e para a Fundação Böllingen em Nova York. Hoje em dia podemos consultar esta coleção na internet pagando uma taxa anual para esta pesquisa.

Consultando as formas como Olga Fröebe-Kapteyn utilizava as imagens do arquivo nos encontros anuais, podemos observar nas fotos da época que as imagens eram dispostas em

séries utilizadas para explicar os temas que estavam sendo estudados, como por exemplo no estudo de Erich Neumann sobre o mito da Grande Mãe em 1938 e sobre Renascimento em 1939.

Uma categorização das imagens do acervo ARAS foi feito na década de sessenta do século passado em uma colaboração entre Jessie Fraser e o psicólogo junguiano Joseph L. Henderson, baseada na ligação entre aspectos arquetípicos e a história cultural.

Resumidamente esta classificação baseava-se em itens individuais e tinha um argumento cronológico da história cultural. As categorias eram (idem):

1. O mundo arcaico, paleolítico e mesolítico.
2. O mundo antigo, Egito e Oriente Médio.
3. O mundo clássico, egeus, micênicos, minóicos, etrusco-italianos, romanos e culturas associadas.
4. Europa pré-cristã, pré-história, proto-história e povos bárbaros.
5. Mundo Ocidental nos últimos dois mil anos.
6. Mundo islâmico.
7. Mundo asiático.
8. Povos tradicionais da África, Oceania, do Ártico e os índios do continente americano.
9. O mundo psicológico.

Esta classificação foi utilizada por Nise da Silveira que traduziu para o português o sistema de classificação do ARAS para a Coleção de Quadros. Na dissertação de mestrado de Eurípedes Cruz Júnior (2009, p. 142 - 145) encontramos nos anexos o original deste sistema de classificação e a descrição de todas suas categorias. Estas categorias têm uma forte influência dos estudos do pensador alemão Goethe. As categorias são:

- I. Representações diversas (matérias primas)
- II. Céu e terra.

- III. Flora.
- IV. Fauna.
- V. Homem.
- VI. Homo Faber.
- VII. Homo Religiosus
- VIII. Processo de Individuação.
- IX. Séries especiais de pesquisa.

Na ficha de catalogação utilizada hoje no Museu de Imagens do Inconsciente, o vigésimo terceiro até o vigésimo quinto campo são dedicados a uma descrição utilizando o sistema ARAS. Eurípedes Cruz Júnior (2009, p. 92), que também trabalha há mais de trinta anos no Museu de Imagens do Inconsciente, conta que a partir da década de noventa do século passado, devido ao pequeno número de funcionários para esta função, os campos relativos ao ARAS não são preenchidos pelos funcionários do museu responsáveis pelo arquivo.

Eurípedes Júnior também comenta que atualmente o ARAS usa outra sistemática de classificação de suas obras. A sistemática que é utilizada hoje tem uma forte influência enciclopédica e privilegia a descrição pormenorizada de cada imagem.

Vemos que os estudos de imagens no ARAS e no Instituto Jung em Zurique limitaram-se à criação de verdadeiras enciclopédias com o significado de cada imagem e com uma lista de indicação estática de relações entre elas.

A nova forma de classificação foi desenvolvida por Jessie Fraser, na década de 1980, é dividida em três categorias :

1. Descrição do que se vê na imagem.
2. Contexto Cultural, com descrição do fundo mítico ou cultural: o que esta imagem significava para a cultura que criou a imagem e para que fim era usado.
3. Comentário sobre o arquétipo com a descrição dos padrões comparativos transculturais da imagem e como pensar sobre isso de uma forma psicológica.

A busca pode-se dar no arquivo por palavras chaves ligadas ao conteúdo, ao contexto cultural ou ao arquétipo. A antiga forma de organização do ARAS não aparece mais nas fichas atuais de catalogação do acervo.

A influência do ARAS e dos estudos realizados em ERANOS nos seminários anuais aparecem claramente nos estudos da psiquiatra brasileira, nas exposições e nos livros e artigos escritos por Nise da Silveira (Silveira, 1982, p. 293), como podemos observar no livro *Imagens do Inconsciente* quando exemplifica o estudo de E. Neumann da *Grande Mãe*, sobre o desenvolvimento do arquétipo feminino, utilizando imagens da mitologia.

Um outro estudioso que podemos usar para explicar a teoria de *imagens do inconsciente* é o historiador de Aby Warburg³² que entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX construiu uma biblioteca de mais de sessenta mil obras e elaborou uma nova forma de olhar para as imagens e para história da arte. Warburg deixou o inacabado *Bilderatlas Mnemosyne* em que propunha uma nova forma de classificar e estudar as imagens produzidas pelo homem.

Em sua maneira peculiar de pensar as imagens Warburg constituiu um modelo mnemônico em que a cultura europeia humanista reconhece suas origens e traça caminhos para o presente. Aby Warburg, a partir de reproduções ou detalhes de obras, anúncios, fotografias e recortes buscou descobrir as diversas camadas de informações e de ontologias que uma imagem possui. Seu conceito de história não se prendia a cronologia e sim a sua teoria de memória social ou coletiva. O estudioso alemão identificou que as imagens possuíam um *pathos*, uma *linguagem mímica* cuja migração histórica e geográfica é possível acompanhar. Warburg fazia uma interconexão entre as imagens e os textos de sua biblioteca buscando decifrar os enigmas presentes em cada uma e no conjunto das imagens (Vilhena, 2006; Guerreiro, 2011).

Abraham Moritz Warburg foi o filho mais velho de uma rica família judia de Hamburgo, proprietários do famoso M. M. Warburg Bank. Warburg declinou seu direito de sucessão nos negócios da família em troca que os irmãos bancassem seus estudos até o fim,

³² Para maiores informações sobre Aby Warburg podemos acessar o projeto Enciclopédia e Hipertexto (Alexandre, Guerreiro *et al.*, 2011). Encontram-se diversos artigos sobre Warburg em português. <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/>

permitindo comprar quantos livros precisasse para seus estudos, bem como pagassem seus assistentes e tudo que ele precisasse nestes estudos.

Quando morreu em outubro de 1929, Aby Warburg tinha produzido quarenta painéis com mais de mil fotografias, cuja função consistia em identificar a interligação da tradição cultural que operam no interior da linguagem ocidental das imagens. O *Bilderatlas* tinha a finalidade de reconstruir o substrato que Warburg tinha imaginado nomear de memória social. No projeto de Warburg, este ordenador e condensador de material visual deveria produzir um efeito de conhecimento visual, capaz de afetar nossa imagem do mundo numa medida ainda imprevisível (Guerreiro, 2011). Este projeto de Warburg era interconectado com a Biblioteca Warburg que tinha mais de sessenta mil volumes em um forma precursora de um *hipervisualidadetextual*³³.

A ligação da psiquiatria com Aby Warburg é indireta. O *Archive for Research in Archetypal Symbolism* - ARAS, encontra-se hoje localizado dentro das diversas coleções que formam o Instituto Warburg da Universidade de Londres. Se um pesquisador hoje for ao local estudar estas imagens do ARAS certamente será influenciado pela *lei da boa vizinhança* descrita por Warburg, em que um livro ou imagem que está ao lado de outro poderá influenciar ou mesmo inspirar a pesquisa em curso. Por exemplo em uma biblioteca, o livro que é vizinho do que você procura pode despertar no pesquisador interrelações não pensadas por ele e que podem auxiliá-lo na investigação.

Como veremos adiante, Nise usa uma metodologia de criação e recriação de séries de imagens, utilizando álbuns, slides e filmes. Ela estuda cada imagem em diversas camadas: o que se via, pessoal, cultural, mitológica. Depois encontrava ligações das imagens em séries cada vez maiores que chegavam a cem imagens nos álbuns, ampliando isso ainda mais nos slides e nos filmes. Assim como Aby Warburg, ela era fascinada por novas tecnologias³⁴, usando os

³³ criei esta palavra para tentar explicar a ontologia criada por Warburg e mostrar a sua total contabilidade com as mídias e tecnologias do mundo contemporâneo

³⁴ é interessante observar que ao mesmo tempo que ela incorporava novas tecnologias a sua prática de pesquisa, Nise no final da vida foi pega pela avalanche da transformação tecnológica do final do século XX. Em depoimentos diversos afirmou que não conseguiu adaptar-se ao fax e muito menos ao computador.

projetores multimídias de imagem e som; associando-se com Leon Hirszman para realizar a série premiada de filmes *Imagens do Inconsciente* registrada em película 16 milímetros.

Ao fazer a união da metodologia do ARAS com a metodologia de Warbug podemos ter uma resposta a uma pergunta feita por Nise da Silveira (1982, p. 115 - 116). Como estudar as imagens e símbolos que aparecem nas pinturas e modelagens dos esquizofrênicos?

A autora (idem) responde com uma proposição de Jung: “situar o simbolismo sobre a única base científica possível - a pesquisa comparada”. E qual a pesquisa comparada que Nise da Silveira empreende para realizar o entendimento das *imagens do inconsciente*?

Para este empreendimento de entender as *imagens do inconsciente*, ela lança mão de uma regra principal. De Jung ela utiliza a ideia que as pinturas devem ser estudadas em série. “Será necessário o estudo comparado de muitas pinturas para compreendê-las” (Silveira, 1982, p. 116).

E como Nise fez para organizar estas séries?

Usamos as suas próprias palavras para esta resposta (Silveira, 1982, p. 116):

O pesquisador encontrará nos arquivos do Museu de Imagens do Inconsciente longas séries de pinturas, datadas e reunidas, segundo os respectivos autores. Poderá acompanhar essas sequências de imagens e verificar, por si próprio, que elas encerram significações e se tornam apreensíveis na perspectiva do desdobramento de longas sequências de imagens.

Para este intuito, Nise manteve-se fiel ao ensinamento de Jung e o ampliou. Criou estudos de longas séries de pinturas, geralmente contendo de cinquenta a cem obras montadas sobre *passepertout* e encadernadas de maneira simples com os materiais disponíveis na época. Alguns álbuns eram organizados por autor e outros por temas. Os álbuns organizados por temas tinham imagens de mais de um autor. Alguns desses álbuns ficavam dispostos numa grande mesa de reuniões que havia em uma das salas de exposição do Museu de Imagens do Inconsciente. Quando chegava um visitante, a doutora Nise folheava esses álbuns, fazendo comentários e considerações sobre os temas presentes nas imagens (Cruz Junior, 2009, p. 90).

Podemos perceber o caráter dinâmico e hipertextual da organização das séries feita pela psiquiatra brasileira. Folheava os álbuns e encontrava paralelos em outros álbuns,

recriando assim novos álbuns virtuais, buscando significados nos textos que leu e escreveu, relatando histórias de vida e recuperando mitologemas e imagens da história cultural; criando sua ontologia das *imagens do inconsciente*. Eurípedes Cruz Júnior (idem) lamenta que sem a presença de Nise, os álbuns perdiam o significado e transformavam-se em uma exposição encadernada.

Figura 30- Inauguração das novas instalações do museu, 1956. Na foto os professores Henry Ey, López Ibor, Ramon Sarró e os representantes do ministro da Saúde e da Embaixada França. Foto Alonso Bispo. Acervo MII



O que propusemos nesta tese é um estudo aprofundado que permita que outras pessoas possam construir novas ontologias textuais e de imagens que conversem com as ontologias criadas por Nise da Silveira e mantenham vivas as imagens do inconsciente pintadas em um trabalho de mais de meio século de dezenas de homens e mulheres que, muitas vezes privados da liberdade e encarcerados em um hospital psiquiátrico, significaram sua existência por meio de imagens, esculturas e outras obras plásticas.

A utilização de técnicas computacionais e da rede mundial de computadores é indicada na tese de Eurípedes Cruz Júnior (2009) e acreditamos que deva ser um investimento necessário da cultura brasileira preservar o singular acervo do Museu de Imagens do Inconsciente e torná-lo acessível ao Brasil e ao Mundo. Nise da Silveira (1979, p. 42) já falava sobre isso, mesmo antes de existir a rede mundial de computadores; o que ela não suspeitava é que as imagens podem hoje ser acessadas sem a necessidade de requisitar-se e esperar que uma reprodução fosse enviada pelo correio tradicional:

À semelhança do que já está estabelecido em relação às bibliotecas, que hoje adotam sistemas universais de catalogação a fim de possibilitar aos estudiosos do mundo inteiro a obtenção do material de que necessitem para seus trabalhos, também começam a ser organizados arquivos de imagens, que serão no futuro equivalentes das bibliotecas. Desde que esses arquivos sejam estruturados segundo os mesmos sistemas, os pesquisadores interessados pela expressão plástica poderão ter conhecimento das imagens concernentes aos temas que estejam investigando, seja qual for a procedência dessas imagens e seja qual for o país onde se encontre o pesquisador.

Nise faz um paralelo que compara a decifração das *imagens do inconsciente* com a descoberta do código de leitura dos hieróglifos egípcios, onde a perda de um único hieróglifo poderia ter dificultado ainda mais a leitura da antiga escrita egípcia. Sem a presença do egiptólogo que conseguiria decodificar os hieróglifos, só poderemos ter um entendimento pessoal, sem encontrar o significado. Nise tinha a função de decifrar os enigmas no Museu de Imagens do Inconsciente e apenas se retomarmos sua metodologia, poderemos ampliar o significado das *imagens do inconsciente*.

As coleções são organizadas por autores, relacionando com método biográfico que traz a importância da singularidade de cada um. Nise nega a impessoalidade da psiquiatria e passa a contar os detalhes da vida do paciente, usando para isso as ideias contidas nas descrições de Freud e Jung de casos clínicos, mas não se contentando com isso, ela usa conceitos do filósofo Spinoza de potencialidade da vida; sua linguagem para descrever cada um dos autores é de natureza literária, como se fizesse um livro da vida de cada um de seus clientes estudados, verdadeiras ontologias textuais.

A isso ela soma as imagens pintadas por eles e vai criando ontologias plásticas de cada pessoa estudada. Afirmo que o caminho menos difícil para a penetração no mundo do esquizofrênico é recorrer à expressão plástica. Ela atribui validade de um documento que versará sobre a vida psíquica de cada autor. Estas imagens ficarão aprisionadas sobre a tela ou papel e poderão sempre ser consultadas novamente.

Uma dificuldade para entender como eram feitas estas análises reside no próprio estilo complexo da autora que ao mesmo tempo em que tece uma severa crítica ao

método redutivo de Freud, usa-o para analisar os símbolos presentes nas *imagens do inconsciente*. Ela utiliza este método em muitas passagens do seu texto, principalmente em dados colhidos na anamnese que descreve algumas imagens literárias de cunho pessoal. Por exemplo conta sobre a pequena diferença de idade entre Emygdio e seu irmão, onze meses mais novo; a autora interpreta que o irmão teria roubado o leite materno de Emygdio numa clara alusão à teoria freudiana. Uma marca da autora é utilizar ideias mesmo depois de criticá-las, conseguindo encontrar ligação entre conceitos aparentemente antagônicos.

Depois de reunir uma série de imagens pintadas por um mesmo autor, Nise da Silveira (1982, p. 116) seguia um conselho proferido por Jung quando a recebeu em 1957 na sua casa em Zurique: “Estude mitologia”. Nise procurava nas imagens paralelos mitológicos, verdadeiros mitologemas que pudessem explicar parte da imagem. Estes mitologemas estão carregados da herança cultural da humanidade e é o que explica um pintor no subúrbio carioca pintar imagens como a do Deus Mitra que aparece na mitologia persa, hindu e romana há mais de 4000 anos.

A psiquiatra brasileira usa um conceito para fazer suas análises em que ela cria uma intertextualidade entre a obra de Freud e Jung. Apoia-se na ideia junguiana que o inconsciente é constituído de camadas. A camada mais superficial do inconsciente chama-se *inconsciente pessoal* e é onde estão as emoções sufocadas, desejos, conflitos reprimidos e é uma camada análoga ao inconsciente postulado na teoria freudiana. A novidade proposta por Jung é a existência de camadas mais profundas, o *inconsciente coletivo*, onde os conteúdos arquetípicos se instalam e de onde emergem materiais psicóticos que se materializaram nos quadros, desenhos e esculturas realizadas nos ateliês comandados por Nise da Silveira no Engenho de Dentro.

Em todas as pessoas estudadas por ela, a psiquiatra aprofunda as causas pessoais ligadas à situação de sofrimento mental e ao mesmo tempo estuda as séries de obras plásticas e nelas descortina os conteúdos das camadas mais profundas da psique, interpretando o nexos causal que levou a estados críticos do ser como as ocorridas na cisão psicótica.

Assim Nise significa a vida de seus clientes, fiel aos preceitos de seus grandes mestres Spinoza e Machado de Assis, a alagoana buscava recontar a história de vida e os significados mais profundos de cada cliente que acompanhava, chamava-os todos pelo nome. Pronunciando o nome de cada um e descobrindo o que faziam com maestria, restituía-lhes a *potência da existência*.

E como este método de expressão plástica por pintura pode ser terapêutico e promover um processo de cura da pessoa que tem um sofrimento mental? Primeiramente a pintura tem uma função de objetivar e visualizar o caos aparentemente incompreensível de um processo psicótico. Nise recorre a Jung para explicar o processo como isso ocorre:

o efeito deste método decorre do fato de que a impressão primeira, caótica ou aterrorizante, é substituída pela pintura que, por assim dizer, a recobre. O tremendum é exorcizado pelas imagens pintadas, torna-se inofensivo e familiar e, em qualquer oportunidade que o doente recorde a vivência original e seus efeitos emocionais, a pintura interpõe-se entre ele e a experiência, e assim mantém o terror a distância. O que acontece é que a expressão plástica das imagens do inconsciente despotencializam a energia psíquica envolvida na criação do surto e promoverá um verdadeiro “processo de autocura” (Silveira, 1982, p. 135).

Explica que o processo de interpretação analítica usado com neuróticos na psicoterapia tradicional fica muito difícil com pacientes psicóticos. Assim ela propõe um método que utilize atividades expressivas, como a pintura e a modelagem, para dar forma e transformar as mutações internas. Sempre afirmou que estas atividades devem ser usadas como *pontes para o consciente*, mas afirma que isso só é possível depois de um longo trabalho expressivo que despotencializa as enormes cargas energéticas das camadas profundas do inconsciente.

Segundo Nise da Silveira (1982, p. 136) as pinturas podem ser usadas para reorganizar a “ordem interna e ao mesmo tempo reconstruir a realidade”. Ela ressalta que o doente precisa sentir-se livre no ateliê e mantido longe da “presença importuna de curiosos”.

Em um ambiente adequado, as imagens pintadas poderão descortinar paralelos entre as representações que perturbam o indivíduo no presente e situações descritas em mitos de vários povos. O indivíduo precisará desta ponte de paralelos mitológicos para poder entender que na história da humanidade diversos povos e pessoas já passaram por sofrimentos análogos aos seus e assim tornará o fardo da pessoa que passa por sofrimento mental mais fácil de carregar, despotencializando a energia psíquica e significando seu sofrimento. Novas pesquisas no futuro poderão investigar a questão cognitiva e emocional envolvida nos processos de despotencialização psíquica e explicar como a expressividade artística auxilia em processos de sofrimento psíquico.

Entender a questão da despotencialização da energia psíquica através da expressão plástica que materializa imagens do inconsciente profundo é primordial para compreender a metodologia e a proposta de Nise da Silveira. Revisita o conceito freudiano de sublimação que, para o mestre austríaco, é o único dos mecanismos de defesa do ego que realmente libera a energia psíquica que passa a ser expressa em uma forma de representação aceita culturalmente, como é o caso das pinturas feitas pelos seus clientes.

Durante sua longa prática como terapeuta e pesquisadora Nise transformou alguns de seus conceitos, no início da sua prática imaginava que as atividades expressivas de pintura e modelagem seriam um meio de acesso ao mundo interior do doente; este conceito foi superado pela ideia de despotencialização da energia psíquica. Nise da Silveira (2008, p. 70) falava que viu muitos doentes terem uma melhora ou mesmo serem curados somente envoltos com as atividades expressivas, sem necessidade de nenhum tipo de racionalização ou interpretação.

Hoje utilizando tecnologias de supercomputadores como o Galileu³⁵ poderemos realizar estudos que liguem a matriz de ocorrência, o espectro de frequência, dimensão fractal, com as propriedades da cor (matiz, saturação, intensidade) e com o contexto, que nos remeterá aos estudos de Nise da Silveira e aos estudos culturais. Assim podemos recriar

³⁵ O Galileu que pertence ao NACAD (Núcleo Avançado de Computação de Alto Desempenho) da UFRJ foi financiado com o apoio da FINEP e CNPQ, no final do ano de 2010 era considerado o 72o computador com maior poder de processamento no mundo. O Galileu pode ser usado em pesquisas na área de ciência e cultura pela comunidade universitária brasileira.

novas séries e navegar em inéditas ontologias que passam a recriar um significado para o trabalho de mais de cinquenta anos que homens e mulheres privados da liberdade perpetuaram para herança cultural da humanidade.

Nise falava em diversas entrevistas de *Projetos para o Ano 3000*; cabe a nós propiciar a materialização destes projetos para que as futuras gerações utilizem este arsenal imagético produzido por pessoas em tristes situações dentro de um hospital psiquiátrico.

A pesquisa e o estudo a partir das vertentes imagísticas estão apenas começando. Somente a ponta do iceberg despertou. A partir do século XXI, os interessados neste assunto devem se dedicar intensamente, pois das imagens surgirão não só revelações sobre o corpo psicológico e físico, como descobertas das potencialidades mentais dos seres humanos. As descobertas futuras sobre o inconsciente revolucionarão a história da raça humana (Silveira, 2008, p. 9 - 10).

Outro ponto importante é manter vivos os ateliês de pintura, modelagem e de outras artes expressivas contemporâneas que auxiliem mais pessoas a superar os *inumeráveis estados do ser*, as psicopatias, as esquizofrenias e conduzam estas pessoas para possibilidade de se expressar e compreender suas imagens do inconsciente, ordenando a personalidade e fazendo-as aguentar as dores da vida.

Para isso é primordial manter a chama da experimentação e ousadia proposta por Nise que trouxe artistas e pessoas criativas e cheias de afeto para catalisar o processo de cura de muitas pessoas com sofrimento mental. O ateliê não funciona sem a presença do artista, sem o fogo da criação. O convívio de terapeutas e artistas, trocando conhecimentos sobre a psique humana e sobre os processos de criação pode ser uma forma de perpetuar um ambiente livre para a criação artística e o estudo das *imagens do inconsciente*.

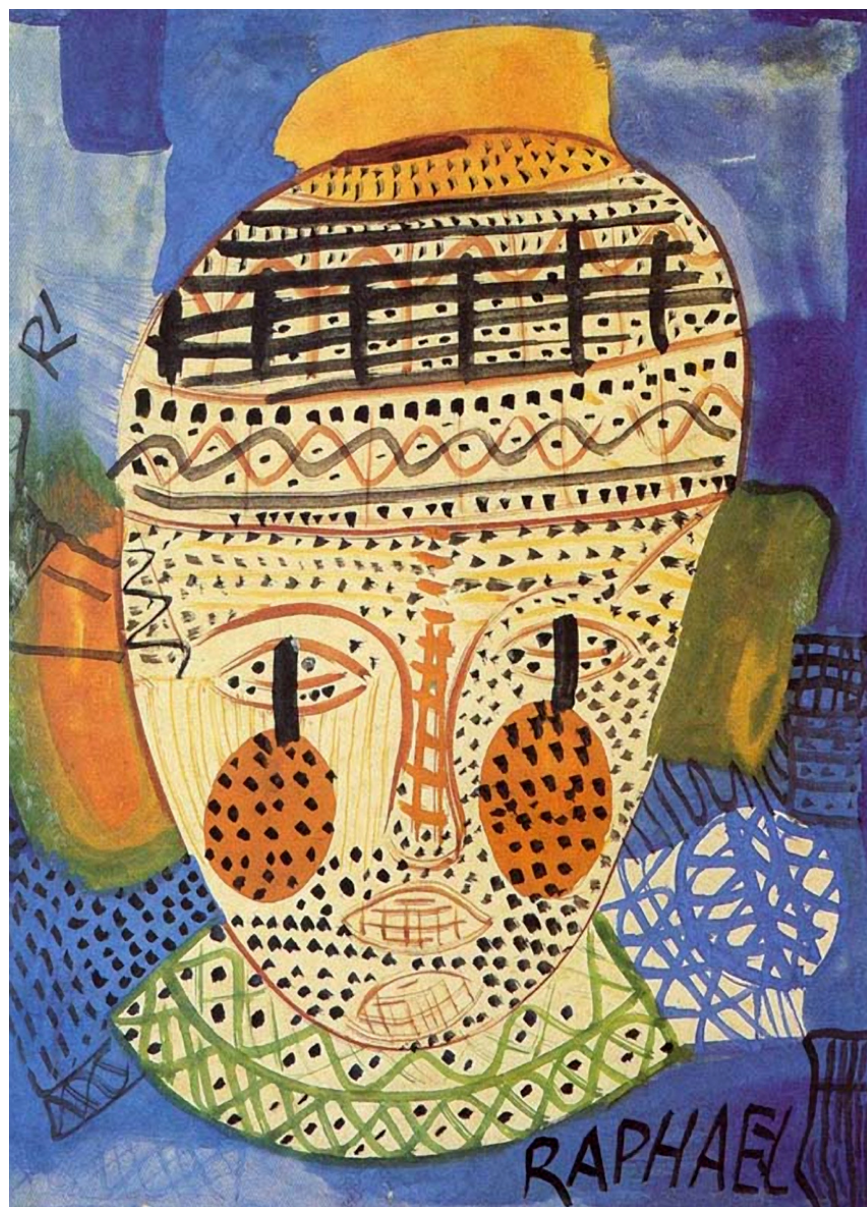


Figura 31 - Obra de Raphael Domingues - óleo sobre papel - 32,5 x 23,5 cm
Acervo MII - (in Mavignier, Silveira *et al.*, 1994, p. 69)

8 Beta e *O Universo*

Durante esta pesquisa deparei-me com um material que me chamou muito atenção, um original do jornal *O Universo*, feito nos ateliês do Museu de Imagens do Inconsciente. Maravilhei-me com a capa, com o conteúdo e com o cuidado com que foi feito.

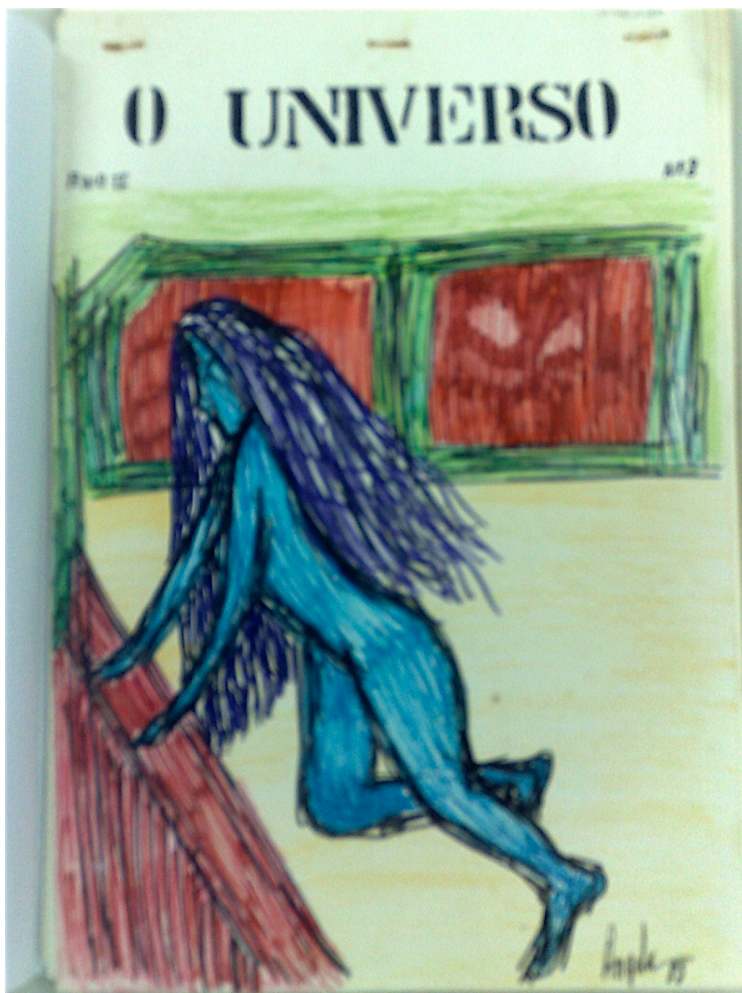


Figura 32 - Jornal O Universo, produção coletiva do Setor de Terapêutica Ocupacional do Museu de Imagens do Inconsciente Fundo Leon Hirszman AEL - UNICAMP

O que este jornal tem de singular?

Ele foi feito com a dedicação de uma cliente de Nise da Silveira, de codinome Beta que escreveu anos depois um livro de suas memórias no hospital psiquiátrico *O Livro de Beta* (Brasil, 2002). Neste livro Beta conta de suas sucessivas internações, das megadoses de psicotrópicos a qual era submetida e do seu encontro com a terapêutica ocupacional de Nise da Silveira. Beta, uma mulher casada do subúrbio carioca, dona de casa e costureira,

não aguentou a monotonia e a falta de perspectiva de sua vida e mergulhou em estados cada vez mais profundos do ser. Foi tratada como louca por muitos da família, passando por um longo processo terapêutico ocupacional e de psicoterapia; iniciou uma metamorfose em sua vida, tomou a decisão de separar-se do marido e de buscar sua independência, fez cursos de terapêutica ocupacional e outros oferecidos pelo Museu de Imagens do Inconsciente.

Convidada por uma psicóloga, Beta começou a atuar no Museu de Imagens do Inconsciente como colaboradora no ateliê de modelagem, onde só estivera como paciente. “O convite emocionou-me bastante, pois seria o passar da condição de doente mental para a de terapeuta. Foi o presente mais importante dos meus 51 anos [...] Que Deus me ajude, para que possa levar a minha ajuda a esses meus irmãos esquizofrênicos” (Brasil, 2002, p. 85).

A percepção de Beta como terapeuta é muito arguta. Utilizava os próprios conhecimentos e observações que teve na época que ficou internada e fazia sessões de terapêutica ocupacional.

Quando internada, notava que os pacientes preferiam a pintura. A aula de modelagem, mesmo tendo sido receitada por médico, ficava praticamente vazia, talvez por haver uma certa resistência de parte dos doentes. Eu achava que o motivo do esvaziamento do setor se devia ao fato de os doentes que frequentavam a modelagem sujarem as mãos e, principalmente, as roupas. A ideia de juntar saquinhos de leite que, depois de emendados, viravam aventais, evitava que todos fossem para as enfermarias com os uniformes sujos, já que não era possível trocar, a todo instante, as roupas dos pacientes (idem).

Beta seguia o ensinamento que já era tácito entre os antigos monitores de anotar todos os depoimentos dos doentes, mesmo os mais insignificantes. Ela conta que utilizava o *mestre* Agenor como modelo de sua prática terapêutica. Agenor iniciou seu trabalho no ateliê de modelagem na época que ele ficava no alto de um pequeno morro que existia no Centro Psiquiátrico Nacional, nos idos dos anos de 1950.

De tudo que Beta fez no Museu, a sua maior paixão foi o jornal O Universo, surgido para Beta em um sonho e significou muito para sua vida.

Um dia, chegando ao Museu, outro frequentador falava sobre seu desejo de escrever num jornal ou revista. Aproximou-se Cristina, psicóloga do Museu e, com toda a sensibilidade que lhe é peculiar; sugeriu que montássemos um jornalzinho. Imediatamente passamos à ação e, em pouco tempo, estava montado o primeiro número do jornal, que já nascera batizado, no sonho, de O Universo (Brasil, 2002).

As capas do jornal foram sempre desenhadas a mão por clientes, técnicos e demais colaboradores. Este jornal foi uma possibilidade de mostrar que a criatividade podia ser expressa pela escrita e essa ser uma forma eficaz de terapêutica ocupacional.

Beta ficou três anos colaborando e aplicando a terapêutica ocupacional, mas com a chegada das terapeutas ocupacionais de nível universitário, a situação de Beta ficou insustentável. Em uma festa de Natal, ela não foi relacionada nem entre os técnicos, nem entre os outros funcionários e nem como paciente. Ela não tinha mais lugar no Museu de Imagens do Inconsciente.

Mas o destino de Beta já tinha marcado, ela tinha superado a psicose através da terapêutica ocupacional de Nise da Silveira. Não podia ser terapeuta ocupacional, mas continuou sendo cuidadora, estudou e tornou-se professora e cuidou da educação de muitas crianças. Corroborando com a frase de Mário Pedrosa, um dos fundadores do Museu de Imagens do Inconsciente: “curado está quem encontra seu destino” (idem).

Beta acreditou em uma fala da doutora Nise da Silveira que sempre que perguntada se esquizofrenia tinha cura, respondia prontamente (Brasil, 2002, p. 93): - “*Sim. Se não acreditasse, não estaria lutando por esta verdade*”.

Beta acreditou na potência da terapêutica ocupacional de Nise da Silveira e mudou seu destino, ficou curada da esquizofrenia.

A essência desta terapêutica ocupacional está nesta frase proferida repetidamente pela doutora em seus cursos (idem): “*Tudo o que se aplica em terapêutica ocupacional, se não der prazer ao doente, zero para quem receitou ou para quem está comandando*”.

E num ato de coragem, Beta fala do sonho de ver a terapêutica ocupacional de Nise aceita e aplicada:

Minha esperança é um dia provar que se pode fazer esta grande viagem com outros cuidados, tendo a possibilidade de mostrar que as grandes impregnações não são tão necessárias quando ainda se pensa. É nessas vivências práticas de autodidata, que vou chegando à certeza de que a vida não pode ser apenas o que se vê através da máquina. Ela é muito mais... ela é criação, é o descobrir continuamente de novas facetas de si mesmo.

9 A biblioteca *Benedito*

“Esteja vigilante, Benedito, na defesa do seu Museu, (M.I.I.) e seu atelier livre”, assim encerra um pequeno livreto datilografado que está estampado na capa com a própria letra de Nise, *Benedito*, e com o subtítulo *Pequeno Fichário Relativo a Obras sobre Expressão Plástica de Psicóticos e Algumas Dicas para o Benedito*. Neste livreto podemos ver claramente a metodologia de pesquisa de Nise da Silveira. Este fichário é apresentado por Walter Melo Júnior (2005, p. 280) em sua tese de doutorado em que ele descreve o ambiente da biblioteca à qual ela deu a alcunha de *Benedito*:

A biblioteca de Nise da Silveira ocupava a sala e os dois quartos do apartamento de cima ao qual morava. As inúmeras pessoas que, ao longo dos anos, circularam por este local sentiam um misto de fascínio e estranheza, pois o apuro na seleção das centenas de livros contrastava com a simplicidade das estantes feitas de tábuas de madeira apoiadas em tijolos. Na sala aconteciam as reuniões do Grupo de Estudos C. G. Jung, com os participantes sentados em bancos de madeira ao redor da mesa. O apartamento-biblioteca não abrigava somente livros, pois havia também os gatos que circulavam com total liberdade.

As prateleiras da sala estavam divididas em três partes: literatura, artes plásticas e filosofia. Um dos quartos abrigava recortes de jornais, catálogos de exposição, as obras completas de Antonin Artaud, de Machado de Assis e de Freud, além dos livros de medicina doados na ocasião do falecimento de seu amigo e companheiro de grupo de estudos Evald Mourão. O outro quarto da casa, no qual estudava e escrevia, contava com livros de epistemologia, de religião, uma prateleira com livros sobre gatos, além das obras completas de Jung. Neste quarto, um emblema também chamava a atenção: em cima da porta havia uma peneira de palha e dois abanos.

[...] De todas as prateleiras da seleta biblioteca de Nise da Silveira, a mais importante e sobre a qual mais tempo de estudos dedicou o seu minucioso e apaixonado trabalho de pesquisa é a que guarda os livros de diversos autores, de correntes teóricas variadas, que tratam de estudos empreendidos sobre a expressão plástica, principalmente de pessoas que se encontram em tratamento psiquiátrico. Para facilitar o caminho a ser percorrido por (improvável) pesquisador, Nise da Silveira elaborou uma lista de livros

comentados ao qual deu o seguinte título: “PEQUENO FICHÁRIO RELATIVO A OBRAS SOBRE EXPRESSÃO PLÁSTICA DE PSICÓTICOS E ALGUMAS DICAS PARA O BENEDITO”.

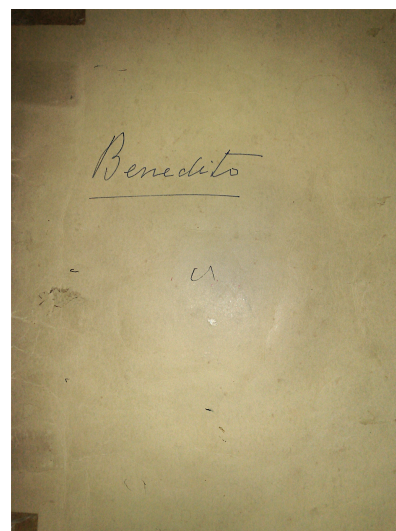


Figura 33 - Capa do fichário *Benedito*.
Acervo MII

Esta extensa citação tem o objetivo de situar e ambientar o leitor na forma de pensar e pesquisar de Nise da Silveira. O “Benedito” é uma síntese de toda pesquisa que desenvolveu para entender a expressão plástica das pessoas que ela acompanhou em seu trabalho no Museu de Imagens do Inconsciente. O *Benedito* também é personificado em futuros estudiosos que possam estudar e ampliar esta pesquisa. Ela propunha o estudo da teoria e o resultado plástico da expressão plástica dos alienados, usando um termo da época. Uma afirmação recorrente nas suas últimas entrevistas é o bordão “o estudo mudo das imagens”. Para atingir esta sofisticação é imprescindível o estudo da expressão plástica dos alienados e uma educação do sensível da observação das obras produzidas pelos alienados.

Quando Nise falava: “*Quem será o Benedito que iria interessar-se pela sua biblioteca*”, podia estar fazendo um trocadilho com o nome *Benedito* em que podemos ter os significados de *bendito*, *abençoado* ou *a pessoa de muita sorte* que vai assumir o estudo desta biblioteca. A organização de bibliotecas e de coleções científicas como ela fez em sua vida nos lembram a ideia de continuidade da vida, ao aprofundar-se nos estudos e criação de uma biblioteca, Nise mostrou seu desejo de continuidade que ultrapassa a finitude da vida.

Outro trocadilho que podemos imaginar quando ela fazia a pergunta sobre o Benedito é do filósofo Benedictus de Spinoza que tinha sua origem familiar na comunidade judaica portuguesa, de onde seus pais fugiram da Inquisição e se fixaram em Amsterdã. Na imaginação de Nise da Silveira, a mãe de Baruch o chamava pelo seu nome português Benedito. E podemos pensar “*quem será o Spinoza que vai interessar-se por esta biblioteca e pelas imagens do inconsciente?*”

Não enxergamos que a biblioteca criada por Nise da Silveira necessite de um *bendito* que a estude e sim que possa ser colocada à disposição de toda comunidade que queira apreender o pensamento de Nise e que possa se aprofundar nos temas por ela estudados. Nos dias atuais a biblioteca de Nise da Silveira fica no segundo andar do Museu de Imagens do Inconsciente está a espera de uma indexação por meio das técnicas da ciência da informação que possibilite um estudo sistemático dos livros, revistas e teses que compõe este acervo.

Para entender o pensamento de Nise da Silveira precisamos também tentar entender os autores nos quais ela vislumbrou pensamentos diversos do que defendeu em suas teorias.

O método e o pensamento de Nise da Silveira também encerram conhecimentos que ela leu, estudou e serviram para antagonizar suas teorias e práticas. Teve uma aproximação, ainda jovem em Maceió, com a filosofia de Descartes, entendeu seu método científico e já na maturidade passou a criticá-lo.

Enquanto os viajantes costumam fazer provisões para as jornadas, eis que Descartes, ao contrário, despojou-se de tudo quanto podia abandonar para partir mais livre em busca de verdade. Rejeitou todas as contribuições trazidas pelos sentidos; todos os raciocínios que aceitara como demonstrações; todas as ideias que já lhe haviam ocorrido, pois talvez fossem tão fantásticas, quantos sonhos. Despiu-se do próprio corpo. E admitiu que não existisse mundo ou lugar algum onde habitasse. Impossível seria desfazer-se de seu próprio pensamento. *Eu penso, logo existo*. Se largasse o corpo, como quem despreza um manto inútil, continuaria no pleno poder de pensar.

Portando, concluiu Descartes, o pensamento é completamente distinto do corpo (Silveira, 1995a, p. 50).

Ainda jovem ao ler Descartes o que mais a revoltou foi a visão que ele tinha sobre os animais. “Jamais admitiria que meus queridos cães Top e Jiqui fossem incapazes de pensar e de sentir” (idem, p. 51).

Percebemos nos seus estudos também uma rigorosa observação de uma regra citada por Charles Darwin em sua Autobiografia (Darwin, 1958, p. 65) e herdada da escola iluminista que versava sobre a importância de sempre citar os autores que concordavam com uma tese, bem como os que discordavam, buscando uma síntese destas ideias. Darwin chamou esta regra de *regra dourada* e escreveu que foi uma das responsáveis pelo sucesso da tese da *A Origem das Espécies*; o autor anotava escrupulosamente todas as citações sobre o tema que pesquisava, principalmente as contrárias, pois ele acreditava que elas poderiam escapar à memória.

Outra influência forte na método observado nas pesquisas por Nise da Silveira são os ensinamentos de Spinoza .

Assim vivemos nós numa parte do universo. Poderemos realizar pesquisas em torno de nós e em nós mesmos, mas não alcançaremos a compreensão da natureza infinita, pois somos finitos. Conhecer as limitações para então tentar superá-las, eis o belo itinerário que você nos aponta (Silveira, 1995a, p. 29).

Nise da Silveira (1995a, p. 39 - 42) que aprendeu a *arte de pensar* com seu pai; procurava ordenar e deduzir as mais diferentes temas que pesquisou durante sua vida. Esta maneira de pensar é compatível com o *segundo gênero* de conhecimento descrito na Ética de Spinoza. Este tipo de conhecimento é regido pela razão, que deixa para trás o *ouvi dizer* do *primeiro gênero do conhecimento* que está ligado com o *senso comum* e nas primeiras impressões vagas que os fatos e coisas causam em nós.

Mas também fez incursões no *terceiro gênero de conhecimento* descrito por Spinoza, ou seja, na apreensão imediata da essência das coisas. Nos escritos da maturidade e em algumas entrevistas vemos impressões de uma capacidade incisiva e límpida de falar

sobre assuntos dos mais diversos; diferente da construção geométrica presente no livro *Imagens do Inconsciente*.

Segundo Nise para galgar o terceiro gênero de conhecimento é necessário “uma meditação assídua e a maior firmeza de propósito, além de traçar uma regra de vida e prescrever para si próprio um objetivo bem determinado”.

Outro conceito de Spinoza importante para adentrarmos no pensamento de Nise é a *alegria*. “É a passagem do homem de uma perfeição menor a uma perfeição maior” (Silveira, 1995a, p. 68).

Identificava-se com o conceito de bem e mal proposto por Spinoza em *A Ética* (idem, p. 71):

1. Por bem entenderei tudo aquilo que sabemos com certeza ser-nos útil.
2. Por mal, ao contrário, aquilo que sabemos com certeza impedir-nos que possuamos algum bem.

Ao ler os livros, teses, relatórios, artigos produzidos por Nise percebemos uma produção técnica e literária complexa obedecendo a uma articulação entre o pensamento de autores de diversas áreas e com pensamentos muitas vezes antagônicos. Apropriando-se de ideias, ela foi capaz de desenvolver o seu pensamento *complexo e interdisciplinar* como descrito por Edgar Morin na sua série de livros em 6 volumes denominada *O Método*.



Figura 34 - Foto de Nise da Silveira na sua biblioteca.
Acervo MII.
Mello (2006).

10 O cinema do imaginário

O estudioso do cinema José Carlos Avellar (in Viany, 1999) tem uma frase que exemplifica a passagem de Leon Hirszman pelo Engenho de Dentro: “No lugar do documentário, o imaginário”. Este capítulo fala de um encontro improvável, dos muitos que ocorreram no Museu de Imagens do Inconsciente e tiveram Nise da Silveira como protagonista.

Leon Hirszman foi um premiado cineasta brasileiro, ganhador do Leão de Ouro no Festival de Veneza em 1981. Nise da Silveira foi a última parceira de Hirszman (1986) na produção de sua obra *Imagens do Inconsciente* e de um filme intitulado *A Emoção de Lidar*, que ficou inacabado com a morte de Leon Hirszman em 1987. Neste último filme Hirszman cria um manifesto de Nise da Silveira contra as reinternações em hospitais psiquiátricos e promove a terapêutica ocupacional como uma alternativa a esta situação de exclusão que reinava no Brasil de retorno do regime democrático, que discutia a necessidade de uma nova constituição e a criação de um sistema unificado estatal de saúde e que experiências antimanicomiais começavam a ser colocadas em práticas em São Paulo e em outros lugares do país.

Ao falar de Hirszman e de doentes mentais trazemos à tona um Brasil de ditaduras, artistas, liberdades perdidas, autoridades desvairadas. Um Brasil do século passado, para muitos sepultado no esquecimento do brasileiro, mas que podemos conhecer mais estudando personagens que mesmo marginalizados podem nos trazer muitos conhecimentos, imagens e fazer-nos entender melhor o espírito de um tempo.

Leon Hirszman era filho de judeus poloneses que migraram para o Brasil em 1933 e perderam toda a família na II Guerra Mundial. Quando, adolescente, curti as chanchadas de Oscarito, Grande Otelo, os musicais da Atlântica e se dedicava de corpo e alma à atividade de cineclubes no Rio de Janeiro. Já aos 14 anos era levado pelo pai para as reuniões do partido comunista no centro do Rio, a crença em ideais de justiça social e igualdade nunca foram abandonadas pelo cineasta. Hirszman herdou da família paterna, toda dizimada nos campos de concentração nazistas durante a II Guerra Mundial, o engajamento contra as posições intolerantes, obscurantistas, racistas.

Frequentou a faculdade politécnica do Rio de Janeiro durante cinco anos. Conta que foi até o dia de tirar a foto da formatura, subiu ao palco junto com os colegas, tirou a foto e entregou para mãe. Não voltou mais para a faculdade, onde não pôde pegar o diploma de engenheiro porque ficara com quatro dependências para cumprir.

Lutou durante o período de ditadura militar na década de 60 e 70 do século passado contra as posições totalitárias e tentou imprimir sua visão em alguns de seus filmes, como no censurado realizado em 1964 *Maioridade Absoluta*. Tornou-se alvo da censura e da perseguição política, tendo sido exilado por vários anos principalmente na Itália. Em Roma produziu um documentário sobre cultura brasileira para a emissora de televisão RAI. Hirszman foi privado de sua pátria por vários anos de sua vida (Salem, 1997). Em depoimento concedido a Ana Lúcia Vasconcelos (1987) para a Folha de São Paulo, que ficou inédito por mais de 20 anos, o cineasta conta como foi despertado para o cinema: “Foi a movimentação que ocorreu em 1954 para a liberação do filme Rio 40 Graus. Acompanhei toda a luta de Nelson Pereira dos Santos, participei das reuniões na Associação Brasileira de Imprensa. Foi isso que me despertou para o cinema.”

Participou da primeira turma do Cinema Novo. A interação de Hirszman com esse movimento foi sempre de tal ordem que hoje, decorridos quase 25 anos de sua morte, ele ainda é lembrado por seus pares como um elemento aglutinador, ou, nas palavras de Cacá Diegues, "o maior articulador que o cinema brasileiro já teve" e um "exemplo de convivência universal", como proclama Nelson Pereira dos Santos. Esse reconhecimento põe em relevo características muito especiais desse artista que sempre se mostrou preocupado em pensar a cultura brasileira e que ao longo de três décadas transitou pelas diferentes esferas da nossa vida cultural.

Hirszman é autor de uma obra extensa para os padrões brasileiros, tendo realizado mais de 20 filmes entre ficções, séries e documentários. É autor do premiado *Eles não usam Black-tie* em parceria com Gianfrancesco Guarnieri. As parcerias são outra marca do cineasta, em *Que país é este?*, de 1977, o roteiro foi de Zuenir Ventura de quem foi amigo muito próximo; já no início da carreira teve parceria com Eduardo Coutinho que hoje é um importante documentarista brasileiro.

Convidado por Rubens Correa para a leitura de uma peça de teatro, Hirszman conheceu a psiquiatra que realizava pesquisas sobre temas de mitologia e psicologia analítica junguiana. Deixemos o próprio Leon nos contar como foi este encontro:

Em 1969 fui assistir a uma leitura das Bacantes, com Rubens Correa e Domitilla do Amaral, no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro. Um dos internos, Fernando Diniz, tocava pandeiro, fazia o ritmo. Eu fiquei tomado. Era um seminário sobre o mito de Dionísio, num clima de leituras de Reich, de uma literatura pós-freudiana, uma grande efervescência cultural (Hirszman, 1995, p. 66).

No dia desse encontro com o cineasta Leon Hirszman, Nise desafiou Leon a fazer um filme sobre o trabalho que desenvolvia no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro. Anos depois, a trilogia *Imagens do Inconsciente* seria realizada, um projeto que levou sete anos para ser concluído e só conseguiu financiamento depois que Hirszman foi premiado em Veneza com o filme *Eles Não Usam Black-tie*.

O roteiro foi escrito de forma literária pela psiquiatra e narrado por vozes expressivas como a de Ferreira Gullar, poeta concreto e um dos futuros biógrafos de Nise da Silveira, outra voz presente nestas narrações é a de Vanda Lacerda, locutora da era dourada do rádio carioca.

O psicólogo João Frayze-Pereira (2003, p.197 - 208) fala que é importante observar na trilogia de Hirszman a reflexão entre os campos da psicologia, arte e política numa única trama cultural. Leon usa como principal personagem nestes filmes a própria Nise da Silveira, que escreveu os roteiros de forma literária e que nas brechas destes escritos Hirszman faz cinema com todo rigor técnico e poético, construindo uma ontologia das *imagens do inconsciente*. Frayze-Pereira a reconhece como coautora desta trilogia.

O primeiro filme, *Em busca do espaço cotidiano*, é centrado em Fernando Diniz, que impressionou o cineasta desde o primeiro contato com o Museu de Imagens do Inconsciente dirigido por Nise da Silveira. Trata-se de uma narrativa pautada pelas questões sociais, na qual se tem a história de um menino pobre, mulato, filho de costureira, que passou a infância em pequenos cômodos de casarões habitados por muitas pessoas,

enquanto a mãe trabalhava em mansões de famílias ricas de Copacabana. As diferenças raciais e econômicas criaram um antagonismo entre as vivências afetivas de Fernando e os limites impostos pela sociedade. Desta forma, Fernando perde os eixos que possibilitavam a estruturação do espaço cotidiano e o afasta da realidade concreta. Fernando que sonhou transformar sua existência entrando na escola politécnica e formando-se engenheiro, foi fadado a dar forma e cores a quadros, desenhos e esculturas em suas criações realizadas todas dentro de muros de hospitais psiquiátricos.



*Figura 35 - Slide de Fernando Diniz na
filmagem de Imagens do Inconsciente
Fundo Leon Hirszman
AEL - UNICAMP*

O pano de fundo da problemática analisada neste filme é o conflito social de classes, o preconceito cultural e a humilhação existencial. É o filme que aborda a instauração do Museu e tematiza a sua significação mais radical: a significação sociopolítica. Outro tema abordado é a situação do doente mental no Rio de Janeiro da década de 1980, onde o hospital mostrado é superlotado.

Podemos ter a dimensão do envolvimento do cineasta Leon Hirszman lendo este depoimento do cineasta italiano Gianni Amico no texto “Os Dois Brasis” em que traça uma comparação de Hirszman com Glauber Rocha:

Nos últimos tempos, estava sempre mais envolvido com IMAGENS DO INCONSCIENTE. É muito fácil, hoje, perceber como Leon viveu o seu último filme como uma experiência totalizante, assim como Glauber, havia vivido A IDADE DA TERRA. Estava convencido de ter entrevisto, durante a montagem de IMAGENS, o fio de uma lógica profunda, de uma nova articulação estrutural capaz de fazer coincidir o peso do social com a penetração nas profundezas do indivíduo, isto contado como energia criadora de paixões (esta era sua palavra preferida). E foi surpreendente, quando terminou o filme, a sua vontade de fazê-lo circular fora dos circuitos normais, quase como se tratasse de uma criatura carente de atenções e olhares especiais: embrião daquilo que parecia delinear-se, em Leon, como um repensamento das reflexões sobre a montagem que estavam na base da sua pesquisa teórica. Como Glauber, era obcecado pela necessidade de alçar a ambição do discurso, de aumentar a qualidade e a amplitude da proposta cultural. Durante a minha última viagem ao Rio, ele já começara a ficar doente. Depois, falávamos, por telefone longamente, até quando foi possível.

Imagens do Inconsciente foi o último filme finalizado de Leon Hirszman e recebeu uma produção extremamente cuidadosa, como era sua característica, mas, neste caso, o exigente Leon queria manter total fidelidade às imagens dos artistas do Engenho de Dentro Fernando Diniz, Adelina Gomes e Carlos Pertuis, assim como ao pensamento de Nise da Silveira. As pinturas foram filmadas uma a uma e, já no momento de montagem, Leon resolveu fotografar tudo novamente, pelo fato de considerar que o fundo no qual colocaram os quadros não se encontrava tão escuro quanto pretendia. A trilogia cinematográfica de Leon Hirszman, pensada por quase duas décadas e filmada durante quatro anos, é fruto de “respeito, carinho e entrega que, efetivamente, passaram para a tela, em cada fotograma, em cada palavra dita no texto, em cada imagem revelada” (Salem, 1997, p. 279).

Este filme de pretensões didáticas, que afirma as teses defendidas por Nise da Silveira para uma completa reformulação dos métodos de tratamento no campo da saúde mental, ultrapassou os estreitos limites acadêmicos e foi acolhido pela sociedade.

O que era para ser debatido por especialistas passou a ser assunto de toda a sociedade e, desta forma, Nise da Silveira inaugura a tradição que faz dos debates acerca dos tratamentos psiquiátricos um assunto *de médico, de louco e de todo mundo um pouco* (Bezerra-Jr, 1994). O lançamento do filme aconteceu numa tarde de domingo, na sala 16 do antigo Cine Estação Botafogo. Este cinema funcionava, na época, como uma espécie de cineclube, como espaço para cinéfilos. A surpresa, no entanto, foi bastante agradável: as pessoas se aglomeravam na porta para ver *Imagens do Inconsciente*. Leon compareceu à pré-estréia do filme, acompanhado por Nise. Depois, já bastante doente, recebeu a visita de seu amigo Paulinho da Viola no hospital. Este lhe disse que as sessões estavam cheias e, então, Leon pergunta se, desta vez, fez um filme para grande público (Melo Junior, 2005, p. 443).

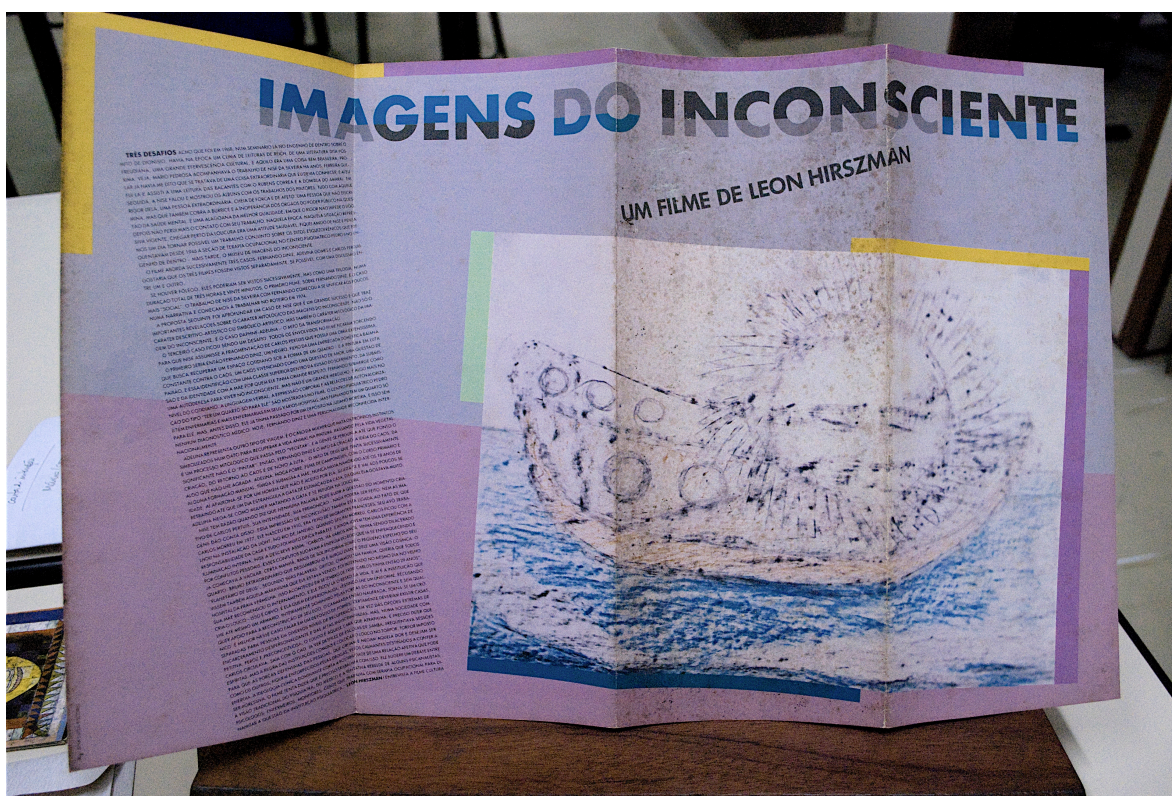


Figura 36 - Folder do filme *Imagens do Inconsciente*.
Embrafilme.

O amigo Zuenir Ventura em uma crônica no Caderno Ideias do Jornal do Brasil em 2006 considera o filme uma *admirável trilogia*. Pedindo que as pessoas *preparem corações e mentes* para poder assisti-lo, escreve: “O resultado poderia ser apenas uma aula didática e científica”. E acrescenta: “Mas o filme é mais do que isso, muito mais: é uma extraordinária obra de arte que inunda o expectador de emoção estética – e de perplexidade”. Nise da Silveira não pretende mudar a situação do doente mental com discursos panfletários, mas através de um trabalho cultural que tenta desconstruir visões de mundo ao levar as pessoas à *perplexidade* e produzir *emoção estética* (Teixeira, 2004).

Mas como foi realizado o filme *Imagens do Inconsciente*?

Temos pistas do processo criativo e de pesquisa de Leon Hirszman ao pesquisar em seu acervo que se encontra no Acervo Edgard Leuroth na Universidade Estadual de Campinas. Lá encontramos pastas com os documentos de processo que ele acumulou ao realizar *Imagens do Inconsciente* e todos os seus outros filmes, bem como documentos pessoais e de sua produtora.

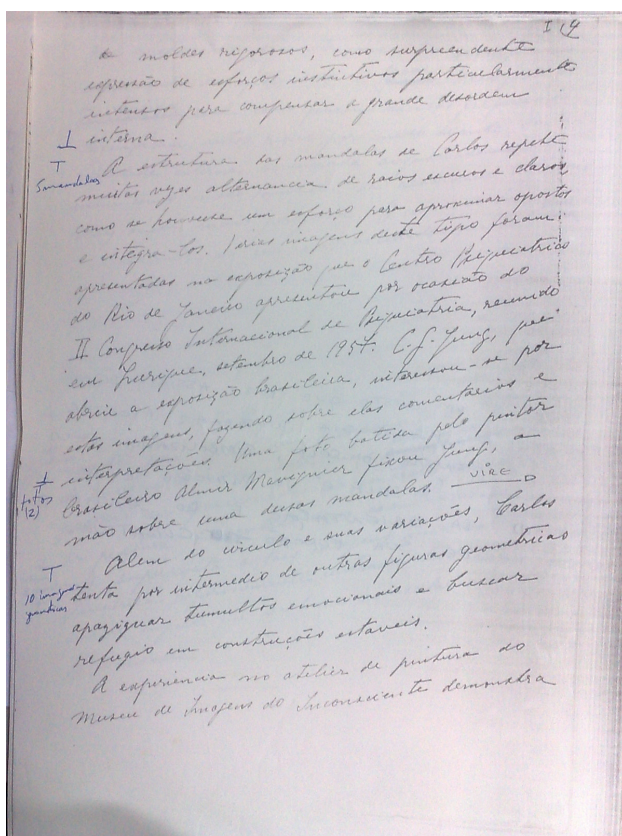


Figura 37 - versão preliminar do roteiro do filme
Imagens do Inconsciente
Fundo Leon Hirszman - UNICAMP

O roteiro iniciou-se utilizando cópias os próprios manuscritos da psiquiatra feitos para o livro *Imagens do Inconsciente*. Hirszman fotocopiou e ampliou em grande tamanho os textos originais; nestes textos que serviram de base para os roteiros, Leon inseriu a quantidade de imagens que colocaria em cada trecho, colocando a duração de cada uma em segundos, tendo a base para construir o roteiro final da trilogia.

O cineasta respeitou muito as imposições de Nise e enxergava a trilogia como filmes científicos que traziam um fundo político ao denunciar a situação desumana dos hospitais psiquiátricos.

Em um longo depoimento para Alex Viany (1999) , Leon Hirszman conta detalhes da realização da trilogia *Imagens do Inconsciente*:

É um filme que vai dar três horas, três horas e meia. Na verdade, são três pessoas. Três artistas. Três internos do Hospital Psiquiátrico Pedro II, antigo Centro Psiquiátrico Nacional. São internos de longa data. Dois deles estão vivos: Fernando Diniz e Adelina Gomes. Carlos Pertuis morreu em 1977. Todas as internações são anteriores à fundação do Museu de Imagens do Inconsciente. À exceção de Carlos Pertuis, o internamento dele foi posterior. Os outros dois foram internados na década de 1940. Não, não, Adelina foi internada na década de 1940, mas o Fernando Diniz foi no fim da década de 1930 - 1937, se não me engano. Eles vão frequentar o Museu de Imagens do Inconsciente, que é um serviço de terapia ocupacional e reabilitação que a doutora Nise da Silveira mantém, e que inclusive, tem sua origem numa experiência na cadeia, na qual ela esteve com Graciliano Ramos e tantos outros companheiros. Uma experiência que não está contada no Memórias do Cárcere, mas foi a forma de manter vivo o espírito das pessoas na cadeia. No cárcere, ela desenvolveu um método: a valorização da criatividade. Trabalhando, criando, produzindo, a pessoa fica mais forte para resistir a todos aqueles embates - a tortura, o amesquinamento da pessoa humana, a dor física, todas as questões que estão por trás disso e fazem as pessoas perderem até a orientação do espaço, dos espaços tumultuados, dos espaços amontoados. Nasce ali, no cárcere, a ideia que vai ser aplicada pela doutora Nise: fazer com que as pessoas façam coisas perto de outras pessoas. Pintura, desenho, modelagem... Pincéis, barro, tintas, papel, coisas assim, que permitam a expressão do mundo interior. E no Museu de

Imagens do Inconsciente ela vai ter a oportunidade de catalogar, estudar tudo isso, estabelecer casos clínicos, estabelecer uma visão mais consequente do próprio trabalho dela, que vai se desenvolvendo de um aspecto empírico a uma etapa superior, onde ela passa a compreender teoricamente essas questões. O argumento do filme é dela. São três casos clínicos. Três histórias de vida. Eu procuro apenas criar um instrumento cinematográfico para que isso se torne claro. Não serão filmes voltados para a exibição comercial na televisão ou em cinemas. Foram feitos a partir de uma combinação nítida, clara, entre nós. Esses filmes não poderão ser exibidos, a não ser para pessoas que efetivamente trabalhem na área do inconsciente, médicos, psicólogos, antropólogos, artistas, pessoas que, de uma forma ou de outra, trabalhem com isso. Uma coisa de caráter cultural, à disposição nas universidades, nos cursos, nas fundações de arte, nos centros de pesquisa, onde quer que seja possível desenvolver o estudo, o acesso aos casos dessas três pessoas escolhidas entre alguns dos gênios que frequentaram o Museu de Imagens do Inconsciente... Porque existem oito gênios que frequentaram o Museu... Que frequentaram, que se formaram ali, no trabalho do Museu de Imagens do Inconsciente. Esses filmes são narrados através dos próprios quadros que eles pintaram expressando seus mundos interiores. É um processo seletivo, evidente, guiado pelo argumento da doutora Nise. Esses quadros aparecem e vão revelando os processos de idas e vindas, vão refletindo o processo de cada um desses artistas, mostrando quando se despotencializa, quando se bota para fora, na pintura, os fantasmas que estavam dentro. Despotencializados eles vão permitir que as forças autocurativas, que a doutora Nise acredita que existam, se manifestem. Então, as forças autocurativas da psique podem exercer o papel, se não de cura, um papel de mudança da pessoa que está perdida na esquizofrenia: o inconsciente invadiu o ego frágil, destruído. São pessoas que sofrem muito e que vivem nas enfermarias - naquele negócio de choque elétrico e de droga, que o sujeito toma para perder a agressividade, a criatividade. Fica aquela coisa arredondada. Nessas enfermarias, você não houve nada. É aquele silêncio, as pessoas dopadas mesmo, entende? A doutora Nise desde sempre tinha outra opinião: despotencializar criando energia, criando. Não a lobotomia, como se fazia antes. Não. Nada desse negócio que ainda hoje se faz de maneira toda a química que se usa para entorpecer os internos. Ali é um depósito de presos, entende? Com grades. A Juliano Moreira é outra coisa: é um depósito de pobres, de pessoas que eles consideram

doentes crônicos; não têm mais volta. É terrível. Filmei lá também. Mas não é um documentário de denúncia, é um filme científico, didático. Tem uma parte que observa a realidade da instituição, a questão social. O caso Fernando Diniz é um caso típico de problema social. O de Adelina Gomes já um caso mais profundo. Está no nível do arquetípico. O título do filme do Fernando Diniz é *Em busca do espaço Cotidiano*, quer dizer, a totalidade do cotidiano, o social, ele tentando recuperar isso. O caso da Adelina atinge níveis da mitologia mesmo, e da transformação. É sobre a transformação de uma mulher que, depois de se reduzir a vegetal, recupera sua condição de ser humano feminino. Antes, ela se identificando com gatos, vegetais, coisas assim. E, se expressando na pintura, ela consegue despotencializar isso, vendo, presente nela, o fantasma da própria mãe, que, muito forte, castrou, impediu um amor dela. E a presença de castração do amor, do impedimento do amor e da força da mãe nos casos de esquizofrenia é tremenda. Muito forte mesmo, muito presente. É um filme que... Acho que é um serviço que estou fazendo, entende? E que há anos - puxa! -, há muito tempo estou tentando fazer esse filme. Trabalhamos durante dois anos no roteiro. Tinha a seleção de quadros, um negócio muito complicado, e deveria cronometrar cada plano: seis segundos para um quadro, oito segundos para outro, ou dez segundos... Todo um relógio que teve que ser montado E agora, a montagem é muito trabalhosa. A montagem... Pensei que fosse mais simples, porque o roteiro estava bem mastigado, mas a montagem é complicada. Tem que ser um ritmo, tem que ter uma duração, tem que ter uma leitura, então complica. Acho que termino até o fim do ano, antes não consigo não. Antes, não vou conseguir. E ainda tem a interrupção para ir a Veneza... Eu tenho de viajar. São duas semanas... vai interromper. Teve a interrupção do lançamento nos Estados Unidos de *Black-tie*, que de certa maneira não interrompeu o trabalho, porque o Saldanha ficou cuidando da sincronização, ordenamento, limpeza, uma série de coisas, ele ficou fazendo aqui, eu não participei.

O encontro de Leon e Nise é marcado por uma aproximação de duas pessoas que lutavam pelas ideias de igualdade e de justiça social, tendo os dois simpatias explícitas pelo marxismo. Esta afinidade ideológica os uniu muito.

Em abril de 1986 Leon Hirszman filmou duas horas e oito minutos de entrevista com Nise da Silveira. Este projeto ficou inacabado, Leon deu o nome provisório de *A Emoção de Lidar*, no dia 15 de julho de 1986 Leon enviou os negativos para serem revelados e planejava editar logo o filme. Adoeceu e com problemas graves pulmonares, adiou a montagem do filme. Neste filme tem o último plano filmado por Leon Hirszman, uma imagem de Nise da Silveira fazendo uma performance teatral.

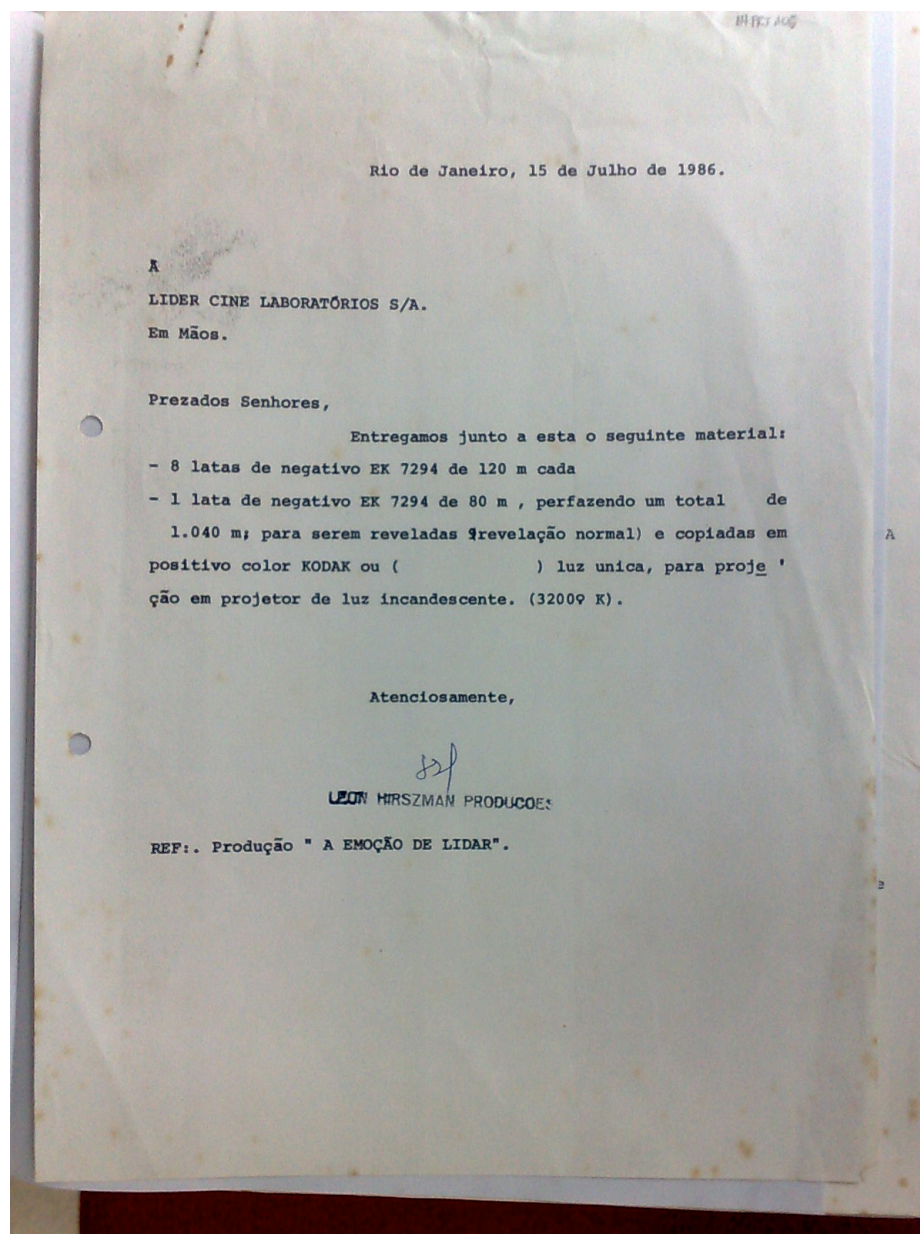


Figura 38 - recibo de entrega do filme *A emoção de Lidar*
Fundo Leon Hirszman
AEL - UNICAMP

A entrevista permaneceu inédita até hoje e está sendo restaurada para ser lançada dentro do projeto de restauro dos filmes de Leon Hirszman em um conjunto de DVDs juntamente com a trilogia *Imagens do Inconsciente*. Trazemos agora a transcrição das falas de Nise da Silveira nesta filmagem de Leon Hirszman. Reproduzo na íntegra e na ordem que foi filmada no material bruto com falas dela. O material que tivemos acesso totaliza uma hora e quarenta e oito minutos de gravação, do total de duas horas e oito minutos filmados; esse rico material nos aproxima ainda mais do pensamento de Nise da Silveira. A única interferência que faço é dividir em tópicos colocados em *itálico* para facilitar a leitura³⁶.

Oposição ao uso de animais dentro do hospital

(Precisamos ter) um substrato científico e embaixo ainda o que eu alcançar dentro de minhas limitações um substrato filosófico. Porque meu negócio do animal eu tenho que ter muito cuidado porque se não eu, vocês, todos vão ser apresentados como pessoas sentimentais. Temos sentimentos, sim, felizmente.

Oposição a liberdade dentro das enfermarias

Mas eles são tão furiosos e porque um médico na reunião dele quis falar em libertar os (próprios) doentes do fechamento; nas enfermarias aperrearam tanto ele que ele começou a chorar. No dia em que ia falar, nós tínhamos convidado ele [Nise cita um médico que sofria oposição da maioria dos médicos no Centro Psiquiátrico Pedro II] para fazer uma palestra no museu com o desejo de congregar, o Lula (Mello) acho que assistiu isso. [...] Ele chegou no museu atrasado se desculpando porque na reunião dos médicos os filhos amados de Maciera, quase estraçalham ele e ele chegou em pranto a ponto de não poder fazer a palestra sobre um tema freudiano que nós escolhemos apropriadamente pra ele que é freudiano, lacaniano, todas as escolas se manifestam assim. O Lula cuidadosamente escolhia imagens que correspondessem ao caso clínico de

³⁶ alguns trechos já apareceram antes na entrevista, mas devido a importância desse depoimento inédito mantenho a íntegra do depoimento de Nise da Silveira.

Schereber um caso clínico, estudado por Freud, tava tudo armado lá, ele não pôde...A coisa lá está na foice ...

Megadose de psicotrópicos

Megadose eles aceitam, todos unânimes... não sei se esse aceita tão unânime né? ... Eu pedi na associação médica pra ver se uma pessoa que conheça o problema de um modo geral. Ao ensinar que é da diretoria da associação médica... Ele ainda ontem foi ao Ceará porque de tanto viajando e namorando aos quatro ventos, tem que se dar uma margem e tempo pra isso, pras viagens e pros namoros que são coisas boas da vida... Mas disse que já foi escolhido o médico das megadoses, disse até o nome, chama-se [...]

[ENTREVISTADOR: o que é a megadose?]

A megadose é uma... mega de grande, doses altíssimas... e então você chega no hospital é o mesmo que você *está* no Alasca, na Antártida, lá, onde tem os golfinhos brincando,[...] tá todo mundo dormindo dia e noite... É o remédio...o remédio [...]

Situação dos hospitais pior que em 1944

Olhe que quando eu voltei já no princípio de minhas idas lá [...] Consegui estar pior de que um péssimo hospital de 1944 e foi que levou a uma tentativa de atrair o pessoal pra terapêutica ocupacional, comecei a terapêutica ocupacional, e pouco depois a Casa das Palmeiras, em 46 com a terapêutica ocupacional

Casa das Palmeiras

E pouco depois com a Casa das Palmeiras em 56 que até sim bolar esse bolo, bater esses ovos com farinha de trigo com todas essas mixórdias [...] demorou anos, a ponto de não se ter onde... porque o hospital não aceitava dar o espaço... Quem me deu o espaço foi uma educadora, Dona Alzira Lafayete Cortes, sem

nenhuma formalidade, não assinei nenhum papel [...] A gente se meteu lá dentro. O primeiro andar de uma belíssima casa. Só uma outra psiquiatra, a outra era um artista plástica, A Bellá Paes Leme, que foi aliás quem em deu o nome de Casa das Palmeiras porque havia na frente um círculo de belíssimas palmeiras, hoje derrubadas porque a família vendeu naturalmente aquele terreno para imobiliárias [...] Ele está se divertindo com a minha gesticulação.



Figura 39 - Foto da fachada da casa das Palmeiras, década de 1950. Acervo MII, encontrada no Acervo da Cidade do Rio de Janeiro. Mello (2006).

Os receituários de terapia ocupacional

[...] Uma comum laborterapia, praxiterapia, ergoterapia, tem uma porção de nomes... Era uma manter o doente em atividade, sem usar naquilo específicas atuações psicológicas. Eu tento explicar isso naquela introdução, está escrito. Isso nas alturas de 46, 47. Eu tenho tudo isso em relatórios. Eu digo: quem vai fazer, eu só quero aqui gente com indicação aqui médica da atividade, médico tem que estudar o método e receitar a atividade. Mande imprimir folhas de receituário de terapêutica ocupacional e procurei não os médicos que eu já considerava petrificados nessa época, mas aqueles que começavam a formação analítica e uns dos espantos meus foi verificar que as pessoas que estavam no começo de formação analítica não se interessavam absolutamente por esse tipo

de pesquisa, vamos dizer pesquisa que eles implicam muito com pesquisa, por esse tipo de curiosidade.

Por que a terapêutica ocupacional não era incorporada à prática psiquiátrica ?

Uma coisa política, pra mim... pelo menos num historicozinho e eu falei sobre isso. É o trabalho com as mãos. A terapêutica ocupacional trabalha com as mãos. Suas excelências trabalham com o cocuruto da cabeça, pensam que trabalham com o cocuruto da cabeça, com esse fedelhinho que está aqui na cabeça deles. Pensam. Então não pode um médico fazer como um médico da Inglaterra que operou, fez operações terríveis de lobotomia e depois estudava o ponto de cruz que os doentes faziam. [...] Se eu fosse falar nisso, eu não chegava a ser tão doida assim. Queria que eles receitassem.

Influência freudiana

Acham, freudianos, e eu nesse tempo não exercia quase nada de Jung, nem tinha como conhecer porque não tinham livros traduzidos. Minhas primeiras indicações foram de uma tendência freudiana, para Freud mexer com o barro, é alguma coisa como um menino mexe com fezes, mexe com barro, daí ele concluiu esse raciocínio [...] com a satisfação de pulsões homossexuais, então com isso doentes que tinham no seu histórico problemas homossexuais, para trabalharem no barro e falavam esses senhores com formação psicanalítica sobre isso, foram as primeiras e maravilhosas modelagens do Lúcio.

Médicos convidados para tomar café com loucos

Então eu resolvi outra técnica, convidava-os para tomar café na sessão de terapêutica ocupacional e mandava fazer bolo. Não peguei eles nem pela isca da comida porque eles tinham horror.

Convite para exposição em Paris no I Congresso de Psiquiatria

Mas eu ia indicando e acompanhando tanto que eu tenho estas coleções preciosas. Que foram a Paris e causaram sensação lá, tão aí em livros franceses. De trabalho de modelagem e de bordado antes e depois da lobotomia. Tá aí na revista *Le Monde Medica*le. A lobotomia teve seu auge em 49. Teve o Congresso em 50. Estava aqui um francês que veio dar conferência, parece que se chamava Ferdière, que foi a Engenho de Dentro. Ficou de tal modo entusiasmado que voltou lá com a adida cultural que era aliás uma física, diziam que de valor, chamada madame Miner. Madame Miner olha para mim e diz: - “A embaixada da França tem a satisfação de oferecer à senhora os meios para acompanhar estes trabalhos à exposição em Paris. A senhora aceita?” Eu não pestanejei, não é. - “Claro que aceito”.

Figura 40 - Jornal o Globo - 1950 - notícia sobre Exposição de Arte Psicopatológica. MII



Barrada no Congresso de Psiquiatria de 1951

O então diretor Paulo Elejalde. Eu estava em cima – (na cena olha para cima) - Você tem uma valise boa. Vou mandar levar na sua casa. Esta cadeira foi a Paris? assim fui eu... Barraram e tiraram retrato que saíram do Globo que eu tenho aqui junto com o material que mandaram pra Paris.

Congresso de psiquiatria em 1957

Pleiteei uma bolsa no Conselho Nacional de Pesquisa, obtive a bolsa, era uma bolsa pequena, tirei minha licença prêmio e fui embora para Zurique. Antes tinha mandado as fotografias para Jung, já tinha estes precedentes. Ele me mandou uma carta. Então com uma carta de Jung, com minha licença prêmio no bolso. Eu fui a Zurique em 1957. Isto não consta na minha ficha funcional. [...] Como não tem na ficha de Mário que ele passou um ano durante a guerra na África.

Fundação do ateliê de pintura com Almir Mavignier

Quando fundamos, aí está o Almir Mavignier, a oficina de pintura ao lado da encadernação, de muitas outras, de 17 atividades de terapêutica ocupacional.

(cenas das mãos de Nise)

Essência da terapêutica ocupacional, influência da fenomenologia

É o doente pedir por exemplo uma tesoura, outra, para cortar uma linha. Assim a monitora tinha que registrar imediatamente, “*pediu a tesoura*” e me levar, ela começava a se comunicar. Como o doente e esses meus monitores eram semianalfabetos, mas entendiam isso às maravilhas. Como um doente serra na madeira. Seu Luis Rocha rocha sabia muito bem distinguir, com força, com brandura, destruindo, recusando, é essa manipulação que acabou me conduzindo através [...], é verdade, quem assinalou isso foi um psiquiatra francês chamado Paul Sivadon, que me conduziu a Bachelard.

Terapêutica ocupacional se transforma em emoção de lidar

E a um doente que chegou a mesma intuição de Bachelard e que trabalhava na oficina de trabalhos manuais, fazia tapeçarias, eu sei lá o que. Então disse: - “Isto aqui é a emoção de lidar”. (Pede um envelope com os originais dos livros)

Mais agressiva, mais comunicativa, comecei a tentar mergulhar um pouco mais nisto. Na emoção de lidar. Com o mole, com o duro. Aí você encontra Sartre, falando sobre um homem que pegava papéis sujos na rua e dizia como seria bom para ele amassar o papel [...] como é bom polir um pedaço de madeira. E Bachelard a dizer, sua saúde mental está nas suas mãos. Eis que não é novidade, nem vista com esta profundidade.

História de Pinel e a separação de classes sociais na terapia moral

Mas Pinel foi mandado no fim do século XVIII visitar um hospital na Espanha, chamado Urbi Orbe, onde ficavam doentes de todas as categorias. E ele então fez um relatório quando ele veio da Espanha pra França. Antes da grande reforma que ele fez. Lá a terapêutica ocupacional não tinha este nome horroroso, foi dado pelos americanos. Era a laborterapia, trabalhavam no campo. Então Pinel escreve mais ou menos isso, os [...] nobres, que nobre não pode trabalhar nada, diz assim: vem cá um copo. Não pode buscar um copo d'água. Os nobres que ficavam doidos pagavam com a cronicidade de suas doenças, de seus delírios, a sua inatividade. Enquanto os plebeus que trabalhavam no campo curavam muitos deles. Isto é de fins do século XVIII. Porque o livro de Pinel, se não me engano, apareceu em 1803.

Princípio da Laborterapia

Então o princípio da Laborterapia para mim que não sou uma senhora filantropa, embora ache magnífico, é de uma curiosa científica que não queria fazer nada, a mínima, sem procurar num substrato científico, por mais modesto que fosse, então o que queria, o que me fascinava era o que acontecia dentro da cuca do

esquizofrênico, debaixo daquele aspecto miserável de atoleimado, demenciado, de alienado, era de repente um gesto de mão de Raphael, estava doente desde os 16 anos, que urinava no chão e esfregava as mãos na urina. Mas ele fazia de repente um gesto, digo que tem que ter alguma coisa por trás disto.

Dificuldade dos médicos receitarem atividades

Um analfabeto, semianalfabeto monitor que ia buscar os doentes para encadernação. E eu, no princípio, ainda com a ilusão de que os médicos receitassem as ocupações e também porque depois diziam que eles fugiam, aí os médicos o que faziam, assinavam, nos seus altos coturnos, e diziam que o monitor preenchesse o receituário. E era muito mais difícil de preencher corretamente, precisaria de um conhecimento muito mais profundo do doente, do que pegar uma bula de remédio e ler, haloperidol, tantos miligramas, muito mais difícil.

Importância do trabalho com as mãos e crítica social

Mas não pode se fazer isso, porque é um negócio com as mãos. Porque eles são como os nobres espanhóis e os nobres de toda parte. Era a burguesia querendo imitar a nobreza. A burguesia nascente querendo imitar a nobreza.

[Leon pergunta se é imutável a situação]

É uma questão de aceitar a dignidade do trabalho. Seja ele qual for. Politicamente o âmagô é aceitar a dignidade do trabalho. E o trabalho não é uma coisa servil, é algo que exprime a alma da pessoa. Seja ele qual for. A maneira como uma varredora de jardim junta, e eu ficava no tempo que eu ia aí na praia da Urca, e via a variedade daquelas varredouras com chapelão, vestidas de verde, apanhavam as folhas caídas, você pode apanhar com carinho, você pode apanhar com estupidez, tudo isto está revelando a pessoa.

História de um amigo que desmanchou o casamento pelo modo da noiva abrir e fechar gavetas

Como um amigo meu desmanchou um casamento porque foi buscar a noiva pra sair para um passeio e ela atrasada começou a abrir num quarto vizinho, começou a abrir as gavetas, fazendo VRUUUUUU, PRAAAAAAA, VRUUUUUU, PRAAAAAAA. Não achava. Ele saiu daí resolvendo achar um pretexto para desmanchar com o casamento. - “*Como eu ia casar como uma mulher que abria gaveta daquele jeito*”? . “*Deve ser uma bruta*”. Desmanchou o casamento.

História da gênese do setor de terapêutica ocupacional do Engenho de Dentro

Dona Julia Sá Menezes. Aliás ainda parenta de José de Alencar, uma cearense, “*diabética, vivia aposentada, diabética vivia aposentada*”, então pra quebrar as aposentadorias mandaram ela trabalhar comigo, ela sabia muitos trabalhos manuais. Eu digo: - “*Dona Júlia, esta sala vai ser para os trabalhos manuais. Ela aí olha para mim*” e diz: - “*E onde eu me sento?*”. Eu fiz a voz mais forte que eu consegui e eu digo “*no chão*” e saí. Ela se sentou no chão, com um grupo de doentes sentadas no chão. Aí eu fui chamar o diretor, que era Paulo Elejalde, um anatomopatologista, graças a Deus não era psiquiatra, mostrei a ele e disse: - “*Você quer isso no seu hospital?*”

- “*Não, não, não, manda buscar, manda buscar bancos*”.

Dona Júlia fez curso na Pestalozzi de teatro de bonecos e tornou-se exímia no manejo de marionetes. Não sei se você viu vestígio desse palco. Tudo isso as megadoses destruíram. Tinha palco para marionetes dessa senhora que eu mandei se sentar no chão.

Tudo que está resolvido hoje, não estará resolvido amanhã

Era assim, uma luta. Mande fazer um cartaz que ainda deixaram lá na minha mesa [...]: Tudo que está resolvido hoje, não estará resolvido amanhã.

Recomeçar tudo cada dia. Tá o cartaz lá com a letra caprichada do Haroldo [...] Porque você fala com o diretor, isso, isso... tá resolvido. Como este menino (Lula Mello) antes de viajar, um funcionário pinta a sala de reunião. Quando ele chegou nem em sonho a sala estava pintada. Quem teve que pintar foi ele. É assim a vida inteira, pensar que vai ter 5 dias de férias que alguém vai pintar a sala é um modelo de criança de peito.

[ENTREVISTADOR: E a história de falta do material]

Este argumento de falta de material [...]

História da bola de meia para internos do pátio do hospital

Os pátios que hoje estão hermeticamente fechados porque todo mundo tá dormindo, estavam funcionando, os doentes não tinham o que fazer e andavam como fantasmas, como eu digo no prefácio da exposição de 49, por ali pode-se acompanhar muito a história. Então eu pus um monitor em cada pátio, para brincar, para inventar coisa... Tem um que é o mais fabuloso de todos que é o Décio. Mas nesta estava o Clóvis, neste pátio, assim feito um paspalhão. Eu digo: - “*O que vocês estão fazendo aí?*” Eu visitava todo dia, todos os setores. Ele disse: - “*Não tem material nenhum*”. Eu digo: - “*você nunca foi moleque de rua, não? Estes doentes todos não foram moleques de rua? Não é uma coisa gostosa brincar na rua?*”

Eu só andava de meia, ainda tenho muito isso, ainda hoje está fazendo muito calor, naquele tempo eu usava meia comprida com aqueles negocinhos [...] com aquela presilha que segurava a meia. Suspendo o vestido, solto as meias, peguei as duas meias, embrulhei elas assim, machuquei nas mãos, fiz uma bola. E disse “*moleque na rua brinca com isso*”. Ele conta isso. O Clóvis que hoje é artista, bailarino, que dança em teatro, que continua lá.

Nise disserta sobre a química e os medicamentos

Uma química, a princípio muito doce, de extratos ludus que eram considerados mais ou menos inócuos, depois os barbitúricos que os epiléticos tomavam. Depois veio na minha ausência, eu caí numa esparrela desta química porque eu passei oito anos afastada, a bem do serviço público porque naturalmente não valia nada para o serviço público. Era o Amplictil, nos primeiros prospectos mandava dar, não sei se eu tenho aí, 75 gotas por dia, 25 gotas 3 vezes ao dia. Hoje se dá amplictil em baldes, o haloperidol eu não conhecia a descoberta, veio depois, eu nunca tomei conhecimento do haloperidol.

Então veio a camisa de força química. É o paraíso dos psiquiatras. Parece que hoje impera completamente no Engenho de Dentro, o haloperidol e outros similares que nem sei dos nomes, neozines, não sei o que... E o competente amplictil que é a barra de ferro definitiva de noite, daí o sujeito apaga, não incomoda a enfermeira, nem nada. Por isso uma doente escreveu estes versinhos, isto foi escrito na nossa exposição, se eu me enganar, pode verificar que tem aí. Os médicos e as enfermeiras dão muito remédio para não terem trabalho. E gritam: “*vou dar choque, vou dar amarra. Ser louco é uma barra*”. Se houver uma troca de palavras que eu não posso com esta memória tão matemática. O conceito de doença mental do *Aielo* que está aí, é um vazio dentro da cabeça, é a alienação, de modo que eu vivia num isolamento total.

Pergunta da situação de hoje do egresso

Cada vez pior, porque dantes pelo menos eles não ficavam trancados nas sessões. Não havia estes remédios tão potentes que os imobilizassem em camisas de força química. Então eles andavam. Não todos, uns ficavam mais fechados, outros iam pros pátios. Hoje não tem mais pátio. Eu chamo de opróbio do hospital psiquiátrico. E hoje chamo de o paraíso do hospital psiquiátrico. Esse onde eles jogavam bola até com meia. Quando não havia material que se comprava, isto foi

um episódio. Havia jogos, havia xadrez, havia tudo. Eles são lá capazes de ter nada próprio.[...] E na Alemanha também...

Crítica política e filosófica da situação da psiquiatria / aposentadoria

Da multinacional. A questão no fundo, se você escava, você encontra duas coisas, encontra a política e encontra, escavando bem, a filosofia. Numa você encontra as multinacionais. Na outra você encontra o modelo cartesiano. Do animal máquina, que pega o bicho, quando Mallebrand dava o pontapé numa cadelinha que vinha festejá-lo: [...] Isto grita, mas não sente.

O doente, eu sei que sente, não sente, o importante é a razão. Eu penso, logo existo. Se o doente é um doente que a razão desmoronou, também não sente.

Isto tem repetido muito com esta história dos bichos, porque eu sou aposentada não tenho nada que me meter nisso. Sou aposentada tenho que me meter nisso, porque estou ligada a isso, não sei se feliz ou infelizmente, pelas vísceras. Então não é um papel e uma data de aposentadoria que me arranca pedaços das vísceras. Sempre que puder eu intervenho, enquanto viver intervirei.

Então deixei o telefone com o diretor. Não tem nada com aposentadoria, sou cidadã do mundo. Onde tiver um elefante sofrendo, se eu puder ajudar, eu ajudo, na África, um menino biafra, tudo isto me angustia.

Situação do hospital psiquiátrico

O hospital psiquiátrico, estou me referindo ao Centro onde eu vivi grande parte da minha vida, conseguiu hoje ser pior que quando eu voltei na década dos 40, porque pelo menos os doentes tinham um mínimo de liberdade de movimentos. É certo que se eles se excediam nos movimentos, não era procurado saber as origens dessa situação, havia os chamados quartos fortes. Mas hoje está muito pior, porque existe a camisa de força química e ele não fica momentos parados não. Ele dorme a mais não poder ou fica amarrado. Pode enfiar o trecho ser doente é uma barra ...

Situação como aposentada

Repetem muitas vezes que eu estou aposentada, nunca me senti aposentada um só instante, não houve papel burocrático de aposentadoria, não houve cadeia que me reduzisse à inércia, sempre ...

Compromisso ético com o serviço saúde / esquecimento da frase de Artaud

As atividades privadas nunca me atraíram, sirvo visceralmente amarrada ao serviço público. Penso como Antonin Artaud, “há dez mil modos de ocupar-se da vida e de pertencer a sua época” (Nise demonstra uma grande dificuldade para gravar esta frase e citar corretamente, erra diversas vezes, titubeia, a memória parece falhar...)

Escolha pelos loucos e animais

Quanto a mim, e é por isso que estou falando agora neste momento, atraí-me entre todos os infelizes, os mais infelizes, os loucos e os animais.

Terapêutica ocupacional

De início tentei introduzir a conhecida terapêutica ocupacional, mas não em seus velhos moldes, procurando conseguir pelas atividades diversas que os doentes exprimissem os conteúdos mais profundos de suas vivências internas e também que estas atividades lhe proporcionassem prazer, atraindo assim pouco para a realidade.

Número de reinternações e proposta para mudar isso – Casa das Palmeiras

Paralelamente a este trabalho observei muito simplesmente que o número de reinternações era verdadeiramente alarmante, cerca de 70 por cento.

Comecei então a pensar que decerto algo estava errado no tratamento psiquiátrico, que talvez os doentes saíssem de suas profundas experiências internas sem nenhum preparo para o reencontro com a vida, com o mundo da dita realidade. E comecei a pensar na possibilidade do próprio hospital criar uma sessão, um departamento para o preparo desses indivíduos antes de sua saída. Esta ideia não foi aceita, mas não a abandonei. Continuei falando nisso a pessoas diversas, até que uma colega, Maria Stela Barros me pôs em contacto com Dona Alzira Cortes, proprietária do prédio onde funcionou o antigo colégio Lafayette, ela imediatamente compreendeu o problema e sem nenhuma formalidade, sem nenhum papel, sem nenhuma assinatura. Disse-me: o andar térreo, eu já cedi para APAE. O primeiro andar a senhora dispõe pra fazer o que quiser. Então imediatamente começou a se estruturar esta instituição destinada a EGRESSOS. De início éramos quatro, Maria Stela Braga, psiquiatra; Bellá Paes Leme, artista plástica; Ligia Loureiro, assistente social e eu. Íamos muitas vezes a casa de Bellá, ou melhor no estúdio de Bellá e assim no dia 23 de dezembro de 1956 foi inaugurada a Casa das Palmeiras que está, este ano, completando 30 anos.

Nesta casa eu me sentia livre para introduzir métodos inusuais. O tratamento fundamental fazia-se através de atividades expressivas, não havia médicos vestindo jalecos, não havia enfermeiras, os monitores estavam ao lado dos doentes, apenas os ajudavam, trabalhavam junto com ele, ou apenas ajudavam numa ou noutra atividade. As portas e as janelas sempre abertas. E assim a Casa das Palmeiras atravessou esses 30 anos. Instituição sem fim lucrativos, evidentemente com dificuldades financeiras e também com as dificuldades humanas que surgem em todos os grupos de trabalho ou de relação de qualquer espécie. Mas sempre demos a volta por cima e a casa continuou com seu trabalho.

Realidade da psiquiatria em 1986 – comparação com década de 1940

Um dos mais importantes da psiquiatria. Atualmente o que acontece é o doente internado, receber doses fortíssimas de psicotrópicos que os dopam e os adormecem dia e noite, neste sentido o hospital psiquiátrico de hoje, isto pode parecer espantoso ou exagerado, é pior que o péssimo hospital psiquiátrico da década dos 40 quando os doentes andavam nos pátios e nos terrenos que circundam o hospital, pátios que eu própria chamava de opróbrio do hospital psiquiátrico. E onde procurei introduzir atividades para dar-lhes alguma vida. Pois hoje nem estes pátios funcionam mais, os doentes não mais circulam nos arredores do hospital.

Estes doentes que dormem dia e noite sob ação de psicotrópicos quando cessam os sintomas mais agudos, têm alta, depois dos prazos pré-fixados pelo INPS, sei lá que instituições e deixam o hospital, aí começa a grande tragédia do egresso da qual queremos especialmente nos ocupar.

História de um egresso imaginário – relato que aproxima-se da ficção

O egresso estonteado vai para rua, será difícilimo encontrar seu espaço na família e na sociedade, ele à medida que sai do hospital, é matriculado num ambulatório. Alguns setores do hospital tentaram modificações no atendimento desses egressos, como por exemplo o hospital infantil que é um pequeno hospital onde modificações seria mais fácil, algumas seções também tentaram modificações, mas em número reduzidíssimos comparado à grande massa que é encaminhada aos ambulatórios gerais. Nesses ambulatórios o egresso depois de ter atravessado vivências terríveis conversa momentos com médicos e recebe cartelas de psicotrópicos violentíssimos para com sua própria responsabilidade usá-los. Que acontece a esse indivíduo infeliz?

Perambula pelas ruas, dissipam-se os efeitos dos psicotrópicos ingeridos no hospital, basta um gesto que ele faça, basta uma implicação que ele seja levado a exclamar, para imediatamente ser chamada a Radio Patrulha que o torna de volta ao hospital e assim ele é reinternado. Recomeça o ciclo.

Ou [...] senão volta ao hospital público é internado nos chamados hospitais conveniados, pagos pelo governo, é um sai e entra continuamente. Nas precárias estatísticas dos hospitais psiquiátricos, o número de reinternações é quase igual a 1956, 70 por cento. Aí está a psiquiatria moderna, tão obscurantista ou mais que a velha psiquiatria de quando nós que entrávamos no hospital tanto criticávamos e tanto desejávamos modificar. Realmente é para entristecer.

O egresso que não é reinternado, ou melhor que tem ainda vislumbres de astúcia para fugir da Radio Patrulha que o leva de novo ao hospital, corre, esconde-se, faz o que pode. E naturalmente cai na marginalidade, cai na mendicância. Muitas vezes ele próprio, porque como mendigo está com fome, cria uma situação que o leva de volta a reinternação. Pelo prato de comida do hospital, durante os dias estipulados pela sua permanência, depois sai e volta, no rodopio da mendicância e da marginalidade, que muitas vezes o leva a prisão ou ao hospital. Ele rodopia entre hospital, prisão e logo solto como vagabundo e mendigo. Acontece às vezes que um contacto amigo surge para ele, é um cão vagabundo como ele, mendigo também, afeiçoam-se e andam juntos pela cidade, mas isso enfeia a cidade, ele é de novo apanhado, a Radio Patrulha leva-o de volta de novo para o hospital e o cão amigo é levado para a câmara de tortura e morte que é o instituto de veterinária. Realmente num período que pretende mudar as coisas, esta situação tem que ser estudada de uma maneira humana, tem que ser modificada.

Sua proposta para a Reforma Psiquiátrica

A Casa das Palmeiras é uma experiência piloto reduzida, pobre, com dificuldades várias, mas poderia servir como contribuição nossa para estas mudanças maiores, muito maiores que o Estado tem a responsabilidade de fazer. Necessitaríamos de espaços amplos onde os egressos pudessem ter um lugar de encontro, de trabalho, talvez de tomar uma refeição, porque isso sairia

muito mais barato do que reinterná-los nas casas de saúde, onde muitos o chamam de filé mignon das casas de saúde. Ou mesmo mais barato que a reinternação que deprime o serviço psiquiátrico apresentando uma estatística de reinternações que em 1986 depois de tanto se falar de psiquiatria moderna, equivalente a estatística da década dos 40. Quando hoje ao referirem a ela. Os psiquiatras acham atrasadíssima. Entretanto onde está o progresso da psiquiatria? Creio que um dos caminhos e haverá naturalmente outros caminhos, será enfrentar corajosamente e humildemente o problema do EGRESSO.

Já a casa das Palmeiras, com todas suas deficiências, durante 30 anos demonstrou que é possível quebrar o ciclo das reinternações. Temos clientes que frequentam que haviam passado por 10 e mais internações e desde que trabalham conosco não voltaram a se reinternar.

Conceito de loucura – resumo de todo seu pensamento

Portanto o problema não está tanto no doente, mas naqueles que são responsáveis pelos doentes e no caso estamos focalizando pelos egressos dos estabelecimentos psiquiátricos pela sua incompreensível indiferença, certamente não por frieza, mas pelo conceito que tenham da loucura, porque se deixem impressionar apenas pelo aspecto miserável, externo do doente, porque não se detenham em observar-lhe pequeninos gestos, sutilíssimos movimentos que deixam transparecer o lado, o outro lado da loucura. Que quando você consegue espiar através de pequenas brechas abertas por estes pequenos gestos, pelas imagens que eles pintam, mostram que do outro lado daquele aspecto miserável, que parece deteriorado, abobalhado, há insuspeitadas riquezas. Na nossa experiência no Engenho de Dentro, nós temos documentos em todos os setores de atividades, quando existia STOR, que agora não existe mais, porque pessoas que dormem dia e noite não podem fazer atividades. Mas quando nós cultivávamos atividades livres, espontâneas, que ainda hoje uma ou outra das

oficinas de apoio do museu cultiva, nós podemos ver num bordado, numa combinação de cores e sobretudo no ateliê de pintura, onde se acumulam milhares de documentos que se estudados em série detidamente, nos levam a abismos perturbadores, que nos obrigam a estudar e reestudar muitas vezes esses vislumbres que partem do âmago da psique. E o que haverá de mais importante no homem do que o conhecimento de sua psique. Será menos importante do que construir um míssil ou uma bomba atômica?

Então deixemos aqui um apelo às autoridades competentes, aos queridos colegas.

Questão do egresso – modelo de uma instituição para atendimento de doentes

Não vamos estender, o conceito de loucura [...] nos levaria muito longe. Vamos nos fixar num problema imediato que urge solução urgente, este problema do egresso, apenas me referi à riqueza que as atividades dos internados revelam no hospital psiquiátrico para mostrar que em qualquer indivíduo, mesmo no mais esfarrapado mendigo, egresso de um hospital psiquiátrico, existem pulsões criadoras, existem forças autocurativas, esperando de apoio, esperando de amor, esperando de calor humano. Não será difícil as autoridades criarem espaços onde esses indivíduos encontrem oportunidade para se exprimirem, para tomarem um prato de sopa, para subirem de nível, a caminho de um estado de consciência mais claro. Propondo isso, não sinto de maneira nenhuma uma senhora filantropa, coisa que não sou. É uma proposta fundamentalmente humana. O Egresso desde que encontre ambiente favorável poderá tornar-se um ser útil socialmente, poderá reintegrar-se à família, ao trabalho e à sociedade.

Explica melhor como seria esse espaço

Este espaço não seria uma espécie de berço caritativo, seria uma ponte que o levaria de volta aos contactos duros com a vida, ao trabalho útil e produtivo,

tanto para sua família, se for o caso, tanto para si próprio, para sentir-se membro útil da sociedade.

[ENTREVISTADOR: “É um espaço não caritativo. Um lugar vivo dinâmico, é uma ideia nova, ela não é nova, ela soa nova”]

Senão coitadinhos, vamos dar um prato de sopa a eles, como dona Zoé dá um prato de sopa aos mendigos. Que é muito bom, mas não é isso que estamos pretendendo. Nós estamos pretendendo a recuperação de homens considerados farrapos para uma vida socialmente útil e talvez mais rica que a vida anterior que eles levavam.

Finaliza – última cena filmada por Leon Hirszman

“Chega gente, vocês me matam, baixou o pano, até Prazine deu o agudo mais alto”.

“Você está gravando isto seu doido”?

Fala de Leon: “A ideia está completa”.



Figura 41 - Última cena filmada por Leon Hirszman . Acervo Cinemateca

Leon Hirszman morreu em 1987 e no seu obituário o amigo e jornalista Zuenir Ventura scandalizou o Brasil publicando pela primeira vez que uma personalidade tinha morrido de *AIDS* que ainda era conhecida como a *praga gay* e tinha todos os tipos de preconceitos. Personalidades que sofreram perseguições, estigmas, preconceitos típicos do século XX no país e que nos deixam um legado de arte e profunda reflexão sobre a existência humana. Para entendermos melhor este mergulho nas imagens do inconsciente, cito um trecho da carta da psiquiatra Nise da Silveira escreveu em homenagem à Leon Hirszman um mês depois da morte do amigo:

[...] a atração de Leon por essas últimas pinturas de Carlos, seriam também uma premonição (de morte)? Há tantas coisas misteriosas... Vai querido amigo, agora na tua própria barca rumo à luz. E que a obra ficada com tanta penetração psicológica e artística torne-se aqui um aguilhão em brasa que denuncie a miséria do hospital psiquiátrico, onde homens e mulheres que se desadaptaram das regras ditas normais, e foi em nome da razão (qual razão?) são encerrados dentro de camisas de força químicas, sufocantes de toda criatividade.

Apenas admirar a beleza desses filmes de Leon, seria traí-lo. Porque falam muitas vezes de mitos, isso não significa, salvo para pessoas pouco informadas, que tratem de fantasias inconscientes. Se os olharmos com atenção ver-se-á que encerram em vigoroso sentido social, direi mesmo políticos. Esta foi a intenção de Leon, e a minha também, na nossa estreita colaboração.

22-out- 1987

Nise

3

atragão de Leon por essas ultimas puer-
 turas de Carlos, seria ~~talvez~~ também
 uma premonição de morte? Ha tantas
 coisas misteriosas...

Vai querido amigo, agora na tua pro-
 pria barca rumo a luz.

E que obra ficou com tanta pene-
 tração psicológica e artística. Torne-se
 aqui um apêndice ao trabalho que desen-
 via a miséria do hospital psiquiátrico,
 onde homens e mulheres que se deixavam
 das regras ditas normais, e que em nome
 da razão (qual razão?) são encerrados dentro
 de camisas de força primárias, sufocantes de
 toda criatividade.

Apenas admirar a beleza desses filmes de
 Leon, seria trai-lo. Porque fala muitas
 vezes de mitos, isso não significa, salvo para
 poucos poucos informados, que trata de
 fantasias inconsistentes. Se observarmos com
 atenção ver-se a que se encerra um vigo-
 roso sentido social, direi mesmo político.
 Esta foi a intenção de Leon, e a minha
~~tese~~ também, na nossa estreita cola-
 boração.

22-out-1987

Figura 42- manuscrito de Nise da Silveira na
 ocasião da morte de Leon Hirszman.
 Acervo MII.
 Mello (2006).

11 Envelhecimento, gatos e o encontro do ocaso

O ano de 1986 e 1987 foram ambíguos para Nise da Silveira, consagrada com a aprovação do público e da crítica do filme *Imagens do Inconsciente*, ela teve por outro lado uma série de perdas no mesmo período.

Em 1986 faleceu Mário Magalhães da Silveira, seu companheiro de toda uma vida; Mário foi um visionário nos estudos da saúde pública e dos problemas brasileiros, propunha já na década de 50 do século passado soluções para o Brasil que só foram implementadas depois da Constituinte de 1988 com a implementação do Sistema Único de Saúde.

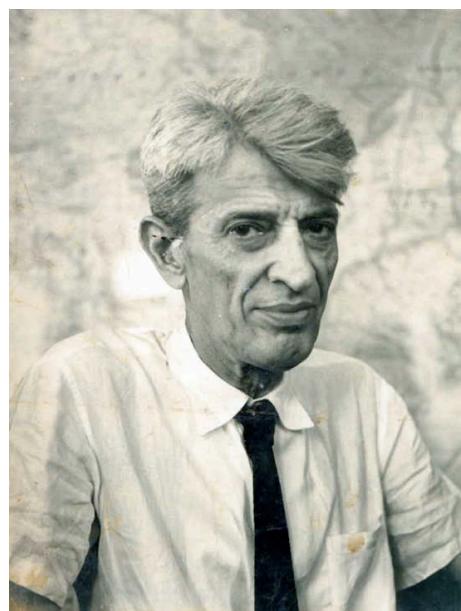


Figura 43 - foto de Mário Magalhães
acervo MII.
Mello (2006).

Mário Magalhães da Silveira aprofundou seus estudos em demografia, economia, sociologia e saúde pública. Trabalhava cada uma dessas áreas com o rigor científico do especialista, e os ultrapassava, ao interligar essas questões numa síntese macrossocial. Mário possuía uma visão interdisciplinar de todos os campos que compunham a saúde pública, relacionava informações e estudos para ter uma clara visão dos problemas brasileiros.

Partindo da tese central de que a saúde é um problema de superestrutura, defendia que uma distribuição mais igualitária de renda nacional era a principal forma de se garantir

a boa saúde de uma população. Segundo ele, “em uma economia de mercado a saúde é um bem que se compra. Quem tem dinheiro goza de saúde, ou pelo menos, pode gozar, porque pode comprá-la. Quem não tem dinheiro dificilmente pode comprar saúde” (Silveira, 2005, p. 9).

Mário Magalhães defendia a tese de que a saúde pública era o meio mais eficaz de prevenir e curar; propunha um serviço público único e nacional que permitisse o acesso democrático a todos os brasileiros à saúde. Combatia a mercantilização da medicina e afirmava que a condição de saúde de um povo dependia muito mais dos melhoramentos das condições sanitárias e econômicas que dos avanços na prática médica (idem).

Diferentemente de Nise, Mário sempre permaneceu nos bastidores, não aceitando homenagens ou qualquer gesto de reconhecimento da pessoa dele. Não assinava muitos dos papéis que escrevia, olhava para isto como um serviço para o país, hoje temos acesso ao material de sua autoria graças a Nise que arquivou todos artigos e textos de Mário.

Poucos meses depois do falecimento do esposo, Nise levou um tombo e fraturou o fêmur, recusou-se a fazer uma cirurgia reparadora e não voltou mais a andar; passou a necessitar de cuidados e de uma cadeira de rodas para se locomover.

Apesar da saúde frágil, do seu peculiar tempo na fala, onde passou cada vez mais ostentar grandes pausas; Nise da Silveira viveu até o ano de 1999. Escreveu “*O Mundo das Imagens*”, “*Cartas a Spinoza*” e “*Gatos, Emoção de Lidar*”. Se pensarmos em uma frase dita pelo filósofo romano Sêneca em que “o corpo seca para libertar a alma”, podemos ter uma ideia do que aconteceu com Nise da Silveira que conviveu com quase quinze anos de extrema fragilidade no corpo, dificuldades com a memória e mesmo com todas essas adversidades, manteve a altivez do pensamento.

Ao abrirmos bem na página que divide a primeira edição do livro *Gatos: Emoção de Lidar* podemos ler no meio desta página (Silveira, 1998, p. 29):

Os novos terapeutas ocupacionais começaram a desenvolver atividades criativas e também a estudar algo da dinâmica psiquiátrica em reuniões semanais por mim

orientadas. Mas a denominação de terapêutica ocupacional continuava a não me satisfazer .

Notem que ela pela primeira vez utiliza terapeuta ocupacional para designar as pessoas que trabalhavam nas oficinas e que fizeram os diversos cursos que ela ministrou durante sua vida profissional.

Na sequência, Nise utiliza Terapia Ocupacional para designar uma das oficinas.

Foi quando certo dia um rapaz frequentador da Terapia Ocupacional, em vez de entrar numa das salas de trabalho masculino preferiu entrar na sala de atividades feminina atraído pelas qualidades latentes que pressentia existirem num pedaço de veludo estendido sobre a mesa da sala. Dirigiu-se à monitora Maria Abdo e pergunto: “Posso com este pano fazer um gato?” A resposta foi sim. Então Luís Carlos começou a manipular o pedaço de veludo, dando-lhe a forma de um gato. A monitora ficou surpreendida, mas não interveio, salvo na colocação dos olhos do gato, a pedido de Luís Carlos.

Completado assim o gato, Luís Carlos tomou um lápis e escreveu:

Gato simplesmente angorá
do mato,
azul olhos nariz cinza
gato marrom
orelha castanho macho
agora rapidez
Emoção de Lidar

Eureka! Nise da Silveira encontrou o nome para denominar a *pesada como um paralelepípedo terapêutica ocupacional*. Transformou-se na fugidia *emoção de lidar*. *EMOÇÃO DE LIDAR* foi o modo que ela passou a referir-se às atividades terapêuticas. A descoberta deu-se tocando o veludo, a maciez do tecido afetou o rapaz e desencadeou uma *emoção de lidar*. Um fazer não alienado, não alienante, em que corpo e espírito estão em direta conexão com a mão e os sentimentos para manipular os objetos e as texturas do mundo.

No livro Nise prolonga o momento de forma literária o momento que Luís Carlos, um cliente da Casa das Palmeiras, descobre a *emoção de lidar*. “Enquanto manipulava seu gato de veludo, com surpreendente habilidade, Luís Carlos parecia feliz e disse: - Como é macio! Sinto grande emoção de lidar com ele entre minhas mãos” (Silveira, 1998, p. 30).

Aos 93 anos em 1998 teve o fôlego de introduzir mais um teórico para explicar a *emoção de lidar*.

É curioso que tenha sido um filósofo, Gaston Bachelard, quem abriu caminho para a pesquisa da importância psicológica dos materiais de trabalho Bachelard descobriu que a imaginação criadora escolhe de preferência uma substância para revestir-se. Essas preferências poderão revelar segredos íntimos. Daí a importância de serem atentamente observadas. Diz Bachelard: - A saúde de nosso espírito está em nossas mãos (Silveira, 1998, p. 30).

Com um intelecto inquieto, mesmo no ocaso da vida encontrou outras almas libertárias. Narro a seguir o encontro com o terapeuta ocupacional Luiz Gonzaga Pereira Leal e com o poeta Marco Lucchesi. Nise costurou com Luiz a *colcha de retalho* de sua terapêutica ocupacional e falou de fé, além de ensiná-lo a navegar por “estados inumeráveis do ser”. Com Marco Lucchesi, Nise teve um dos seus encontros mais profundos na vida; escreveu Cartas a Spinoza e numa profíqua correspondência com o amigo. Marco e Nise reviveram a tradição da língua portuguesa de cartas de amigo e de amor, mostrando que como os afetos podem nos ajudar aprender a morrer.

12 Luiz Gonzaga Pereira Leal, terapeuta e cantor

O primeiro encontro que narro é com o terapeuta ocupacional e artista pernambucano de nome Luiz Gonzaga Pereira Leal. Luiz na época era um jovem terapeuta ocupacional, envolvido com movimentos libertários da psiquiatria no Recife da década de 1990, procurou Nise da Silveira em sua casa na rua Marquês de Abrantes no Rio de Janeiro. Começava aí uma sincera amizade.

Gonzaga Leal teve vários encontros com Nise da Silveira que foram devidamente registrados em fitas de áudio com autorização da doutora. O pernambucano descreveu assim Nise: “Posso vê-la sentada de forma silenciosa à mesa, protegida sempre por um xale que lhe conferia uma impressão de nobreza, não raro com um gato a repousar sobre o colo”; e completa “miúda e aparentemente frágil, costumava dizer que tinha um Virgulino Lampião debaixo da pele” (Leal, 2005, p. 69).

Nessas conversas apreende com Nise a *aventura da unidade*, percebe que a doutora perseguiu o caminho de encontrar o fio que ligava todas as coisas do mundo, nas palavras de um dos seus mestres, Antonin Artaud: “ter o sentido da unidade é ter o sentido da anarquia e do esforço para reduzir as coisas, reconduzindo-as à unidade”.

Visitei Gonzaga Leal em maio de 2006 em Recife; uma pessoa muito simpática e carismática que contou muitas histórias sobre Nise, sobre terapia ocupacional e principalmente sobre música, sua maior paixão. Atualmente Luiz Gonzaga Leal é um intérprete de projeção nacional e leva sua arte para diversos lugares do país. O estúdio onde funciona a produtora musical de Gonzaga Leal é o seu antigo consultório de terapia ocupacional, onde preservou todo o *setting terapêutico*, mantendo a mesa, os livros, as gavetas, o divã, a escrivaninha e o palco em duas salas contíguas, além de uma pequena cozinha. Percebi que Gonzaga Leal sempre foi artista e mesmo antes de assumir-se como cantor, desenvolvia *a arte de ser terapeuta*.

Luiz Gonzaga Leal conheceu Nise já idosa e frágil, nos difíceis tempos do final da vida. Gonzaga Leal confidenciou-me que Nise foi muito importante na sua vida e que aprendeu muito com ela. Contava que lia trechos de livros de São João da Cruz e Santa Tereza D’Ávilla para uma Nise já acamada no ocaso da vida.

Trago abaixo trechos comentados de entrevistas que Gonzaga Leal fez com ela e encontrada no livro *Terapia Ocupacional: Guardados de Gaveta e Outros Guardados* (Leal, 2005, p. 70 - 81), para entendermos a arte que transformou a terapêutica ocupacional de Nise da Silveira em uma emocionante forma de lidar com o mundo .

As entrevistas foram concedidas nos dias 26, 27 e 28 de julho de 1992, em tardes cinzentas e chuvosas. Ela recebia os amigos e interessados em conversar com ela preferencialmente a partir das cinco horas da tarde. Esta era a hora que tomava chá com canela e torradas.

Luiz Gonzaga inicia a entrevista perguntando se Nise pretende publicar suas obras completas. Ela responde que “não, porque o número de trabalhos que tenho é muito pequeno, a parte mais importante foi publicada no livro *Imagens do Inconsciente*, e dentro de alguns dias será publicado pela Ática, *O Mundo das Imagens*. Além disso, coisas esparsas”.

Comentando esta fala, cerca de vinte anos depois da resposta de Nise da Silveira, vemos que o acesso a sua obra ainda é dificultado por edições esgotadas de seus livros, várias publicações e relatório dispersas; além de seus documentos mais pessoais como cartas ainda não serem acessíveis para pesquisa pública. A obra de Nise da Silveira merece uma publicação de seus trabalhos, livros e documentos mais importantes na íntegra, talvez em um projeto mais amplo utilizando as novas tecnologias da informação para reunir seus escritos e fomentar o estudo da sua obra para as novas gerações.

Uma outra pergunta de Gonzaga Leal provocou em Nise a reflexão sobre sua relação com a psiquiatria:

Eu tenho encanto por Laing também. Porque o que caracteriza meu trabalho em psiquiatria, meu entusiasmo pela psiquiatria, meu apego ao que se chama psiquiatria, é a pesquisa do mundo interno do processo psicótico. Do que se passa no mundo interno, sem desprezar naturalmente o mundo externo, porque nós vivemos simultaneamente os dois mundos, externo e interno. Mas o que acontece é que à maioria dos psiquiatras mesmo os da atualidade, muitos dos mais avançados, o que interessa é o mundo externo. É o movimento Basaglia que eu aprecio, estou de acordo até que estes velhos

manicômios, que parecem prisões, sejam implodidos, porque não se ocupam do mundo interno dos pacientes, só valorizam o lado de fora.

E continua sua reflexão sobre a importância da observação da fala, da escuta e do fazer do doente atendido por ela, sobrepujando os livros, mesmos os livros do mestre Jung:

Ele não entende a linguagem do mundo externo. Eu parto sempre daquilo que o doente diz, escuta ou faz. Nem sempre parto de livros. Nem mesmo os de Jung. Mas há uma grande coincidência no que o doente faz e pinta e que ele ensina.

No trecho abaixo, temos um dos raros momentos que Nise da Silveira usa o termo terapia ocupacional³⁷ e não terapêutica ocupacional para falar de sua prática. Lembro do termo cunhado por Hélio Pellegrino para sintetizar Nise - “anjo duro”. A alagoana tinha o mole e o duro em seu pensamento e ações. Sempre manteve o uso do termo terapêutica ocupacional, mas já idosa, na entrevista com o terapeuta ocupacional Luiz Gonzaga Leal, amoleceu e usou terapia ocupacional:

Isso também eu aprendi com os doentes porque Terapia Ocupacional tal como era praticada agora está se transformando. Exigia-se muito no início. Era só arrumar o hospital, limpar o hospital, varrer o hospital. Quando assumi a direção da Terapia Ocupacional em 1944, mudei inteiramente essa situação. Criamos as oficinas, e nas oficinas os clientes criavam com toda liberdade.

No decorrer da entrevista conta que o início do seu trabalho no Engenho de Dentro, antes de Jung, de Laing, o que usava era a terapia ocupacional. E contou sobre como eram as oficinas que comandava:

³⁷ Um bom campo para pesquisas futuras é ter acesso aos originais das fitas K-7 de áudio que Gonzaga Leal para estudar a relação de Nise com este campo do conhecimento nas suas palavras para Gonzaga Leal.

Tinha ali a oficina, com muitos homens. Então, se ali era uma oficina de marcenaria onde só trabalhavam homens, eu queria que eles lidassem com a matéria “madeira” e não que eles fizessem o que os terapeutas ocupacionais preferiam, que era fazer objetos com aquela madeira. Fazer uma mesa, consertar pé quebrado de mesa e cadeira... Eu queria que eles trabalhassem de maneira livre. Isso me deu uma lição pra vida inteira.

Nise tinha uma peculiaridade, deslocava o saber dos livros, dos compêndios, das cátedras para o doente mental; assumindo que sua grande escola foi o Engenho de Dentro, a Casa das Palmeiras e seus doentes.

O cliente me disse que eu estava no caminho certo. Ele construiu muita coisa, e fez também trabalhos práticos. Consertou mesas capengas, cadeiras descartadas na Casa das Palmeiras. Fez também um trabalho que me ofereceu: um coração em madeira e no centro do coração um livro aberto. Quando me ofereceu ele disse: “um livro é muito importante, a ciência é muito importante, mas se desprender do coração não vale nada”. Tudo que eu sei de psiquiatria aprendi com eles.



Figura 44 - Foto de livro entalhado em madeira em forma de coração apresentado por um cliente de Nise da Silveira. Acervo MII. Mello (2006).

Relatou para Gonzaga Leal sua relação com os animais, sua admiração com os cães e sua proximidade com os gatos e a ideia de usar animais como coterapeutas.

Eu gosto muito de todos os animais. Admiro muito o cão. Me sinto humilhada diante do cão, respeito o cão, porque o cão tem uma qualidade que eu acho belíssima e da qual eu me sinto distante, que é a capacidade de perdoar que é infinita. Dê você o passo que der, ele é fiel. Nunca se ouviu contar que um cão fizesse uma traição com o seu dono. Eu tinha cães em Maceió, porque morava numa casa grande. Em apartamento a coisa é mais difícil. Gatos apanhados na rua, desamparados, foram vários, cheguei a ter 23 gatos em casa. O gato não tem essa capacidade de perdoar, como eu não tenho. Mas eles são muito especiais. Introduzi no hospital a ajuda dos animais como coterapeutas. Não é uma designação minha, é de um analista americano (Boris Levinson), mas eu já aplicava. Tenho até livro dele aqui. Ele trata da questão dos animais como coterapeutas. Ele era psicanalista de crianças, e achava a ajuda do cão preciosa. Trabalhava sempre com um cão no consultório. Como, aliás, Freud, que também trabalhava com cão no consultório. Marie-Louise von Franz, com quem eu fiz análise, trabalhava com um cão no consultório. Aqui o cão não entra nos lugares. Nessa visita do Ministro Rouanet, alguém teve a feliz ideia de trazer para o local onde estávamos reunidos a cadela Xuxa, com quem ele brincou. Isso fez aumentar a minha simpatia por ele.

Nise contou da repercussão de seu trabalho e que até pessoas de outros países a procuravam para homenageá-la:

Ultimamente eu até me assombro de ver quantas pessoas que me procuram. E logo agora que eu estou aposentada, precisava dessas pessoas quando estava lá. Mas aparecem agora. Nesse museu (Museo Attivo della Forme Enconsapevoli) que será fundado em Gênova para estudo da produção artística e também tratamento, eu sou a primeira pessoa a estar na comissão de honra. Tomei um grande susto quando vi isto.

Também falou de seus aliados e fala de como conheceu Luiz Carlos Mello e da sua importância na leitura das *imagens do inconsciente*:

O Ferreira Gullar foi um grande aliado, era muito amigo de Mário Pedrosa. Ele quer escrever um livro sobre Emygdio, que ele considera o maior pintor brasileiro. Tive muitos aliados. Domitilla Amaral, considerada a maior intérprete no mundo de García Lorca. Médicos, tive poucos. Embora eu tivesse fundado o Grupo de Estudos, muitos destes que a frequentavam todas as quartas-feiras, nunca foram a Engenho de Dentro. Eu sempre digo: a psicologia junguiana não está aqui na sala. Está em Engenho de Dentro. E foi assim que o Lula - Luiz Carlos Mello - foi a Engenho de Dentro. Aqui é conversa, teoria necessária, mas o âmago está lá. E Lula, que acabara de fazer vestibular pra engenharia, foi e ficou. É quem lê muito bem as imagens. Tem dado uma ajuda inestimável, sobretudo agora com essa minha imobilização.

Perguntada da importância das homenagens que recebia, Nise deu uma resposta contundente e conta o que falou para o deputado Paulo Delgado, que em 2001 teve a lei 10.216 aprovada. Esta lei mudou a política de saúde mental no Brasil e promoveu a criação de serviços substitutivos à internação psiquiátrica em todo o país. A lei garantiu os direitos dos pacientes psiquiátricos. Era favorável a esta lei, mas tinha algumas críticas em que não concordava com as propostas de Basaglia que contratando os direitos dos pacientes psiquiátricos, a liberdade estaria garantida. Ela insistia que se precisava conhecer o mundo interno do doente mental, suas aspirações e desejos . Nas próprias palavras de Nise na entrevista para Gonzaga Leal (2005):

Ei, e eu não fui uma das mulheres do ano passado!? Mulheres 90! Isto não me diz nada. Eu exagero dizendo: nada. Mas muito pouco, talvez tenha tocado alguém de fora. Agora é que estão descobrindo que o Hospital é uma masmorra. Estão querendo melhorar a condição do doente, a cidadania do doente. Se não cuidarem de outras coisas o que vão fazer com essa cidadania? Isto foi o que eu disse a Paulo Delgado.

Nise tocou nesta entrevista em um ponto muito importante, de sua preocupação com a realidade vivida pelos doentes mentais que produzem as obras expostas no Museu de Imagens do Inconsciente; fala também dos doentes que não chegaram a produzir obras significativas para serem expostas. Neste trecho ela fala de Laing e da antipsiquiatria, movimento que ela admirou muito.

Mas muitos, que frequentam o ateliê de pintura e fazem belos trabalhos – porque não podemos esquecer todos os outros frequentadores do ateliê que não chegaram a esse ponto culminante – também são seres humanos. Como é que eles vivem? Essa sempre foi uma pergunta, um ponto que levantei muito. E aí quando apareceu a antipsiquiatria, ela produziu uma abertura, principalmente através do enfoque de Laing, porque ele parte do processo psicológico. Esse é o eixo do seu interesse. A psiquiatria começa com a pesquisa do processo psicótico, que é o que Laing fez e foi o que viu aqui quando nos visitou. Se entusiasmou.

Nise contou como conheceu Tarsila do Amaral e Osório César, relatou a transformação de Tarsila de uma jovem grã-fina para uma modesta mulher depois de retornar da Rússia; vemos aí como Nise, assim como Tarsila, foram mulheres de seu tempo:

A conheci numa exposição que ela fez aqui no Rio, exposição à qual fui acompanhada por Laura Brandão, mulher de Octávio Brandão. Comunista. Antes de casar com Octávio Brandão, já conhecia Tarsila, não sei de onde, tanto que Tarsila fez um desenho de Laura. Laura era uma grande mulher. Estão fazendo agora uma biografia dela. Como mulher, em seu conjunto, eu acho que foi a mulher que mais me impressionou, porque ela vivia com o Octávio Brandão na maior pobreza. Ele constantemente preso e ela sempre alegre, achando que a felicidade habitava na casa dela. Sim, mas você me perguntou de Tarsila. Ela conhecia Tarsila do tempo de solteira quando Tarsila fez um desenho do rosto dela porque a achava bonita e ela estava na maior alegria nesta exposição. Gente grã-fina, muito bem vestida, ela muito simples e eu também da mesma forma muito simples. Ela então me mostrou, “olha para os sapatos dela”, eu olhei e vi uma fivela. Ela então me disse: “são brilhantes de verdade”.

Ela estava na fase ainda sob a influência de Oswald de Andrade. Depois Oswald encontrou Pagu. Ela se separou. Agora ... foi em São Paulo, não sei... que encontrou Osório Cezar, médico do Juqueri, pobre e comunista. E foi então que fizeram uma viagem a Rússia. Quando ela voltou, com um grupo de estudantes, gente jovem, estudantes que estavam terminando o curso médico e que eram meus amigos, nós até fomos ao Cais do Porto, então, aparece uma Tarsila diferente, vestida modestamente, e eu me lembrei das tais fivelas de brilhante. Saíamos muitas vezes, íamos a restaurantes de chofer. Ela deu uma virada muito grande depois da separação de Oswald, com Osório Cezar. E ligou-se a um crítico de arte e aí a perdi de vista. Não sei mais nada. Mas era uma mulher inteligente sem dúvida. Como era realmente por dentro, não sei. Sei dessa mutabilidade não muito simpática.

A entrevista de Gonzaga Leal toca em um assunto importante para entendermos a Nise da Silveira com mais de 80 anos, com uma saúde frágil, com a memória muitas vezes fugidia que se denotavam em suas longas pausas nas suas falas. Neste trecho ela conta de sua busca pela maior sabedoria sobre o mundo e religiosidade.

Sim, sou uma mulher religiosa. Mas é preciso entender religião como quando Spinoza fala sobre uma concepção de Deus, não um Deus a quem você pede isso ou aquilo. [...] Mas acho que todo mundo tem uma função religiosa. Vejo Deus sob a ótica de Spinoza – como natura, naturas, naturada. Mas sou uma pessoa religiosa. E o Cristo pra mim... sinto uma admiração fundamental. Tenho um respeito muito grande.

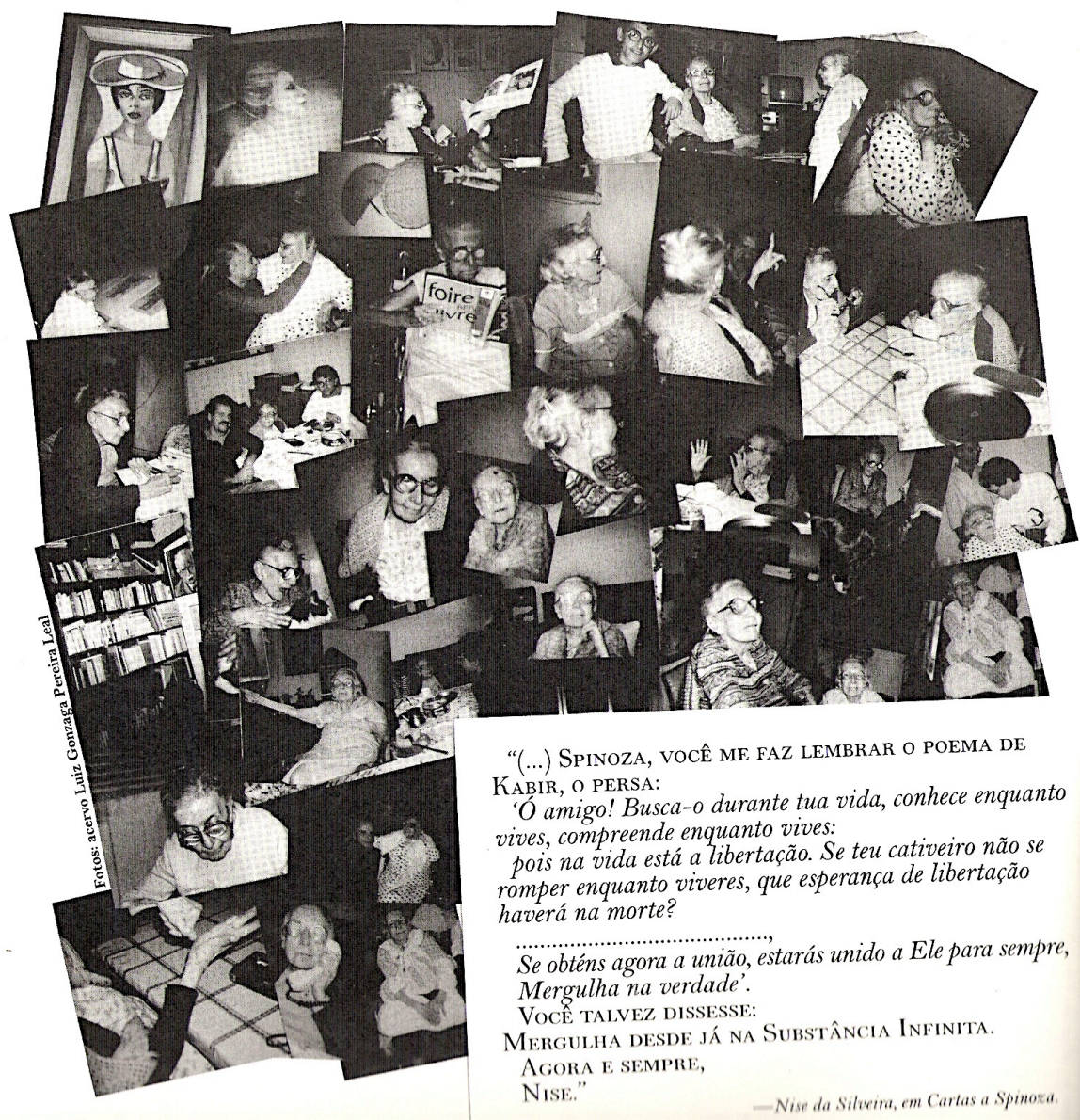
Também fala de sua ideia sobre a morte.

O que você acha, Léo? (dirigindo-se ao gato mais próximo de nós) Léo manda em mim. É um dos poucos que mandam em mim. O gato é um ser especial. Meu livro é dedicado a outro gato – o mestre Onça. Uma coisa impressionante no gato é a maneira como ele sabe morrer. Eu já acompanhei a morte de vários gatos. Eles tem uma dignidade enorme ao morrer. Dignidade que eu desejaria ter. Para mim o homem não sabe morrer. Poucos sabem morrer. Ontem estive aqui uma moça que me falou sobre o

livro Édipo e o anjo do Rouanet. Ela me falava da morte do marido. Ele morreu como um gato. Com uma grande dignidade. Sabendo que ia morrer, ele agradeceu a ela os anos de felicidade que passaram juntos. Morreu assim, tranquilamente. Tem pessoas que tem morte terrível. Porque não é a morte que é terrível é a antemorte. É necessário morrer com dignidade.

Nise aproximou-se da morte como fez de muitos outros temas estudados por ela como a loucura, a liberdade, os gatos. Falava aqui do medo da medicina intensiva, dos Centros de Terapias Intensivas - C.T.I - onde as pessoas são levadas quando correm risco de morte. Ela fala do seu medo da antemorte. A reflexão sobre a morte é um ponto importante que relacionamos com o tema sabedoria do final da vida de Nise. Ela teve um longo período que conviveu diariamente com as dificuldades de uma saúde frágil, sentindo as dores do corpo, refletia muito sobre o tema da morte e relata o medo das arguras ainda maiores da proximidade da morte e do seu medo dos médicos.

Medo da morte, não tenho. Tenho da antemorte. De cair na mão dos médicos, que querem fazer coisas para prolongar uma vida que já acabou praticamente. Isto é horrível. Tenho muito medo dos médicos. C. T. I.!? “Pelo amor de Deus!” você pede, “nunca me levem para o C. T. I.!” Mas eles levam.



“(...) SPINOZA, VOCÊ ME FAZ LEMBRAR O POEMA DE KABIR, O PERSA:
‘O amigo! Busca-o durante tua vida, conhece enquanto vives, compreende enquanto vives: pois na vida está a libertação. Se teu cativo não se romper enquanto viveres, que esperança de libertação haverá na morte?’

.....
Se obténs agora a união, estarás unido a Ele para sempre, Mergulha na verdade’.
 VOCÊ TALVEZ DISSESSE:
 MERGULHA DESDE JÁ NA SUBSTÂNCIA INFINITA.
 AGORA E SEMPRE,
 NISE.”

— Nise da Silveira, em *Cartas a Spinoza*.

Figura 45 - Fotos de Nise da Silveira.
 Montagem Luiz Gonzaga Pereira Leal
 (2005).
 Acervo Luiz Gonzaga Pereira Leal.

13 Marco Lucchesi, o poeta do espaço

Nise da Silveira e Marco Lucchesi conheceram-se no ano de 1987. Nise aos 82 anos e Marco aos 23 anos. Foi um encontro que marcou a existência de ambos, uma amizade *spinoziana* de afetos e pensamentos. Numa série de indagações o escritor Marco Lucchesi (1997, p. 83) define este acontecimento:

Como traduzir o alto sentimento de amizade que nasceu entre nós como a força de um raio? Como abordar cartesianamente aqueles dias inabordáveis, que tanto me impressionaram? Como explicar o poder das afinidades eletivas? Como representar o rosto do anjo?

Marco lê os livros da psiquiatria e impressiona-se. O livro *Imagens do Inconsciente* o impacta (idem, p. 80):

Não conheço outro livro de psiquiatria tão admirável quanto o *Imagens do Inconsciente*. Livro que ao invés do caso clínico opta pela biografia. Deixa o prontuário e recorre ao diálogo possível: a emoção de lidar.

Escreve um artigo no Jornal do Comércio declarando admiração à Nise da Silveira. Dedicar-lhe um livro e ao conhecer um amigo em comum a doutora Nise da Silveira, envia o artigo, um livro e pede para esse amigo marcar um encontro no final de uma tarde em julho de 1987. Encontram-se. Marco Lucchesi (1997, p. 82) descreve assim Nise da Silveira:

Era uma senhora delicadíssima, de uma fragilidade aparente, ou melhor, de uma fragilidade apenas física porque dentro dela havia uma vontade férrea, e um ímpeto vulcânico, e uma coragem obstinada, e seus olhos diziam tudo, seus olhos e suas mãos diziam tudo, como que de seus olhos e de suas mãos pudéssemos intuir um segredo, uma força e um desvã, com se neles demorasse apenas a Vontade. O abraço foi longo e silencioso. Meu coração era um bate-estacas e minha timidez começava a ser demolida. A força de sua exclusividade apoderava-se de mim.

Figura 46 - Foto Nise da Silveira e Marco Lucchesi em 1996 (Silveira, 2003, p. 110).
Acervo Marco Lucchesi - Fundação
Biblioteca Nacional - FBN.



Nise e Marco repetem este encontro algumas vezes para o chá no final da tarde. “Tarde ensolaradas. Abissais. Tardes que me habitam. Sóis que me incendeiam. Profundezas que me consomem” (idem, p. 82 - 83).

Trocaram cartas, poesias, escreveram livros. A série de cartas de Nise para Marco está registrada no livro *Viagem a Florença* (Silveira, 2003). A correspondência durou mais de uma década e desvela intimidade do pensamento e da alma de Nise. A primeira carta é do final do ano de 1987.

Dez. 87

Marco Americo,

encontrei uma pérola nos Cadernos de Rodez de Artaud e logo pensei em mostrá-la a você: “J’ai vu un Être, celui de l’abeille, vivre, cela me suffit pour toujours.”

Desejo para você um Ano-Novo de muita alegria, trabalho, felicidades!

Nise

Nise fica maravilhada com a observação de Artaud. Ele descobriu o *Ser abelha* e disse que isso era o suficiente. Artaud conseguiu se imaginar no lugar de uma abelha, isto o maravilhou. Esta experiência de Artaud é descrita no livro *Cartas a Spinoza* como pertencente ao terceiro tipo de inteligência descrita pelo filósofo; a qual nasce de experiências internas ligadas à intuição e são difíceis de serem expressas em palavras como conseguiu Antonin Artaud.

As cartas continuaram, Nise dada a exacerbações e construção de imagens fortes por palavras, passou a chamar Marco de *dilettissimo* e falava da vontade de encontrá-lo: “o trem veloz chegou carregado das mais belas rosas do mundo. Mas você não veio. Se isso acontecer outra vez estendo-me sobre os trilhos”.

Nise envia em suas epístolas para Marco Lucchesi as *cartas a Spinoza*. Marco torna-se o primeiro Spinoza, prepara para Nise os originais do livro *Cartas a Spinoza*. Hoje esses originais, assim como todas as cartas enviadas por Nise a Marco, encontram-se na Biblioteca Nacional, no arquivo *Marco Lucchesi*.

Ao enviar a Marco Lucchesi a *carta VII a Spinoza* Nise da Silveira anexa aos originais a seguinte carta (Silveira, 2003, p. 25):

Marco Dileto,

Aí vai a VII carta. Não tenha o menor constrangimento em criticá-la com a cabeça fria.

Adesso e sempre,

Nise

A carta VII é emblemática, o tema é a morte, mas ao analisá-la percebemos fortes componentes ligados à sabedoria de Spinoza presente na *Ética*. Ao falar da morte, encontra ainda mais fortemente a sabedoria dos escritos *spinozianos*. Ela diz que fica surpreendida com os escritos de Spinoza acerca da duração do espírito. Depois de citar que

Spinoza fala que a alma e corpo são uma só coisa. “Sendo assim, o espírito humano não pode absolutamente ser destruído com o corpo, mas desse espírito subsiste alguma coisa que é eterna. Não se extinguirá com o corpo”. Nise procura em outros livros de Spinoza e encontra no *Breve Tratado* “a alma pode estar unda ao corpo do qual ela é a ideia ou então a Deus, sem o qual não pode ser concebida” (Silveira, 1995a, p. 104).

Citando Spinoza complementa:

1º, se a alma está somente unida ao corpo e este corpo é perecível, ela deve também perecer, pois ficando privada do corpo, que é o fundamento de seu amor, terá também de perecer com ele. Mas, 2º, se a alma está unida a outra coisa, que é e permanece inalterável, deverá também permanecer inalterável (idem).

No decorrer da *carta VII* Nise sintetiza a concepção de morte para Spinoza, “só uma parte do espírito seria eterna. E a amplitude dessa parte eterna variaria, segundo a capacidade que ela possuísse para penetração na essência das coisas” (idem, p. 107).

Aprofundando seus estudos spinozianos. Nise desenha a última de suas terapias, a terapia que a ensinou a morrer. Spinoza (1980, p. 274) no livro *A Ética* em sua proposição XXXVIII na quinta parte que versa do *Poder do Entendimento da Liberdade Humana* afirma: “Quanto mais se conhece da alma conforme o segundo e terceiro gênero do conhecimento, tão menos se sofre por causa dos efeitos que são maus, e tão menos se teme a morte”.

Nise, idosa, frágil, próxima da morte debruça-se sobre o estudo de Spinoza e tenta imaginar qual é esta “outra coisa” que o filósofo holandês falava que podia estar unida à alma. Seria a sabedoria ou a “substância infinita do universo”? Nise teve uma vida de busca pela essência das coisas. Despojou-se da materialidade, do corpo, numa jornada de conhecimento, sensibilidade e aproximação de assuntos como loucura, inconsciente e, no final da vida, da religiosidade. Percebemos analisando seus últimos escritos e entrevistas uma grande preocupação com os que mais sofrem, com temas ligados a religiosidade e temas existenciais; integrando vários pensamentos complexos com ações de sentido de vida e de sentimento de perpetuação em livros, poesias e organização de sua obra.

Em uma carta para Lucchesi, Nise mostra sua exagerada criticidade pelas coisas que escrevia. Nise falou em várias entrevistas que precisava passar sete vezes na peneira seus escritos para eles saírem mais finos e misturarem melhor com os outros ingredientes.

Nise da Silveira (2003, p. 42) escreveu o prefácio do livro de Marco Lucchesi *A paixão do infinito*, o qual foi enviado por carta que transcrevemos abaixo.

21/1/92

Marco diletissimo,

Aí vai a minha tentativa de prefácio. Peço a você rigor. Certamente está muito ruim, indigno de seu livro magnífico. Mas eu não soube fazer melhor, fazer uma página linda, luminosa, tal como se escrita por Beatrice. Faltou-me capacidade, faltaram-me conhecimentos.

Se você me tem algum afeto, rasgue-o, corrija-o, faça o que for melhor. Não me zangarei. Ao contrário, sentirei que você não tem comigo cerimônias de gente que não se quer bem verdadeiramente.

Bacione,

Nise

Neste prefácio fala assim do poeta Marco Lucchesi (Silveira, 2003, p. 43): “O poeta Marco Lucchesi acaba por despertar em nós outros, seres humildes, a *ferverente* aspiração de alcançarmos, um dia, esses vértices de luz absoluta que ele, Marco, traduziu apaixonadamente”.

Nise escreve poemas, neste apareceu o poeta do espaço, alcunha que ela refere-se a Marco (Silveira, 2003, p. 47).

Le poète de l'espace
est un vrai vagabond
il saute d'une planète à l'autre
d'une étoile à l'autre
en grandes enjambées
il ne porte ni bâton ni sac
il est libre.

Nestas falas das impressões que as cartas de Marco causam nela. “Sua carta me bouleversou e eu dou de quando em quando fugidas para o espaço livre”. Completa na mesma carta que acredita que o livro *O Mundo das Imagens* ficará bonito, conta que deu problemas nas *orelhas*, as quais ela recusou. “E outras miudezas difíceis de suportar para uma pessoa *inconsapevole*”.

Comungavam das críticas à alienação presente na contemporaneidade. Nise afirma que a visão de mundo de Lucchesi alcança o velho Marx (Silveira, 2003, p. 51).

Sua tão larga posição no mundo, alcançando o velho Marx, no momento massacrado e até morto para muitos de seus antigos apaixonados. Como se as coisas fossem tão simplórias, retílineas, incapazes de renovação.

Na mesma carta transita para a intimidade dos afetos e conta:

Aconteceu entre nós o grande abraço no dia 4 de julho, abraço que já vinha de séculos, como você disse. E, como eu digo agora, abraço estreitando afinidades cada vez mais sutis e afeto cada vez mais forte pelos caminhos do infinito, sem que tenham qualquer influência perturbadora e acontecimentos que possam surgir em planos inferiores, às altas moradas de Diotima.

Nise envia uma foto de Florença para Marco e pede para procurá-la na imagem.

Veja se você, diletto, consegue reconhecer próxima ao Perseu da *lloggia* uma senhora bastante inconsapevole para permanecer durante horas inteiras esperando que os ponteiros do relógio do Palácio da Signoria súbito movam-se, sacudidos pela lembrança de emoções intensas que os haviam feito estremecer com maior força ao marcarem certos momentos belos ou terríveis da história de Florença.



Figura 47- Foto de Nise da Silveira em Florença (Silveira, 2003, p. 57). Acervo Marco Lucchesi - FBN.

Em julho de 1993, conta como a amizade com Marco fazia parte dos seus pensamentos e do seu cotidiano, conta que para encerrar uma reunião do Grupo de Estudos C. G. Jung, Nise apelou para Marco:

Para encerrar a reunião apelei para você. E você chegou invisível recitando Hölderlin na sua belíssima tradução: “Retorna ao coração vazio das gentes, viva beleza...” Vários participantes do Banquete desmaiaram. Espero ansiosa o Leão!

Marco Lucchesi dedica sua tese de doutorado “*O prefácio de Deus: a estruturação do empíreo dantesco*” à Nise da Silveira. Esta dedicatória afeta a doutora Nise, ela conta que ficou “*perturbada*” (Silveira, 2003, p. 61).

As cartas continuam com discussões sobre a escolha do nome do gato de Marco Lucchesi que foge, antes que tivesse um nome, em novembro de 1993, este fato deixa-a desolada. “*O mundo dos sentimentos dos gatos é sincero e não de todo impenetrável. Ele está chegando... ele ouve de longe*” (Silveira, 2003, p. 69).

As cartas continuam e em uma delas, em que envia “*muitas alegrias, inspirações luminosas, descobertas de mistérios distantes*”, assina como Cacica da Natureza, apelido dado por um grande índio Xavante (idem, p. 73).

Marco, agora adota um novo felino, desta vez uma gatinha e Nise a batiza Beatrice. “*É um nome muito lindo e significativo. Não esqueça que gatos e gatas são seres muito sensíveis. Facilmente sentem-se ofendidos. Perdoar é para eles difícilimo*” (idem, p. 75).

Morre Elena Dati Lucchesi, mãe de Marco Lucchesi, Nise segura na mão do poeta do espaço em sua carta de 17 de março de 1994.

Marco diletíssimo, Marco queridíssimo,

não há palavras nesses momentos. Não sei dizer que desejaria exprimir. Mas fique certo de que estou, de todo coração solidária com seus sentimentos nesta hora tão difícil de ser atravessada. Decerto Elena está caminhando numa estrada de luz. A única coisa que a poderá perturbar é a saudade de você, é saber que você está sofrendo tanto.

Erga forças. Você as possui.

Use meu nome no convite, assim me sentirei ainda mais perto de você.

Gostaria que você soubesse com certeza quanto meu abraço estreita você junto ao meu coração.

Nise

Nise da Silveira (2003, p. 79) tentou escrever outras cartas nos dias seguintes ao falecimento de Elena, mãe de Marco Lucchesi. Não conseguiu, inutilizou as várias cartas apenas começadas. Mas escreve na carta de 7 de abril de 1994, “*mas permaneci pensando em você, unida ao seu sofrimento*”.

Escreve nas cartas do mês de abril de 1994 para Marco que os gatos “sabem tudo, sofrem, amam” (idem, p. 79), que a gatinha Beatrice “sabe muitas coisas que nós desconhecemos” (idem, p. 81). E completa estas cartas com uma citação do pensador cristão Tertuliano: “*O tempo é um grande véu suspenso diante da eternidade para no-lo ocultar*”.

Querido Marco,

tenho feito força para não lhe escrever ou telefonar. Quero respeitar seu silêncio, mas ao mesmo tempo desejo de todo o coração que você saiba que estou sempre pensando em você, bem perto de você, no ar, nas nuvens.

Sempre o grande afeto,

Nise

postagem de 17 de maio de 94

Ao mesmo tempo que a dor toma conta de Marco, Nise intensifica seu afeto por ele, o *afeto catalisador* agora estava sendo colocado em prova na vida de Nise e de Marco. “*Eu desejaria que você tivesse a certeza de que um fio, um fio forte, inteiro, parte de meu coração para você. Creio que compreendo em profundidade sua dor. Mas compreender é muito pouco*” (Silveira, 2003, p. 85).

Uma outra forma de contato entre os dois era o telefone, “*fiquei feliz em ouvir sua bela voz anunciando-me uma visita e o livro que espero com ansiedade*” (idem, p. 87). Percebe que esta visita é um sinal que Marco está superando o momento mais difícil de sua vida.

Inicia-se uma transformação nas cartas, Nise assume os pensamentos de Leo, seu gato e começa a escrever para Beatrice, a gatinha de Marco. O feminino transforma-se em masculino e o feminino assume seu oposto masculino, funde-se novamente e é projetado, Nise escreve como Léo e torna-se Beatrice; sentimentos que só as letras sublimes da arte nos propiciam.

Nise que estudou a metamorfose da pintora do Engenho de Dentro Adelina em flor, metamorfoseou-se em gato; assim como Artaud descreveu o *Ser* abelha.

Leo escreve a Beatrice

Fiquei feliz de saber que você se aconchega no colo de Marco enquanto ele estuda, escreve. Você logo descobriu que estava junto a um poeta. Numa relação estreita com o poeta amigo você o levará a descobrir coisas extraordinárias, estou certo.

Sei que uma verdadeira relação de amor de um ser humano com o ser gato é arte muito difícil. Sutilíssima arte. Por telecomunicação você já me disse que está confiante. Longas experiências da espécie gato já lhe ensinaram que as decepções, duras decepções, não são raras. O bicho homem é muito pretensioso, julga-se superior a todos os seus irmãos que vivem neste planeta. Nós, os gatos, sem dúvida, somos superiores a todos os habitantes da Terra.

O homem nunca alcançará a capacidade elegante de saltar de grandes alturas, coisa que nós fazemos tão facilmente. Nem o dom de ver as notas musicais tomarem lindos contornos, segundo o privilegiado Stravinski descobriu: enquanto ele compunha, seu amigo gato saltava para brincar com as notas. O mesmo aconteceu a outros músicos, mas eles não sabem o que está acontecendo. Tão longe estão de uma profunda relação com o gato, enquanto este tenta desvendar-lhes segredos inutilmente. Os poetas são mais afins com o gato, que o diga Baudelaire. Por isso estou contente que você esteja junto de Marco. Mas não fique satisfeita apenas com a proximidade. Sei que ele não é arrogante como o comum dos humanos. Você poderá suavemente transmitir-lhe muitas sutilezas. Alimentos, vagas carícias são totalmente insuficientes. Diga-lhe que os gatos são muito misteriosos. Seus olhos lindos alcançam esferas astrais, que jamais os homens alcançarão, enquanto estiverem prisioneiros nas suas espessas vendas corporais.

Nise pede-lhe para você dizer a Marco que ela está esperando o livro com o maior interesse.

Beatrice - um beijo

Leo

27/7/94

Remetente: Leo da Silveira

Em outra carta, ela assina *Leo - Nise* e fala que Nise “*está muito decepcionada com o bicho gente e por isso agora esforça-se em metamorfosear-se num gato*” (Silveira, 2003, p. 91).

Nise dá conselhos para Marco conseguir uma comunicação com Beatrice. “*Penso que você deverá continuar com a música e acompanhá-la de palavras em italiano. Assim você duplicará a possibilidade de diálogo com ela*” (idem, Silveira, 2003, p. 97 - 98).

Nise lê o capítulo *O Fio de Ariadne* do livro *Saudades do Paraíso* em que Marco Lucchesi (1997, p. 77 - 91) narra o seu encontro com a psiquiatria, a loucura e com Nise da Silveira.

Ao conhecer Milton Freire, colaborador de Nise da Silveira, pedi que levasse à doutora o meu pedido de casamento, após enviar-lhe um artigo e um livro que lhe fora dedicado.

A resposta não se fez esperar. Ela achava o casamento prematuro. Aceitava considerar apenas a hipótese do noivado.

Depois de ler o capítulo em que Marco conta como a conheceu, Nise responde que está unida a Marco por um fio de um inquebrantável casamento (Silveira, 2003, p. 107).

Querido Marco

Acabo de ler o capítulo *O fio de Ariadne*. Fiquei emocionada e, sobretudo, surpreendida. Você ainda não sabia que estamos casados já faz muito anos? O prazo dado pelo Milton foi há muito tempo. Será que sua sensibilidade tão fina, talvez atrapalhada pela poluição grosseira da atmosfera do Rio, não deixou chegar até você a sutileza dos fios de nosso inquebrantável casamento? Você manda quanto quiser. Não era importante. Sei que sou única.

Bacione,
Nise

O capítulo *O Fio de Ariadne* perturbou Nise e a carta de Nise afetou Marco. Nise escreve uma nova carta.

Marco

Estou com a triste impressão de que você está aborrecido comigo. E eu não posso aceitar que este sentimento, esta impressão, se prolongue dentro de mim. Você repetiu as palavras do Milton pelo avesso. Detesto os avessos. Prefiro as negativas e até as agressões. Olhei a folhinha. Era aquilo que se impunha. Minha reação foi pouco inteligente e grosseira. Era preciso apelar para um grande perdão. Tomei então o caminho indicado pelo sufista Henry Corbin que conduz a sofia. Tudo poderá ser perdoado.

Ainda estou mais perturbada e emocionada relendo o capítulo do seu livro *Saudades do Paraíso: o Fio de Ariadne*.

A próxima carta de Nise.

Querido Lucchesi

Estou doente, por isso não lhe tenho escrito.

Saudades e abraços

Nise

E a última carta de Nise.

Marco

a b c d não posso escrever mais. Estou muito doente, abandonada e tentando fazer amizade com a morte. Não é tão difícil.

O grande afeto de sempre

Nise

Nise da Silveira

"É melhor ser um lobo magro mas solto, que um cachorro gordo na coleira"

Nise da Silveira, morreu ontem (30/10/1999) aos 94 anos, às 14h55m, no Hospital Miguel Couto, onde estava internada desde fim de agosto com complicações respiratórias.

A doutora Nise da Silveira, uma alagoana formada em medicina, revolucionou a psiquiatria brasileira, tirando os esquizofrênicos do eletrochoque e botando-lhes nas mãos argila, tintas e pincéis. Sua figura miúda e dócil disfarçava um temperamento rebelde e contestador, a ponto de ser chamada de "anjo duro" por seu amigo Hélio Pellegrino, psicanalista falecido em 1988. Doutora Nise não cedia em suas ideias. Para ela, o doente não era doente, tampouco paciente. Para ela, fundadora do Museu das Imagens do Inconsciente e que hoje abriga 300 mil obras, a esquizofrenia tinha outro nome, "os diferentes estados do ser", e seus coterapeutas eram cães e gatos, amigos fiéis capazes de dar e receber afeto a quem nem era capaz de se comunicar".

O Globo, domingo, 31 de outubro de 1999

14 Conclusão

No início desta tese fiz uma pergunta: “qual a relação entre terapêutica ocupacional, arte e psiquiatria na prática e na obra de Nise da Silveira?”

A forma de respondê-la foi investigar as bases históricas, metodológicas e da teoria da técnica da terapêutica ocupacional de Nise da Silveira. O papel da arte é central no desenvolvimento de sua obra. O meio cultural propiciado por seus pais preparou a jovem Nise para voos mais altos. Sua vida foi marcada por dificuldades e conseguiu superar inúmeras. Encontrei vários indícios de bases de sua teoria em fatos de sua vida, muito da capacidade de entender o sofrimento do esquizofrênico foi duramente conquistada no longo ano que passou no cárcere. Ela desenvolveu o sentido da alteridade de colocar-se no lugar de seus doentes mais graves e assim conseguiu descobrir formas de compreendê-los e auxiliá-los em um processo de terapia ocupacional que investia na potencialidade de vida de cada um dos seus doentes.

Nise da Silveira criou uma terapia ocupacional³⁸ diversa do que era denominado na época terapia/terapêutica ocupacional. Sempre esteve à margem de um ensino formal ligado à universidade. A única citação que encontramos seu nome ligada ao ensino formal na academia foi em uma notícia do jornal O Globo de 1950 que trazia a psiquiatra equivocadamente como docente livre da Universidade do Brasil. Nesta época foi proibida de ir ao I Congresso Mundial de Psiquiatria em Paris na França. Alguns professores da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, foram e apresentaram a exposição organizada por ela. Interpreto que a maneira que encontraram de legitimar a apropriação do convite estendido à psiquiatra foi informar que Nise era docente do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

Mesmo fora do ensino universitário formal e comandando um serviço de terapêutica ocupacional em um hospital psiquiátrico no subúrbio carioca do Engenho de Dentro, organizou uma forma de tratamento inovadora em saúde mental. Com o foco definido em doentes mentais graves, criou meios e técnicas para abordar a terapia

³⁸ Assumo agora na conclusão o uso de terapia ocupacional para a prática realizada por Nise da Silveira no Engenho de Dentro e na Casa das Palmeiras.

ocupacional como agente transformador da história de vida de cada um dos doentes atendidos. Entendo que o principal meio de sua atuação profissional foi através da arte na terapia ocupacional.

Investiguei as bases da terapia ocupacional de Nise da Silveira no capítulo acerca da teoria da técnica, a terapia ocupacional de Nise é fundamentada historicamente no uso de atividades de forma terapêutica na psiquiatria, além de ter uma influência da filosofia de treinamentos de hábitos da terapia ocupacional americana. A terapia ocupacional de Nise da Silveira não sofreu influência do movimento mundial da reabilitação que implementou no Brasil uma profissão de terapeuta ocupacional com fortes bases em uma filosofia cartesiana e utilitária, pensando a reabilitação como meio de tornar a pessoa desabilitada em novamente útil para o trabalho e talvez para a vida.

Mas o que a terapia ocupacional de Nise da Silveira teve de inovadora?

Um envolvimento intenso com a arte, com os processos de criação artística, do jeito de pensar dos mais diversos artistas e um estudo profundo das maneiras de expressão do ser humano. Constatou na época que ficou no cárcere, ainda na década de 1930 do século passado, que as artes: literatura, cinema, teatro a auxiliaram aguentar o sofrimento mental de ficar privada da liberdade. Criava sessões imaginárias de cinema compartilhadas com Graciliano Ramos e este escrevia livros e a colocava como personagem. Os livros que devorou às centenas a salvaram nos momentos mais difíceis de sua vida. Spinoza a acompanhou nas escolhas da adolescência e na solidão de ficar apartada do mundo do trabalho e dos amigos por uma perseguição política. Em outros momentos os livros a traíram e foi para a prisão graças a um livro de capa vermelha escrito por Marx.

Concordo com a afirmação de Leon Hirszman que a gênese da terapia ocupacional de Nise nasceu na prisão. No pavilhão dos primários, privada da liberdade, desenvolveu uma forma de passar seu tempo e aguentar o sofrimento mental. De volta ao serviço público em 1944, não aperta o botão da psiquiatria científica da época e é condenada ao trabalho com a esquecida terapia ocupacional. Propõe uma gama de oficinas. A arte na terapia ocupacional de Nise da Silveira é a descoberta da alteridade, de colocar-se

no lugar das pessoas com sofrimento mental, descobrindo a potência de vida dessas pessoas.

Ao aceitar a proposta do jovem artista Almir Mavignier para abrir um ateliê de pintura, Nise encontra uma nova forma de fazer terapia ocupacional, uma terapia spinoziana que une preceitos da arte, com conhecimentos acerca da práxis, da psique do ser humano e das ciências humanas, que lia avidamente em seu gabinete. O resultado do ateliê de pintura do Engenho de Dentro ultrapassou todas as expectativas, descortinaram-se as *imagens do inconsciente*. A psiquiatra recorreu a Freud e depois a Jung que indicou que Nise estudasse mitologia para poder desvendar o significado de tais imagens.

Nesta tese incorporamos a metodologia de análise das *imagens do inconsciente* como parte integrante e indissociável de seu método de *terapia ocupacional*. Os futuros praticantes deste tipo de terapêutica precisarão estudar as *imagens do inconsciente* e os *inumeráveis estados do ser* descritos por Nise da Silveira.

Realizou estudos aprofundados da *biografia* e do *mundo das imagens* dos seus clientes escolhidos. Pensou particularmente em cada história de vida dos seus doentes que hoje fazem parte da literatura como personagens, os quais nos ajudam a entender um pouco mais o homem e a sua loucura. Ao mesmo tempo pensou em um plano nacional de transformação da assistência psiquiátrica no Brasil, chegando a ter uma lei sobre o assunto promulgada por um presidente do Brasil em 1961, mas esta iniciativa não foi apoiada por políticas públicas como vimos.

Defendo a tese que Nise da Silveira não se filiou a nenhuma escola de terapia ocupacional, mas desenvolveu seu próprio meio de prática e teoria, com um estudo das mais variadas escolas e pensadores que ela julgou pertinentes para o desenvolvimento de uma terapia ocupacional de excelência. Quando ela iniciou seus trabalhos no Engenho de Dentro, na década de 1940, não existia no Brasil nenhuma formação na área de terapia ocupacional e as primeiras formações no mundo não tinham mais que 20 anos.

Sintetizo com o termo *mestiçagem* a articulação de práticas, teorias e reflexões que Nise da Silveira criou para dar tratamento a pessoas que sofriam de problemas mentais. Criou uma terapia única no mundo e que talvez só existiu enquanto ela esteve presente

orientando os monitores de terapêutica ocupacional em diversos ateliês e oficinas de atividades expressivas.

A terapia ocupacional que Nise da Silveira criou não deve ser confundida com a profissão Terapia Ocupacional que existe no Brasil e é regulamentada pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e tem seus atos privativos.

A terapia ocupacional de Nise da Silveira pertence ao Patrimônio Cultural Brasileiro, podendo ser usada dentro do Sistema Único de Saúde - SUS - para matriciar³⁹ os mais variados trabalhadores do SUS, pois ultrapassa o campo restrito da psiquiatria.

Os estudos e a prática complexa e interdisciplinar de Nise da Silveira serão desafios para futuros pesquisadores que queiram adentrar neste universo. O papel da universidade pública brasileira é central para manter a obra e os estudos de Nise da Silveira acessíveis; além de multiplicá-lo para gerações futuras. O estudo das *imagens do inconsciente* exigirá o encontro dos mais diversos pesquisadores de artes, saúde, ciências humanas, ciências da computação e quais mais áreas do conhecimento possam contribuir para o aprofundamento da investigação da expressividade de pessoas com graves sofrimentos mentais.

Trouxe os mais diversos artistas para as oficinas, ateliês e grupos de estudo do Engenho de Dentro e para sua casa no Rio de Janeiro. Percebeu que o processo criativo inerente à gênese das obras de arte é muito próximo das vivências cada vez mais profundas e perigosas que os doentes mentais experienciam. A arte e a criatividade é essencial para entendermos a proposição de Nise da Silveira. A terapia ocupacional de Nise da Silveira tinha a proposta de trazer mais potência de vida às pessoas que muitas vezes foram esquecidas e marginalizadas pelas sociedades nos mais variados tempos históricos.

Finalizo esta tese afirmando que a vida de Nise da Silveira foi uma existência de combatividade e luta por transformações sociais em um país e um mundo cheio de injustiças e privações da liberdade. Nunca deixou de lado em sua vida as teses de Marx em

³⁹ termo que vem do inglês *matrix* e é utilizado no sistema de saúde brasileiro para designar compartilhamento de conhecimentos.

favor da justiça social. Sintetizo em uma citação a sabedoria de suas colocações. (Hirszman, 1986):

[...] pelo conceito que tenham da loucura, porque se deixem impressionar apenas pelo aspecto miserável, externo do doente, porque não se detenham em observar-lhe pequeninos gestos, sutilíssimos movimentos que deixam transparecer o lado, o outro lado da loucura. Que quando você consegue espiar através de pequenas brechas abertas por estes pequenos gestos, pelas imagens que eles pintam, mostram que do outro lado daquele aspecto miserável, que parece deteriorado, abobalhado, há insuspeitadas riquezas. Na nossa experiência no Engenho de Dentro, nós temos documentos em todos os setores de atividades, quando existia STOR, que agora não existe mais, porque pessoas que dormem dia e noite não podem fazer atividades. Mas quando nós cultivávamos atividades livres, espontâneas, que ainda hoje uma ou outra das oficinas de apoio do museu cultiva, nós podemos ver num bordado, numa combinação de cores e sobretudo no ateliê de pintura, onde se acumulam milhares de documentos que se estudados em série detidamente, nos levam a abismos perturbadores, que nos obrigam a estudar e reestudar muitas vezes esses vislumbres que partem do âmago da psique. E o que haverá de mais importante no homem do que o conhecimento de sua psique. Será menos importante do que construir um míssil ou uma bomba atômica?



Figura 48-Selo comemorativo ao centenário de nascimento de Nise da Silveira. Brasil - 2005.



Figura 49 - Emygdio de Barros. Óleo sobre papel madeira, 23/07/1968, 33 x 48 cm. T-1803 – série ateliê (Chan, 2009, p. 139).
Acervo do Museu de Imagens do Inconsciente.

15 Referências bibliográficas⁴⁰

- Agassiz, Louis & Elizabeth. **A Journey in Brazil**. Boston: Ticknor and Fields, 1868.
- Alexandre, António Franco; Guerreiro, António; Pombo, Olga. **Enciclopédia e Hipertexto**: Univesidade de Lisboa 2011.
- Amarante, Paulo. **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- Amico, Gianni. Os Dois Brasis. Disponível em: < http://www.verinhaottoni.com/gianniamico/gianni/letter_port.html >.
- Andrade, Carlos Drummond de. **Nise da Silveira, a reinvenção da psiquiatria**. Quaternio. Homenagem Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos C. G. Jung. 8: 224 p. 2001.
- Antunes, João Lobo. **Egas Moniz e o Brasil**. Ppt. Rio de Janeiro: ENSP - Fiocruz 2008.
- Arap, Fauzi. **Mare nostrum: sonhos, viagens e outros caminhos**. São Paulo: Editora Senac, 1998.
- Azevedo, M. de. **O Rio de Janeiro - Sua História, Monumentos, Homens Notáveis, Usos e Curiosidades**. Rio de Janeiro: Garnier, 1877.
- Barreto, Lima. **O cemitério dos vivos : memórias**. Fundação Biblioteca Nacional. São Paulo: Editora Planeta, 2004.
- Barros, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo**. Maceió: EDUFAL, 2000. 268 p.
- Bazzo, Ezio Flavio. **Dymphne - A Santa Protetora dos Loucos**. Brasília: LGE, 2007.
- Benetton, Maria José. **O encontro do sentido do cotidiano na Terapia Ocupacional para a construção de significados**. Revista CETO. São Paulo: CETO. Centro de Especialidades em Terapia Ocupacional. 12: 8 p. 2010.
- Bezerra, Elvia. **A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- Bezerra-Jr, Benilton. De Médico, de louco e de todo mundo um pouco: o campo psiquiátrico no Brasil dos anos 80. . In: Tavares, Guimarães E (Ed.). **Saúde e sociedade no Brasil: anos 80**: Relume-Dumará, 1994.
- Bing, Robert K. "And Teach Agony to Sing": An Afternoon With Eleanor Clarke Slagle. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 51, n. number 3, p. 9, march 1997 1997.

⁴⁰ Baseadas na norma NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Bleuler, Eugen. **Demencia precoz. El grupo de las esquizofrenias**. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1960. 539 p.

Brandão, Dionysa. **Alegria**. Quaternio. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos C. G. Jung. v. 8: 2 p. 2001.

Brasil. **Decreto nº 51.169, de 9 de Agosto de 1961**. Institui a Seção de Terapêutica Ocupacional e de Reabilitação no Serviço de Doenças Mentais. Diário Oficial da União, 1961.

_____. **A História de Beta**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

Burleigh, Michael. **Death and deliverance: "euthanasia" in Germany c. 1900-1945**. Cambridge: CUP Archive - Cambridge University Press, 1994. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=ShU7AAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-br&source=gbg_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false >.

Camões, Luiz de. **Obras de Luiz de Camões**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1869.

Cavalcanti, Alessandra. **Terapia ocupacional: fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

Cerqueira, Luiz. Um Serviço de Ocupação Terapêutica. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** v. 13, p. 113 - 160, abr - jun 1964.

Chan, Glória Thereza. **Emygdio de Barros: o Poeta do Espaço**. 2009. 155 p. Dissertação (mestrado). Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRJ, Rio de Janeiro.

Creek, Jennifer. **Occupational Therapy and Mental Health**. Fourth Edition. Elsevier, 2008. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=hjrRkIgwiq4C&pg=PP1&dq=jennifer+creek&ei=ugvzS6bfHla8NrvL2KwM&cd=1#v=onepage&q&f=false> >.

Crow, T. J. **Schizophrenia as the price that Homo sapiens pays for language: a resolution of the central paradox in the origin of the species**. BRAIN RESEARCH REVIEWS. 31: 11 p. 2000.

Cruz Junior, Eurípedes Gomes. **O Museu de Imagens do Inconsciente: das coleções da loucura aos desafios contemporâneos**. 2009. 183 p. Dissertação de mestrado (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO, Rio de Janeiro.

Cruz Junior, Eurípedes Gomes da ; Pinheiro, Lena Vania Ribeiro. ASPECTOS MUSEOLÓGICOS NA CONSTITUIÇÃO DAS COLEÇÕES DA LOUCURA. 08/01/2011 2009. Disponível em: < http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/433/1/GT%209%20Txt%201-%20JÚNIOR%2c%20E.%20G.%20da%20Cruz_%20PINHEIRO%2c%20L.%20V.%20R.%20Aspectos.pdf >.

Darwin, Charles. **The Autobiography of Charles Darwin. From the Life and Letters of Charles Darwin.** Edited for his son Francis Darwin, 1958. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=nYpgb4Ea6bgC&printsec=frontcover&source=gb_s_navlinks_s#v=onepage&q=&f=false >.

Deleuze, Gilles. **Bergsonismo.** São Paulo: Editora 34, 1999.

Engel, Magali Gouveia. **Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830 - 1930).** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. 352 p.

Ferraz, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. **Arte e Loucura: Limites do Imprevisível.** São Paulo: Lemos Editorial, 1988.

FRAYSE-PEREIRA, João A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 197-208, 2003. ISSN 0103-4014. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401420030003000012&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 02/09/2008.

FUNARTE. **Museu de Imagens do Inconsciente.** Coleção Museus Brasileiros - 2. Rio de Janeiro: Funarte. 1: 192 p. 1980.

Gronning, Torben; Sohl, Patricia; Singer, Thomas. ARAS: Archetypal Symbolism and Images. **Visual Resources**, v. XXIII, p. p. 245-267, september 2007 2007. Disponível em: < <http://aras.org/doc.aspx?doc=00012VisualResourcesArticle> >. Acesso em: 08/01/2011.

Guerreiro, António. A Enciclopédia e Hipertexto: Abby Warburg e os arquivos da memória. **A Enciclopédia e Hipertexto**, Lisboa, p. projeto hipertextual de pesquisa, 31 de janeiro de 2011 <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/aguerreiro-pwarburg/> 2011. Disponível em: < <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/aguerreiro-pwarburg/> >. Acesso em: 14 de janeiro de 2011.

Gullar, Ferreira. **Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde.** Rio de Janeiro Relume Dumará: Prefeitura, 1996. ISBN 85-7316-073-X.

Hillman, James. **O Código do Ser.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996.

Hirszman, Leon. **A Emoção de Lidar (filme bruto - não editado).** Brasil 1986.

_____. **É Bom Falar.** Brasil, Centro Cultural Banco Do. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil 1995.

Horta, Bernardo. **Eu Preciso de Mergulhadores: entrevista com Nise da Silveira.** Rio Artes. Rio de Janeiro 1995.

Jung, Carl Gustav. **Carta resposta de C.G. Jung para Dra. Nise, através de sua colaboradora e secretária, A. Jaffé. Zurique, 15 de dezembro de 1954. Arquivo da SAMII. Arquivo Nise da Silveira. Zurique, p.1. 1954**

_____. **Memórias, sonhos, reflexões**. 3a edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

_____. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994. 566 p.

_____. **The Red Book - Liber novus**. 1st ed. New York - London: Philemon Series, 2009.

_____. **O livro Vermelho: Liber Novus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Kretschmer, Ernest. **The psychology of men of genius**. reprinted (1919). 1970. Disponível em: <
http://books.google.com/books?id=cySVPRt7_BkC&printsec=frontcover&dq=kretschmer&hl=en&ei=BkAaTcuuB4KClAeN7enkCw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDEQ6AEwAg#v=snippet&q=daemon&f=false>.

Leal, Luiz Gonzaga Pereira. **Terapia Ocupacional: Guardados de Gavetas e Outros Guardados**. Recife: Edição do Autor, 2005. 132 p.

Lima, Hildebrando; Barroso, Gustavo. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Ferreira, Aurelio Buarque De Hollanda. Rio de Janeiro - São Paulo - Bahia: Editora Civilização Brasileira S/A 1951.

Longin, Yves. **Du Travail Therapeutique a L'Ergotherapie en etablissement psychiatrique. De 1800 à nos Jours. Elémenets Bibliographiques Commentés**. Lorient - France: Yves Longin 1988.

Lopes, Hélio. **Cláudio, o lírico de Nise**. Lisboa: Livraria Editora Fernando Pessoa, 1975.

Lucchesi, Marco. **Saudades do Paraíso**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997. 142

_____. **A Memória de Ulisses**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Disponível em: <
<http://books.google.com.br/books?id=Qtj7e5X92bAC&printsec=frontcover&dq=marco+lucchesi+ulisses&ei=GIr1S7jLDpWANuvl0ZgJ&cd=1#v=onepage&q&f=false>>.

Macdonald, E. M. **Occupational Therapy in Reahabilitation**. . London: Baillière, Tindall and Cox, 1960. 348 p.

Mavignier, Almir et al. **Museu de Imagens do Inconsciente**. Brasiliana de Frankfurt. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro 1994.

Mello, Luiz Carlos. **Caminhos de uma psiquiatra rebelde [no prelo]**. 2006.

_____. **Encontros - Nise da Silveira**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial 2009. 228 p.

Melo Junior, Walter. **Ninguém vai Sozinho ao Paraíso: o percurso de Nise da Silveira na psiquiatria do Brasil**. 2005. 433 páginas. Doutorado em Psicologia Social Centro de Educação e Humanidades. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social., Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Maceió é uma Cidade Mítica: o Mítica: o Mito da Origem em Nise da Silveira. **Psicologia USP**, v. 18, n. 1, p. 24, 2007. Disponível em: < <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v18n1/v18n1a06.pdf> >.

Meyer, Adolph. The Philosophy of Occupation Therapy. **Archives of Occupational Therapy**, v. 1, p. 10, 1922.

Moniz, Egas. **Confidências de um investigador científico**. Lisboa: Edições Ática, 1949.

Moraes, Eneida Costa de. **Aruanda: banho de cheiro**. Belém: SECULT/FC/PTN, 1989.

Neves, Antonio José Pereira das. Relatório A'Cerca do Tratamento dos Alienados e seus Principaes Hospitais. **Annaes da Real Academia de Medicina**, 1847/48.

O'Neill, Kim Chichesier; Jan gregory.;Peggy. **História da Terapia Ocupacional Psiquiátrica - 1920 - 1939**. Belo Horizonte: 6 p. 1988.

Patto, Maria Helena Souza. Ciência e política na primeira república: origens da psicologia escolar. **Mnemosine**, v. 1, n. n. 0, p. 23, 2004.

Peixoto, Antonio Luís da Silva. **Considerações Gerais sobre a Alienação Mental**. 1837. (doutoramento). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Pernambucano, Ulisses. Recursos modernos de assistência aos doentes mentais. **Neurobiologia**, v. I, n. 13, p. 1, 1938.

Pizzinga, Vivian Heringer; Aran, M. Afeto, intensidade e confiança na experiência analítica: algumas considerações sobre a heterodoxia clínica de S. Ferenczi. **Ágora**, v. 12, 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200011&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 30 Dec. 2010.

Ramos, Graciliano. **Memória do Cárcere**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

Rego, Otávio Brandão. **Otávio Brandão (depoimento, 1977)**. Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro, p.139 p. 1993

Roosens, Eugene. **Geel Revisited: After Centuries of mental Rehabilitation**. Antwerp - Apeldoorn: Garant, 2007.

Salem, Helena. **Leon Hirszman, o Navegador das Estrelas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Salles, Cecilia Almeida. **Redes de criação: construção da obra de arte**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006. 176

Sant'ana, Moacir Medeiros de. **Nise da Silveira, a reinvenção da psiquiatria**. Quaternio. Homenagem Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos C. G. Jung. 8: 224 p. 2001.

Sennett, Richard. **O Artífice**. 2a edição. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2009.

Serres, Michel. **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 190 p.

_____. Entrevista ao programa Roda Viva. São Paulo, 1999. Disponível em: < http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/386/entrevistados/michel_serres_1999.htm >. Acesso em: 17/05/2010.

Silva, José Otávio Pompeu e. **A psiquiatra e o artista: Nise da Silveira e Almir Mavignier encontram as imagens do inconsciente**. 2006. (mestrado). Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas.

Silveira, Mário Magalhães da. **Política Nacional de Saúde Pública. A trindade desvelada: economia-saúde-população**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. 380

Silveira, Nise da. **Ensaio sobre a Criminalidade das Mulheres na Bahia**. 1926. (doutoramento para título de médico). faculdade de medicina, faculdade de medicina da Bahia, Salvador.

_____. **Doze personagens falam de um autor**. Revista Manchete. Rio de Janeiro: 4 p. 1954.

_____. **Contribuição aos estudos dos efeitos da leucotomia sobre a atividade criadora**. Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia. Rio de Janeiro. 255 1955.

_____. 20 anos de Terapêutica Ocupacional em Engenho de Dentro (1946-1966). **Revista Brasileira de Saúde Mental**, v. X, p. 231, 1966.

_____. **Esquizofrenia em Imagens**. Quaternio. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos C. G. Jung. 3: 14 p. 1973.

_____. **Terapêutica Ocupacional: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Casa das Palmeiras, 1979.

_____. **Imagens do Inconsciente**. 2a edição. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982.

_____. **Nise da Silveira (depoimento a Dulce Pandolfi)**. Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro. 1992

_____. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995a. 108

_____. **Nise da Silveira, entrevista a Sérgio Augusto**. Folha de São Paulo. São Paulo. Caderno Mais - 5 de novembro de 1995b.

_____. **Gatos: a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Léo Cristiano Editorial, 1998. 80

_____. **Viagem a Florença: Cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. **Senhora das imagens internas: escritos dispersos de Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Simon, Hermann. **Tratamiento ocupacional de los enfermos mentales**. Barcelona -- Buenos Aires: Salvat Editores, S. A., 1937.

Spinoza, Baruch de. **Ética demonstrada según orden geométrico**. Madrid: Ediciones Orbis S. A. - Hyspamerica, 1980.

Teixeira, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. Summus Editorial, 2004.

Tuñón, Raúl Gonzáles; Salas, Horacio. **Conversaciones con Raúl Gonzáles Tuñón**. Buenos Aires: Editorial Astrea, 1975. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=4y5CAAAAYAAJ&dq=editions:dPUHAQAAIAAJ&hl=pt-br> >.

Vasconcelos, Ana Lucia. Entrevista de Leon Hirszman p. Entrevista dada originalmente concedida à Folha de São Paulo, 1987. Disponível em: < <http://www.revista.agulha.nom.br/ag49hirszman.htm> >.

Vasconcelos, Marcos. **Marulheiro: viagem através de Aurélio Buarque de Holanda**. Maceió: Edufal, 2008. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=Bs1Ib4pt08cC&pg=PA43&dq=arthur+ramos+faustino&hl=pt-br&ei=5R4eTauKL8KBlAee-bTbCw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CC4Q6AEwAg#v=onepage&q=arthur%20ramos%20faustino&f=false >.

Viany, Alex. **O processo do Cinema Novo**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

Vilhena, Rodrigo. Enciclopédia e Hipertexto: Condição Humana, teoria e prática de bolso. Work in Progress. **Enciclopédia e Hipertexto**, Lisboa, 2006. Disponível em: < <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/rvilhena/chumana.htm> >. Acesso em: 19 de janeiro de 2011.